J. B. MELLO E SOUZA



ESTUDANTES DO MEU TEMPO

CRÔNICAS DO ANTIGO COLÉGIO PEDRO II

Publicação do Colégio Pedro II - N.º 4
RIO DE JANEIRO
1958

Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

APRECIAÇÕES SÔBRE O LIVRO *"ESTUDANTES DO MEU TEMPO"*

"Estudantes do Meu Tempo" é um dêsses livros que surpreendem. A modéstia do autor, que no prefácio adverte o leitor de que irá encontrar no livro apenas crônicsa lidas ao rádio, sem coordenação, e sem obedecer a um sistema, predispõe quem manuseia o volume para uma leitura destaviada e sem maior interêsse. À medida, porém, que as páginas de "Estudantes de meu Tempo" vão sendo folheadas, o leitor se deixa prender mais e mais pelas evocações do velho Internato do Ginásio Nacional; e, ainda que não tenha sido aluno do atual Colégio Pedro II, como é o nosso caso, volta aos tempos escolares, revive-se a si mesmo, torna á companhia dos antigos colegas de aula, e fica prêso a recordações que são inapagáveis da memória.

O livro do professor Mello e Souza onde há páginas alegres e tristes, mais aquelas do que estas, fixa episódios que comovem pela simplicidade do estilo, estilo claro e ameno, onde há tantas lições, e lições mais necessárias nestes tempos do que nunca."

Edit. da seção "Livros e Autores" do jornal *O GLOBO*.

"Li, de uma assentada, seu livro de remembranças colegiais. A exposição dos episódios prende e seduz da primeira à última página. Pôr meio de comparações com os fatos de meu tempo, do Externato, senti a saudade avivar de novo e o período mais alacre e mais comunicativo da minha vida de perpétuo estudante. Você pode calcular com que vivo interêsse e íntimo prazer li suas recordações, retemperantes e comoventes." (De uma carta de Raul Pederneiras).

Acervo Histórico



Prof. J. B. Mello e Souza
Rua Nascimento Silva, 191
Ipanema, Rio de Janeiro

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

COLÉGIO PEDRO II
LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

Do prezado colega e amigo

Prof. Antonio Ferraz,

cordial lembrança de

Helio Lobo

Rio, 1960

ESTUDANTES
DO
MEU TEMPO

COLEÇÃO LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

OBRAS DE J. B. MELLO E SOUZA

(*EXCLUSIVE OS LIVROS DIDÁTICOS*)

"CANÇÕES DA ESCOLA E DO LAR", coleção de hinos escolares e cantos infantis, separata do "Hinario" e do "Cancioneiro" editados pela Secretaria do Interior do Estado de Minas, edição Bevilacqua, 1926. Esgotada.

"UMA VIAGEM PELAS ESTRELAS", contos infantis, edição "A Encanernadora", Rio, 1926. Esgotado.

"A IDÉIA DA INDEPENDÊNCIA NA AMÉRICA" e "O ENSINO DA HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DO CARÁTER" tese de concurso. 1925.

"MAJUPIRA" — romance de costumes brasileiros da atualidade — 1.ª edição de Pongetti, Rio de Janeiro, 1938; 2.ª edição na série Saraiva, da editôra Saraiva S/A, de São Paulo, 1949.

"ESTUDANTES DO MEU TEMPO", crônica do antigo Colégio Pedro II, Editôra Alba, Rio de Janeiro, 1943.

"TEATRO GREGO", tradução de "Prometeu Acorrentado" de Esquilo, "O Rei Édipo" e "Antígone", de Sófocles, e Alceste" e "Eletra" de Eurípedes, da série "Clássicos Jackson", Rio de Janeiro, 1950. Com prefácio e notas elucidativas, do tradutor.

"MENINOS DE QUELUZ", crônica de saudade, edição especial da Editôra Aurora (Rio de Janeiro). Fóra do mercado. Com uma capa ilustrada por Carolina Mello e Souza Frick e uma tricromia e ilustrações de Henrique Cavalleiro. Prêmio "Joaquim Nabuco", da Academia Brasileira de Letras, 1949.

"HISTÓRIAS DO RIO PARAÍBA", lendas, tradições e casos colhidos nas cidades e povoações banhadas pelo rio Paraíba do Sul. Com ilustrações de H. Cavalleiro, Eros Lima e Carolina M. S. Frick. Editôra Aurora. Rio de Janeiro.

"À SOMBRA DO BAMBUAL", comédia de costumes norte-americanos — Coleção Dionysos do S. N. do Teatro, 1955.

NO PRELO

"O HOMEM SEM PÁTRIA E OUTRAS HISTORIAS" contos famosos, de várias épocas e várias literaturas — Extr. da série CLIOMANIA — Editora Organização Simões.

63699

J. B. MELLO E SOUZA
DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

ESTUDANTES DO MEU TEMPO

Crônicas do antigo Colégio Pedro II

Com ilustrações de

JURANDYR PAES LEME
SABOIA BARBOSA
SÁ RORIS
HORÁCIO RUBENS
CARLOS ARTHUR THIRÉ

LADAH
Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

OFICINAS GRÁFICAS DO INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II
RIO DE JANEIRO - BRASIL
1 9 5 8.

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

UMA EXPLICAÇÃO

E' sempre agradável ouvir o relato de passagens pitorescas da mocidade, porque, enquanto o nosso pensamento fica voltado para os tempos idos duma juventude impetuosa, as responsabilidades do presente fogem de nossa imaginação.

Transportamo-nos, assim, para uma época em que novamente perspectivas radiantes se apresentam diante dos nossos olhos, porquanto a vida dum estudante é encantamento e sonho, sem as graves preocupações da responsabilidade futura.

E' engano supor que a recordação dos tempos pretéritos só nos proporciona saudosismo e vontade de voltar à quadra da meninice. Um professor deve considerar essas reminiscências como fonte preciosa de ensinamento, porque poderá transformá-las num laboratório pedagógico que, utilizado convenientemente, influirá no aperfeiçoamento de métodos de ensino e na aplicação de processos de orientação educacional.

João Batista de Melo e Sousa reuniu num livro os principais episódios ocorridos no Colégio Pedro II, durante o tempo em que foi aluno do Internato. Ninguém melhor do que êle estaria em condições de executar essa tarefa, porque a maior parte de sua existência está vinculada ao Colégio Pedro II, pois foi, através de concurso de títulos e provas elevado à cátedra de História Geral e do Brasil dêste secular estabelecimento, cargo que atualmente desempenha com dedicação e competência.

Melo e Sousa é um professor que consegue compreender os estudantes e por êle fazer-se compreendido. Êle soube relatar, com engenho e arte, as principais passagens da vida de aluno do Internato e uma prova disto consiste no grande interêsse que despertou a primeira edição de ESTUDANTES DO MEU TEMPO. Creio que, em menos de um ano, não havia mais um exemplar.

Por isto, solicitei ao professor Melo e Sousa a indispensável autorização para publicar a segunda edição através das oficinas tipográficas do Internato.

Ao tomar esta deliberação quis não sòmente atender aos que não conseguiram obter um exemplar do livro, mas também prestar merecida homenagem a êsse professor que, desde os tempos da meninice, está integrado com o Colégio Pedro II.

E' uma singular homenagem que, como Diretor do Internato, me sinto no dever de prestar ao professor João Batista de Melo e Sousa, que merece a admiração e a estima de todos os seus colegas e a gratidão do povo brasiliro pelos relevantes serviços prestados, durante cerca de cinqüenta anos, à educação e ao ensino.

Colégio Pedro II - Internato, setembro de 1957

Vandick Londres da Nóbrega
Diretor

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

A "Vida de Hoje" e "Os Gymnasiadas"

Um dia, (já lá se vão alguns anos) fui procurado pelos dirigentes do Grêmio Literário Mello e Souza", do Internato do Colégio Pedro II.

— Professor — disse-me um deles — nós fomos convidados a ocupar semanalmente o microfone da rádio emissora PRA-2, do Ministério da Educação, na "Hora do Estudante". Contamos com o concurso de alunas do Externato, e até de outros estabelecimentos, para os números de música e canto. Queremos agora que o senhor tome parte em nossos programas...

— Vocês bem sabem o quanto eu vivo sobrecarregado de trabalho, meninos... Dar oito, ou nove, e às vezes dez aulas num dia, não é brincadeira! Por isso não poderei prometer coisa que preste; mas se o que vocês querem estiver a meu alcance, podem contar comigo. Em quê vai consistir minha atuação?

— Ah! Isso, o senhor mesmo resolverá...

Fiquei, por um momento, como o caipira de minha terra, *maginando... maginando...* Discorrer, durante aquelas horas de arte, sôbre assuntos da minha cadeira, seria inoportuno... Tratar de coisas sérias, não me convinha. Inventar novidades interessantes — para isso não me sentia com fôrças suficientes.

De repente, veiu-me um lampejo feliz, o que às vezes tambem a mim acontece.

— Acreditam vocês que ficaria bem contar-lhes eu, em cada sessão, um pequeno episódio ocorrido no Colégio Pedro II no meu tempo de estudante?

— Certamente que sim!

— Pois nesse caso estamos entendidos. Podem comunicar às futuras vítimas, isto é — aos futuros ouvintes, *urbe et orbe*, que eu vou referir uma série de incidentes colegiais, sofrivelmente jocosos, em que tomaram parte saliente vários estudantes de meu tempo que hoje são cavalheiros importantes. Alguns vocês conhecem... por exemplo: os senhores Quintino do Valle, Enoch da Rocha Lima, Israel França, Fernando Petronilho...

— Ah! Esses são nossos professores...

—Exatamente! Pois foram meus condiscípulos. E outros há que vocês conhecem de nome: o dr. Luiz Claudio de Castilho, professor da Escola Naval, o brigadeiro Armando Trompowski, o ilustre jornalista dr. Belisário de Souza, o operoso desportista Mário Newton de Figueiredo, os advogados Octavio Carrão, e Miguel Pimenta...

Eis aí a razão por que, durante uns tres mezes, compareci regularmente à estação emissora do Ministério da Educação, para ler ao microfone umas crônicas muito mal alinhavadas, reavivando cenas do antigo "Internato do Gymnásio Nacional" e tipos mais salientes entre mestres e "Estudantes do meu tempo".

— Porque não publica você em livro aquelas crônicas do rádio? — perguntaram-me alguns amigos e excolegas.

— Homem... é uma idéia... Acham vocês, sinceramente, que vale a pena?

— Vale sim, porque não? Trindade Coelho conservou, no "In Illo Tempore", as lembranças da vida coimbrã; Raul Pompéia tirou de suas reminiscências de es-

tudante, esse livro admirável, que é o Ateneu. O Ginásio Nacional de nosso tempo, merece, tambem, fornecer o assunto de um livro...

Eis aí a gênese desta publicação, que convem declarar desde logo — não se apresenta, de forma alguma, com pretensões a igualar-se às que foram citadas, como precedentes no gênero.

Simples e desataviadas palestras evocativas, destinadas a um círculo restrito de ouvintes, e à duração efêmera das ondas hertzianas, estas crônicas não obedecem a nenhuma preocupação elevada de arte, nem a qualquer orientação filosófica superior.

Feci quod potui, faciant meliora potentes!

Há sempre uns leitores tão curiosos!

Estou que mais de um, chegando a esta linha, já terá pensado:

"Mas será possivel que este camarada, tendo deixado o Internato hà mais de trinta anos, ainda se lembre de tantos casos ocorridos quando era simples estudante?"

Vamos convir em que a dúvida é plausivel. Mas o leitor ignora que, quando aluno do Internato, eu redigia, com a colaboração de vários colegas, um jornalzinho manuscrito intitulado:

A VIDA DE HOJE

Pois fique sabendo agora que nesse "orgão literário e noticioso" (como dizia seu subtítulo), nós comentávamos todas novidades da vida colegial, todos os incidentes dignos de nota, tudo o que sugerisse uma boa "piada", um trocadilho, um epigrama, não raro malicioso e irreverente.

Claro que a "Vida de Hoje" era um jornal clandestino... O regimento do Colégio, naquele tempo, proibia

a elaboração de órgãos da imprensa colegial. *"Tempora mutantur!"* Hoje a administração não se limita a permitir, mas estimula e auxilia os tentames jornalísticos dos alunos!

Redigimos, pois, como um órgão clandestino, cercado de mil temores e precauções, o nosso jornalzinho. Tambem a edição não era grande; constava de um só exemplar. Uma vez pronto, e posto em circulação, esse exemplar único ia percorrendo as carteiras, provocando aqui e ali risinhos mal contidos, sendo lido e apreciado somente por uns quantos iniciados na perigosa conspiração. Às vezes surgiam dúvidas quanto à precedência na leitura: eu tinha de intervir para resolver o conflito. Dizia o Quintino do Vale: "Não se aborreça, Mello e Souza; isso é a luta pela "Vida"... Findo o circuito, "A Vida de Hoje" voltava a meu poder, e só em circunstâncias muito especiais poderia ser mais tarde cedida a algum interessado em reler ou copiar certas passagens.

Guardei todos os números da "Vida de Hoje". No meu arquivo de velharias, entre papeis que o tempo amareleceu, a coleção do nosso panfleto figura como peça de valor inestimável. Certo, não se pode comparar a "Vida de Hoje" ao "Muirakitan" editado pelo Grêmio Literário que atualmente me honra adotando meu obscuro nome. O "Muirakitan" é uma publicação de que se pode orgulhar o Grêmio, e ainda mais, o velho Pedro II. Nele têm realizado seus primeiros vôos muitas inteligências cintilantes, algumas das quais já se vão impondo pelos seus méritos nos centros de cultura do país. Só num particular o nosso jornalzinho leva real vantagem. É que, sendo clandestino, podia zurzir sátira impiedosa contra tudo e contra todos. A partir do ministro, até o mais humilde servente, quem fizesse jús a uma "sapecação", ou fornecesse ensejo a um inofensivo epigrama, podia ter certeza de que os redatores não perderiam a vasa. Como redator chefe, eu recebia a colaboração e procedia ao expurgo do que ultrapas-

-sasse os limites do razoável. Assim, nunca permiti a inserção de mofinas ao grande presidente Rodrigues Alves. As campanhas políticas agitadas no Congresso e na imprensa, (e que imprensa!) sempre tiveram intensa repercussão no Internato. Quando me pediam a razão por que recusava todas as sátiras em que se gracejava com o saudoso estadista, eu dizia: "O presidente Rodrigues Alves é um homem digno! Meu pai conhece-o, e eu já fui, um dia, à casa dele, em Guaratinguetá. Tudo o que esses jornalistas da oposição escrevem contra ele é calúnia; e o que esse corja está requerendo é cadeia!"

Raramente a "Vida de Hoje" continha notícias ou comentários elogiosos para quem quer que fosse. Creio que só tiveram essa honra alguns mestres e inspetores dos que souberam, por suas virtudes, conquistar a nossa estima e simpatia. De tais elogios, porém, nunca me envergonhei, porquanto nós os fizemos sem a menor eiva de subalterno interêsse. Basta pensar que em caso algum os que recebiam a homenagem de nossos encômios teriam conhecimento dela...

Foi, pois na "Vida de Hoje" que recolhi os elementos necessários à elaboração destas crônicas. Alguns episódios alí se acham quasi nos mesmos termos em que agora os apresento aos leitores. Mas, além do jornalzinho humorístico, possuo outro documento curioso daqueles tempos de outróra. E' uma copiosa versalhada, fruto brejeiro de vários estros incipientes, versalhada que procurei concatenar sob a forma de um poema: *OS GYMNASÍADAS* — na grafia da época. Como quase todos os grandes poemas épicos e fantásticos, o nosso ficou inacabado. Mas não importa. A leitura desse catatal em cujas páginas a gramática, a ortografia, a métrica e o bom senso são vítimas indefesas das mais rudes ofensas, hà de me deleitar sempre, visto que nele se contêm muitas recordações da quadra mais jovial e feliz de minha meninice.

As primeiras estrofes dos "Ginasíadas" sairam paradiando a obra do épico lusitano, que nos fornecia texto para a análise nas aulas do velho Silva Ramos:

Os Souzas e os Duringues celebrados,
Que nesta casa arcaica e veneranda,
Com fraques nunca dantes escovados
Levaram existência tão nefanda,
Em troças e suplícios suportados
Mais do que a paciência ordena e manda,
Cantando espalharei por toda a parte
Se me ajudarem bem o engenho e a arte.

E também as proezas fabulosas
De alguns incorrigíveis potoqueiros
Que andaram numas terras viciosas
E vivem, a gabar-se, anos inteiros,
E mais algumas obras duvidosas,
Zeros, bombas e fiascos passageiros,
Eu hei de celebrar com tino e arte,
Se o Souza, ou se o Barbosa não der parte!

Até aí, a coisa não vai mal. Mas, a partir da terceira página, a musa galhofeira da paródia desistiu de prosseguir, e o estilo descambou para a vulgaridade das quadrinhas de rima simples e paupérrima. De quando em quando, o nível sobe, e a feitura do poema melhora. Manda a verdade dizer que, em regra, esses melhores trechos não são meus. Tal é o caso, por exemplo, do tópico alusivo à morte subita de nosso primeiro diretor, o bondoso Dom José de Souza Silveira, que caiu no salão do Internato, vitimado por uma síncope. Inicia-se o trecho por estes versos:

"Da grandeza ao apogeu,
Ele esta casa elevou!"

Refere-se, em seguida, o mesmo "canto" a Nestor Victor e Alexandre Camilo, que disputaram a diretoria

do Colégio, resultando dêsse conflito alguns incidentes impagáveis que muito prejudicaram a disciplina e a ordem administrativa do estabelecimento. Leio nos "Ginasíadas":

"Houve lutas, questões, diz-que-disse,
E até não se sabia, — que horror! —
Qual dos dois, afinal, era o vice,
Qual dos dois era mais diretor!"

Vicente de Souza, lente do Colégio, impugnava a autoridade de Nestor Victor, alegando falhas no processo de sua nomeação. O sr. Camilo (alguns meses mais tarde demitido em circiunstâncias desairosas), usava no indicador da mão direita um enorme anel le grau, que diziam ter adquirido na Europa. "Os Ginasíadas" consignaram o fato, parodiando o "Livro e a América":

Por uma fatalidade,
Dessas, que descem do Além,
O anel que tem Saturno,
Tem D. Camilo também;
Quando em grande, imenso esteiro,
Dos planetas o primeiro,
O seu anel nos mostrou,
D. Camilo salta os mares,
E dentre anéis aos milhares
Aquele colosso achou!

Depois de curta vacância, foi provido o cargo de diretor do Internato pela nomeação do Dr. João Antonio Coqueiro, matemático maranhense, já notabilizado por outras comissões de responsabilidade que havia exercido. Apezar dos cabelos brancos e da fraqueza própria da idade, esforçou-se o velho educador no desempenho do trabalhoso posto. Não pequeno serviço nos prestou restabelecendo a ordem e a disciplina, que andavam muito abaladas em consequncia dos incidentes a que me referi. As exageradas economias do Govêrno, e as

minguadas verbas orçamentárias que mal davam para o custeio do colégio, não permitiram que o diretor realizasse os melhoramentos que o velho pardieiro estava a exigir. O diretor ficou, pois, com sua ação reduzida à burocracia do cargo, o que explica estas irreverentes quintilhas com que os "Ginasíadas" descrevem o tipo do ilustre maranhense:

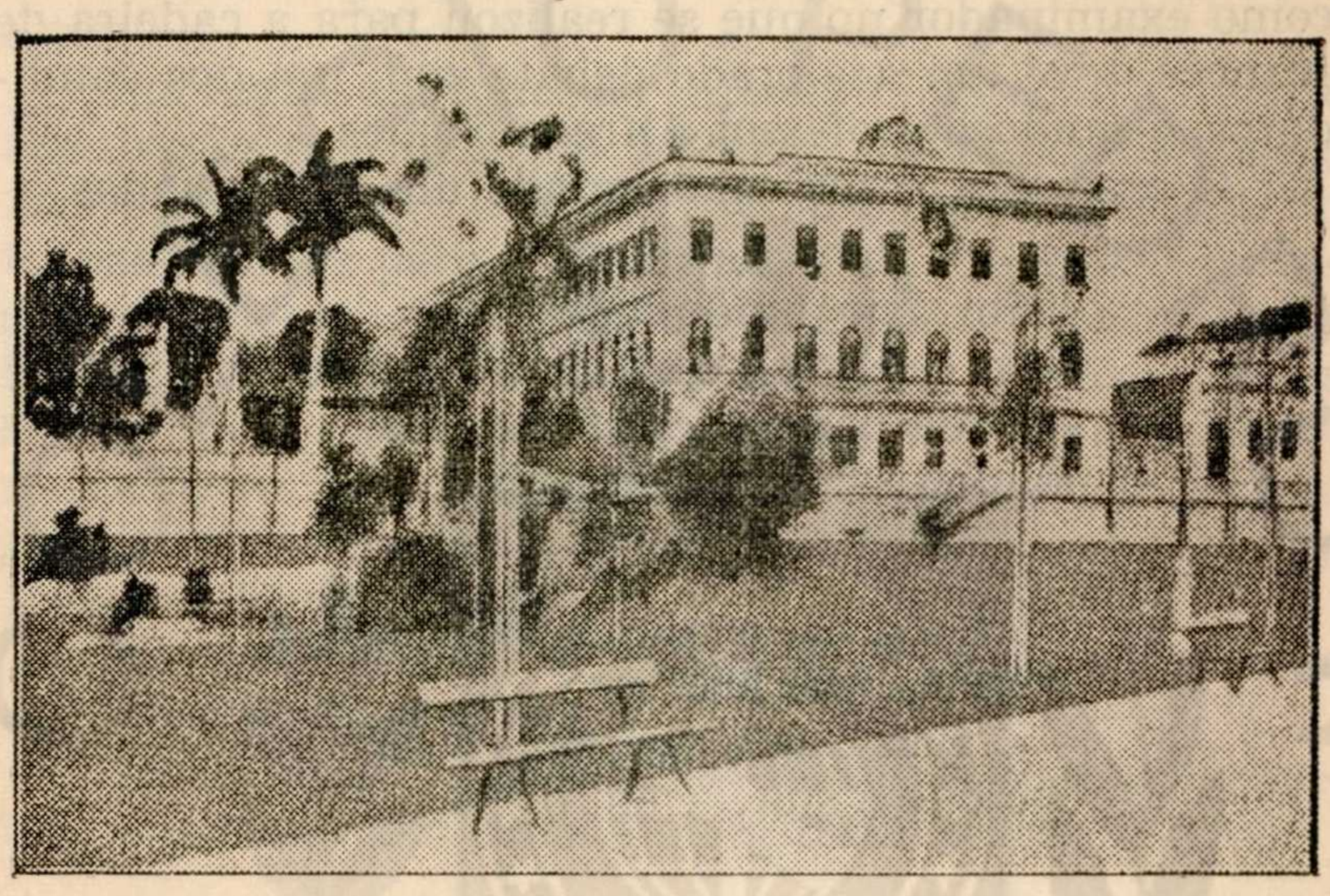
"E' um velhinho singular,
Que a muita gente faz rir,
Vive sempre a calcular;
É diretor, apesar
De nada aqui dirigir.

Disse-lhe alguém: "Eu requeiro
Dêste aluno a suspensão!"
Responde, absorto, o Coqueiro:
"Se o x for número inteiro
Não se resolve a equação!"

Em 1901 exonerou-se Nestor Victor, sendo nomeado para substitui-lo o dr. Elpidio da Trindade, que por alguns anos exerceu, dedicadamente, o cargo de vice-diretor. Sempre tivemos nele um excelente amigo, lhano afável, benevolente na medida do possível. Mais tarde, por ocasião de uma reforma, reduziram-no à função de bibliotecário, *capitis diminutio* que sempre consideramos indefensável e clamorosa injustiça.

"Os Ginasíadas", referem-se, em muitas passagens, aos professores. Dêstes, alguns só merecem alusões amáveis: o dr. Agostinho Luiz da Gama, lente de matemática, Fortunato Duarte, de latim, Silva Ramos, de português Pinheiro Guimarães, de literatura, Oliveira Belo, de Histório Natural. Outros eram impopulares entre os alunos, e por isso forneciam assunto para os epigramas causticantes com que nos vingámos, desabafando no papel nosso azedume. Tal o caso do professor Hans Heilborn, a quem detestamos, porque queria nos tratar com o mesmo rigor com que, quando

era ainda simples capitão prussiano, seviciava os recrutas de seu regimento. Tive em seis anos, mestres de grande valor moral e intelectual, e outros de modesto merecimento; mas o único de quem conservei amarga recordação foi Hans Heilborn. Todo o mundo tinha



O Internato do Colégio Pedro II quando funcionava sob a denominação de "Internato do Gymnasio Nacional"

medo dele. Era protegido de certo ministro influente, dizia-se. Contamos nos "Ginasíadas" o incidente ocorrido com o "herr professor" quando fez o concurso para a cadeira de grego. A passagem principal está nestas quadrinhas:

Foi o caso que o tal bruto
(Há disto guardado o auto)
Foi ler a palavra *arauto*,
E trovejou "*arraúto!*"

E mais um rol de sandices,
(O Hans, em prosódia, é fraco...)
Pois chamou de Telemáco
Ao filho do herói Ulisses!

O certo é que o rol da sandíces não impediu que o antipático estrangeiro conquistasse a cadeira de grego do Internato.

Por vir a propósito, quero recordar que no ano seguinte ao dêsse concurso, Hans Heilborn, figurando como examinador no que se realizou para a cadeira de francês, teve um acalorado debate com um dos candidatos, o saudoso professor Alfredo Gomes.

O caso está assim mencionado nos "Ginasíadas":

"Um sôco dando na mesa
Diz o Hans, com muita prosa:
— Sua prronuncia frrancesa,
É meu senhorr horrorrôsa..."

Com calma, o Gomes no entanto
Replica, por sua vez:
— "Pois que é melhor, eu garanto,
Do que a sua... em português!"

A resposta de Alfredo Gomes provocou, por parte da assistência, uma prolongada hilaridade, o que fez o Hans ficar rubro de raiva, apoplético.

Pouco tempo depois, não sei que cérebro doentio fez do brutamontes o diretor da Escola Normal. Fomos vingados. Querendo aplicar, no tradicional instituto do largo do Estácio, os seus processos de "educação" à prussiana, o prepotente diretor provocou, por parte das alunas, uma reação tremenda. As terríveis pequenas fizeram do alemão gato e sapato, e tamanha celeuma provocaram, que a administração se viu coagida a demití-lo. O Hans nunca mais se reabilitou da fiasqueira.

A atitude desses mau professor explica-se. O estudo do grego era facultativo. Deixando de cursar essa cadeira, não ficava o estudante inhibido de obter matrícula nas escolas superiores. Ora, ao Hans convinha

que todos os alunos do Internato desistissem do grego, para que ele ficasse dispensado de ir tres vezes na semana ao Campo de S. Cristóvão dar suas aulas...Teria assim, no cargo de lente do Ginásio, uma ótima sinecura. Eis aí porque dava zeros e reprovava a torto e a direito.

Em regra, os alunos do Internato, sistematicamente reprovados em grego na 4.ª série, ou matriculavam-se na série seguinte com desistência dessa matéria, ou transferiam-se para o Externato e alí concluiam o curso, geralmente aprovados em segunda época pelo dr. Noronha. Minha turma, por exemplo, contava apenas seis alunos, na 5.ª série, candidatos ao bacharelado; mas esse número, já exíguo, mais reduzido ficou quando reassumiu a cátedra o professor Heilborn, que por muito tempo andou licenciado.

No sexto ano, só dois alunos (o Roberto Jordão e eu) estudávamos o grego.

Verberam os "Ginasíadas" a degolação dos inocentes, praticada pelo Hans, no seguinte soneto:

Vai-se o primeiro aluno amedrontado,
Vai-se outro mais, mais outro, enfim dezenas
De alunos vão-se pró Externato, apenas
Desponta na aula o Hans, endiabrado.

E em dezembro, do grego libertado,
De novo, cada um, em cantilenas,
Guardando os livros e limpando as penas,
Volta, risonho, enfim, e aliviado!

E assim, nas Faculdades aonde voam,
Em letras bacharéis lá se apregoam,
Já libertos do Hans, e de outros tais;

Mas quem do atroz perigo agora zomba,
Sofre o rude desgosto de uma bomba,
E o grau de bacharel não terá mais!...

Deixo de transcrever aqui as referências que o nosso poema fez aos professores Oliveira de Menezes, Silvio Roméro, Coelho Barreto, Meschick e outros, porque prefiro recordar os saudosos vultos desses mestres nos capítulos seguintes, quando se oferecer a oportunidade.

Bem assim os nossos pobres inspetores. Digo "pobres" na melhor intenção, porque suponho não haver na administração classe tão malsinada, tão incompreendida e, principalmente, tão mal remunerada.

A princípio, como todo o estudante, eu via no inspetor um tirano, um opressor, pronto sempre a impedir qualquer expansão de nossa personalidade.

Depois que os conheci de perto, e observei como sofriam com a rebeldia da rapaziada uns homens bonís-simos como o velho During, o Maciel, o Ferreira Lima, o Souza e outros, compreendi o quanto havia sido injusto para com eles. Desde então tive, em quasi todos os meus inspetores, excelentes amigos, e, embora pilheriasse com alguns na "Vida de Hoje", e nos "Ginasíadas", tudo fiz para que meus colegas os tratassem com a devida consideração. Tive colegas que pensavam como eu: Cecilio de Carvalho e Botelho Reis, principalmente. Graças a essa política de bom comportamento foi possível ao dr. Trindade deixar sem inspetores os alunos do 4.º, 5.º e 6.º anos, grupo que passou a denominar-se "Plêiade". Desde então nenhum de nós, componentes do grupo previlegiado, causou qualquer contrariedade ao diretor, nem mereceu a menor sanção disciplinar.

Neste livro reuni todas as crônicas que li ao microfone da P. R. A. 2, e mais cinco posteriormente redigidas. Entre estas, as únicas páginas tristonhas que se insinuaram nesta recordação de episódios joviais.

O Internato, bem o disse Raul Pompéia, assemelha-se a um pequeno mundo. Alí não há só alegrias; também há tristezas, apreensões e lutas, proporcionais, certamente, à emotividade das almas em formação. A

experiência da vida, que já me vai cansando as energias, ensinou-me que é um êrro atribuir toda a felicidade às primeiras quadras da existência, e todos os dissabores e desditas à madureza e à velhice.

Para mim, bem como para todos os meus antigos mestres e condiscípulos que vivem ainda, — e queira Deus por longo tempo vivam! — há nestas páginas, por alegres que pareçam, um motivo insanável de melancolia. E' a recordação dos excelentes companheiros que jornadearam conosco durante aqueles ditosos anos da juventude, e já empreenderam a triste viagem de que não se volta mais.

Reavivando, agora, os fugazes episódios de nossa vida colegial, mantive o propósito de não me alongar na psicologia de meus personagens. Abstenho-me de julgá-los, para seguir o preceito evangélico. Este livro não será uma galeria de tipos lombrosianos, portadores de taras e chagas morais sem remédio. Quero, ao contrário, mostrar, pela recordação, *sine ira ac studio*, de atitudes e condutas, como era boa e simples na sua maioria, a gente do meu tempo. As próprias manchas escuras que existem no quadro servem para realçar as partes iluminadas e o colorido mais belo.

Tivemos mestres ilustres, florões da cultura brasileira no seu tempo; tivemos amigos leais entre os serventuários da casa, e companheiros diletos, cuja amizade vale por um opulento patrimônio.

Este livro representa a única homenagem que pude prestar a todos eles, e ao velho Colégio Pedro II. Retomando, embora, o nome secular que a tradição lhe restituiu, a veneranda casa de ensino será sempre, para nós o "Ginásio Nacional", pobre ancião honesto e bom, que vive de suas glórias, a *"ricordarsi del tempo felice"*; varão modesto e resignado, há longo tempo esquecido dos poderosos, e que usa, ainda hoje, a sobrecasaca velha e surrada que o defunto imperador lhe deu.

II

Passando em revista...

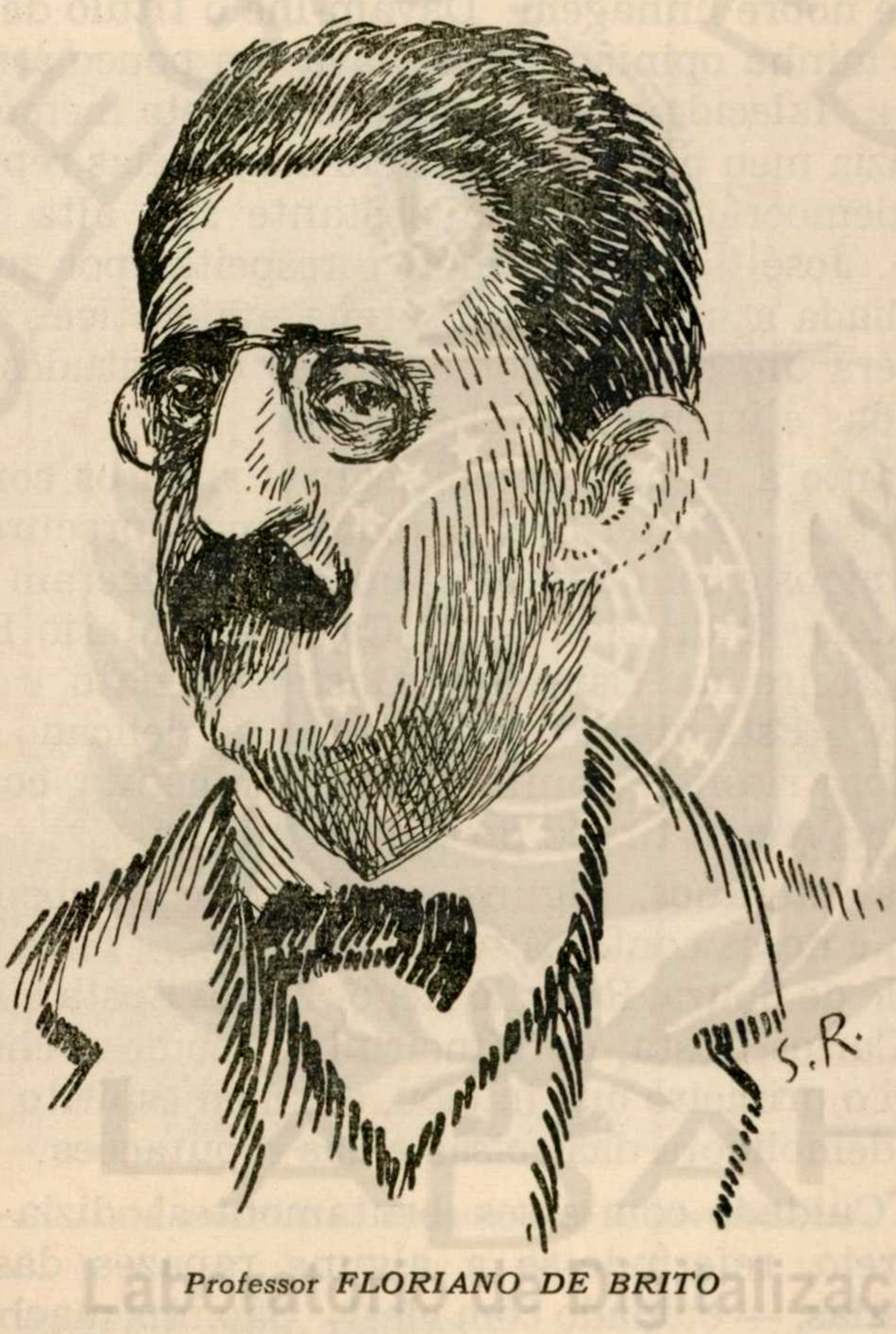
Meu pai encheu-me de recomendações nas vésperas de minha internação no Ginásio. Que eu tivesse exemplar comportamento, que respeitasse os mestres, os diretores, os inspetores; que tratasse com delicadeza e bondade a todos os empregados, inclusive os mais modestos.

— De uma coisa faço especial empenho que você não se esqueça, insistia ele. Seja camarada de todos os seus colegas, mas *amigo* realmente, isto é, amigo íntimo, só daqueles que você vir que merecem sua estima. Entre os alunos de um internato há bons meninos, bem educados, incapazes de uma ação indigna; mas, infelizmente, há tambem insubordinados, indolentes, de mau caráter e péssimos costumes. Só com o tempo é que você irá distinguindo. As más companhias começam prejudicando a reputação de um aluno, e acabam produzindo mal irreparável a sua carreira e às vezes, a seu futuro. Junte-se aos bons, e evite os maus!

Desde o primeiro contato que tive com meus colegas, a advertência paterna não me saiu da lembrança.

Minhas recordações dos primeiros dias do Internato estão diluidas nas brumas do passado. Recordo-me vagamente, da impressão que me deixaram as primeiras aulas. Gostei muito do Araujo Lima, alegre e folgazão, em suas pitorescas lições de geografia; do professor

de desenho, o Benedito Raimundo, que se mostrava benevolente para conosco; do Ruch, meu saudoso lente de francês, que nos tratava com um carinho paternal. Pinheiro Guimarães, o pai, então muito moço ainda, talento brilhante, já me pareceu mais severo em suas



Professor ***FLORIANO DE BRITO***

atitudes, o que atribuo a seu andar rápido e firme, e ao timbre forte de sua voz; e o Gama — esse me causou, bem como a toda a turma, indizivel terror.

Nossos inspetores eram o velho Barbosa, apelidado "Campos Sales" porque, afora a magreza, seria um sósia

do ex-presidente da República, e o During homem tambem idoso, feíssimo, corcunda, que dava a todo *s* inicial o som de *z*, e tinha, quando vigiava a turma nas horas de estudo, um modo peculiar e triste de olhar para todos nós, o que nos causavo indefinivel mal estar.

O diretor era D. José da Silveira, varão de antiga estirpe e nobre linhagem. Davam-lhe o título de *dom* o que, na minha opinião, tresandava um pouco à monarquia — a "falecida monarquia de bolorenta memória" — como dizia meu pai, veemente em suas idéias republicanas e democráticas. Não obstante sua alta hierarquia, D. José fazia-se estimar e respeitar por sua bondade, aliada a uma energia serena e hierática. Dizia-se que era um homem como raros, de atitudes desassombradas e irrepreensível conduta.

Quanto a meus colegas, segui à risca os conselhos de meu pai. Tratei bem a todos, mas procurei para meus amigos e confidentes os que me pareceram de melhor índole. Luiz Claudio de Castilhos, Mario Braune, Heitor Freire de Carvalho, Gastão Renato e o José Cristino. Este último era um menino delicado no trato, sempre risonho, muito pobre, e ingênuo como um garotinho recém tirado do regaço materno.

Dos veteranos, alguns se fizeram tambem meus amigos, e nessa conta os tenho até hoje. Tal o caso de Belisário de Souza, Ricardo Rego, Carlos Costa e Ernesto Jacy. Carlos Costa, o "Mineirinho", como o chamávamos, foi o primeiro que iniciou, em meu espírito juvenil, a obra demolidora das coisas e das reputações.

— Cuidado com esses brutamontes! dizia-me ele, no recreio, referindo-se a alguns rapazes das séries adiantadas, — cuidado com eles! São uns machacazes!

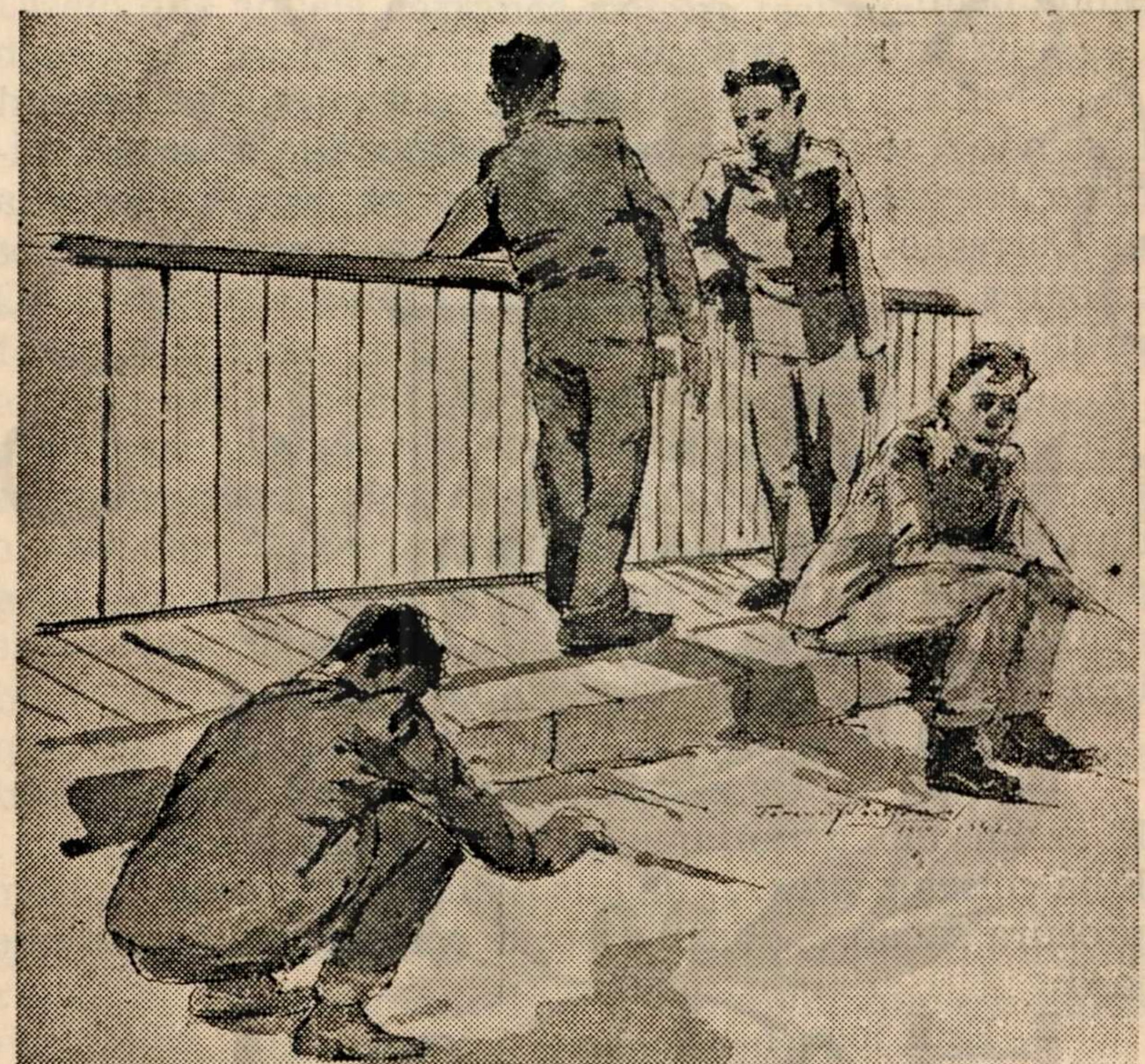
(Eu não fazia a menor idéia do que fosse um "machacaz", mas fiquei horrorizado com a confidência).

— Metem-se no recreio dos menores, prosseguia ele, para maltratar os calouros. Os inspetores não ligam... Olhe só: são o contrário de Jesus Cristo; os pequeninos

fogem deles... e fazem muito bem! Repare naquele alí...

— Qual? O maneta?

— Esse mesmo. E sabe porquê ficou maneta? Pegou no revolver com a mão direita, apontou-o para a esquerda, e disparou!



— Dá uma "china" tamanha na bola dos pequenos...

— Então é meio maluco?

— Meio? Nada. E' inteirinho. Totalmente doido! Foi preciso cortarem-lhe a mão, rente ao pulso. E ele, agora diverte-se metendo o tôco do braço na boca de modo tal que dá, a quem não o conhece, a impressão horrivel de que tem a mão inteira metida na garganta!

Mas essa maluquice não me surpreende... E' um caso de atavismo... Ele mesmo conta que o avô morreu doido, num hospício. Isso é muito frequente.

Não gostei dêsse negócio de "atavismo". Consultei a memória afim de apurar se nas tradições de minha família constava que eu tivesse tido algum antepassado com macaquinhos no sotão. Nada havia a respeito. Ainda bem!

— E aquele, mais alto?

— Ah! Aquele chama-se Altino. Pior ainda! Esse não é só doido; é perverso tambem. Esse, no mínimo, teve algum bisavô que morreu cumprindo pena na Correção. Dizem que ele se apodera de livros dos calouros, vende-os no *sebos* para comprar cigarros! O outro é o Vianna Sá...

— O que está jogando gude?

— Finge que joga! O que ele quer é dar *china*. Dá uma *china* tamanha nas bolas dos pequenos, que eles nunca mais podem acertar nas casas. Alem disso, o palmo que ele mede para jogar, é de mais de meio metro! Assim, por trapaça, acaba apoderando-se de todas as bolas. E quem reclamar, apanha!

— E ele fica com as bolas?

— Não... Os garotos, depois, compram de novo... E' assim que arranjam dinheiro, esses malandros... E há coisas peores... de que o diretor não sabe... nem procura saber... Eis aí porque vai de mal a pior esta joça.

— Esta joça?!

— Sim... o Ginásio Nacional... De que se admira?

Notei que o Mineirinho era, mesmo, "do contra". Desejoso, porem, de me inteirar de tudo o que concernia ao colégio, insinuei-me junto a um colega mais adiantado o Azuil Peixoto, que me pareceu mais ajuizado e menos demolidor.

— Não se deixe levar pelo que diz essa gentinha, aconselhava ele. Entre nossos colegas, há moços distintíssimos... Você verá. O Alcides Vianna, por exem-

plo, é um excelente companheiro... O Maia Jacy, um belo talento... O Remo Severo e o Hugo Ferreira, bons rapazes... Dos inspetores, há vários que mereciam mais alto posto: são homens direitos e instruidos. Converse com o Maciel, com o Ferreira Lima, com o próprio Souza, com quem troçam tanto... Até o During, de quem você têm medo, é uma boa criatura... Dizem que aquela carranca sempre fechada provem de dissabores íntimos, o que não admira, pois é um pobre homem, doente, aleijado e feio...

Conversamos, tambem, a propósito dos mestres.

— Pinheiro Guimarães e Ruch são ótimos professores, dizia-me o Azuil. Ambos bacharéis pelo Ginásio... não preciso dizer mais nada. Cada qual no seu feitio, está visto; mas garanto que você vai gostar de ambos. O Araujo Lima é um trocista; suas aulas são cheias de incidentes, de casos patuscos, de gargalhadas; mas o certo é que a gente aprende.

— Tenho receio da aula de desenho... Nunca dei para isso.

— Ah... não se aflija. O Benedito Raimundo é bom homem. Ouça com paciência as histórias dele, que tudo irá bem. Em último caso arranje-lhe umas borboletas.

— Borboletas? Para quê?

— Ele é maníaco por bonitas borboletas, dessas grandes, de asas azues... Está escrevendo um livro a respeito. Se você obtiver um exemplar que ele ainda não tenha, sua distinção está garantida...

— Hei de pensar nisso... nas férias de junho.

Manifestei, em seguida, o temor que nos inspirava o lente de matemática.

— Não se impressione com o Gama, dizia o Azuil. E' rigoroso, mas é justo. O aluno vadio, que não faz os exercícios, "tem o seu gráu zero" ainda que seja filho do Presidente da República, sobrinho do Papa, primo do ministro e protegido do diretor. Mas se o menino dá boa conta de si, pode estar tranquilo, porque o Gama

lhe dará o justo valor. Se o filho de um lixeiro merecer o 1.º banco de honra, ninguem o tira dalí. Não é um professor brilhante; os seus processos são rotineiros. Mas não raro acontece que professores brilhantes e modernos, empanturrados de vaidade e sapiência, não se mostram eficientes no ensino...

Só mais tarde é que me certifiquei de quanta verdade se continha nas afirmações do Azuil... Estava escrito, porém, que meus primeiros tempos no Internato seriam assinalados por um incidente desagradável, que se vai entretecer remotamente com outro, de desfêcho trágico. E' o caso do bilboquê do Zê Cristino, que referirei mais adiante.

LABDAH
Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

III

O Tapioca em apuros

Curioso armazem de frioleiras é a memória humana!

Se me pedirem que conte minuciosamente o que se passou por ocasião de fatos relevantes de minha vida, ocorridos nestes últimos anos, eu pouco poderei dizer. Sei, apenas, que o fato se deu, cito a época, o local, algumas pessoas presentes, e nada mais. No entanto, episódios de importância somenos muito mais remotos, voltam-me à lembrança com uma precisão extraordinária. Com relação a êsses, recordo-me bem do que me disseram, do que respondi, dos mínimos incidentes ocasionais que se iam verificando simultaneamente com a ocurrência capital. Vejam os sábios na Escritura que segredos são esses da natura!

Está justamente nesse caso o meu exame de admissão no Internato.

Era eu então um pequeno roceirinho acanhadíssimo, poucos dias antes chegado a esta Capital. Preparou-me para o exame minha boa mãe, professora estadual em Queluz de S. Paulo, regente de uma escola isolada que funcionava em nossa própria casa. Eu nasci e cresci numa casa que abrigava uma escola; estava, pois, familiarizado com tudo o que se referisse a ensino, aulas, provas, exames e solenidades escolares. Graças a essa circunstância, e aos esforços de minha mãe, do

exame que iria fazer, eu não sentia medo algum. A bagagem de meus conhcimentos ultrapassava de muito a matéria do programa.

Por um feliz acaso conheci, na véspera de meu exame de admissão, um menino que seria meu amigo e colega no Internato.

Chamava-se Lafayette de Oliveira. Órfão, desde tenra idade, fôra adotado por um padrinho, que lhe adicionou ao nome seu apelido "Tapioca". Daí proveio o nome de Lafayette Tapioca de Oliveira.

Toda a gente implicava com o nome de meu amigo. Diziam-lhe:

— Mas, menino, onde você descobriu "tapioca de oliveira"?... Oliveira dá azeitona, mas tapioca, nunca!

Outros, por gracejo, chamavam-no:

— Venha cá, seu Lafayette Sagú de Larangeira!

Conheci, pois, o meu futuro colega na véspera do grande dia.

Estava eu "arranchado" na casa de meu tio Julio Fernandes de Almeida, então coronel do Exército. O pai adotivo do Lafayette, que se dava com meu tio, levou o menino para que ele o examinasse, porquanto receava não se achar suficientemente preparado. Meu tio, embora já me houvesse submetido a rigoroso interrogatório, quis que eu tomasse parte naquele "vernissage".

Todos nós, exceto o velho Tapioca, rimo-nos a morrer à custa do Lafayette, cujas respostas eram engraçadissimas.

Meu tio propôs-nos o seguinte problema:

"Um pai tem dois terços do dôbro da soma das idades de seus tres filhos. Um dos filhos tem doze anos; o outro, nove, e o terceiro, seis. Qual é a idade do pai?

O Lafayette, que nunca havia resolvido problemas de aritmética, ficou sorrindo, com ar vitorioso:

— Mas o senhor não me disse quantos anos tem o pai, como é que quer que eu saiba?



Professor ***FORTUNATO DUARTE***

Meu tio, homem de caráter irrepreensível, e de absoluta correção de atitudes, disse lealmente ao amigo que o menino estava fraquíssimo nas várias disciplinas do exame. Em todo o caso, visto que era desembaraçado, perspicaz, e de notável presença de espírito, podia acontecer que conseguisse aprovação simples, caso a banca examinadora fosse benevolente e bem humorada.

E ficou resolvido que o Lafayette fizesse a prova, desse no que desse!

No dia seguinte, pela manhã, meu pai conduziu-me ao velho casarão do colégio. Lembra-me, como se fosse hoje, a impressão que tive ao ver pela primeira vez, aquele enorme prédio, em cujo frontespício, lá no alto, se lia em vistosos caracteres:

INTERNATO DO GYMNASIO NACIONAL

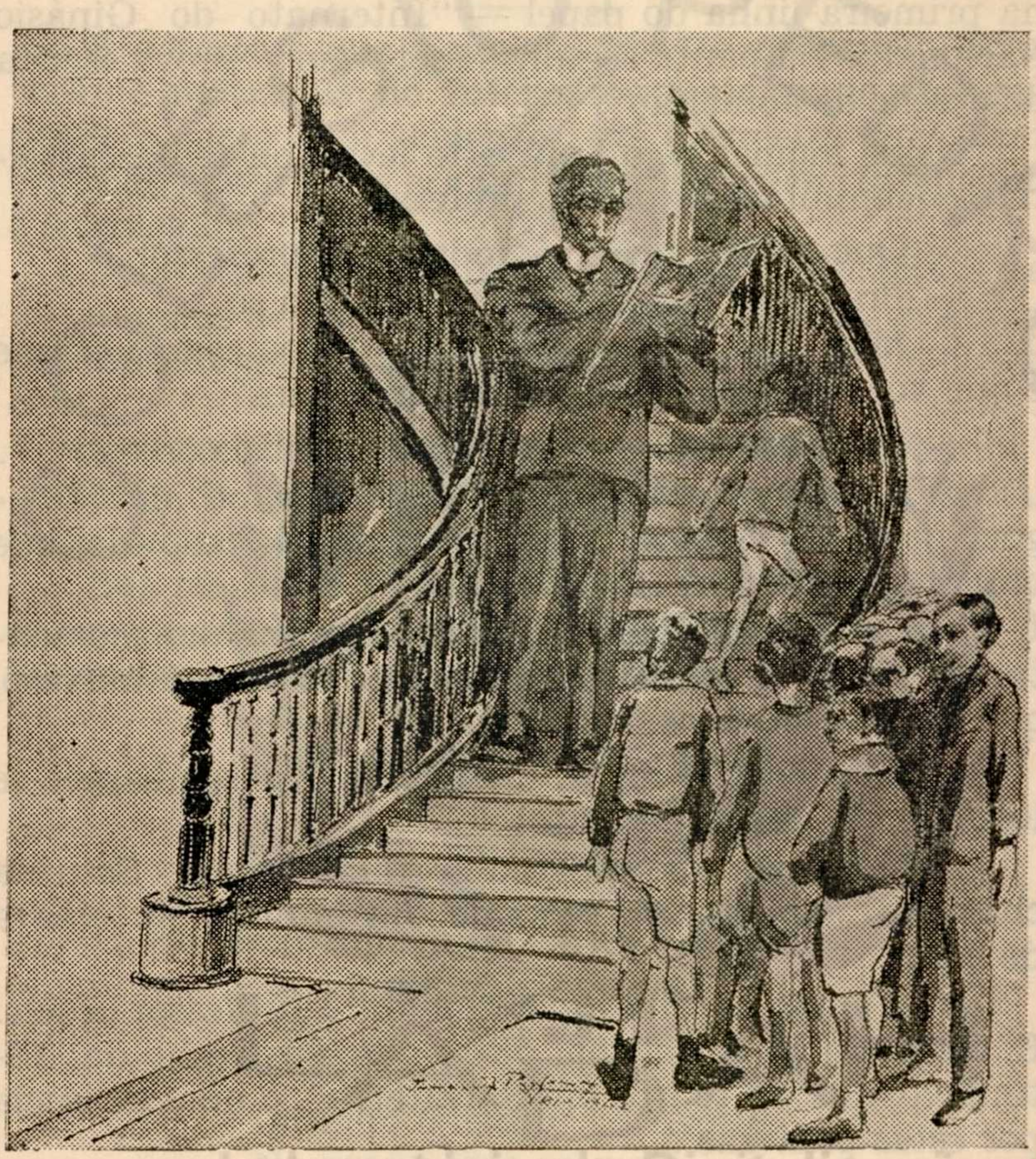
Entramos. O salão nobre estava repleto de gente. Eram senhoras, cavalheiros e meninos, em grande número. Os sessenta candidatos à matrícula iam fazer prova escrita de uma só vez, para o que se havia preparado a mais espaçosa das salas de aula. Confesso que durante os quinze minutos de espera não me senti muito tranquilo, não! Comecei a duvidar de minhas fôrças... Quando entraram os examinadores, que logo se dirigiam para o gabinete da diretoria, houve um movimento de geral curiosidade. Entre os pais de candidatos, havia quem os conhecesse. Eu ouvia com alto interêsse as informações:

— Olhe... aquele mais moço, de bigode louro, que pisa firme e anda depressa, é o dr. Pinheiro Guimarães, lente de Português... O outro, de sotaque afrancesado, é o dr. Gastão Ruch...

— E aquele magro e alto, que anda balançando o corpo?

— Ah! Aquele é o dr. Araujo Lima, de Geografia. Dizem que é político influente em S. Cristóvão...

O bedel fez a chamada dos candidatos, que iam entrando para a sala do exame. O Tapioca foi chamado pouco depois de mim. Lembro-me de que seu nome,



O bedel fez a chamada dos candidatos...

lido pelo bedel em voz alta, provocou risos da assistência. Ele não se deu por achado, e riu-se tambem.

Cada um de nós recebia uma caneta e uma folha de papel almaço comum, e ia para o lugar designado

pelo inspetor: Alguns minutos depois de entrar o último candidato, surge na sala o dr. Gastão Ruch, trazendo um exemplar da Antologia de Fausto Barreto e Laet, e diz-nos:

— Preparem-se para o ditado! Atenção! Escrevam na primeira linha do papel — "Internato do Ginásio Nacional". Na pauta seguinte escrevam: "Prova escrita do exame de admissão".

Nesse momento, o Lafayette levantou-se da carteira e encaminhou-se para o professor.

— Que deseja você? — indagou o professor.

— Preciso ir lá fora, um minutinho só...

— Mas, menino, no momento de começar o exame é que você descobre que precisa ir lá fora?

— Sim, senhor... mas eu vou e volto correndo...

O Ruch hesitava se devia consentir, ou não. Chegou, porém, o Araujo Lima, que, cientificado do que ocorria, opinou:

— Ora, Ruch, deixe o garoto sair por um momento!... A prova ainda não começou... Isso é nervoso, que dá nos meninos...

— Está bem! Pode ir, menino, mas desembarace-se logo e volte imediatamente!

O Lafayette não esperou segunda ordem. Saiu na chispada. Mal havia decorrido um minuto, já estava de volta.

— Vamos ao ditado! exclamou o professor Ruch. E, tomando da Antologia, ditou-nos um trecho da "Última corrida de touros em Salvaterra", o qual se inicia por estas palavras :

"D. José vira o marquês levantar-se, e percebera a sua resolução".

Quando finda a prova, nos encontramos no saguão, perguntei ao Lafayette :

— Você não teve vergonha de pedir para ir lá fora mal começava a prova escrita?

— Claro que não! Pois eu não me lembrava como se escrevia "gymnasio"! Ficava feio, errar logo na primeira linha, e no nome do Colégio!...

— E dai?

— ...fui lá fora, na rua, espiar na taboleta!...

E o certo é que o nosso Lafaytte conseguiu aprovação e matrícula no Internato. Mais ainda: foi galgando o curso, sem acidentes, até o terceiro ano! Tambem não admira; ele era inteligente a valer. Inteligente e engraçado.

Pouco estudava, lá isso é verdade. Colecionava selos, coupons de bondes, figurinhas de cigarros, estampas que vinham grudadas nas peças de morim, e mil outras coisas.

O interior da carteira do Lafayette, bem assim o cubículo do armário onde guardava material escolar, eram pequenos bazares.

Sua mania de filatelista servia de assunto para piadas e epigramas sem conto. Um dos melhores é o do Mario Leal Neto dos Reis, que se lê na "Vida de Hoje":

O SÊLO MISTERIOSO

— Este sêlo é da Indochina
— E' do Sião, bem se vê!
— Isto, aquí, niguém me ensina!
— Pois eu sei mais que você!

E a disputa assim se agrava,
Quando o astuto Lafayette
No grave caso se mete
Pra dizer o que pensava.

Com cuidado o sêlo pega,
Cheira, e diz com riso mau:
— Este sêlo é da Noruega,
Porque fede a bacalhau!

Andávamos nós pelo terceiro ano ginasial, e tínhamos, como professor de latim, o velho Fortunato Duarte, mestre inegualável, eximio latinista, mas severo até ali! Que ninguém se distraisse, durante a aula, em coisa estranha à lição! Nada de conversinhas! Toda a atenção para as belezas do texto horaciano; senão...

Todo o mundo tinha mêdo do Fortunato. Até o Casimiro de Menezes, que tinha um "burro" de primeira ordem! O Mario Newton de Figueiredo, o mais corpulento da turma, sumia-se todo... E o próprio Luiz Claudio de Castilhos abandonava as suas equações e logarítmos, e embrenhava-se nos mistérios do *unorumquarumque*...

Mas o nosso colega Tapioca, sempre jovial e despreocupado, não se impressionava muito.

Um dia, o Fortunato explicava-nos, com admirável sabedoria, uma passagem dificil das "Metamorfoses", e chamava nossa atenção para um caso curioso de sintaxe, quando notou que o Tapioca, inteiramente distraido, examinava no inteirior da carteira alguma coisa que o absorvia por completo.

Com surpresa nossa o velho Fortunato volta-se de repente para o lado do mísero colecionador de figurinhas, e exclama com aquele vozeirão que ecoou pela casa toda:

— E' ou não é, seu Tapioca?!

O Lafayette, aterrado, levanta-se e diz, com firmeza:

— E', sim senhor!

— E' o que, seu Tapioca?

— Não sei não senhor!... Mas... se o senhor está dizendo que, é, é porque é mesmo!

Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

IV

O Bilboquê do Zé Cristino

Quando cursávamos o primeiro ano, em fins de setembro, o José Cristino, voltando de casa numa segunda-feira, trouxe um belo bilboquê envernizado, de madeira escura, com uma raias em espiral na bola.

O bilboquê figurava entre as diversões lícitas no Internato. Mais de um colega nosso praticava, nas horas vagas, esse passatempo, então muito em voga. De todos os bilboquês, porém, o de mais esmerado acabamento era o do José Cristino.

— Fiz anos ontem, disse-nos ele em confidência, e meu pai, como prêmio que me prometeu quando fiz meu exame de admissão, me deu este bilboquê.

— Bravo! Então houve festa em casa...

— Ah! isso não. Papai está doente. Mesmo que estivesse bom, não faríamos festa, porque somos muito pobres... Eu sei que para me dar este presente, ele fez um sacrifício, coitado!...

Interessamo-nos pela saude do pai de nosso amigo. Disse-nos o Zé Cristino que, por aqueles dias, o enfermo viajaria para Friburgo, onde ia convalescer.

Naquele dia jogamos várias partidas com o bilboquê.

— Onde acham vocês que devo guardar isto? perguntou-nos ele, quando bateu a sineta ao terminar o estudo da noite.

— No seu escaninho, no armário de livros, propus.

— Não! opinou o Mario Braune. O armário é mal fechado. Já ouvi dizer que os furtos aquí são frequentes.

— E então?

Não sei quem sugeriu que ele conseguisse do inspetor licença para deixar o bilboquê na gaveta da mesa. Cada inspetor tinha a sua, e fechava-a sempre a chave, conforme observávamos.

— Tenho medo que o During não queira, e ainda passe pito, declarou o Zé Cristino.

O Eurico Cochrane, colega nosso, loquaz e desembaraçado, ofereceu-se para arrostar o perigo da aventura, e dirigiu-se, resoluto, ao During:

— Pronto! disse ele um momento depois, enquanto já entrávamos em forma, no corredor. O Chico Pedra concorda. Vocês são uns maricas! O diabo não é tão feio como se pinta.

O Zé Cristino foi entregar o bilboquê ao inspetor, que o guardou, com cuidado, em sua gaveta, já abarrotada de bugigangas. E eu passei a simpatizar com o Cochrane, resolvido a incluí-lo no número de meus amigos.

No dia seguinte, procurando pelo Zé Cristino, no recreio entre a última aula e o jantar, encontrei-o sentado a um canto, murcho e lacrimoso. Junto a ele, o Sá e Benevides, colega nosso que, em consequência de um defeito físico, manquejava ao caminhar, firmando-se num joelho.

— Que tem você, Zé Cristino?

O meu amigo nada disse, mas o Benevides falou por ele:

— Um grandalhão da 2.ª série tomou-lhe o bilboquê e não quer restituir.

— Quem?

— Um tal Midosi.

— Mas porque não quer restituir?

— Porque não quer... E disse que se alguem for importuná-lo por isso, leva uma brochação.

— Ora essa!

Senti-me indignado com o procedimento do tal Midosi. Reuni o nosso grupo e, em conselho, estudamos o caso. A primeira sugestão consistiu em denunciar o Midosi ao inspetor; o Zé Cristino se opôs, sem explicar a razão, mas nós percebemos que seria por medo de futuras ofensas por parte do "machacaz" e seus cúmplices. Alguém ponderou que talvez o Midosi restituisse o bilboquê, findo o recreio. "Vamos esperar", disseram.

— Vocês são uns bobos! observou o Liske. Aqueles tipos quando deitam mão nalguma coisa, não largam mais. Já tomaram uma lapiseira de prata do Barbicas e um joguinho de damas do Malaquias. O truque é sempre o mesmo.

— Qual truque?

— Eles carregam com o objeto; e quando o inspetor ou o chefe de disciplina obriga a entregar, dizem que pretendiam restituir, mas o objeto foi furtado... que desapareceu. Cada um atira a culpa aos outros; faz-se a embrulhada e acaba tudo ficando por isso mesmo.

Apezar da observação do Liske, preferimos aguardar a terminação do recreio da tarde. Claro que o bilboquê não voltou às mãos do legítimo dono.

— Mas isto é um desaforo! pensava eu. Uma indignidade!

Nunca foi provocador de brigas, nem metido a valentão; mas, genioso ao extremo, não perdoava a quem me fizesse mal, e, mais cedo ou mais tarde, tirava a minha desforra. Embora o caso do bilboquê não fosse comigo, irritou-me sobremaneira. No dia seguinte, depois de madura reflexão, resolvi interpelar o Midosi.

— Que diabo! pensava eu — ele não é assim tão machacaz como se dizia... Se me agredir, tanto pior.

Afinal, não é só o Cochrane que tem coragem! Um tataravô meu foi bandeirante, e é citado na História do Brasil... eu devo ter herdado um pouquinho da coragem dele.

Encontrei o Midosi numa ocasião ótima. Havia dois inspetores perto, e vários colegas meus. Estávamos no saguão interno, junto à escada do dormitório.

— Seu Midosi! que é feito do bilboquê do Zé Cristino?

— Que é que você tem com isso?

— Tenho muito. Isso não se faz! Nós vamos comunicar o fato a D. José.

— Não adianta! retrucou o Midosi cinicamente. O bilboquê que o menino me emprestou, já não está comigo. O Altino tomou conta dele, e diz que ninguem mais o toma. E você não se meta com ele, não, porque... olhe!

E dobrando o braço esquerdo, mostrou, com a mão direita, o biceps aumentado, deixando perceber que o outro possuia respeitável musculatura.

— Mas você é responsável...

— Quem? Eu? Está muito enganado. Se quer falar com o diretor, fale agora mesmo. Vamos lá... Duvido que arranje alguma coisa...

E ria-se, com um ar de solene pouco caso.

Afastei-me dali furioso. Casualmente me defrontei com o Mineirinho, e disse:

— Tome nota... Mais um para a sua coleção de atavismos.

— Quem é?

— E' o Midosi. Um bisavô dele foi, com certeza, um *grandissíssimo* caradura!

Dois dias depois, eu e o Mário Braune fomos chamados à presença do chefe de disciplina.

— Que será? indagou o Braune.

— Não sei. Houve alguma coisa com você?

— Não... Só sei que há pouco chamaram o Zé Cristino, e ele não voltou.

— Uhm... aí há qualquer coisa, pensei eu.

A chamada ao gabinete do Salatiel, ou mesmo ao do diretor, nem sempre significava repreensão ou castigo. Às vezes tratava-se de simples recado da família, ou de certa formalidade a cumprir nos papéis de matrícula. Em todo o caso, íamos sempre com algum receio de complicações imprevistas.

O Salatiel Assú esperava-nos no hall, junto à porta de seu gabinete.

— Venham cá, meninos. Vocês são muito amigos do José Cristino, não é verdade? Por isso chamei-os. Façam companhia a seu colega por meia hora. Digam-lhe que tenha coragem... Procurem consolá-lo. Ele acaba de receber a notícia de que o pai faleceu.

Fiquei profundamente condoido da sorte de meu colega. Pobre José Cristino! Que seria dele, sem o pai! Ele, que se mostrava tão confiante no restabelecimento do enfermo!

Entramos na saleta do chefe, e ali encontramos o nosso companheiro debulhado em lágrimas.

— Meu pai!... dizia ele, com a voz entrecortada pelos soluços — meu pai!... que era tão meu amigo... que me queria tanto bem!... Nunca pensei que fosse morrer assim... Meu pai!...

E repetia, agitando a cabeça, esse apêlo doloroso, mostrando na voz e no olhar que toda a sua alma fremia de dor ao invocar o ente querido, como se o esfôrço angustioso do amor e da vontade pudesse jamais, naquela suprema revolta, vencer e revogar a fatalidade sem remédio da morte.

Tentei cumprir a penosa missão que me fôra dada, mas não pude... As lágrimas brotavam-me nos olhos, e eu não sabia o que dissesse para confortar o meu amigo. Sentia que, se falasse, agravaria o mal. Pobre José Cristino! Órfão de mãe, perdendo agora o pai... Eu, que mercê de Deus tinha minha mãe e meu pai, não compreendia como um adolescente de minha idade pudesse viver sem esses entes queridos. O mundo devia ser, para ele, um deserto... Nós continuávamos meninos:

tínhamos nossos pais. Para ele, a meninice acabara. Ia conduzir-se, tão pequeno, e sózinho, pela existência desolada e triste. A maior e mais preciosa dádiva que nós devíamos pedir a Deus, na Sua bondade infinita, será prolongar a vida de nossos pais. Tudo, tudo o mais virá, como natural consequência.

Pareceu-me, no entanto, que se não foram nossas palavras, ao menos nossa presença e solidariedade concorreram para reerguer o moral do acabrunhado colega. Quando um senhor idoso veio buscá-lo, ele se mostrou mais resignado. O Salatiel agradeceu-nos o serviço prestado, e encarregou-nos de zelar pelo material que o Zé Cristino deixara na carteira.

Naquela tarde, de sexta-feira, não brincamos. O tempo do recreio, passamo-lo a conversar sôbre a desgraça que ferira o nosso companheiro. Não me lembra quem exclamou, de repente:

— E' verdade! E o bilboquê?

Entrou em discussão esse tema: agora, sim; era preciso, era urgente rehaver o bilboquê do Zé Cristino. Último presente do pai, adquirido com sacrifício, e considerado como um prêmio! Assumia o caráter de relíquia inestimável. Não! Os grandalhões que se haviam apoderado do brinquedo, haviam de restituí-lo!

— E temos que liquidar isto hoje, lembrou o Cochrane. Amanhã é sábado, o Salatiel Assú não vem, e à tarde haverá saida... Se o Altino levar o bilboquê então não se conseguirá nada mais. Eu sei que o bilboquê está no baú, dele, no dormitório... Precisamos providenciar, e já!

— Mas como?

"Hoc opus, hic labor est!"

Tentarmos nós, insistindo junto ao Midosi, era escusado. Procurar o Altino, pior ainda. Diziam que era protegido dos inspetores; alguns recebiam dele cigarros, e até dinheiro. Depois de prolongado debate, ficou assentado que no dia seguinte, pela manhã, iriamos,

em comissão, ao próprio D. José, expor o que ocorrera, e pedir sua enérgica intervenção no caso.

Aos sábados, D. José costumava ir cedo ao Internato. Resolvemos procurá-lo no estudo da manhã. Era a primeira vez que comparecíamos em grupo, a seu gabinete. Tínhamos combinado guardar absoluta reserva. Ao inspetor de nossa divisão explicamos apenas que nossa audiência tinha por fim fazer um pedido relativo ao Zé Cristino.

— Está bem, disse o inspetor. O chefe de disciplina não vem hoje; mas o diretor já está no gabinete. Podem ir. Portem-se direitinho, ouviram?

E lá famos, eu, o Mário Braune, e o Cochrane. Um contínuo, depois de consultar o diretor, afastou o pesado reposteiro verde e franqueou-nos a entrada.

— Que querem vocês meninos?

Não tivéramos a precaução de escolher o orador oficial. Os primeiros momentos foram embaraçosos. Por fim, eu me animei, estimulado pela cordura de trato do nosso diretor.

— D. José, como o senhor sabe, o nosso colega José Cristino perdeu o pai...

— Eu soube, sim. Tive muita pena...

— A família dele é pobre, continuei eu. Muito pobre, mesmo... O pai andava doente, há meses, e sofria privações... Ele nos contou tudo. Foi com dificuldade que conseguiu estudar e fazer o exame de admissão.

— Meninos, interrompeu D. José, eu já sei o que vocês querem. Eu adivinho essas coisas, ouviram? Vou dizer, antes que vocês digam, para que saibam que sou psicólogo, e tenho tambem um bom coração. O que vocês querem é que eu conceda a gratuidade ao José Cristino. E' ou não é?

— Exatamente, senhor diretor, disse o Cóchrane, que até aquele momento exato não havia pensado em semelhante coisa.

Olhei para meus colegas muito admirado do que ouvira.

— Pois fiquem certos que hoje mesmo vou agir nesse sentido, declarou D. José. Órfão de pai, tendo alcançado boa média no exame, aquele menino tem direito à gratuidade. Não é favor nenhum que lhe concedemos; é um direito! Em todo o caso, o que vocês fizeram foi um gesto louvável, que muito me comoveu e alegrou.

E, depois de algumas palavras elogiosas, D. José apertou-nos a mão, e, abraçou-nos cordialmente, o que ainda mais concorreu para nossa pertubação.

Estava finda a audiência; voltamos para a sala.

— E esta! disse eu. Afinal não falamos do bilboquê!

— Mas nem era possível, replicou o Cóchrane. Pois você não viu logo que depois de D. José ter dito aquilo, não ficava bem a gente fazer queixa dos outros?

Com efeito. Seria deselegante, de nossa parte. D. José dera muito, muito mais do que iamos pedir, Durante seis anos teria o nosso colega casa, comida, ensino, roupa, calçado, remédios, livros, tudo sem despeza alguma, tudo fornecido pelo Estado. Não seria obrigado a interromper os estudos; nem seria pesado a ninguem.

— Paciência! pensei eu. O Zé Cristino ficará, mesmo, sem o bilboquê.

Pois não ficou.

Quando formamos para o almoço, segredou-me o Cóchrane:

— Sabe de uma coisa? O bilboquê do Zé Cristino já está no meu cubiculo, escondido por debaixo dos livros...

— Como!? Você conseguiu que ele entregasse?

— Cale a boca, hein? Só a você eu digo. Depois que voltamos do gabinete, eu me queixei de dor no estômago, e o During mandou-me à enfermeira. Eu subi... não havia ninguem no dormitório da 1.ª divisão... Eu fui lá... fiz um servicinho asseado e... pronto...

— Que está dizendo!?

— Mas olhe: nem um pio! Fica entre nós!

— E você foi à enfermaria?

— Que dúvida! Fui sim. Por sinal que o Santos me empurrou um remédio amargo como diabo! E queria que eu tomasse um purgante de Rubinat! Pro diabo que o carregue!

Aí findou a nossa conversa.

Não soubemos nem procuramos indagar, o que se passou naquele sábado, quando a turma dos maiores subiu para vestir o uniforme de saida. O nosso primeiro ano despachava-se mais cedo, porque tínhamos poucas aulas. Tanto melhor!... Mas, na segunda feira imediata, logo ao entrar, eu fui cientificado da grande novidade. O brutamontes do Altino ficou furioso quando, ao preparar-se, deu com o baú violado. Ameaçou céus e terras, atribuindo a proeza a dois colegas, que, sob qualquer pretêsto, haviam saido pouco antes da turma.

— Mas furtaram-lhe alguma coisa? inquiriu o instpetor.

— Nada! bradava ele. Mas o Midosi me paga! Eu seu o que ele veio procurar aqui.

Não era verdade. Faltavam duas coisas: o bilboquê e um maço de cigarros. Mas nehuma dessas faltas ele podia comunicar, por motivos evidentes.

— A coisa está se agravando, dizia-me o Cóchrane, em confidência, quando deixamos o refeitório, depois do almôço.

— Que houve mais?

— Um bruto rolo no dormitório. Imagine você que o Altino chegou, subiu para trocar a roupa, encontrou lá o Midosi e o Remo, e disse-lhes os maiores desaforos. O Midosi não ligou, mas o Remo, que é também um touro, retrucou na mesma moeda. O Altino avançou para ele, armado de um enorme canivete aberto. O Remo atirou-lhe uma cadeira nas ventas, pulou por cima de duas camas e agarrou-o pelas costas. O Vitorino, que andava recolhendo uniformes, gritou por um servente,

que veio correndo e tirou o canivete do Altino; mas o Remo ficou bem machucado num braço.

— E agora?

— Dizem que D. José já foi chamado, e vem a toda pressa. O Altino vai ser expulso do Ginásio.

Não quero alongar-me no epílogo doloroso dêste episódio, de tão triste reminiscência.

Ao chegar, D. José mandou que fosse à sua presença o aluno agressor. O inspetor Correia, homem de compleição hercúlea, foi buscá-lo. O severo diretor iniciava, com toda a calma, uma repreensão em termos, quando o rapaz, sob o jugo de incontida exaltação, disse qualquer coisa em linguagem áspera e insolente. D. José irritou-se, ficou enrubescido pela indignação e ia prosseguir, quando as pernas lhe fraquearam; e, procurando em vão apoiar-se a uma poltrona, caiu pesadamente, já nos últimos arrancos da agonia. Momentos depois, o nosso diretor estava morto.

Não se avalia o tumulto que se seguiu à dolorosa e inesperada ocurrência. Enquanto o Altino desaparecia do salão, o inspetor Correia, que se afastara alguns passos, voltou rápido ao local, tentando amparar o velho educador.

— D. José! D. José! Que é isso?

Na ilusão de que não se tratasse de um caso fatal, mas compreendendo que era grave, o aflito funcionário, desatinado, foi a correr em busca de um dos professores que eram médicos: o dr. Araujo Lima, ou Pinheiro Guimarães. Junto a D. José permaneceram, por alguns momentos, somente dois alunos que, compungidos, não sabiam o que fizessem, limitando-se a contemplar o corpo que jazia estirado no chão, tronco adusto derribado pelo raio.

Baldados todos os recursos de urgência. A sincope fôra letal. O nosso diretor estava morto.

Um dia, — cêrca de dois meses depois dêsses acontecimentos, conversava eu com o Mineirinho sôbre o fenômeno do atavismo, que tanto me havia preocupado.



Momentos depois, o nosso diretor estava morto.

— A propósito disse eu. Temos um colega que, por essa teoria, deve ser valente e empreendedor. E' o Cóchrane.

—Quem? O Eurico Cóchrane?

— Ele mesmo. Disse-me que descende do almirante Lord Cóchrane, o marquês do Maranhão, que lutou na independência do Chile, do Brasil e da Grécia.

— Uhm... pois olhe, eu, no caso dele, nem falava nesse antepassado. O atavismo dele pode dar para certas coisas... que levam o sujeito à cadeia.

E fez, com os dedos, o sinal simbólico do verbo *rapio*.

— Que diz você?

— Leia a biografia dêsse finório. Tantas fez, que o expulsaram da marinha inglesa, e do parlamento. E comeu tres anos nas grades.

— Será possível?

— ...meteu-se, depois, numa casa comercial, e dizem que arrombou um cofre para carregar umas libras...

Não quis saber de mais nada. Mas convenci-me de que, no caso do Cóchrane, o atavismo só se manifestava realmente, em relação a carteirinhas de cigarros...

Quanto ao mais, foi sempre um excelente companheiro.

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

V

O velho Gama e os patetas

No tempo em que eu, o Luiz Claudio de Castilhos, o Mário Newton de Figueiredo, o Gastão Renato Costa Ramos e outros, cursávamos o nosso quarto ano de humanidades, no venerando édifício onde funciona, até hoje, o Internato do Colégio Pedro II, tivemos alguns professores severos, exigentes, rigorosos, como Fortunato Duarte — o exímio latinista; Floriano de Brito — moço ainda, e tão cedo, levado pela morte; Augusto Meschick, que nos obrigava a decorar os *lieder* de Heine, de Uhland, e a cantar a "Lorelei". Mas, de todos esses mestres, o "papão", o "Tutu Marambaia", o terror da turma, era o Agostinho Luiz da Gama, ou *tout court*, o Gama, da cadeira de Matemática.

E não era só a fama de severidade que tornava terrífica a presença do velho Gama; a própria figura do mestre contribuia para agravar a situação. Gordo, adiposo, corpulento, de barba abundante e negra, cenho carrancudo e catadura austera, o Gama causava medo à meninada.

No entanto, o mestre de matemática, assim constituido em terror para os vadios e malandros, era, na realidade, uma creatura boníssima, revelando-se, não raro, a sua excelente índole, em lances de uma afetividade ingênua, ou quase poderíamos dizer — infantil.

O caso da homeopatia é a prova evidente do que afirmo.

Tinha o Gama a singular mania de levar nos bolsos, certo número de vidrinhos, contendo, em glóbulos brancos, uns quantos remédios preconizados pelos médicos hahnemanianos. Por via de regra ia o Gama para a sala antes da turma, e, já no seu posto, aguardava a entrada dos alunos e o toque regulamentar da sineta. Quando entravam os alunos, se algum se apresentava abatido, pálido, doentio, o Gama chamava-o à mesa e dizia:

— Menino, você está doente... Que é que você tem, menino?

Aproximava-se o doente, e um grupo de curiosos se formava em torno da mesa, para ver o que sairia dali.

O aluno, como era natural, referia o seu caso, contando que estivera na enfermaria, onde lhe haviam propinado uma dose de purgativo.

— Santo Deus, que pateta! — dizia o Gama. Esse médico do Internato só sabe receitar Rubinat! Você não precisava de purgativo, menino! Olhe! Venha cá!

E, retirando do bolso os vidrinhos, abria dois ou tres, separava uma porçãozinha de glóbulos, e, depositando-os na mão do cliente, aconselhava:

— Tome, de hora em hora, duas bolinhas destas, alternando com estas outras, está ouvindo? — isto é beladona, e isto é briônia, compreendeu? E nada de extravagâncias na comida, ouviu?

O menino agradecia e, depois de haver guardado cuidadosamente a homeopatia do Gama, ia ocupar o seu lugar. Os curiosos punham-se a comentar o caso.

— E' mesmo, doutor Gama. O médico daqui empurra em toda a gente o tal *rubiná!* Se tem dor de cabeça, rubiná! Se é dor nas costas, rubiná! Até para um camarada que quebrou o braço, ele já mandou dar *rubiná!*

—E' um pateta! exclamava o Gama sorridente, condoído pela sorte das vitimas daquele rubinàmaníaco.

Mal batia a sineta, porém, o velho professor transfigurava-se. Não parecia o mesmo. "A seus lugares"! bradava em tom cavernoso. "Sentados! Sentados!" A essa voz, o Mario Newton de Figueiredo, o Domingos de Menezes, o Alvaro Werneck e outros turbulentos irrequietos, corriam para as carteiras.

— Vamos ver os exercícios! anunciava o mestre.

Convem lembrar que o Gama, sistemáticamente, passava, ao terminar a aula, vários exercícios escritos, e queria vê-los, feitos e resolvidos pela turma toda, na aula imediata.

Quem não apresentasse o seu trabalho, podia contar, certo, com um pito e o infalivel grau zero na lista, o que importava em dizer: "privação da saída no sábado!!...

Incurso na negligência, o aluno, aterrado, ouvia a apóstrofe violenta do Gama:

— Santo Deus, que pateta! Não fez o exercício! Não quero saber porquê! O menino tem o seu grau zero!

E tinha mesmo. Não havia argumento, pedido, chôro, pistolão, nada! — que vencesse a inflexivel severidade do Gama. O "pateta" ficava com o *seu* grau zero e tinha, garantida, a privação no sábado, embora nesse dia ou no domingo seguinte ocorressem — por méra coincidência — dois ou tres aniversários e casamentos na família.

Era um horror!

Com o Cândido Botafogo, por exemplo, não havia dúvida! Sempre que ele tinha um grau zero na aula do Gama, ocorria, no sábado um acontecimento de tal relevância em sua casa, que ele não podia deixar de sair! E lá ia, lacrimoso, agarrar-se ao bedel, o velho Machado:

— Seu Machado, por favor!... Eu fico no outro

sábado, mas *neste* não é possivel... Não leve a lista para a Diretoria...

Mas o bedel replicava, inflexivel:

— O' seu Botafogo... Não se podia transferir o batisado do seu sobrinho para o sábado que vem?

Houve mesmo uma época em que um grupo de "patetas" formava no recreio, cordões de aspeto carnavalesco, cantando, com uma toada muito em voga, o seguinte:

Seu Doutor Gama, tenha compaixão,
Que eu tenho fama de ser vadião!
Não me dê zero, doutor Fortunato
Que no domingo *tem* campeonato!

Dizem que êstes versos foram forjados pelo Miguel Pimenta (hoje seu doutor Amaral Pimenta, advogado importante no fôro do Rio) . Só o que posso garantir é que o Quintino do Vale ficava furioso da vida por causa daquele "tem campeonato" com que encerravam a cantilena dos foliões.

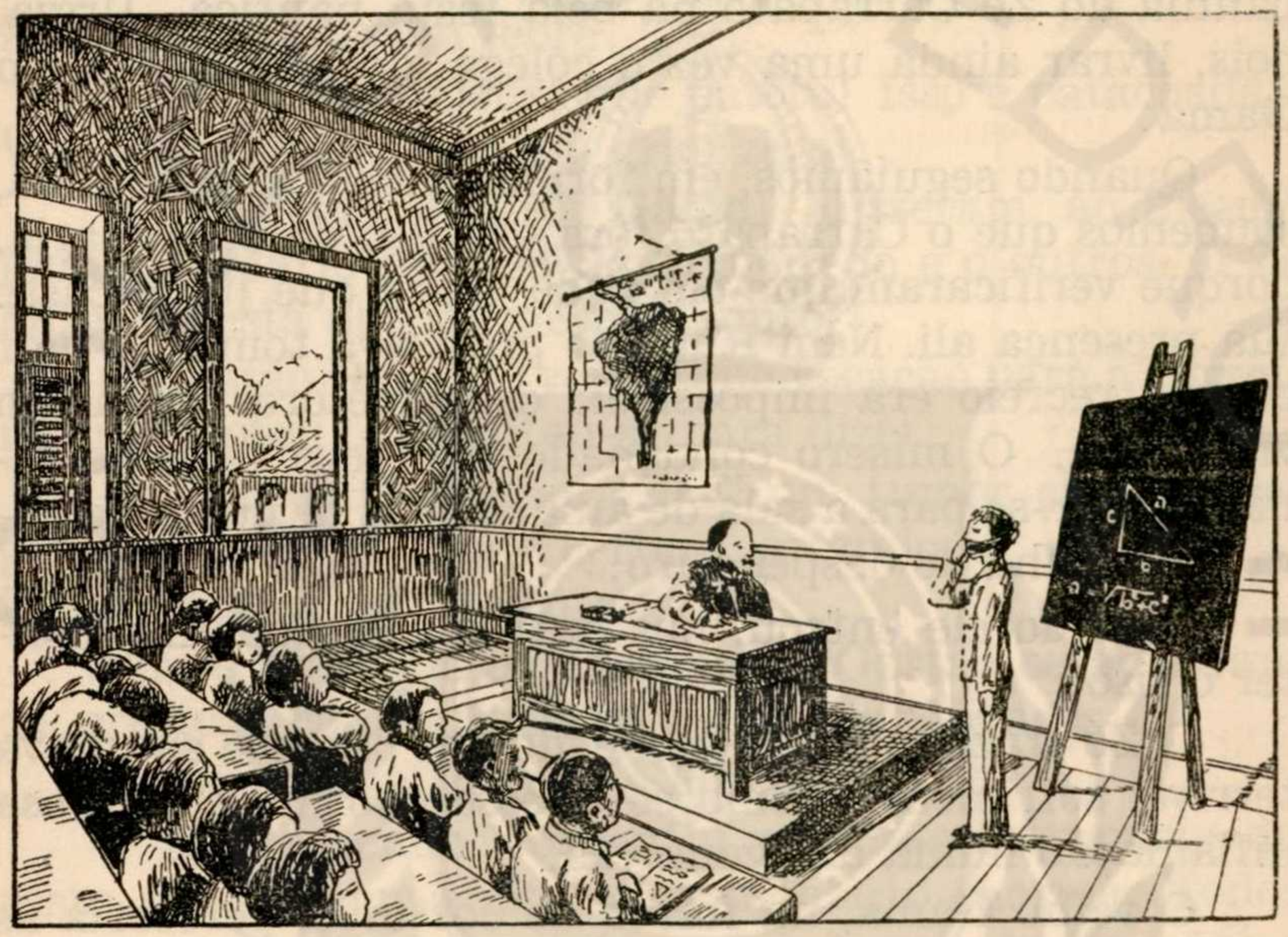
E queria, à viva força, convencer o Gastão Renato, o Mário Newton e outros, de que o correto era dizer *há* campeonato, de acordo com a opinião de vários filólogos eminentes, daquém e d'além mar. O Mário Newton, fanático por esportes em que a bola figurasse (e dizem que até hoje, alto funcionário do Tribunal de Contas, ainda conserva essas predileções), lá queria saber que o verbo ficaria melhor na frase!

Tínhamos, então, um colega, o José de Miranda Barros a quem haviam posto o pitoresco apelido de *Zé Carrapato*

Malandro incorrigível, o Zé Carrapato nunca fez exercício algum dos que o Gama passava. Copiava na melhor hipótese, os exercícios do Luiz Claudio Castilhos, que era, sem favor, o mais forte em matemática, matéria que hoje ensina, com brilho, na Escola Naval. O Luiz de Castilhos e seu irmão Ildefonso eram "forne-

cedores" de cola à turma dos vadios — Gastão Renato, Mário Newton, Zé Carrapato, e outros.

Niguem queria trabalhar com táboas de logarítmos. Pois os Castilhos faziam aquilo tão bem!...



— Vou já arrumar-lhe o seu grau zero!

Ora aconteceu que, em certo mês, todos nós já tinhamos sido chamados à pedra, em lição oral, menos o Zé Carrapato.

O Gama chamava os alunos pela ordem da lista. Assim cada um sabia quando lhe tocava a vez.

O Zé Carrapato, sempre ardiloso, conseguia evitar que o professor o chamasse.

Às vezes *matava* a aula escondido no recreio; de outras, fingia-se doente, e ia para a enfermaria. De onde se conclue que ele preferia tomar Rubiná a ter o "seu grau zero". Mau gôsto!

Daquela vez, porém, não podia escapar. Era a última aula da semana; o Zé seria fatalmente chamado à lição. E, uma vez chamado, niguém o salvaria da nota

má. E o diabo era que no domingo haveria campeonato, ou melhor, (para irritar o Quintino) "tinha campeonato". O Gastão Renato Costa Ramos, (hoje cirurgião dentista dos mais distintos), o Mário Newton, entusiasta dos esportes, não podiam prescindir da companhia do Zé Carrapato na bela festa náutica. Urgia, pois, livrar ainda uma vez o colega do grau zero do Gama.

Quando seguíamos, em forma, para a sala de aula, soubemos que o Carrapato fôra expulso da enfermaria, porque verificaram que ele nada tinha que justificasse sua presença ali. Nem Rubinat precisava tomar. Fugir para o recreio era impossivel: os inspetores andavam vigilantes. O mísero condenado não teve remédio senão dirigir-se para a sala de aula, depois de curta demora na salinha do despenseiro.

Quando ele entrou, nós outros não pudemos conter o riso.

O Zé trazia o rosto envolvido em panos e simulava terrivel sofrimento, como se tivesse enorme e dolorosa inflamação numa das gengivas.

O velho Gama, na forma do costume, percorria as carteiras, e examinava, por alto, os exercícios apresentados. Assim distraido, não percebeu que o Zé havia chegado momentos depois da turma, já iniciada a aula.

Retomando sua cátedra, pôs-se o mestre a rever a lista, a fatídica lista de chamada.

— Senhor José Miranda! Venha à pedra!

— Não posso, comandante... gemeu o Zé Carrapato, mal erguendo a cabeça dos braços.

O Gama era professor da Escola Naval, mas não gostava de ser chamado de comandante, tratamento que alguns imprudentes lhe davam supondo lisongeá-lo.

— Já lhe disse que não quero que me trate de comandante! exclamou o Gama. Eu nunca comandei nem um bote! Venha à pedra, menino!

O Zé erguendo-se a custo, disse, tapando em parte a bôca com a mão:

— Estive na enfermaria, doutor, com uma inflamação... um tumor, aqui... Não pude dormir... Acho que estou com febre...

— Eh! Santo Deus! que pateta! Isso é patacoada... Vou já arrumar-lhe o seu grau zero!...

— Oh! Não! Doutor Gama! disseram, ao mesmo tempo, o Mário Newton de Figueiredo e o outros. O Zé Miranda está doente mesmo, doutor!

O Gastão Renato (vejam que vocação para a carreira que adotou!) levantou-se para dizer:

— Doutor Gama, eu vi! E' um tumor enorme, na gengiva... Tem, com certeza granuloma na raiz... Ele precisa extrair o dente...

Não é atoa que os clientes do Gastão se admiram da presteza com que ele faz seus diagnósticos...

— Quero ver! berrou o Gama.

O Zé, gemendo, consentiu em descobrir parte do rosto. Havia, com efeito, uma inchação enorme. Todos ficaram penalizados e intercederam pelo vadio. Até o Luiz de Castilhos!

Eis aí porque não pôde o Gama arrumar o grau zero no Carrapato. A turma tanto pediu, que ele acabou cedendo. E gritou:

— Sentados! Sentados! Santo Deus, que patetas... Por esta vez, passa... mas na próxima aula, o seu Miranda *tem* de vir à pedra.

Passado o incidente, a aula corria sem alteração. Quando já estava quasi finda a hora, o Gama, porque lhe doesse a consciência, chamou o Mário Newton, deu-lhe umas doses de homeopatia, dizendo:

— Menino, dê este glóbulos a seu colega, para que tome dois de hora em hora.

Nunca se viu, porém, no jogo ou fora dele, o Mário Newton passar bolinhas a ninguem. O que ele fez foi aproximar-se do colega, fingir que lhe falava, e, apro-

veitando um momento de distração do Gama, enguliu todos os glóbulos de uma só vez.

Nisto, ouve-se a voz do Gama:

— O' seu Figueiredo... venha cá... Eu me enganei... O remédio deve ser outro... E' pulsatila, e não trapicória...

E ele próprio ergueu-se da cadeira e foi ter perto do banco do Carrapato.

Nisto, bate a sineta. Estava salvo, o homem do campeonato. O Zé, sem saber que o professor vinha perto, ergueu o rosto afim de verificar se ele havia saido. A surpreza foi geral...

O tumor não passava de um bico de pão, que o Zé furtara na dispensa. Com o tempo, a saliva desfez o pão, que o pobre rapaz não sabia mais como conservar na boca.

O certo é que o Gama encerrou o episódio com esta exclamação ruidosa:

— Santo Deus! Que pateta!... Pois não é que o tumor já diminuiu, gente!

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

VI

Okué Kuér Orápas

— Gente feliz! dizia-nos certa vez o Humberto Flores apontando para alguns companheiros nossos que passaram num bonde, e, de longe, nos acenaram adeus.

Era véspera de um feriado, lembra-me bem. Quase todos os alunos haviam saido. Aqueles eram os últimos. Só ficaram no Internato alguns privados, e os que não tinham família residente no Rio de Janeiro. Eu pertencia ao número dêsses jovens exilados do lar parterno. O Humberto Flores, o Cecílio de Carvalho e o Israel França também.

— Feliz, porquê? indagou-lhe um de nós.

— Você ainda pergunta! São uns felizardos, sim; porque daqui a pouco estarão em suas casas, bem contentes, ao passo que nós aqui ficamos, mofando atoa neste casarão deserto!

Tinha cabimento a observação. Sem os alunos, e portanto também sem os mestres e os funcionários, o Internato dava-nos uma impressão penosa de tristeza e desalento. Para afugentar aquela nuvem de melancolia, nós cantarolávamos, com uma toada muito em voga na época:

Como tarda o belo dia
De rever o doce lar!
E numa doida alegria
Nossas saudades matar! . . .

Seriam talvez umas tres horas da tarde, uma tarde cálida, de outubro.

Nós quatro, porque não tinhamos sofrido privação alguma, gozávamos de certas regalias: podíamos perambular pelos recreios ou mesmo dar um giro pelos arredores, se nos aprouvesse; ao passo que os infelizes retidos por *zeros* ou sanções disciplinares permaneciam a maior parte do tempo numa sala de estudo, sob a fiscalização de um inspetor.

Naquele dia, porém, nós preferimos ficar no salão principal do Colégio, contemplando, de uma das sacadas, o campo de S. Cristóvão. Valia a pena assistir à saída dos alunos.

Enquanto esperavam o bonde, nossos colegas divertiam-nos com ditos chistosos, ou fazendo pequenas partidas uns aos outros. Alguns aproximavam-se da janela gradeada da rouparia e gritavam: — Jacó Bensabá!

Era o apelido do velho roupeiro Vitorino. O nome pertencia ao autor de certa gramática inglesa, adotada pelo Guilherme Afonso; mas alguem metera na cabeça do Vitorino que Jacó Bensabá fôra um judeu que convencera a Judas de que devia trair a Jesus Cristo. Em consequência, o Vitorino ficava possesso quando o chamavam por esse nome execrado; e, vindo à janela, descompunha valentemente os atrevidos.

Depois que se afastou o último bonde conduzindo a meninada, a vista da rua já não nos interessava mais. O Cecilio, alegando uns exercícios a fazer, queria recolher-se à sala de estudo.

— Ora deixe-se disso! exclamou o Flores. Você não sabe que está de serviço o Jacarepaguá Maison?

Referia-se ao Cândido, inspetor da quarta divisão, bom homem, coitado, mas muito cacete. Sua mania, de que proveio o apelido, consistia em elogiar a excelência do clima de Jacarépaguá, remoto subúrbio onde ele estava construindo uma casinha que receberia o nome de "Ma Maison. Se lhe censuravam a escolha desse título, ele se defendia, explicando que não haveria de

incorrer no ridículo cometido por vizinhos seus, que denominaram suas casinhas "Lar de Maricota", ou "Vila Chiquinha". Nada disso! O nome francês era muito mais elegante!

Não querendo conversar com os meninos privados, o Cândido, assim que nos visse, viria dar prosa conosco, exercitando assim a nossa custa a sua atividade como maçador emérito.

— Mas isso aquí também já está ficando *pau*, observou o Cecílio.

— Contudo! Ainda é melhor que aturar o Jacarepaguá Maison. Sempre aparecem umas pequenas bonitinhas, que vêm da Escola Gonçalves Dias... Cecílio!

Esse chamado, e a lembrança das pequenas bonitinhas fizeram com que voltássemos correndo à sacada. Mas o Humberto havia zombado de nossa curiosidade. Quem se aproximava não era uma criatura gentil, mas um sujeito esquisito, alto, corpulento, trajando casaco muito curto, calças listadas e boné de turista, e trazendo uma enorme máquina fotográfica a tiracolo!

Todos nós observamos o tipo que vinha da rua Figueira de Mello. Era um forasteiro, evidentemente; via-se logo, pelo aspeto e pelo trajar. Depois de observar o flanco direito do edifício do Internato, o exótico turista, como quem toma uma resolução, caminhou alguns passos e entrou.

O Humberto propôs:

— Vamos ver quem é êsse sujeito, e o que pretende aqui?

— Vamos!

Não chegamos a descer, porque o estrangeiro já vinha galgando a escada. Ao alcançar o piso, olhou em tôrno, provavelmente em busca de algum funcionário graduado que o recebesse. Trabalho perdido, pois àquela hora não havia ninguem nas dependências da administração. Com efeito, no recinto do Colégio só

estávamos nós, alunos, um inspetor (que era o Cândido) e o pessoal subalterno.

Vendo o nosso grupinho ali reunido, o visitante dirigiu-nos a palavra:

— Good evening, boys! Please, I beg you to show me... May I speack english to you?

E, em seguida a esse introito, pôs-se a dizer várias coisas, com grande embaraço para nós, que, afora a saudação inicial do homem, não percebíamos patavina. Éramos apenas segundo-anistas, o que importa dizer: estávamos começando a aprender o inglês.

O ensino de linguas vivas, naquele tempo, fazia-se pelo sistema clássico, mediante leitura, tradução, versão e gramatiquices. Ao terminar o curso não sabíamos falar o inglês, nem o francês; mas traduzíamos menos mal esses idiomas. A partir da quarta série, nosso estudo de ciências físicas e naturais bem como de lógica e literaturas estrangeiras era feito em compêndios franceses. Atualmente, o tão preconizado método direto, produz resultado mui diverso: o aluno, na melhor hipótese, acaba sabendo pronunciar uma dezena de frases banais, mas não consegue traduzir uma linha do Ganot ou do Richard Green. (Está claro que me refiro ao Ganot, da Física, e ao Green, da História do Povo Inglês, e não aos industriais ou artistas de cinema que com certeza existem com esses nomes).

Mas voltemos ao caso do visitante misterioso.

— Não entendo o que ele quer, disse eu.

— Nem eu, acrescentou o Israel.

O Humberto, que por ser mais alto e um pouco mais velho que nós, gostava de assumir uns ares de chefe do bando, quis meter-se a abelhudo e dialogar com o homem.

— Not speak english! disse ele apontando para o nosso grupo.

— Oh! I'm sorry! deplorou o visitante. Nobody undertands me here, schoolboys, nobody?

— Que diabo ele quer com tanto bode! indagou o Flores. E' pena que o Edgar Brito não tivesse tido zero com o Gama! Só ele poderia tagarelar com êsse tipo.

O estrangeiro disse mais algumas frases cujo sentido nós debalde procuramos apreender. Por duas ou



O estrangeiro consultou um livrinho que trazia no bôlso

tres vezes consultou um livrinho que trazia no bolso; mas não encontrava ali o que queria. De repente o Israel teve uma idéia:

— Vamos pedir que ele *escreva* o que deseja, e nós traduzimos depois, com o dicionário. E' o único meio!...

Eu e o Cecílio aprovamos a lembrança. Arranjou-se papel e lapis, e, por meio de mímica, fizemos sentir o nosso desejo.

O visitante compreendeu, e pôs-se a escrever, usando só letra maiúscula, tipo de imprensa, naturalmente para nos facilitar a compreensão.

— Isso não adianta, declarou o Humberto. Gasta muito tempo. Ah! Eu é que tive uma lembrança estupenda! Vou pedir ao Cândido que me deixe levar este homem à casa do Guilherme Afonso.

O dr. Guilherme Afonso, nosso lente de inglês, morava com efeito na rua Figueira de Melo, não longe do Internato. Dizia-se, sob muita reserva, que ele não falava correntemente o idioma que nos ensinava; mas nunca apuramos o que havia de verdade em semelhante boato.

Enquanto o Flores se ausentava para obter a licença do inspetor de plantão, o homem acabou de escrever o que queria e entregou-nos o papel.

— Creio que já percebi o que ele quer! exclamou o Israel apenas leu o recado.

E mostrou-nos o papel, onde se lia:

I WANT TO GO TO THE NATIONAL
MUSEUM (BOAVISTA PARK) BUT I
HAVE LOST MY WAY; WOULD
YOU KINDLY SHOW ME THE
RIGHT WAY THERE?

Eu e o Cecílio tambem atinamos logo.

— Ele anda à procura do Museu Nacional!

— Isso mesmo! Com certeza não soube saltar do bonde na esquina da rua Pedro Ivo, e veio dar com os costados aqui!

— Exatamente! Olhem: cá está: "Boavista Park"; é a Quinta da Boa Vista. Não é preciso dicionário para se entender isso.

E assim foi, realmente. Eu sabia o que significava "show me"; o Cecílio descobriu o sentido de "kindly", o que nós ignorávamos. O mais nós traduzíamos, ou

adivinhamos. Ficamos radiantes com o êxito de nossos esforços.

O estrangeiro, nesse interim, havia se dirigido para uma das sacadas, esperando que nós traduzíssemos o bilhete, e dalí contemplava o panorama do campo com a mão direita na testa, protegendo os olhos contra o sol, numa atitude imponente de Leif Erikson. Estudamos, de colaboração, a frase que devíamos escrever em resposta, e saiu isto:

WE THREE WILL GO WITH YOU TO
THE MUSEUM NATIONAL OF THE
BOAVISTA PARK IT IS NOT DISTANT
OF HERE, BUT WE MUST GOING
SPEAK TO MISTER CANDIDO
JACAREPAGUA' MAISON, INS-
PECTOR OF THAT COLLEGE.

Ao ler nossa resposta, o forasteiro mostrou-se satisfeito, e, começando por vários "all right!", disse-nos uma série de amabilidades, que evidentemente não compreendemos. Enquanto falava, tirou da caderneta e entregou-nos um cartão de visita com estes dizeres:

VIRGIL C. DIBBLE, JR.
Attorney
70, Wentworth Street
Charleston, S. C.

Eu ia procurar o Cândido, quando este apareceu no salão. Tinha deixado o Humberto tomando conta da turma de privados, e viera tomar conhecimento do caso.

— Já descobrimos o que êste senhor deseja, explicamos. Quer ir à Quinta; mas extraviou-se por aí; e nós vamos mostrar-lhe o caminho.

O inspetor Cândido, homem de escassa cultura, quis intervir no caso, e meteu-se a dizer ao estrangeiro:

— O senhor Mister procura a Quinta da Boa Vista Vai ao Museu Nacional?

— Oh! Yes! exclamou Mr. Dibble.

— Mas já é um pouco tarde para ir lá, meu caro amigo!

O Cândido não seguia o sabio conselho de Socrates no tocante à amisade. Tratava a todo mundo de "meu caro amigo". No caso, porem, a amabilidade não surtiu efeito algum. Mr. Dibble não entendeu a observação, e limitou-se a dizer:

— Oh! Surely... I thank you very much!

— Suponho que é tarde para ir à quinta! repetiu o inspetor em voz mais alta.

— Very well! Very well! Let us go, boys!

Vendo que o estrangeiro se preparava para sair, e, com o gesto, nos convidava a cumprir o prometido, o Cândido insistiu:

— Mas, meu caro amigo, já são tres horas!

Mr. Dibble não entendia, mesmo. Era escusado. Tirou do bolso o guia de conversação, folheou-o, fixou o olhar em certa página, e, dirigindo-se a nós mas indicando o inspetor, leu:

— Okué kuér orápas? Okué kuér?

Isso era grego para nós. A situação tornou-se embaraçosa. Debalde ele repetiu a frase: não atinamos com sentido dela.

— Meninos — disse-nos o Cândido — não estou gostando do aspeto desse sujeito. Vocês não devem sair com ele. Que se arranje!

— Mas, seu Cândido, nós já prometemos! Ele é um homem direito! Já nos deu o cartão! Como havemos de mandar embora assim? Não ficaria bem...

Mal humorado, o Cândido transigiu:

— Nesse caso façam o que quiserem. Eu não assumo a responsabilidade. Mas acho que vocês devem levá-lo pelo largo da Cancela só até o portão da Quinta. Esperem pelo Flores: quero que ele vá tambem.

O final do caso nem merece ser contado, porque desde logo se adivinha.

No dia seguinte ao feriado, fomos chamados ao gabinete do vice-diretor. Lá fomos ter. O Trindade recebeu-nos com um ar sério e compenetrado.

— Que história é essa do turista que saiu com vocês ante-ontem?

Referimos o que se passou, sem quebra da verdade. Mr. Dibble era um cavalheiro distinto; esforçou-se por se fazer compreendido por nós durante o percurso. Na Quinta, manifestou o seu entusiasmo pela beleza do parque, em frases que adivinhamos serem expressões da mais viva admiração. Percorremos com ele o Museu, um pouco às pressas, pois às cinco horas fechar-se-ia o estabelecimento. Tivemos sorte, porém; porque encontramos um funcionário amável, que sabe falar o inglês...

— ...e foi na sala dos animais raros! disse o Humberto maliciosamente.

O qual funcionário aderiu a nosso grupo, e acabou tomando conta de Mr. Dibble, que se mostrava satisfeitíssimo com as informações recebidas em seu idioma natal. Em vista disso, despedimo-nos do amaval americano, que, se confessava muito agradecido, tendo anotado em sua caderneta os nossos nomes.

— Pois, não obstante, o inspetor Cândido queixou-se de que o estrangeiro o desconsiderou na presença de vocês, tratando-o de "rastacuera". Realmente, é o caso! — ele tem toda a razão!...

— Mas, doutor Trindade, o sr. Cândido está enganado. Mr. Dibble não o desconsiderou, tal. Ele nos explicou isso depois, mostrando-nos no guia de conversação a frase que queria dizer. Em inglês era: What do the boy want? Mas ele quis ler a frase em português, e disse: "okué kuér orápas?

— E o que significa isso?

— E' "o que quer o rapaz?"

Nosso depoimento tranquilizou o dr. Trindade. O caso acabou bem. Melhor ainda, do qus supunhamos, pois meia hora depois dessa conversa, fomos novamente chamados ao gabinete do chefe de disciplina, e ali recebemos quatro pequenos volumes que nos eram destinados. Que agradável surpreza! Cada um de nós ganhara uma linda latinha de biscoitos sortidos, de fabricação inglesa, doces finíssimos que nós saboreamos, às escondidas, para evitar o "avança" do Carrão, do Lambert, do Brito e outros famintos contumazes, renitentes e impenitentes, que "farejavam" essas preciosidades. Era uma lembrança do agradecido M. Dibble, já de partida para o Rio da Prata, se bem me recordo.

E o mais curioso é que o nosso Cândido teve, tambem, a satisfação de receber o seu presente, no mesmo gênero. Não vimos quando lhe foi entregue; mas o bedel nos contou que ele só não gostou muito da dedicatória, aliás bem legível nos seguintes termos:

To MR. JACARÉPAGUA' MAISON

Gratefully

VIRGIL C. DIBBLE JR.

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

VII

As primeiras aulas do Quintino

Mesmo sem possuir o dom da profecia, o mais obtuso observador poderia, há trinta anos, prever e anunciar que o nosso colega Quintino do Vale seria professor. E mais ainda: que seria um professor dos bons, isto é — dos que se apaixonam pelas coisas do ensino, exercem o magistério com entusiasmo, e se interessam realmente pelo progresso moral e intelectual do discípulo.

Com efeito, o Quintino cursava ainda o segundo, ou o terceiro ano do Internato, e já tinha os seus primeiros alunos. Havia sempre (naquele tempo, como ainda hoje há) nas turmas de primeira série uns garotinhos quase analfabetos que obtinham ingresso no Colégio não se sabe como, e que por isso mesmo não dariam conta do recado se não tivessem explicadores particulares. Em regra esses repetidores eram alunos das últimas séries, que não tinham vocação alguma para o magistério, e desempenhavam a incumbência a contragosto. Nesse caso, limitavam-se a fazer os exercícios escritos dos pequenos discípulos, encurtando o mais possível as aulas, que sempre lhes tiravam uma parte do tempo destinado ao recreios. Em aula, os garotos revelavam total ignorância da matéria, contrastando com a perfeição dos deveres, que apenas haviam copiado. O resultado era o fracasso completo.

Com o Quintino tal não acontecia. Ele se esforçava deveras pelo adiantamento dos meninos. Criou fama de bom explicador, e por fim já não tinha mãos a medir. Todas as mamães aflitas de garotos ameaçados de bomba no fim do ano, lá iam instar com o nosso companheiro, para que lhes evitasse tão amargo dissabor. E era um gosto ver como o Quintino sabia atender, com elegância irrepreensivel, a tão ansiosas solicitações.

Assim, o "engenho nele madrugou cedo, como quem tinha jornada larga a fazer". No princípio, porém, sendo o nosso amigo um simples terceiro-anista, ninguém tomava a sério as "aulas" que ele dava, já com ar solene de *"herr professor"*, a seus pequeninos discípulos. Os "penetras" perturbavam-lhe o trabalho; os apartes e as piadas choviam. Quando perdia a paciência, o Quintino armava-se de uma táboa; sim, uma enorme táboa de logarítmos, e corria dali com os importunos. Já se sabe: havia sarilho grosso, carteiras que tombavam, intervenção do Ferreirinha ou do Barbosa... e, quando o Quintino procurava pelos alunos para recomeçar a explicação, eles já se haviam eclipsado.

A sala destinada às aulas dos explicadores tinha uma ou duas janelas dando para o recreio lateral. De quando em quando caia uma bola de papel sobre o caderno que o Quintino corrigia, ou batia no quadro negro precisamente quando o garotinho alí procurava, debalde, o objeto direto de um verbo transitivo. Tudo eram brincadeiras de mau gosto do Felix Martins Sampaio, do Alberto Silvares ou do Baltasar da Silveira, interessados em que o Quintino encerrase logo a aula e fosse jogar bola com eles.

A mania ensinativa do Quintino não podia passar despercebida aos autores dos "Ginasíadas". Entre outras referências, no canto em que se descreve o velho edifício do Colégio, encontra-se o seguinte:

Nesta sala é que o Quintno
Com ar grave e doutoral,
Passa um pito no menino
Que não acha, em desatino
Uma oração principal!

E assim grita: "Com efeito!
Não se pode tolerar;
Isto até que não tem jeito!
Ou você acha o sujeito,
Ou hoje não *vais brincar!*

O solecismo, evidentemente, foi posto ali por malícia do Mário Leal, ou do Souza Pinto, porquanto o Quintino não incorreria em semelhante cincada. E a prova disso está numa das humoradas insertas na coluna: "Casos do Dia", da "Vida de Hoje", em abril de 1904:

O Souza, ao Pedro Quelé
Assim a berrar ouvi:
— Eu já te disse a você
Que lhe dou parte de si!
Pum! Que susto! Qualquer coisa
Com estrondo ao chão tombou.
— Que foi? Que foi? grita o Souza.
— O Quintino desmaiou!...

Nesses gracejos havia, sem dúvida, uma forte dose de represália. O futuro professor não perdia ensejo de zurzir os colegas com suas piadas ferinas, sátiras e trocadilhos oportunos. As vítimas pagavam na mesma moeda.

Não só na "Vida de Hoje", como no "Juvenil", que ele dirigia, divulgava o Quintino tolices sem conta e versalhadas impagáveis cuja autoria se dava como sendo de vários colegas nossos. Quando morreu o papa Leão XIII, em julho de 1903, o "Juvenil", publicou um trecho de discurso atribuido a Ismar Grey Tavares, que

o teria pronunciado na sessão solene em homenagem ao grande pontífice da "Rerum Novarum". Começava o discurso assim: "E' chegado o momento solene em que o povo cabisbaixo vão orar". E seguia-se uma catadupa de asneiras colossais, recheiadas de latim macarrônico. O Grey Tavares protestou, energicamente, asseverando que não havia dito aquilo. Vão protesto! Seu discurso foi longo tempo lembrado como exemplo perfeito e acabado do gênero "bestialógico".

O Mário Leal Netto dos Reis, "cujo nome o "Juvenil propôs que se simplificasse para Mário Leal Principe, preparava um livro de versos, que pretendia publicar sob o título "*A Vereda do Abismo*". Os versos do Mário Leal, (tambem conhecido pelo apelido de Barão Barbicas), eram abomináveis. A tal respeito saiu, com uma caricatura horrenda do autor, a seguinte paródia:

A Europa curvou-se ante o Brasil,
E clamou: "Condolências meu irmão!
Sumiram lá do céu várias estrelas
E surgiu, como poeta, o tal Barão!

— Explique-me isso, seu Quintino, disse alguem. Porque "sumiram" as estrelas?

— Ora essa! Pois você não sabe que "Quando uma virgem morre, uma estrela aparece"?

— Sei. Isto é do Bilac.

"Nova, no velho engaste azul do firmamento"

— Pois é. Havendo muitas estrelas assim inocentes e pudicas, com a publicação da versalhada do Mario elas fogem para outras bandas...

Claro que o Barão Barbicas nunca perdoou ao Quintino a contra propaganda que este lhe fez da "Vereda do Abismo".

Eis aí a razão por que toda gente gostava de troçar com o diretor do "Juvenil" quando ele dava suas aulinhas aos principiantes. O José Botelho dos Reis um dia invadiu, com vários outros, eu, inclusive, a sala de aula, e disse:

— O' Quintino, você passa, aqui no Internato, por grande sabedor da sintaxe: pois bem; eu venho lhe pedir a opinião sobre um caso complicado, e talvez consiga provar que você não sabe qual é o sujeito, nem o verbo, nem os objetos de umas quantas orações.

— Não é possivel, Botelho, disse eu.

— Não tenho a pretensão de ser infalivel, replicou o Quintino. Mas vamos ver isso!

— Pois vamos ver!

E o Botelho escreveu, no quadro negro:

O OBJETO FERIU AQUELE SUJEITO

— Seu Quintino, faça o favor: qual é o sujeito nesta oração?

— E' "O objeto".

— E o objeto?

— E' "aquele sujeito".

— Eu não dizia! exclamou o Botelho. Um camarada que quer ensinar a toda a gente, e que diz que o sujeito é o objeto, e o objeto é o sujeito!

Os garotos a quem o Quintino dava aula já estavam com as idéias perturbadas.

— Ora deixe-se de tolices! resmungou o Quintino.

Enquanto isso, o Botelho escrevia estas frases:

NÃO ME SUJEITO A ISSO!

O VERBO E' IRREGULAR.

— Menino! disse ele, dirigindo-se a um dos pequenos. Qual é o verbo naquela oração?

— E' "sujeito"...

— E qual o sujeito da outra?

— E' "O verbo".

— Ora aí está o que estes meninos aprendem com o Quindoval! "Sujeito" é o verbo; e o "verbo" é o sujeito! Que trapalhada!

Nesta altura, antes que entrasse em ação a táboa de Callet, os importunos "deram o fora".

A "Vida de Hoje" colecionou uma série de casos jocosos ocorridos durante as aulas do Quintino. Não

creio na autenticidade de nenhum deles; mas vejamos alguns, fornecidos pelo Djalma Leite de Castro:

— Menino, passe para a passiva:
"EU MATEI O GAFANHOTO".

— "O gafanhoto me matou".

— Há vestígios do gênero neutro em português?

— Sim senhor; por exemplo: masculino, homem; feminino, mulher; neutro, cadaver.

— Ponha em tratamento familiar, comum, a frase:
"VÓS SABEIS QUEM SOIS?"

— "Você sabe quem tu és"?

— Na frase: "eu sou amado", quem é que sofre a ação indicada pelo verbo?

— Nenhum dos dois...

Só um dia eu vi o Quintino atrapalhado. Ele preparava dois ou tres meninos da segunda série para a aula do Silva Ramos. A lição constaria de leitura, interpretação e análise da poesia "A lua de Londres", de João de Lemos. Casualmente estávamos na sala eu, o Botelho Reis, e o Fernando Petronilho. Um dos meninos, depois de ter lido a primeira estrofe, teve ordem de explicar o sentido da mesma. Nós começamos a nos interessar pelo caso e formamos um grupo em tôrno da mesa.

— Seu Quintino, disse o garato, eu não entendi isto.

— Ora esta! exclamou o jovem mestre. Não entendeu! Mas não vejo dificuldade alguma no texto! Uma estrofe tão bonita! Ouçam lá:

"E' noite... O astro saudoso
Rompe a custo um plúmbeo céu;
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, úmido véu...
Traz perdida a côr de prata;
Nas águas não se retrata
Não beija do campo a flor...

Talvez por ter sido aluno do Silva Ramos (que, embora brasileiro nato, falava com acentuado sotaque lusitano) — o Quintino se habituou a ler por essa forma tudo o que fosse prosa ou poesia de autores portugueses. O "número" de maior sensação, que nos fazia quasi arrebentar de riso, era a estrofe de Camões, no final do grande poema, estrofe que ele declamava com pronúncia lusa e em tom de chôro lastimoso:

No mais, musa, no mais... que a lira tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida...

Mas voltemos ao caso. Disse o Quintino:

— Tudo tão simples... Que é que você não entende aí?

O menino explicou, timidamente:

"Traz perdida a côr de prata"...

— Mas que tem isso?

— Tem que se a luz traz a côr de prata, ela não está perdida...

— Mas o poeta dá a entender claramente que a lua *perdeu* a côr de prata...

— Neste caso não *traz*. Quem *perdeu* alguma coisa não pode *trazer* esta coisa...

— Ora aí está! disse o Botelho. Seu Quintino, você agora se *estrepou*. Vamos! Destrinche isto!

E o Petronilho:

— Você disse que não há dificuldade alguma! Explique isto agora!

O Quintino nunca se dava por vencido em questões de vernaculismo. Releu a estrofe, e explicou, em tom solene:

— E' preciso ser muito *curto* para não entender uma coisa tão simples. Na expressão *"traz perdida a côr de prata"*, o poeta quer dizer que a lua devia *trazer* a côr de prata, mas, visto que a *perdeu*, traz o seu frontespício (lá dela) sem a côr que está *perdida*, razão porquê ela, lua, não traz, mas que traria, no *condicional*, — ou

viram bem? — se não tivesse perdido; logo temos de desdobrar a oração reduzida. E' um caso banal de silépse de sentido. Eis a minha opinião.

No dia seguinte, o Botelho interperlou a respeito, o Silva Ramos, e o saudoso mestre explicou:

— A expressão é expletiva e algo contraditória. Um cochilo do poeta...

Quandoque bonus, dormitat Homerus...

Vejamos agora o caso em que o Quintino tentou, em vão, salvar da bomba um colega nosso, dando-lhe cola durante o exame oral, proesa que causou indisivel escândalo na assistência.

Por volta de 12 de outubro de 1903, aniversário do descobrimento da América, apareceram no Internato tres novos alunos, os irmãos Edmundo, Roberto e Ernesto Jordão. Vinham transferidos de um colégio fluminense que se fechara. O mais velho cursava o quinto ano, o imediato, o terceiro, e o mais moço o segundo. Como naquela época do ano não havia matrículas nem transferências, a entrada desses adventicios foi recebida com geral surpresa.

Os tres irmãos, certamente com receio de *trotes*, andavam nos recreios, sempre juntos. Suponho que dessa circunstância proveio o apelido que a princípio lhes puseram, de "Santa Maria, Pinta e Niña". Ninguem lhes deu trote algum. O *trote*, essa barbaridade medieval, estava quase banido do Internato em nosso tempo. Só nos primeiros dias do ano letivo, os novatos se viam forçados a dansar ou declamar, no meio de rodas que se formavam em jocosas tertúlias, onde abundavam os ditos chistosos. O trote físico, que se traduz em maus tratos, nós considerávamos uma brutalidade covarde e estúpida. Se alguem tentasse praticá-la, ficava com o apelido de "burro trotão".

Ao contrário, todos queriam auxiliá-los nos estudos, para que logo se aclimassem ao novo *habitat* cole-

gial. E os Jordões depressa se fizeram excelentes camaradas nossos.

O Ernesto era o mais fraco e o menos estudioso dos tres. O Quintino tomou a seu cargo ensinar-lhe alguma coisa até o fim do ano, afim de ver se salvava o pobre "Nina" de um naufrágio no exame de português.

Persuadido, porém, de que o rapaz não ia lá das pernas, por absoluta falta de base, e insuficiência dos estudos anteriores, resolveu o nosso amigo, já nas vésperas do exame, procurar o boníssimo mestre, o velho Silva Ramos, e expôs-lhe a situação especial do seu protegido.

— Está *baim,* disse o ilustre filólogo em seu sotaque lusitano. Está *baim!* O rupaz que entre em *ato,* sem *rruceio,* que eu *saberei encaminhaire* o interrogatório de modo que ele se saia *baim.*

Não contente com essa valiosa promessa, o Quintino, na horinha do exame oral do colega, foi-se postar na cadeira mais próxima, afim de, em caso de necessidade, prestar-lhe um auxiliozinho generoso.

O Silva Ramos, cumprindo sua promessa, formulou uma pergunta facílima. Uma pergunta de escola primária:

— Diga-me *m'nino!* — como se chamam as *palavras cunforme* a posição do respectivo acento tônico?

— Ernesto não sabia. Ouviu-se na sala um *oh!* de admiração. O mestre renovou a pergunta. Nada. Aflito, o Quintino curvou-se todo, e, oculto dos olhares da mesa pelo próprio corpo do examinando, soprou a *cola*:

— Oxítonos... paraxítonos... proparoxítonos...

O Ernesto não ouviu bem; só apanhou as últimas sílabas da palavra. Na dúvida, procurou reproduzir só o que ouvira:

— ...csítono... aãáesítono... appapácsítono...

— Hein? perguntou o professor. Não entendi. Repita lá.

E inclinou-se sôbre a mesa, com o fim evidente de ouvir melhor.

O Quintino repetiu a cola, naturalmente em voz um pouco mais baixa. E o Ernesto, tornou a dizer também mais baixo:

— Csítonos... csítonos... csítonos...

— Que diz *bocê?* indagou o Silva Ramos. Não entendi, *m'nino!* Vamos, diga de novo!

E, erguendo-se, colocou a mão esquerda em concha sôbre o pavilhão da orelha, para ouvir ainda melhor. Está claro que o Quintino se viu forçado a reduzir o tom de voz, dizendo baixinho ao Ernesto:

— Oxitonos... paroxítonos... proparoxítonos...

E o Ernesto, também de modo quase imperceptivel:

— csítono... csítono... csítono...

— Desisto de *oubire!* exclamou, desanimado, o velho Silva Ramos. Quanto mais eu me apróximo de *bocê*, mais baixo *bocê* fala, homem!

E o caso é que o Quintino não salvou o "Nina" do naufrágio!

LADAH
Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

VIII

Porque o velho chorava

Quando voltei de minha terra, findas as férias, para cursar o quarto ano, tive uma série de surpresas, quase todas agradáveis. Conheci de perto vários professores e, portanto, várias disciplinas novas: o velho Matoso Maia, de História; o Meschick, de alemão; o Noronha, de grego; o Menezes, de física; e o Oliveira Belo, de História Natural. A todos eles farei, se já não fiz, referências nestas crônicas. Por agora quero relembrar algumas ligeiras passagens em que figuram os nossos inspetores.

Posto que eu não me salientasse pela estatura, puseram-se na primeira divisão dos maiores, em atenção a meu adiantamento. Aceitei, sem protesto, a transferência, ao saber que todos os quarto-anistas lá estavam comigo, inclusive os irmãos Luiz e Ildefonso de Castilhos, meus inseparáveis companheiros de estudo, bem assim o Quintino, o Enoch, e o Cecílio, e outros, meus cúmplices nos tentames jornalísticos e literários.

O dr. Trindade destacou, para a primeira divisão, dois inspetores sofrivelmente impopulares: o Cândido e o Souto. Aquele era citado pelos apelidos de Graxeiro e de Jacarepaguá-Maison. O Souto, muito magro, cadavérico, tornou-se conhecido por Cão Faminto. Dizia-se que não tinha família. Minava-o, talvez, a tuberculose, de que um leigo em medicina logo suspeitaria no *facies*

encovado, na elevação dos ombros, e no olhar sombrio. Não sei que politico sem entranhas nomeou aquele homen para um cargo tão penoso e ingrato, certo de que o faria comer no colégio um dia sim, o outro não, mas sem lhe ocorrer que morreria de fome nos dias intercalares.

Ninguem, na divisão, queria saber dessas coisas. Faziam-se todas as partidas possíveis ao Souto, como ao velho Oliveira, ao Souza, ao Barbosa. Seja dito, a bem da verdade, que eles não nos poupavam. Choviam as "partes" e as privações de saida. Eu próprio, que desfrutava fama de bem comportado, mais de uma vez perdi o recreio, retido na sala com a turma toda, em consequência de alguma besourada, ou brincadeira de mau gosto em que não havia tomado participação alguma.

Uns quantos (suponho que o Lambert Coelho, o Carrão e o Enoch eram da quadrilha) — costumavam introduzir-se no dormitório antes do chá, afim de pesquizar pelos baús da pequenada, em busca de gulodices. Eram os "Isanusis" — nome proveniente da farejadeira mais arguta do rei Tuala, nas "Minas de Salomão". O chefe dos farejadores no Internato, era o Lambert Coelho.

Quando não achavam coisa nenhuma, os isanúsis, para não perder o tempo, davam nós nas mangas de uma porção de camisolas de dormir. Devo declarar que eu me ria a mais não poder quando via as vítimas da brincadeira, furiosas da vida, em ceroulas, tentando em vão desatar os nós com os dentes. Principalmente o Gastão Renato e o Octacilio Paranhos da Silva, que subiam ao dormitório com sacrifício, já caindo de sono.

Um dia aconteceu isso no plantão do Souto. O homenzinho mostrou-se indignado por não ter surpreendido os autores da proeza. No dia seguinte, ao transferir a turma ao Cândido, queixou-se amargamente, e, reiterando o que dissera no dormitório, pela manhã, amea-

çou privar a divisão inteira de saida se o fato se repetisse.

— Pois comigo ninguém se atreve a fazer outro tanto! gabava-se o Cândido. Eu sou finório! Já soube de tudo, meu caro amigo! Já pedi ao Vitorino que não abra o dormitório para ninguém, a menos que esse ninguém esteja em minha companhia! O Seixas e os serventes já foram avisados.

O Jacarépaguá-Maison esforçava-se por falar bem, mas... coitado! — dizia cada tolice de estarrecer. Eu fiquei com as idéias atrapalhadas ao pensar como seria possivel "ninguém" entrar em algum logar em companhia de "alguem"...

Voltando-se para nós, dizia o Cândido: "Se os meus caros amigos querem andar direito tudo vai bem! Eu já vos disse, a todos vocês: se isso continua, arrumo-lhes uma parte "monstra", e os meus caros amigos vão ver o que é uma privação... e ninguém terá uma horinha de folga para não fazer nada!

Nós nos entreolhamos. O Enoch trocou umas piscadelas de inteligência com os outros isanúsis-camiseiros. Eu, por minha vez, desconfiando daquele telégrafo sem fio, franzi a testa para cima, com quem pergunta: "Que há?"...

Dali a um minuto apareceu misteriosamente sobre a minha carteira este recadinho anônimo:

"M. S. Hoje a coisa vai ser completa. Tenha paciência: nem a sua escapará. Prepare-se para escrever uma bruta crônica para a "Vida de Hoje".

E, mais abaixo, esta pergunta:

"Você tem bons dentes?".

Num dos intervalos de recreio expús minhas dúvidas ao Enoch.

— Vocês hoje não arranjam nada. Todos os dormitórios estão fechados, e os serventes têm ordem do Seixas de só os abrirem quando o inspetor entrar, na frente da divisão.

— Logo mais você verá.

E vi mesmo!

Quando o Cândido, à noite, entrou vitorioso no dormitório, e cada aluno correu para a respectiva cama, foi grande a surpresa geral. Todas as camisas estavam amarradas, e os nós muito bem dadinhos.

Choveram as queixas, os protestos, as reclamações:

— Isso é um absurdo!

— Não pode continuar assim!

— Seu Cândido! E' preciso providenciar!

— Que brincadeira idiota!

— Nem dormir a gente consegue nesta casa! lamentava o Octacílio.

Um dos que mais protestavam era o Lambert. Em trajes menores, envolto num lençol, e trepado na cama, dizia em tom de discurso, lembrando um orador ateniense, em plena ágora, apostrofando o povo:

— Se eu descobrir quem faz essa brincadeira, eu denuncio, ouviram? Queixem-se depois de falta de coleguismo!...

O Cândido, coitado, nunca pôde explicar o caso. Eu tive a solução do enigma enquanto escovava os dentes. Ouvi muito bem o Enoch dizendo ao Quintino, como haviam conseguido aquilo. Para que ninguém mais ouvisse, o Quintino produzia, com a escova, um ruido semelhante ao engrolar da lingua dos papagaios, habilidade que todos nós admirávamos. A coisa fez-se muito simplesmente, de manhã cedinho, logo que a turma desceu para o café, ainda sob a guarda do Souto. O Lambert, escondendo-se jeitosamente, deixou-se ficar no dormitório, e, iludindo o servente que fazia as camas, conseguiu amarrar todas as camisolas, a pretêsto de procurar a dele, que se havia extraviado. Quando ele desceu, para filar o café na mesa dos menores, já o trabalho estava concluido.

— Não continuo com os senhores, disse-nos o Cândido no dia seguinte. Não quero castigar os inocentes, "que não fizeram nada"; mas também não quero ser desrespeitado. Fiz um esfôrço "teutônico" para corri-

gir a turma; não consegui. Paciência. Já pedi ao diretor que me dê outra gente.

— Ora... seu Cendido, disse o Botelho... aquilo, afinal, não é falta de respeito ao inspetor... E' uma



O inspetor During.

pilhéria que os alunos fazem uns aos outros. Isso de amarrar camisas, ou meias, é uma mania, que há de passar...

— Sim... mas quem fez isso, também me furtou um pedaço de bolão de fubá que eu guardei no meu camarote...

— Com efeito...

— E puseram miolo de pão molhado no fundo da minha botina... Quando fui calçar, fiquei nauseabundo...

— Nauseabundo?!

— Sim... pensei até que fosse outra coisa pior! Ah! mas eu estou vingado. Vocês agora vão aturar o During, — ouviram? — e o Souza. Com o During vocês vão sofrer. Nunca vi provérbio mais certo do que êste: "Atrás de mim virá, quem também me fará".

— Isso é de Camilo Castelo Branco ou de Júlio Verne? atalhou o Jorge Esteves, que não perdia essas ocasiões.

— Não sei. Nunca perdi tempo a ler esses filósofos...

Já descrevi, noutra página, o tipo do During. Velho, escuro, corcunda, barbado, muito feio, o pobre homem. Sempre de luto pesado.

Como se isso não bastasse, era taciturno e melancólico. Todos nós já o conheciamos como inspetor. O Cândido não deixara de ter razão: com a mudança do vigilante, mudou o procedimento da turma. O During não ralhava, não se irritava, quase não se movia. Mas niguem transgredia as norme disciplinares, porque ninguem queria ser visado por aquele olhar profundo de uns olhos vesgos, que nos pareciam contemplar de um mundo longinquo e misterioso.

Vingava-se a turma com o Souza. Não havia brincadeira que não fizessem para atazanar o excelente homem. No banho, ou no refeitório, se o Souza trajava aquelas famosas calças brancas, era certo sair todo encharcado, ou engordurado.

Com o velho During tudo mudava.

Um dia perguntei ao Botelho Reis:

—Porque será que vocês não tomam a sério o Souza, que é gritador, e ninguém dá um pio com o During que é o mutismo em pessoa?

— Pois você não sabe? E' que o During, quando se vê forçado a castigar um aluno, passa o dia chorando.

— Chorando?!

— Tal e qual. Não se sabe a razão. Mas ele chora, silenciosamente, imóvel... as lágrimas caem-lhe pelo rosto e gotejam da barba. Há quem diga que ele chora de raiva, pela impossibilidade de sugigar o camarada.

— E você acredita nisso?

— Para usar de franqueza, não sei... Para mim esse homem é uma esfinge. Ninguem sabe da vida dele... Não faz confidências a quem quer que seja...

O mistério agravou-se por ocasião da visita do presidente da República ao nosso colégio.

Organizara-se uma sessão solene comemorativa da reinstalação do Internato. Uma comissão de alunos, de que faziam parte Quintino do Vale, Mário Polo e Felix Sampaio, foi ao Catete afim de convidar o Chefe do Estado. Um oficial de gabinete recebeu os jovens estudantes e prometeu-lhes que transmitiria o convite.

Ao aproximar-se a hora da festa, ainda todos nós supúnhamos que o presidente se limitasse a enviar um representante. Aguardava-o, na portaria, a comissão especial de recepção. No entanto, com grande surpresa nossa, aproxima-se a carruagem presidencial, e dela salta, todo sorridente, o dr. Rodrigues Alves em pessoa.

—Senhor presidente, disse o diretor (que era, então Leoncio Correia) — a visita de V. Ex. é uma grande honra para o Ginásio...

— E' um grande prazer para mim, retificou o presidente. Venho matar as saudades... Bem sabe que fui aluno do Internato...

Assim falando, depois dos cumprimentos do estilo, o eminente estadista subia a larga escada, enquanto o saudavam, com palmas, alunos postados em alas, de um e de outro lado, nos degraus.

Ao atingir o piso superior, viu Rodrigues Alves o velho During, entre outros funcionários, junto ao gradil de madeira. Dirigiu-se para ele, e apertou-lhe a mão, afetuosamente.

— During!... pois você ainda trabalha aqui, meu velho?

— Sim, "zenhor" presidente, murmurou, comovido, o modesto serventuário. E o senhor ainda se recorda?

— Mas como não, meu amigo? Por tantos anos você inspecionou minha turma! Porque ainda não requereu aposentadoria, During? Você já deve ter direito!

— Senhor presidente, exclamou o During, — claudicando em sua pronúncia ciciante — se quer fazer-me um grande favor, consinta em que eu continue a servir aqui, embora velho e doente... Tenho amor a esta casa, senhor Rodrigues Alves, e desejo ficar por aqui enquanto Deus me der vida...

— Está bem, meu velho... Está bem.

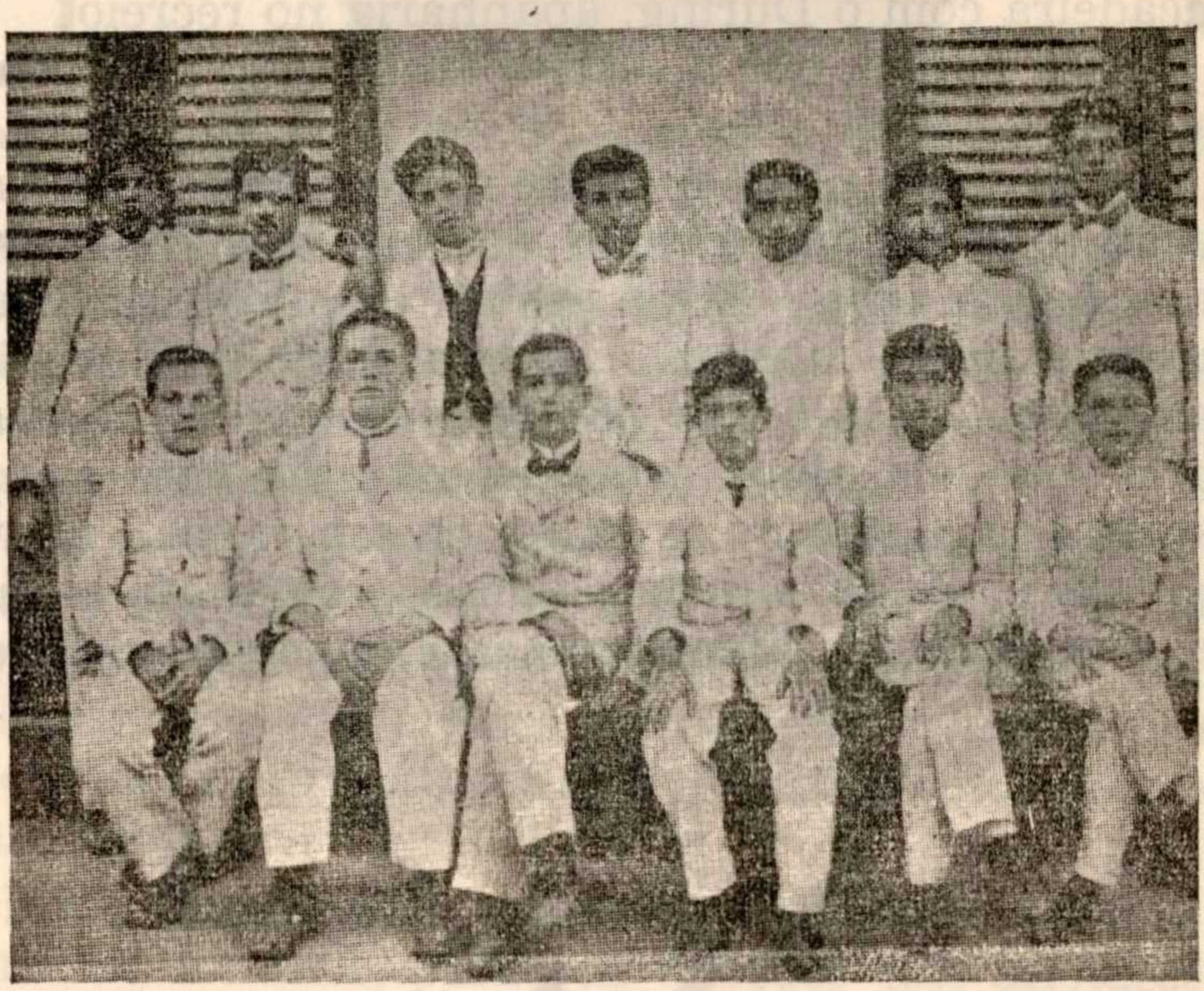
Aí findou o rápido diálogo. Cercado por gente importante, o Chefe da Nação, ou melhor: o ex-aluno Francisco de Paula Rodrigues Alves foi presidir a solenidade.

Profundamente comovido, evitando perguntas e olhares curiosos, o velho inspetor afastou-se dali. Houve, porém, quem o observasse no posto discreto a que se acolheu. As lágrimas desciam-lhe, vagarosamente, pelas faces encovadas.

Tempos depois, visitando um velho amigo de minha família, residente no Cachambi, notei que na casa visinha, passeando pelo quintal, estava o During. Uma senhora, ainda moça, permanecia junto ao portãozinho da entrada. Ao ver-me, interessou-se por mim, e perguntou-me se eu era inspecionado pelo tio. Em conver-

sa, aproveitei o ensejo para saber o que havia na vida do velho que chorava.

— Meu tio nem sempre foi assim, explicou-me a senhora. Ha dez anos atrás, embora a doença já o curvasse bastante, ele ainda era alegre e conversador. Mas êle tinha um filho. Infelizmente êsse menino, que era aluno do Internato, morreu. Um pequeno ferimento no pé, feito não se sabe onde, nem como. Peraltices, de garoto. Não foi possivel evitar o tétano. Desde então, meu tio nunca mais se consolou. Quer saber porque ele



A TURMA DA QUARTA SÉRIE DO INTERNATO, EM 1903 — Nesta fotografia, tirada em 1903, figuram os alunos da 4.ª série do Internato naquele ano. São os seguintes: sentados, da esquerda para à direita — Roberto de Miranda Jordão, advogado e professor; Ildefonso de Castilho, oficial de Marinha; João Baptista de Mello e Souza; Eurico Cochrane, falecido como funcionário; Domingos de Menezes, médico do Exército; Luiz Cláudio de Castilho, professor da Escola Naval. Em pé, na mesma ordem: José Botelho Reis, falecido como diretor do Ginásio de Leopoldina, Gastão Renato Costa Ramos, cirurgião dentista; Armando Trompowski; Frederico Monteiro de Barros, falecido; Soter Zamith, José Monteiro de Barros, falecido; e Mário Newton de Figueiredo, diretor da Secretaria do Tribunal de Contas

chora? E' porque, quando olha pela turma, ele tem a impressão de que o filho não morreu, que está ali, que vai aparecer, como tantas vezes apareceu nos bons tempos! Mas o filho não aparece nunca mais, coitado, e o velho chora por isso...

— Nesse caso, convém que ele não me veja... Devo sair daqui...

— Ah! Não... Não faça isso; ao contrário; entre e vá dar uma prosa com ele...

Logo no dia seguinte, regressando ao Internato, transmiti a meus melhores amigos o que soubera. Resolvemos, então, que dali por diante quem fizesse a menor brincadeira com o During, apanharia no recreio. Não me consta porem, que a receita tenha sido aplicada em alguem.

Desde então, como se entre nós houvesse uma conspiração toda íntima, o velho às vezes me fitava quasi com um ar de riso. Era o bastante para restituir uma aparência mais humana àquele rosto disforme de Quasímodo. Mas o riso não veio nunca. As fontes de alegria, naquela alma, estavam extintas para sempre; e extintas para sempre as fontes da esperança e da vida. Só gotejava, ainda, aquela de onde provinham as lágrimas, que desciam silenciosamente, silenciosamente...

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

IX

A chave quebrada do Carrão

Ulisses, — diz a lenda — gosava da merecida fama de ser o mais velhaco de todos os gregos. No tempo dos Ginasíadas ninguem no Internato disputaria esse título a meu condiscípulo Otávio do Amorim Carrão, cuja inteligência fértil descobria sempre recursos eficazes para resolver qualquer dificuldade, sem executar as que encontrávamos nas sabatinas do Gama.

O episódio da chave não foi o primeiro, nem o último da série; disto estou bem certo. Mais ainda: quer me parecer que tenha sido o Carrão o principal fautor de alguns casos misteriosos que o *sherlock-holmismo* dos inspetores, dos professores e do próprio diretor, não conseguiu explicar.

Foi o Carrão que escondeu uma lista da aula de alemão da 5.ª série, para que o bedel não anotasse os zeros dados pelo Meschick a vários alunos (ele inclusive);

Foi o Carrão que escamoteou uma caixeta de goiabada que o Alvaro Werneck recebera da fazenda paterna e se achava escondida no dormitório;

Foi o Carrão que, iludindo a vigilância do Fraga, deixou aberta uma torneira do gabinete de Química, disso resultando uma inundação que impediu a realização da aula naquele dia;

Foi o Carrão que... Enfim, se eu fosse contar aqui todas as proesas atribuidas ao Carrão, escreveria uma obra mais ou menos do tamanho do Rocambole, de Terrail.

O caso da chave quebrada, o da torneira aberta, a notícia falsa da reunião da Congregação, e outros, provam que a especialidade do nosso colega consistia em conseguir o adiamento de sabatinas e provas escritas, quando tal fosse preciso para livrar-se ele de alguma nota má iminente.

O certo é que na "Vida de Hoje" de 5 de Agosto de 1905 se lêem, em letras garrafais, os seguintes títulos de uma notícia sensacional:

COLOSSAL VITÓRIA!
QUEDELE A CHAVE?!!
PORTA QUE NÃO SE ABRE!
O DECRETO N.º 2.369!
O PARÁGRAFO N.º 126!
A FORTIORI, NÃO!
E' O CASO!
NÃO OBSTANTE!
ENTRA OU NÃO ENTRA?!
EMBRULHADA!
TUDO COMO DANTES!
O GREGÓRIO EM PERIGO!
CONSULTA PESSOAL!
OUTRA VEZ E' O CASO!
OPINIÃO DO FERREIRINHA
NÃO OBSTANTE OUTRA VEZ?
ASTUCIA DO CARRÃO!

Em seguida a esses dizeres, vinha esta declaração:

"Como os leitores estão vendo pelos títulos acima, (se é que são inteligentes...) tinhamos uma notícia muito importante a lhes dar: mas a falta de espaço nos

impede de satisfazer a natural curiosidade, ficando a notícia para o próximo número. Por hoje contentem-se com os títulos, o que já não é pouco."

Naquele tempo vigorava um código de ensino segundo o qual, ao terminar o curso de humanidades, o candidato ao grau de bacharel seria submetido a um



— Se V. S. quer, eu arrombo a porta!

exame de madureza, versando sôbre todas as matérias do curso. Dessa prova, que nos enchia de apreensões, ficaram isentos os alunos já em curso ao ser promulgada a lei. Nossa turma seria a primeira a passar por aquelas fôrcas caudinas.

Ergueram, porém, algumas dúvidas quanto à execução da medida. Havia, mesmo, quem a considerasse inexequível, em consequência de certos desacordos en-

tre os textos regulamentares. Surgiu, na Câmara um projeto derrogando a lei nesse ponto. Em vista disso, o dr. Trindade, diretor interino do Internato, dirigiu um ofício ao ministro formulando uma consulta sôbre o assunto.

— E' o caso! disse-nos êle. Não obstante ser lei, visto que vai ser revogada, não parece justo que só vocês prestem esse exame. O ministro, segundo me prometeu, responderá favoravelmente a vocês, isto é, suspendendo, até ulterior deliberação, a prova de madureza.

Aliás era sabido que já se trabalhava, na imprensa e no Congresso, em favor de uma definitiva supressão do artigo de lei concernente ao assunto.

Ora, aconteceu que naquele dia 5 de Agosto de 1905, o dr. Oliveira Bello, catedrátido de História Natural, ia nos dar o concurso, prova escrita equivalente, naquela época, às provas parciais de hoje. O concurso compreendia uma parte prática, pelo que deveria realizar-se no próprio gabinete de Histório Natural.

O Otávio Carrão estava aflito. Não pudera estudar os pontos. Uma nota baixa ser-lhe-ia dano grave e insanável.

Encontrei-o preocupado, num dos corredores, durante o período de recreio que se segue ao almoço, um quarto de hora antes da prova.

— Quem tem você Carrão?

— Um azar desgraçado! Pensei que o Bello faltasse hoje, e ele já chegou! Eu e o Ismael fomos pedir o adiamento do concurso, mas não arranjamos nada!

Deixei o Carrão desolado, na perspectiva do zero que o aguardava.

Dez minutos depois nossa turma entrava, em forma, e encaminhava-se para a única porta que dava ingresso ao gabinete. Essa porta abria para o salão nobre do Colégio.

Outras havia, mas estavam inutilizadas por grandes armários contendo as coleções de botânica e zoologia.

Pois o meu colega Carrão teve sorte. A referida porta que durante as aulas permanecia aberta, estava fechada. A turma parou no salão, sem poder entrar na sala de aula.

Já se achava alí o professor Oliveira Bello, que tentara abrir a porta mas sem resultado.

O inspetor Ferreira, velhote patusco e caricatural, com seu sotaque lusitano dizia:

— Mas... ó rapazes, quedel'a chave?

O assistente da cadeira e o encarregado do gabinete não tinham voltado do almoço. Foram chamá-los às pressas. Nenhum deles sabia da chave que ficara, como de costume, na fechadura, pelo lado de dentro.

— Dr. Bello, disse o Carrão, já perdemos quasi dez minutos... Talvez fosse melhor adiar o concurso.

— Nada! não faz mal... eu prolongo a aula menino. O meu colega não se oporá a que eu ocupe uma parte da aula seguinte...

Nisto aparece o Salatiel Guassú, chefe de disciplina, que vinha averiguar a causa daquela algazarra no salão nobre.

O professor explicou o embaraço em que nos achávamos.

— Oh! Mas é facil abrir a porta... O ecônomo deve ter outra chave. Ele que venha ver já isso!

— Eu vou chamar o Seixas! propôs o Carrão.

E antes que resolvessem aceitar, ou não, o oferecimento daquele serviço saiu a correr pelo corredor a fora.

Enquanto esperávamos pelo ecônomo, o Salatiel retirou a chave de uma porta qualquer e experimentou introduzí-la na fechadura. Desde logo, porém, sacudiu a cabeça em sinal de incredulidade.

— Inútil, seu Doutor! Nenhuma chave entra. Quebraram a verdadeira, deixando um pedaço dela lá dentro. Mas o Seixas há de dar um jeito nisso.

— Se V. S. quer, eu arrombo a porta, disse o servente João do Rego.

E já se dispunha a executar a proesa, quando o Mario de Assis, que gostava de empregar expressões latinas, interveiu exclamando:

— A fortiori, não! A fortiori, não! Cuidado com o Gregório!

Recomeçou o vozerio:

— Olhe o Gregório, João do Rego!

— Coitado do Gregorinho!

Outros, por espírito de contradição, opinavam:

— Arrombe-se a porta! Arrombe-se a porta! O Gregório que se arranje!

— Sr. Salatiel, declarou o dr. Bello, — precisamos já ver quem é esse gaiato que se trancou por dentro do gabinete de História Natural!

Explicou-se, então, ao bondoso mestre que o Gregório era o nosso esqueleto, isto é, o paciente esqueleto em que estudávamos a nomenclatura da ossada humana. Se se arrombasse a porta, esta iria bater, com violência, no armário de vidro, que ficária em mil pedaços, e o coitado do Gregório, que já não andava bem de saude, poderia desmantelar-se com a pancada.

Embora desconfiado de que a porta não alcançaria os armários próximos, o professor prudentemente concordou em que não valia a pena forçar a entrada.

Enquanto a discussão prosseguia junto à malfadada porta, o Carrão foi ter com o Seixas na despensa onde ele tinha sua mesa de trabalho.

— Seu Seixas, o Sr. Salatiel manda lhe pedir que chame um marceneiro ou serralheiro para abrir a porta do gabinete de História Natuarl.

— Ora esta! Porque? indagou o ecônomo.

O Carrão explicou o que ocorria, acrescentando estar quebrada a chave no interior da fechadura.

— Eles têm pressa?

— Não!... nenhuma pressa. O dr. Bello devia dar-nos um concurso, mas já resolveu adiar. Nossas outras aulas serão na sala da terceira...

— Está bem. Visto que não há urgência, logo mais eu vou providenciar. Este João do Rego está ficando insuportável! Até agora trocava ou perdia as chaves das portas; agora deu para quebrar tambem! Mas um dia ele se arrependerá!

Sem o menor remorso, o Carrão tornava ao salão nobre quando se encontrou com o dr. Trindade que, provavelmente, acabava de voltar do almoço. O nosso diretor interino trazia nas mãos um ofício que pouco antes havia sido entregue na portaria.

— Seu Carrão, disse o dr. Trindade contentíssimo da vida, eu não lhes dizia? E' o caso! Alcançamos uma colossal vitória! Cá está o aviso do Ministro declarando suspenso, até segunda ordem o exame de madureza!

— Que está dizendo, doutor Trindade!? Então nós estamos de parabens?

— Sem dúvida! Não obstante alguns paraceres da Secretaria, o Ministro concordou comigo! E' o caso! Eu sempre considerei o dr. Seabra um homem sensato e justiceiro! Pode dar a bôa noticia a seus colegas! Não obstante... é o caso!

— Mas... doutor Trindade, nossa turma está agora no salão... O dr. Bello não pôde dar aula, porque a porta está fechada e...

E o Carrão contou, a seu modo, o incidente, concluindo:

— Seria ótimo que o senhor mesmo desse ao pessoal esta agradavel notícia! Se for eu, ninguem acredita...

— Pois está bem... Já vou ter lá.

O Carrão subiu a escada aos pulos e foi se juntar ao grupo.

— Professor, disse ele ao dr. Oliveira Bello, o dr. Trindade manda lhe pedir que dispense a turma por hoje, porque ele vai ler um longo aviso do Ministro tratando de nossos exames. E' coisa muito importante para nós!

O dr. Bello estava, no momento, examinando a possibilidade de subir o servente por uma escada, galgar

uma das janelas, abertas para o Campo, e, entrando na sala, abrir pelo lado de dentro a porta, o que seria fácil, uma vez corridos os trincos. À vista do recado, porém, resignou-se, vencido pelas circunstâncias, a transferir o concurso.

Minutos depois, o dr. Trindade, vitorioso, (e "era o caso!"), lia, para todos nós ouvirmos, a importante decisão ministerial:

— Cá está o aviso do Ministro! E' uma decisão doutrinária importantíssima! E' a vitória estrondosa de uma causa nobre e justa! Ouçam lá: "Declaro-vos, para os fins convenientes, que, em vista do disposto no art. 12 do decreto n. 2.369, de 1901, combinado com o parágrafo 3.° do art. 287 do decreto n. 1.782, de 1903, fica suspensa, até segunda ordem e ulterior deliberação, a execução do disposto no art. 271 do decreto n. 3.895, de 1900. Saude e Fraternidade!"

Finda a leitura, ele nos explicou o sentido real des-sa deliberação, que se perdia no dédalo das citações burocráticas. E' que nós estávamos isentos do pavor do tal exame de madureza!

— Conseguiram afinal! exclamou o dr. Trindade referindo-se ao caso da "colossal vitória".

— Ainda não, seu Dirétoire, acudiu o Ferreirinha, que, teimoso, continuava a lidar com a porta enguiçada. O raio da fechadura está baim q'brada mesmo!

— Mas quem fez isto? indagou o Salatiel.

— Eu, meu caro amigo! exclamou com visível orgulho, o Dr. Trindade. Fui eu sòzinho, porque o diretor do Externato não quis tomar parte no caso! Fui eu que fiz ver ao Ministro que...

— Mas não é isso, seu doutor! Pergunto quem foi que quebrou a chave na fechadura desta porta!

Houve uns risos mal contidos. Não obstante a notória austeridade do velho Salatiel, o dr. Trindade não gostou do qui-pro-quó. E disse, mal humorado:

— Bem!... Vejamos agora isto! Com que então esta chave apareceu quebrada?

— Ao contrário, seu doutor... A chave desapareceu, e a fechadura está quebrada!

— Como aconteceu isto, seu Ferreira?

O Ferreirinha, que não raro emitia uns juizos verdadeiramente geniais, explicou:

— Se está q'brada é porque a q'braram, porque se a não tivessem q'brado, não estaria q'brada!

Radiante de contentamento, o grupo foi para o recreio, gozar aquela inesperada folga.

Mal chegamos, o Carrão saiu a correr em direção ao barranco dos fundos. Houve quem o visse esconder qualquer coisa entre os arbustos. Isso feito, ele voltou para nos dizer:

— Livra! Por que susto passei!

— Como assim?

— Tive medo de que descobrissem em meu poder o pedaço da chave quebrada...

LADAH
Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

X

O ponto seis do Ismael

Sou capaz de jurar que muita gente, depois de ler este capítulo, há de dizer com seus botões: "Qual! Nesta não creio. Seria muita coincidência..."

No entanto, como em todos os episódios que tenho referido nestas crônicas, o caso do ponto seis do Ismael é absolutamente verídico em sua essência. Quanto aos pormenores, não nego que minha memória me possa trair uma vez por outra, o que se explica pela circunstância de haver ocorrido o caso por ocasião dos exames, quando já não circulava a "Vida de Hoje". Ao recomeçarmos, no ano letivo seguinte, nossa atividade jornalística, não mais interessava comentar o incidente, que pertencia ao rol das coisas passadas, quase prehistóricas.

Pensando bem, sou de parecer que na ocurrência que vou lembrar não houve coincidência alguma, nem merece tal designação a semelhança de dois nomes e de dois algarismos. Simples casualidades, é o que na melhor hipótese se pode encontrar alí.

A turma da quarta série de 1905 compreendia alguns camaradas estudiosos, como o Israel França, o Felix Martins Sampaio, o Heitor Freire de Carvalho, o Quintino do Valle, e outros; mas em compensação abrangia um grupo de marotos incorrigíveis, como o Alberto Silvares, o Leonel Esteves, o Fonsequinha, o

Kellé e alguns mais. A meia distância entre esses grupos, ficavam uns quantos boêmios inteligentes, como o Souza Pinto, o Cecílio de Carvalho e o Ismael Muniz Freire.

Começa aí a casualidade: pertencerem à mesma turma o Ismael e o Israel. O primeiro é atualmente um ginecologista conceituado, cujo prestígio, — estou certo — em nada se abalançará com a divulgação dêste pequeno episòdio colegial. O segundo exerceu, por muitos anos, o cargo de professor de Ciências do Internato. Era um caráter íntegro, aliado a um coração bondoso e um belo espírito. A morte, arrebatando-o há pouco tempo, privou-nos de um amigo leal, de um companheiro querido, de quem havemos de guardar sempre a mais grata recordação.

Não sei por que motivo ficara para o último dia de exames, dependendo apenas das provas orais de Física e História Natural, uma pequena turma da 4.ª série, turma que, na ordem alfabética, tinha à frente os dois meninos de inicial I.

Naquele tempo, os exames orais (tambem os escritos e tudo o que se referisse ao ensino) eram coisa séria. Nosso professor de física, o dr. Oliveira de Menezes, não nos deixava pisar em ramo verde. Mostrava-se severo, se bem que bondoso e afável no trato. A banca examinadora não fazia graça para ninguem rir.

O Ismael Muniz Freire, conforme dissemos, não figurava entre os mais estudiosos. Sua média anual em física era fraquíssima. Em conversa, momentos antes da prova, indagaram-lhe se havia estudado o bastante para garantir a aprovação.

— Não pude! declarou ele. Você sabem... Aqueles trenos no Guanabara... Além disso, tive de ir à um baile em Terezópolis...

Coitado do Ismael! Levava uma vida tão atribulada!

— Nessa caso seria prudente você deixar esse exame para a segunda época.

— Nada! Isso de exames em segunda época só serve para estragar as férias. Descobri um meio ótimo para salvar a situação. Mas é segredo!

Para que foi dizer que era segredo! A curiosidade fervilhou. Um grupinho, de que faziam parte o Felix Martins e o Georgino Avelino, insistiu para que ele completasse a revelação. Em voz baixa, e sob categórica promessa de reserva, o Ismael expôs o seu projeto.

— Imaginem vocês que eu descobri que o Menezes não fez nova lista de pontos. Então escolhi um ponto, — um só! — e estudei-o bem. Foi o das alavancas. Ora eu serei o primeiro chamado. Vou à mesa, meto calmamente a mão na urna, e seja qual for o ponto que me saia, eu digo logo: "Ponto seis!..." Depois, fingindo descuido, deixo cair na urna o ponto. Naturalmente o Menezes não vai fazer questão...

Realmente, o golpe fôra bem urdido. O ponto seis tratava, com efeito, das alavancas. Matéria facílima, que qualquer aluno de curso primário (naquele tempo...) conhecia muito bem. O professor Menezes tinha por hábito confiar na declaração do aluno; o Ismael não corria o risco de se ver desmentido. Na pior hipótese, o professor faria despejar a urna, para retirar de novo o ponto sorteado.

A camarilha, unânime, elogiou a esperteza do colega. Mais de um lamentou não lhe haver ocorrido antes tão engenhosa idéia.

Chegam os professores. Silêncio geral na sala. Instala-se a banca. E' o momento da chamada. O bedel trouxe as listas, o livro de atas, a urna onde as pequeninas peças de víspora chocalhavam. A sala encheu-se de curiosos que se compraziam em assistir as provas orais, atraidos, pela espectativa de incidente grotescos ou fiascos impagáveis.

Muito calmo e sorridente, no banco da música, o Ismael esperava ouvir o seu neme.

— Senhor Israel França! exclamou o dr. Menezes.

Surpresa geral. Os assistentes sabiam que o Ismael devia ser chamado antes do Israel. Diferença de uma letra só; mas essa letra, no caso, era essencial.

O Israel, sempre disciplinado, apresentou-se.

— Tire o ponto! ordenou o catedrático.

— Perdão, dr. Menezes, — disse timidamente o Ismael; eu é que devia ser o primeiro!

— Faço a chamada rigorosamente pela ordem da lista, declarou o professor. E na lista o seu colega está no primeiro lugar. Aliás isso não tem importância alguma. O senhor virá depois. Sente-se e espere a sua vez. Senhor Israel França, tire o seu ponto.

O Israel mete a mão na urna, e canta sua víspora:

— Ponto seis!

— Muito bem! diz o professor. Ponto seis. Ora vejamos de que se trata! Cá está: alavancas.

Imagine-se a perturbação do Ismael. Erguendo meio corpo fora da carteira, ainda se animou a sugerir:

— Professor... dr. Menezes... parece que o ponto é nove!... está de pernas para o ar...

— Cale-se! exclamou o mestre já meio zangado. Não seja impertinente! Ora já se viu que menino petulante!

O Israel, porém, retomou a ficha e, vencendo a custo sua timidez, atalhou:

— Perdão, professor... mas eu me enganei. Meu ponto é número nove.

— Ah! Seu ponto é nove? Está bem, concordou o mestre. E' uma confusão muito frequente. Ora vejamos nossa lista. Ponto nove: Hidrostática; princípio de Arquimedes.

E o Israel, que estava "afiado", saiu-se muito bem nessa matéria. Finda a arguição, transferiu-se para a outra extremidade da mesa, afim de ser examinado sobre fitozoários pelo dr. Oliveira Belo. O professor Menezes chamou o segundo da lista:

— Senhor Ismael Américo Muniz Freire!

A curiosidade da assistência recrudesceu. Havia quem previsse, como coisa certa, o desastre do Ismael. Mais de um colega desapertou o cinto para rir melhor.

— Tire seu ponto, menino!

Com perícia consumada de prestigitador exímio, o Ismael já se havia apoderado do mesmo ponto que o colega deixara junto ao tinteiro. Meteu a mão na urna, revolveu ruidosamente as peças e por fim exclamou:

— Ponto seis!

— Hein? Ponto seis? Ora vejam que coisa interes--sante!

Evidentemente o Menezes já começava a desconfiar de alguma coisa.

— Sim... Tem razão; é o ponto seis. Senhor Israel, aprenda de uma vez, para não se enganar mais; por este tracinho, sob o número, que se vê se é seis ou nove. Isto quer dizer que o meu amigo Ismael vai ser arguido sobre alavancas. Você parece que estava adivinhando; não?

— Não, professor. E' que tinha de ser. Eu sou um pouco fatalista.

Ao cabo de tres ou quatro perguntas, o Menezes verificou que o Ismael estava "mais ou menos".

— Está bem; mas devia ser melhor. Você se descuidou no fim do ano, senhor Ismael.

— Não, professor! Perdi algumas aulas, é verdade; mas depois não larguei o Ganot das moças (*).

— Hein? — exclamou o professor Araujo Lima (que presidia o exame), dando a essa interjeição um sentido malicioso.

O professor Menezes, que não gostava das piadas, sempre um pouco tortuosas, de seu colega, tentou encerrar o assunto:

(*) Assim se indicava certa edição antiga de nosso compêndio de Física.

— Vou mandá-lo em paz. Mas diga-me antes: qual a frase célebre atribuida a Arquimedes, acêrca das alavancas?

O Ismael pensou um nadinha, e respondeu:

— Ele disse: "Eureka!"

— Não é isso, menino. Ouça bem: acêrca das alavancas... Pois não sabe? Se lhe dessem uma alavanca, e... Que faria ele?

— Ele resolveria o problema da coroa.

— Não é isso ainda! Não tem nada que ver com o caso da coroa. Se lhe dessem uma alavanca e um ponto de apoio...

— Ele afundaria os navios romanos...

— E' inutil insistir. Você não sabe mesmo. Vá-se embora; o dr. Belo que o ature. Senhor Jonas Esteves, tire o ponto!

O Jonas apresentou-se. Meteu a mão na urna. Tirou o ponto. Era o nove!

Nesse momento surgira uma discussão entre Menezes e Araujo Lima, motivada pela tal frase de Arquimedes. O dr. Araujo Lima entendia que aquilo era uma burrice.

— Ele não moveria o mundo! Posso prová-lo!

— Moveria, sim senhor, afirmava o dr. Menezes já enrubecido pelo calor do debate.

— Não moveria *ele*, Arquimedes, ouviu? — pois para deslocar o planeta de um centésimo milionésimo de milímetro, *êle* gastaria milhões de anos... Ora, a duração da vida humana sendo limitada...

— Não importa! Na fração ínfima de tempo, ele Arquimedes, teria deslocado... mas... seu Jonas, qual foi seu ponto?

— Nove, professor.

O Menezes, ora dirigindo-se ao colega, ora ao discípulo, prosseguia:

— Arquimedes disse: senhor Jonas, seu ponto não pode ser nove! Disse Arquimedes: Se me derem... Está claro que isto é uma condicional.

— E' uma fantasia, apenas.

— Fantasia, não senhor! E' uma hipótese!

— Arquimedes devia ter pedido, além da alavanca e do ponto de apoio, milhões de anos de vida, e transporte até à constelação da Baleia...

— Qual Baleia!... A propósito, seu Jonas, êsse ponto já foi sorteado.

— Mas, doutor, murmurava o Jonas sem ser ouvido, é nove mesmo; cá está o risquinho...

E a discussão se eternizava:

— A ciência não admite fantasias, pontificava Araujo Lima.

— Mas ai dela se não se formulassem hipóteses!

— Ora vejamos um exemplo. Se alguem disser: "Nesta urna só há pontos seis e noves" — isto é uma fantasia. Mas se eu explicar assim: "Talvez o aluno Israel, distraidamente, tenha reposto na urna o seu ponto, e o sr. Jonas o tirou de novo" — isto é uma hipótese.

Os assistentes não podiam conter o riso. Querendo resolver a dúvida causada pelo ponto, mas sem abandonar o duelo de argumentos com o seu colega, o dr. Menezes estabeleceu um trapalhada tal, que por fim já ninguém se entendia, O bedel Machado veio, solícito, explicar-se:

— Professor, os pontos na urna estavam todos, e certinhos... Faça o favor de verificor. Com licença!

E despejando a urna, separou os pontos todos, reunindo os que haviam sido sorteados.

— Então não compreendo como pôde ser isto, declarou o catedrático Mas não percamos tempo. Senhor Jonas, tire outro ponto!

Terminadas as provas, e fechada a sala para o julgamento, o Israel se lamentava, em confidência com os amigos, na portaria do colégio:

— Isto não é direito... Quem tirou o ponto seis fui eu; mas disse que me tinha enganado para favorecer o Ismael. Agora dizem que o Menezes deu nove ao Ismael e seis a mim!

Desfez-se, porém, o engano. O Ismael teve seis, e o Israel nove. E' que o Jaime de Castro Barbosa havia espiado as notas de pernas para o ar.

Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

XI

Uma história complicada do Trompowski

No tempo feliz em que eu, o Armando Trompowski, o Mário Alves de Assis e outros, cursávamos o Internato, regia ainda a cadeira de História Universal o saudoso e venerando Mattoso Maia, que aguardava apenas o despacho final de sua jubilação para descansar de uma vida inteira de serviços à Pátria.

Tão velhinho, tão velhinho, o pobre ancião valetudinário e cego, lá vinha sabe Deus com que sacrifício, dar aquelas encantadoras lições de História que nós ouviamos atentos, possuidos de profunda e espontânea simpatia! E maior ainda se nos tornava o encanto, sempre que uma alusão qualquer, voluntária ou meramente casual, desviava o assunto da aula, e o velho mestre, deixando à margem os faraós do Egito e os potentados assírios e caldeus, passava a referir episódios de nossa história, especialmente os do segundo Império e da cruenta campanha que o Brasil sustentou contra a tirania de Solano Lopez.

Mattoso Maia tomara parte na guerra, como médico do Exército. Daí a extraordinária fluência com que discorria, e a exatidão de pormenores. A autoridade incontestável do narrador impunha-se a nossa confiança, ampliando o interesse pela narrativa. O que nos contava, ele ouvira dos próprios heróis da façanha, senão vira ele

mesmo, no tempo em que desfrutava a doce ventura de ver.

Dir-se-ia que nós, alunos, de propósito encaminhávamos a aula por aquela forma, afim de reduzir a matéria ensinada, e que nós teríamos de estudar para as provas bimensais. No entanto, não havia tal malícia de nossa parte. Se pedíamos ao venerando professor que recontasse um caso mais notável, ou concluisse o que, na aula anterior, ficara inacabado, assim procediamos levados pelo natural desejo de ouvir aquelas narrativas, que despertavam em nós a mais intensa emoção patriótica. Além disso, tínhamos certeza de que o velho mestre não ficaria longo tempo na regência de sua cadeira. Quem sabe se o entusiasmo com que ele se reanimava ao relembrar aqueles lances gloriosos do passado, não seria um canto de cisne, o derradeiro alento de um coração valoroso, o último esfôrço de uma vida preciosa que se extinguia?

Mattoso Maia lecionou minha turma por vários meses, tempo suficiente para nos ensinar uma parte do programa. Nos primeiros dias, porém, surgiu esta dificuldade: a turma não possuia os livros adotados. Não sendo possivel esperar pelos manuais de estudo, o velho Mattoso Maia iniciou a exposição dos primeiros pontos do programa, recomendando-nos:

— Tomem suas notas, meninos! Redijam seus apontamentos!

E era o que nós fazíamos. Não todos, porque alguns, os que sofriam de "preguicite aguda" complicada com "malandrite crônica", não se davam a esse trabalho, confiantes na camaradagem dos colegas, que lhes cederiam mais tarde os cadernos passados a limpo, para que copiassem o texto das lições.

Mattoso Maia tinha especial estima pelo Armando Trompowski. Estima, aliás, merecida, porquanto o meu colega — hoje o Sr. Comandante da Aviação Naval — era um companheiro distinto e excelente aluno, benquisto de todos. O professor, cego, não podia ler a

lista de classe, nem exarar as notas obtidas pelos discentes.

Era o Trompowski encarregado desses mistéres, e, sempre os executou com impecavel correção.

Mas... (há, sempre, um *mas!...*) o nosso colega, possuidor de tantas qualidades, tinha o seu calcanhar de Aquiles. E' que a sua caligrafia era o que sem favor, sem lisonja, se pode denominar: *infame*. Quando escrevia às pressas, então, nem se fala! — saía cada garrancho de meter medo!

Ora, acontece que, na segunda semana de aula, o professor Mattoso Maia não se recordava do ponto em que havia interrompido a matéria na lição anterior. Consultou a turma a respeito.

— O senhor estava tratando da Caldéia, disse o Luiz Cláudio de Castilhos.

— Não senhor, discordou o Mário Alves de Assis. O professor estava falando do rei Sargão II, que...

—Nada! Ele não sabe, professor! protestou um terceiro. E o debate foi-se prolongando nesse teôr, sem resultado. Calmo e sereno, cofiando suas longas barbas brancas, o velho Mattoso Maia propõe uma solução para o conflito:

— Está bem! Está bem! Não vale a pena discutir, meninos! Há remédio fácil para o caso. O senhor Trompowski vai fazer o favor de ler, no seu caderno de apontamentos, o trecho final das notas que tomou, na aula anterior. Basta uma frase! Eu saberei como devo prosseguir no ponto.

— Sim, senhor professor, exclamou, solicito, o Armando.

E, sem perda de tempo, pôs-se a folhear o caderno, até descobrir a página onde se achava o trecho exigido pelo velho.

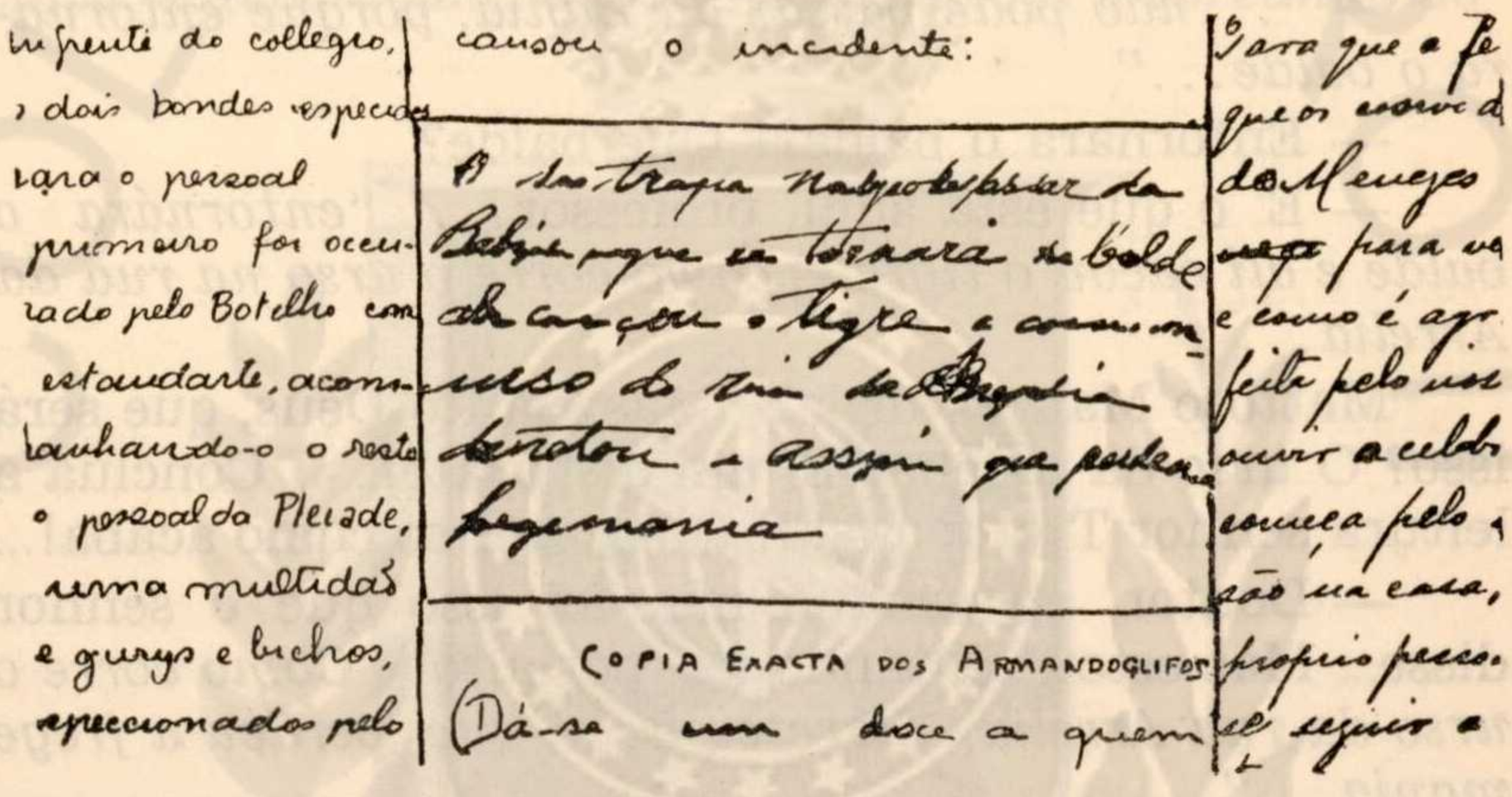
Já não foi fácil encontrá-la. Mas o Trompowski, ao cabo de duas ou tres buscas, conseguiu fixar o tópico final de sua apostila.

— Pronto! Cá está! declarou, satisfeito.

— Pois leia lá, menino!

Hoc opus, hic labor "erat"!

O Armando Trompowski examinou firmemente o caderno, franziu a testa, olhou de novo, sorriu, depois ficou sério outra vez, afastou o papel dos olhos, aproximou-o novamente, balbuciou sons incompreensíveis... e, afinal, ao cabo de toda essa mímica não conseguia ler o seu manuscrito.


causou o incidente:

O dos trapos Nabuco passar da Babylonia que os tomara de Baldo cançou o tigre a commissão do rei de Babylonia tornou a assyria que perdera Hegemonia

COPIA EXACTA DOS ARMANDOGLIFOS

(Dá-se uma dose a quem

Recorte da "VIDA DE HOJE", onde se vê uma reprodução do trecho escrito pelo aluno Armando Trompowski

Os colegas observavam-no com evidente curiosidade, e não menos evidente vontade de troçar com ele.

— Então?! disse o velho mestre, já estranhando a demora. Estou esperando, senhor Trompowski!...

O Armando não teve remédio senão explicar ao mestre cego o que ocorria:

— Professor... eu achei o trecho... Mas não consigo ler bem...

— Porque?

— E' que minha letra não é muito boa...

Ao ouvi-lo dizer que a letra não era "muito boa", a turma não logrou conter o riso.

— Ora... sugeriu o mestre complacente — leia lá o que puder... Eu me encarrego do resto. Vamos!

E o Trompowski, assim coagido, retomou o caderno, e, hesitante, surpreendendo-se a si mesmo, leu isto:

— *"A sua tropa não pôde passar da Bahia"...*

— Da Bahia! exclamou o professor. Que história é essa, seu Trompowski! Como é que aparece a Bahia na história antiga da Mesopotâmia? Continue! Vamos!

O Armando, coitado! — suava por todos os póros. E prosseguiu:

— *"...não pôde passar da Bahia, porque entornara o balde..."*

— Entornara o balde?! Que balde?

— E' o que está aqui, professor... *"entornára o balde e alí caçou o tigre e, como corre o urso na rua da Arrelia...*

Mattoso Maia só dizia: "Mas, Santo Deus, que será isso? O urso da arrelia! E' um disparate!... Conclua a leitura senhor Trompowski! Quero ver só como acaba!...

— Doutor, eu sei que não foi isso que o senhor disse... Mas estou tentando ler, por alto: *"Como corre o urso da rua Arrelia, derreteu a..., que perdeu a frege mania..."*

A turma ria-se a valer. Até o venerando mestre tomava parte na hilaridade.

— Quem sabe se o Luiz Claudio pode traduzir melhor esse trecho? propôs êle.

O Luiz Claudio sempre foi muito bem educado, e só por isso não disse que traduziria mais facilmente a escrita cuneiforme e a lingua caldaica, do que a caligrafia do Trompowski. Mas, de esperto, esquivou-se ao perigo.

— Ninguem lê isso! opinou o Botelho Reis. A letra do Armando, professor, parece receita de médico, escrita às pressas...

— Num tilburi a toda disparada!! acrescentou um colega.

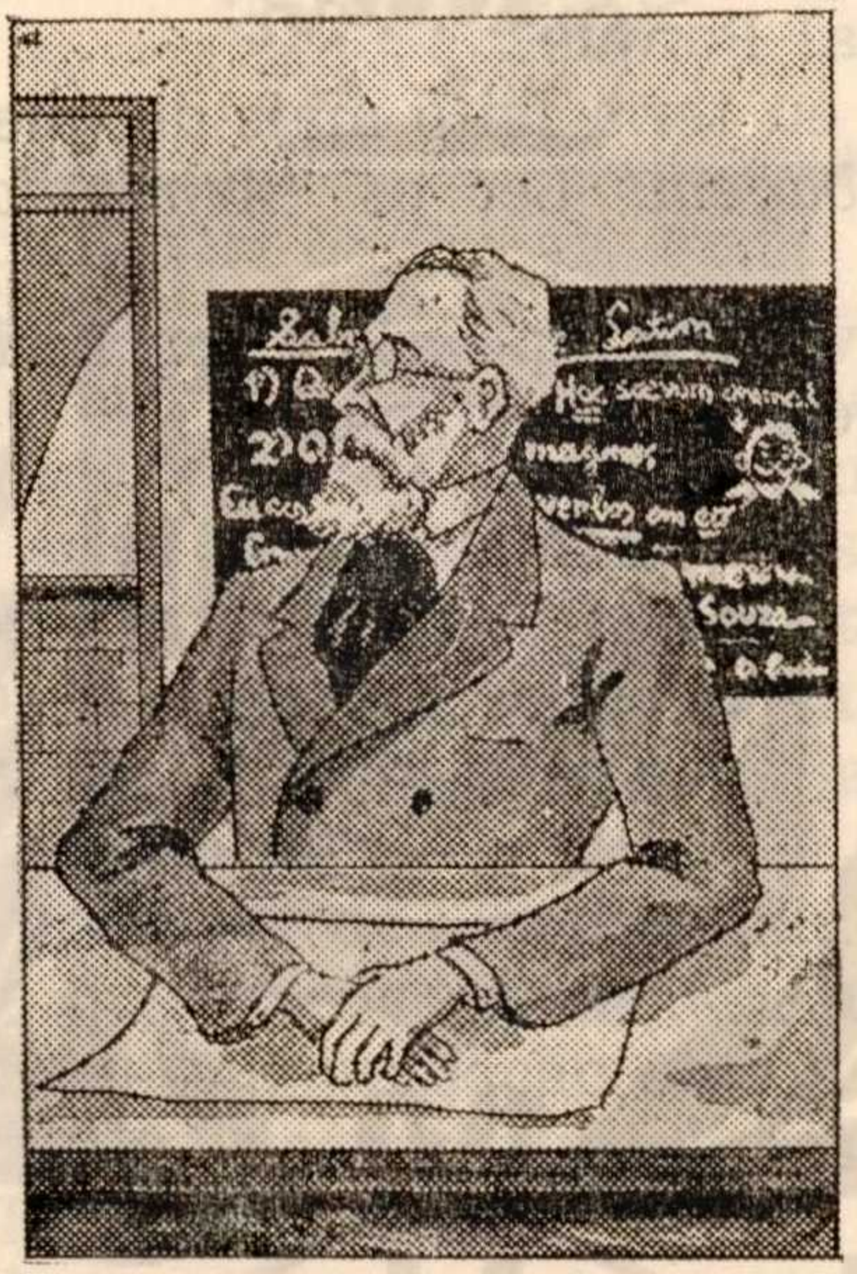
— ...e com uma caneta de agência do Correio! terminou outro malvado.

O Mário Newton, que não perdia ensejo para uma brincadeirazinha, ofereceu-se para decifrar o hieroglifo:

— Eu leio, professor! Com sua licença! Empresteme o caderno, Trompowski!

E, no meio do silêncio geral, arrancando o caderno das mãos do colega, leu o seguinte quebra-cabeças:

— *"O seu Tiago no polo assou a baiana, porque tirara, e debalde alcançou o pique e com o corcunda do*



— *Estou esperando, senhor Trompowski!*

réu da Amélia, derrotou-a. Assim que perdeu hoje a mania..."

— Mas, que quer dizer isso? perguntamos.

— Sei lá! E' o que está aqui...

— Pois eu já sei! exclamou o velho Mattoso Maia. Combinando as duas leituras, descobri a frase toda. Prestem atenção! O que eu disse, e o senhor Trompowski escreveu, foi isto, apenas:

— "O sátrapa Nabopolassar, de Babilônia, que se tornara rebelde, alcançou o Tigre e, com o concurso do rei da Média, derrotou a Assiria, que perdeu a hegemonia.'

E era mesmo!

Mas a lembrança da dupla interpretação renovou a hilaridade que se propagava, à custa do Armando. E pior foi, quando o Mário Newton, com seu vozeirão grosso, observou:

— Mas professor, se eu tivesse traduzido aquilo, eu me julgaria superior ao Champolion!

— Ora essa! Porque?

— Porque eu teria feito mais do que êle... Ler o hieroglifo é *bobagem!* Ler os *"Armandoglifos"*, isto é outra coisa!

E eu só ouvi o Trompowski dizer, furioso, ao Mário:

— No recreio você me paga!...

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

XII

O gato maltês do Enoch

O caso do gato maltês do Enoch da Rocha Lima — hoje catedrático ilustre do Colégio Pedro II — não figura nos "Ginasíadas", como o do tumor do Zé Carrapato, nem mesmo no variado e "avariado" noticiário da "Vida de Hoje". Mas, tendo eu encontrado no meu arquivo de humoradas as duas famosas quadrinhas que tanto intrigaram o nosso artista, pude reconstituir o episódio, com os recursos da memória, sendo portanto muito possivel que nesta narrativa haja alguma lacuna ou equívoco sem maior importancia.

Era nosso professor de desenho o dr. Benedito Raimundo da Silva, que graças a Deus, vive ainda, no *otium cum dignitate* de uma jubilação obtida após cerca de quarenta anos de bons serviços prestados ao magistério.

Benedito Raimundo nunca figurou entre os "papões" reprovadores rigorosos e terriveis. Ao contrário: sempre se mostrou indulgente para com as numerosas gerações que desfilaram pelas carteiras do velho ginásio. Essa bondade inata do estimado mestre foi uma felicidade para mim, bem como para o Frick, o Belisário de Souza e vários outros, cujos trabalhos, na aula do desenho do natural, davam a impressão de garatujas feitas por meninotes de jardim de infancia. O melhor desenho que eu consegui fazer, ao cabo de prolongado esfôrço, copiando do natural um prisma inclinado, saiu

tão horrendo, que o Belisário de Souza disse que não sabia se era uma lata de biscoitos amassada ou um "monumento megalítico da idade da pedra" (sic). Mas o Belisário não tinha autoridade nenhuma para criticar os meus desenhos, porquê êle era outro, que, se pintasse um hipopótamo e um canhão, ninguém seria capaz de dizer qual era o hipopótamo, e qual o canhão.

O melhor desenhista de nosso tempo era o Enoch da Rocha Lima. Nós todos sentíamos inveja dele. Que traço seguro! que perspectivas felizes! que efeitos de luz e sombra! O Benedito não se cansava de elogiá-lo:

— Sim, senhor! Você tem queda para a arte, menino! Continue, continue, que você há de vencer!

Qundo poderia imaginar o Benedito Raimundo que aquele aluno, vinte anos depois, seria seu colega de cátedra no Colégio!?

Teve o professor Benedito, naquele ano, a idéia de promover uma exposição de trabalhos de seus alunos, como uma das surpresas da festa a realizar-se em 30 de setembro. Está claro que não figurariam no certame os meus prismas megalíticos, nem os hipopótamos do Belisário; mas o professor, reunindo desenhos bons de vários alunos de cada série. esperava ter a quantidade bastante para um mostruário condígno. O Enoch e outros peritos do lápis e do *fusain,* foram instados a concorrer, e puseram-se ativamente ao trabalho.

— Que acham vocês que devo expôr? — perguntou-nos um dia o Enoch.

— Exponha alguns daqueles retratos — lembrou um dos colegas. — Uma galeria de retratos de professores seria um sucesso na exposição.

Com efeito, o Enoch, nas horas vagas, havia esboçado uma série de verônicas, representando o velho Gama, o Coelho Barreto, o Floriano de Brito, e outros.

— Qual!... Não me parecem dignos de figurar — observou, abanando a cabeça, o nosso desenhista.

Insistimos. Achamos a idéia excelente. Que êle retocasse os desenhos! . . . O de Coelho Barreto, por exemplo, estava ótimo!

Coelho Barreto, pai do jornalista Paulo Barreto, era nosso lente de Mecânica e Astronomia. Velho, jovial, positivista *enragé*, sempre de cravo vermelho à lapela, o nosso mestre tinha uma figura que se prestava ao desenho e à caricatura. O Rocha Lima chegou a trabalhar, por meia hora, no acabamento do retrato esboçado, e que êle considerava o melhor da série. Mas, de repente, mudou de idéia:

— Não! Decididamente isto não me agrada. Vou fazer, para a exposição, um trabalho novo.

E guardou os retratos. No dia seguinte, depois de confabular com o Benedito, retomou a execução de uma peça destinada a ser a obra prima do mostruário, no qual teria, certamente, o lugar mais distinto. Representava um belo gato maltês, cômodamente instalado sôbre uma mesa luxuosa, onde se viam um exemplar do "Times", copos e garrafas de soda, cinzeiros vários, e, caídas em desordem, as peças de um riquíssimo jôgo de xadrêz.

Todo mundo implicou com o gato maltês do Enoch. Achávamos a idéia extravagante. Sabia-se que o trabalho fora iniciado nas férias, em casa de um abastado *gentleman*, amigo da família Rocha Lima. Aquele gato, pertencente, sem dúvida, a um ricaço fleumático e displicente, irritava-nos, pela semcerimônia com que se refestelava sôbre aquela mesa tão bonita, mostrando soberano desdêm pelas alfaias e requintes de luxo que o cercavam.

O Enoch, porém, não se importava com a nossa opinião, e, recusando-se a apresentar os retratos dos professores ao certame, entregou-se de corpo e alma à execução do gato maltês. Os colegas, como era de prever, vingavam-se com ditinhos maliciosos ou trocadilhos irreverentes. Impassível, como se aquilo não fosse com

êle, o Rocha Lima prosseguia nos retoques com que embelezava o seu bichano epicurista e mimoso da fortuna.

Um dia, quando se ia começar a aula de desenho, já nas vésperas da festa, a turma do Enoch teve, de repente, um acesso de ruidosa hilaridade.

— Que é? — perguntou o professor Benedito, intrigado.

— E' aquilo, que escreveram ali... apontou um dos alunos.

O professor voltou-se e pôde ler, então, no alto do quadro negro, esta quadrinha:

E' bicho fino, e da moda
O ilustre gato maltês!
Lê o "Times", bebe soda,
E fuma, e joga xadrêz !

O Enoch não gostou. Mas não disse nada; sorriu um bocadinho, para não dar na vista. O que êle queria era descobrir o autor da quadrinha, mas não conseguiu.

Na véspera da festa, não houve aulas. Trabalhava-se ativamente no preparo das salas de baile, do vestiário, do teatrinho improvisado onde íamos representar uma comédia de Tristan Bernard. O edifício estava cheio de operários que arrastavam móveis e martelavam coisas. No meio daquela barafunda, o João do Rêgo, servente encarregado da sala de desenho, circulava desatinado, à procura dos alunos que ainda não haviam acabado os trabalhos destinados a figurar na exposição. Entre eles, o Enoch. O Enoch não quís participação alguma no programa da festa. Seu tempo seria exclusivamente consagrado ao "vernissage" do gato maltês.

Só à última hora, o João do Rêgo conseguiu obter os desenhos dos retardatários. A armação de madeira onde seriam expostos os trabalhos já estava pronta, forrada de pano azul. Cumprindo as instruções do professor Benedito, o servente fixou os desenhos, e cobriu

tôda a armação com folhas de papel barato, que só seriam retiradas ao iniciar-se a festa.

No dia seguinte, o nosso casarão apresentava um lindo aspeto, já pronto para receber os convidados. Parecia uma velhota pobre, tôda ataviada para uma festa provinciana. Nós, alunos, andávamos ativos, nos últimos e apressados ensaios de nossos números de teatro e declamação. O Benedito, convida, então, o diretor interino, que era o Dr. Elpidio Trindade, e os professores e funcionários presentes, para uma visita prévia e especial à exposição de desenho. Lá fomos todos, levados pela curiosidade.

Quando o João do Rêgo retirou a cobertura de papel, a surpreza foi geral.

Imaginem o que se via no lugar destinado ao gato maltês do Enoch!

Era o retrato do Coelho Barreto! O nosso velho e querido Coelho Barreto, de bigode e cavanháque, brancos, de aspeto jovial, e cravo vermelho à lapela!

Mas não havia ali trabalho só do Enoch, pois o desenho indicava uns retoques que só podiam ter sido obra do Felix Martins, ou do Arnaldo de Azevedo, os quais, em matéria de desenho, pertenciam ao grupo de que eu e o Belisário faziamos parte, honrosamente!

— Como foi isso, Enoch? — pergunta o Benedito.

— Não sei, professor! Naturalmente o João do Rêgo se enganou, e...

— Lá isso é que não! protestou o servente. Eu não tenho culpa... O material de desenho *tá* numa "desorde" danada, e eu custei p'ra achar as "pasta" que Vossa Senhoria tinha mandado separar.

— Mas... e o gato do Enoch?

— Ah! E' verdade! Eu bem que vi que o desenho do gato tinha a etiqueta com o numerozinho... mas os

meninos me disseram que à última hora Vossa Senhoria tinha preferido éste retrato do seu doutor Coelho Barreto, em vez do gato...

O incidente acabou bem. Após trabalhosa busca, achou-se o gato maltês, que, ainda a tempo, ocupou o



"O "ilustre" gato Maltês..."

devido lugar na exposição. Mas o Enoch passou por um susto não pequeno. E, além disso, teve o desgôsto de ver, no mesmíssimo quadro negro de uma sala onde se iria dansar, esta quadrinha, de autor desconhecido:

Dar gato por lebre, é velho;
Todos fazem, e há quem troque.
Mas, por gato, dar Coelho?!
Só mesmo idéia do Enoch.

XIII

A virtude recompensada

Curiosas páginas de psicologia juvenil faria, certamente, quem estudasse, no Internato, aquele microcosmo de tipos variados, entre os quais se encontravam no meu tempo, como em todos os internatos, e em todos os tempos, caracteres reveladores das mais divergentes personalidades.

Simples colegial ainda, imerso naquele meio, eu não podia ser psicólogo no rigor da palavra. Em todo o caso, sempre ia observando sem qualquer intenção, as figuras mais interessantes entre meus colegas.

Havia os bons estudantes, inquilinos permanentes dos bancos de honra, tais como o Luiz Claudio de Castilhos, Quintino do Vale, o Leônidas Rezenda; havia os vagabundos incuráveis, colecionadores de zeros e bombas, do tipo do Jorge Esteves, do Lafayette Tapioca, do José Miranda Monteiro de Barros; havia os que estudavam o "quantum satis" e iam vivendo menos mal — como o Cecílio de Carvalho, o Arnaldo Azevedo, o Mário Pollo e outros muitos, entre os quais eu me incluia, sem favor, e sem falsa modéstia. Mas o que mais me surpreendia, era a existência de uns quantos camaradas que não estudavam nada vezes nada, não faziam coisa nenhuma de coisa nenhuma, conversavam e brincavam todo o tempo, e... saiam sempre com boas notas nos concursos e exames de promoção!

Eu não podia me conformar com isso.

Que o aluno estudasse, e obtivesse notas altas, estava certo. Que claudicasse, e "fosse au pau", também se admitia. Mas não estudar, e vencer nas provas, isto é que eu não conseguia compreender, na pobreza de meus recursos e conhecimentos da ciência psicológica, e da vida prática !

O paradigma dessa conjugação "tocar para diante sem fazer fôrça" era o Carlos de Souza Frick. Rapaz alegre, folgazão, excelente companheiro. Mas não estudava. Tínhamos aula de latim? Na última horinha o Frick engambelava o Roberto Jordão, e este lhe passava a tradução de Virgílio, feitinha da Silva!... A coisa era com o Gama? O Frick copiava, no intervalo, os exercícios do Luiz Claudio. Análise de Camões? Lá saía o Frick em busca de quem lhe pudesse ceder ao menos um rascunho com a divisão da estrofe, e as orações principais. Grego, alemão, mecânica, e astronomia eram matérias facultativas; o Frick não as frequentava. Em suma: um felizardo!

Mas... (tudo tem um "mas") esse parasitismo às vezes produzia dissabores e contratempos.

Com o Carlos Frick deu-se mais de um incidente complicado. Ele. porém, se defendia de tal modo, que tudo acabava bem. Tinha sorte, o Frick!

Um dia — andávamos nós pelo terceiro ano do curso, o Silva Ramos entendeu de nos passar, como exercício de composição, uma narrativa subordinada ao título: "A virtude recompensada".

Na véspera da aula em que as redações deviam ser lidas e julgadas, nós conversávamos a respeito do tema proposto. Como geralmente acontecia, uns elogiavam, outros maldiziam o assunto escolhido pelo professor.

— Não gostei, opinava o Sotter Zamith. Por mais que desse tratos à bola, só conseguiu forjar uma história, muito reles, de um menino que acha no bonde uma carteira, descobre nela um papel com o nome do dono, vai

restituí-la e recebe uma certa quantia como recompensa.

— Pois então! Está de acôrdo com o título que o Silva Ramos nos deu...

— Sim, mas parece-me uma historieta vulgaríssima... Se me der na veneta, rasgo essa droga, e faço outras. Mas... a sua, que tal está?

— Penso que tive uma boa idéia, blasonou o Cochrane. A minha história é verdadeira. Passou-se comigo mesmo.

— Com você? Como foi isso?

— Imaginem vocês que um dia eu fui visitar minha madrinha, que mora num sobrado, na rua do Rezende. Ela tinha saido; eu fiquei sózinho, esperando que voltasse; e, querendo me distrair, fui para a sacada ver o movimento da rua. Do ponto em que eu estava, via-se muito bem uma janela da casa defronte, janela que dava para um quarto de dormir. Ali estava um menino pequenino, de uns dois anos. Eu reparei que não havia mais ninguem no quarto. De repente, o menino pôs-se a trepar pelo gradil da varanda, inclinando-se para a rua. Eu fiquei horrorizado, vendo que êle ia cair. Então gritei: "Desça daí, menino! Senão você cai!" Está claro que gritei sem assustar a criança, pois do contrário podia ser pior. O menino desceu do gradil. Mas eu notei que ele estava doidinho para subir de novo. Então fiquei ali, um tempo imenso, tomando conta do menino, até que apareceu uma empregada que o levou para dentro. Pois a mãe do menino, que é uma doceira, soube do caso, e mandou-me de presente um pacote de ótimos bombons, com um cartãozinho, agradecendo o serviço que eu tinha prestado...

— Agora me lembro! exclamou o Sotter Zamith. Comigo aconteceu uma coisa nêsse gênero... mas um pouco diferente.

— E você, Mello e Souza, perguntou o Gastão Renato. Como é a sua história?

Contei, então, a história que eu havia inventado.

Tratava-se de um menino de dez ou doze anos, órfão de pai, que morava com sua mãe, pobre lavadeira da roça, num casebre a meia encosta da montanha, não longe do leito da estrada de ferro. Um dia, a mísera sertaneja caí gravamente, enferma; não tem coragem para erguer-se da enxerga onde jazia... Desesperado o menino sai a correr em direção à cidadezinha próxima, afim de pedir a um caridoso médico que fosse ver sua mãe... Para encurtar o caminho, toma pelo leito da via férrea.

— Imaginem vocês, prosseguia eu — que para chegar depressa à cidade, Leví, o garotinho, devia atravessar uma ponte enorme, sobre o Paraíba... um viaduto imenso e estreito... E já se ouvia um rumor do trem que vinha descendo a serra, a toda velocidade... O menino sabia que era perigoso passar a ponte, saltando de dormente em dormente... Mas ele precisava chegar o mais depressa possivel; então...

— O' Mello e Souza, disse o Gastão Renato interessado pelo desfêcho do caso, — se acontecer alguma coisa ruim a esse menino, você me paga!...

— Espere aí, homem! Que pressa! O trem já vinha muito perto... Leví não teria tempo para transpor o viaduto... Mas, levado pelo amor filial, não pensou no perigo que corria...

— E... depois?

— Depois... ouça aqui o que eu digo: "... mas à casa onde a pobre mãe deixara, Leví nunca mais voltou!..."

— Eu rasgo esse caderno! ameaçou o Gastão Renato.

— Essa história não serve! exclama o Botelho Reis. Se o menino morre esmagado pelo trem ou caindo no rio, como é que a virtude foi recompensada?

— Mas o caso ainda não se acabou, gente! A pobre mãe, notando a demora do filho, tem um pressentimento doloroso, e, com um esfôrço sobrehumano, corre à ca-

bana de uns vizinhos, pedindo-lhes, por amor de Deus, que saissem à procura do menino. Alguns camponeses, compadecidos, correram imediatamente em direção



Professor ***SILVA RAMOS***

à cidade e foram seguindo as pegadas de Leví até o viaduto... Dalí por deante, não havia mais vestígios... Só se encontrou, prêso entre as ferragens e vigas da ponte, o gorrinho de Leví!...

— Você é um tipo ordinário! insistiu o Gastão Renato. Isso não se faz!

— Vá ouvindo! Quando os homens voltavam, desanimados, chegavam, tambem à choupana da pobre viuva, numa charrete, dois cavalheiros distintos, e um deles disse: "Pobre mulher, não chores mais! Teu filho não morreu! Antes que o trem o atingisse, ele caiu sobre as vigas da ponte, e ali ficou suspenso... No carro especial que vinha na frente da locomotiva, viajava o Sr. Presidente da República... O trem parou imediatamente, e nós fomos salvar o menino, que estava sem sentidos. Levâmo-lo para a estação, onde nos contou o que ia fazer na cidade. Então o Sr. Presidente, comovido, resolveu tomar o valoroso menino sob sua especial proteção. De hoje em diante, Leví e sua mãe não mais permanecerão na triste indigência em vivem..."

— Assim, sim! concordou o Gastão Renato. A história acaba bem.

— E você, Frick? Já fez a redação?

Tal pergunta partiu do Botelho, que era o ingenuidade em pessoa. Nós outros sabíamos que o Frick nunca fazia nenhum trabalho de classe.

— Amanhã eu me arranjo, disse o Frick. Não se preocupem comigo. Em último caso, se eu for chamado, o Sotter me cede o exercício dele, e pronto!

Era inevitável. Chamado, o Frick, dar-se-ia, sempre, a hipótese que ele denominava "o último caso". Nunca se verificou um dos "casos anteriores..."

Na tarde daquele dia, e na manhã do imediato, o Frick cuidou de tudo, menos do exercício de redação. Durante o recreio que se seguia ao almôço, alguém aludiu ao Silva Ramos e ao trabalho que nos dera.

— Se o Sotter for chamado, nós havemos de rir até o Chico vir de baixo! disse o Domingos de Menezes.

— Porquê?

— Ah!... Porque a segunda redação que ele fez está engraçadíssima! E, por sinal, bastante maliciosa... Imagine que ele conta que, certa vez, da janela da casa,

via uma moça da vizinhança, no seu quarto de dormir... e... etc.!...

— Mas o Sotter será capaz de apresentar uma composição assim ao Silva Ramos?!

— Ora... Se ele é capaz de coisa muito pior!...

Pouco depois estávamos na sala. Não todos, porque alguns velhacos ficaram no corredor, esperando o estimado mestre afim de lhe apresentar umas desculpas muito mal alinhavadas, por não terem feito a composição. Da sala, já ouvíamos o ilustre acadêmico dizer: "Está baim, está baim; cá tomo nota..."

O Cóchrane veio correndo, a avisou o Frick:

— Frick! Você vai ser chamado!

— Eu?! Quem disse?

— O próprio dr. Silva Ramos. Ele vai chamar pela ordem da lista, os que ainda não tiveram nota, e você é o primeiro.

— E esta agora! Também vocês vivem pedindo dispensa ao velho! Isso não se faz! Não é sério!

— Pois peça você também!

— Não posso! Já pedi nas duas semanas passadas! Quem me arranja uma redação?

Ninguem se ofereceu para salvá-lo do embaraço. Nesse momento entrava o Silva Ramos, acompanhado pelo séquito de vadios, entre os quais o Sotter.

Eu e o Luiz de Castilhos, que ocupávamos as carteiras da frente, indagamos:

— E' verdade que você inutilizou a primeira composição, e fez uma outra fortemente apimentada?

— Fiz, de troça, ouviram? Mas não pretendia apresentar uma coisa dessas ao Silva Ramos. Por isso mesmo pedi que não me chamasse hoje...

Quando o Sotter ocupou seu lugar, já o Frick lhe havia surripiado o caderno de Português. E, chamado pelo professor, encaminhou-se para a mesa, com o ar mais natural dêste mundo.

— Ora muito baim! Leia o seu trabalho, m'nino! Sou todo ouvidos!

E, impondo silêncio à turma, o saudoso professor anunciou:

— O sr. Carlos de Souza Frick vai ler o seu trabalho sob o título: "A Virtude Recompensada".

O Frick, com o maior caradurismo do século, pôs-se em atitude solene, pigarrou, e leu:

A VIRTUDE RECOMPENSADA

"A perseverança é uma virtude muito louvável, e, como tal, merece recompensa."

— Muito baim! disse o Silva Ramos esfregando as mãos. Disse muito baim! Prossiga.

— "O jovem Frederico estava, certa noite, em casa de uma tia sua, residente num alto sobrado, de construção antiga, na rua do Riachuelo. Ele ficara só na casa, visto que a supracitada tia dele e outras pessoas tinham saido para uma ligeira visita nos arredores.

Para se distrair, ele foi para a sacada da frente, apagou a lâmpada, e ficou observando a rua e as casas próximas. Viu, então, por uma janela entreaberta, o interior de um quarto de dormir, onde havia luz forte. Uma bonita moça ali estava, evidentemente preparando-se para deitar-se.

— Ela não sabe que eu daqui vejo tudo... pensou o Frederico.

E ficou no posto, firme, perseverante, já pensando na interessante cena que seria ver uma bela moça vestir a sua camisola côr de rosa..."

— Mas... ó Senhor Frick, interrompeu o Silva Ramos — quer me parecer que a redação não está de todo ruim... mas no tocante à moral, deixa algo a desejaire... Vamos adiante...

O Frick, muito vermelho, prosseguiu:

— "Passou-se muito tempo... A formosa vizinha, longe de supor que estava sendo ansiosamente observada, ocupou-se em mil pequenos arranjos que pareciam não acabar nunca... De repente, apagou a luz.

"Que pena! pensou o Frederico. Perdi meu tempo, e meu esfôrço..."

Mas não se afastou dali. Ele era dotado de grande perseverança! Momentos depois, a luz do quarto se restabeleceu. A moça precisava naturalmente encontrar algum alfinete ou grampo que caira... Em seguida sem se preocupar com a luz, tratou de mudar a roupa para deitar-se...



Levi não teria tempo para transpor o viaduto.

Nesse ponto notamos que o Frick se perturbava e hesitava em ler a frase seguinte.

— Já acabou, menino?

— Ainda não senhor.

— Então prossiga!

E o Frick, balbuciando:

— E... e... e a bela jovem... Não! E... e... e o Frederico... E com um sorriso brejeiro, o Frick foi logo à última frase:

— E... e a virtude foi recompensada!...

— O' m'nino! disse o Silva Ramos em tom sério — você já leu o Decâmeron?

—Não senhor... nem sei o que é isso...

— Pois ninguaim dirá.. Neste andaire, você acabará como o Bocácio de Mata-Cavalos, está a ouvire? Por hoje ganha uma nota sofrivel... mas não me repita a receita, entendeu?

No intervalo, finda a aula, o Frick quis brigar com o Sotter.

— Isso não se faz! Você me deixou mal! Devia ter-me avisado!

— Mas — defendia-se o Sotter — eu lá sabia que você ia levar-me o caderno sem me consultar? E podia adivinhar que você deixaria a composição boa, para ler a que eu ia mandar ao "Rio Nú"? (1)

— (1) — Revista licenciosa, que se editava então no Rio de Janeiro.

LADAH
Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

XIV

Bernardo não foi Saturnino

(Capítulo inédito da pre-história do Colégio Pedro II)

Sempre foi para mim um grato enlêvo ouvir as narrativas dos velhinhos, acêrca de episódios de sua mocidade. Mera curiosidade em rever, na imaginação, cenas e vultos de outrora, afim de os comparar aos de meu tempo, ou manifesto pendor para a análise sistemática do passado, qual fosse a razão dessa tendência, nunca tentei descobrir. Menino ainda, ouvia atento as histórias de um ex-escravo de meu avô materno, o velho, ou melhor, o arqui-velho João Bicudo, quase centenário então, que nos contava coisas espantosas da revolução liberal de 1842, tendo ele tomado parte no combate da Trincheira, em Silveiras. Exibindo-lhe, certa vez, uma cópia do quadro de Pedro Américo, perguntamos muito a sério, se não teria sido ele aquele caboclo carreiro que figura, com seus bois e seu veículo, à margem da estrada, ouvindo "de um povo heroico o brado retumbante". Depois de se inteirar da época e do local, e de conferir, com os arcanos da memória, a cena da estampa, ele declarou, categoricamente, que não, pois naquele tempo deveria ser ainda "um molequinho muito pequerrucho".

Outro ancião cuja crônica me atraía foi meu padrinho de batismo, o velho fazendeiro Capitão José Carlos, dono de longas barbas brancas e proféticas, chefe políti-

co em minha terra natal, e homem que falava de João Alfredo, Silva Jardim e Prudente de Morais com uma familiaridade que me assombrava. Sem o respeito que me tolhia, eu o teria interpelado sobre muitos casos interessantes do último quartel do século.

No Ginásio Nacional, dois velhos foram, com suas palestras cheias de ensinamentos e recordações, os continuadores dessa ascendência moral que a ancianidade exercia sobre meu espírito: Matoso Maia, a quem tive, por alguns meses, como professor de História, e o inspetor Barbosa.

Era um excelente homem, o velho Barbosa. Modêlo como funcionário, como chefe de família, como cidadão. Muito pobre, obrigado pelas circunstâncias a trabalhar até aquela avançada idade, apresentava-se sempre trajando com decência um terno já no limite extremo do serviço, mas asseado e escovado sempre.

Em demoradas conversas com ele, quando a convivência criou, entre nós, vínculos de amizade, cheguei à conclusão de que um único defeito diminuia, a meu ver, o mérito de sua personalidade. E que ele descria do regime republicano instaurado no Brasil em 89, e falava, com saudade, das coisas e dos homens da monarquia. Eu, republicano exaltado, possuido de sincero entusiasmo pelas instituições liberais e democráticas, abstinha-me de o contrariar, limitando-me a menear a cabeça com um sorriso de quem não discute, mas tembem não concorda. De muito me tem valido, na vida, a prática desse sorriso.

Sorria, por sua vez, o velho Barbosa, quando lhe diziam que seu apelido era "Campos Sales". Com efeito, ele se parecia muitíssimo com o nosso ilustre conterrâneo que havia deixado, em 1902, a presidência da República. Mais de um caso interessante lhe havia acontecido em consequência desse extraordinária semelhança fisionômica.

— Contanto que não digam de mim o que andam espalhando por aí acêrca da probidade do homem... comentava ele.

Realmente, naquela época, algumas folhas que infelizmente circulavam nesta capital agrediam de maneira



B. P. de Barbosa

atroz a honra do antigo Chefe do Estado por motivos que bem se avaliam.

Barbosa era paulista, e paulista a maioria do grupo que apreciava sua conversa: eu, o Heitor Freire de Carvalho, o Israel França e outros. Dêsse grupo era eu o mais adiantado. Sempre que podia, deixava minha sala para prosar com o velho conterrâneo. Os tercei-

-ro-anistas invejavam-me aquela intimidade, e tudo faziam para perturbá-la.

— Que gentinha ruim! dizia eu indignado. No seu caso, daria parte de todos eles.

— Ora... para quê? tornava o excelente homem. São bons meninos... Têm bons sentimentos... Um pouco inquietos, mas isso é próprio da idade... Olhe lá estão o Silvares e o Baltasar da Silveira conversando... aquilo acaba em briga, já sei.

— Ralhe com eles, seu Barbosa!

— Não é preciso. Neste instante o Quintino e o Leônidas Rezende que querem estudar, vão conseguir o silêncio. Eles têm uma régua muito dura, com que cutucam pelas costas os conversadores.

— Noto que aquí poucos estudam... Só o Cecílio...

— Pois engana-se. O Cecilio estuda dez minutos no máximo; o resto do tempo gasta-o em decorar poesias.

— E o Felix Sampaio?

— Bom menino... mas só pensa em colaborar em almanaques e revistas. Coleciona charadas, pensamentos célebres e outras bobagens...

— Mas o Grosz de Sá...

— Quem? Aquele lourinho? Esse pede licença para cuspir uma trinta vezes, durante o estudo.

— Será doença?

— Nada. E' só para ver o que se passa lá por fora, e trazer novidades.

E assim o velho Barbosa conhecia o fraco de cada qual, e para cada qual tinha uma palavra de complacência e desculpa. O Casemiro de Menezes, que não parava para um só momento, dava com isso prova de um dinamismo louvável; o Cipriano Amaro, que falava pelos cotovelos, seria — quem sabe? — um grande orador; o Souza Pinto, que fazia cola para si, e para a turma toda, perito na arte de contrair capítulos do livro em minúsculos papelinhos, era altruista, serviçal e infatigável; o Fonseca, o Araujo Lima, o Macedo Soares Guimarães,

turbulentos incorrigíveis, demonstravam possuir enérgica personalidade; o Savério Pentagna, que não gostava do latim, era um espírito moderno, avêsso a línguas mortas e quejandas velharias... E assim por diante!

Bom homem, aquele Barbosa!

Sinto deveras grande pezar em não ter tido a lembrança de escrever muita coisa que o velho inspetor nos referiu acêrca do colégio que nos acolhia e educava. Com mais de trinta anos de serviço, ele havia conhecido antigos funcionários e professores que trabalhavam no instituto desde o tempo de sua fundação. Dessa gente, que já era antiga na casa quando ele apenas se iniciava, ouvira uma série de casos interessantes, que, reunidos aos de sua própria observação formariam uma crônica completa, a história antiga, a média, e a moderna do "Colégio de Pedro II". Que alunos eram citados nessas historietas? Alvares de Azevedo, Raul Pompéia, Pizarro, Joaquim Nabuco, Rio Branco, Rodrigues Alves, Ramiz Galvão, Carlos de Carvalho, Washington Luis, Raul Pederneiras... E que professores mencionavam? Homens como Gonçalves Dias, Macedo, Barão Homem de Mello, Rio Branco. Capistrano de Abreu Tautpheus... Um dia, o Conde d'Eu, que, seguindo o exemplo do sogro, visitava de quando em quando o Colégio, entendeu de discutir com um aluno, o Alexandre Soares de Mello, sôbre não sei que ponto de história do Brasil. Sem atender aos sinais que lhe fazia, com os olhos, o professor da cadeira, o esperto menino provou por *a* mais *b* que o príncipe estava redondamente equivocado. Tinha personalidade, o Alexandre, e não transigia com as conveniências da etiqueta. Raul Pompéia, o estéta do Ateneu, era de uma sensibilidade notável... Promoveu, um dia, um sarilho enorme numa sala de estudo, sabem porquê? Porque ele queria, por fôrça, relembrar cantarolando baixinho, certo trecho de ópera clássica,

mas uns colegas o impediam, trauteando na mesma ocasião uma toada galhofeira que se cantava assim:

Ó raio, ó sol,
Suspende a lua!...
Bravos ao velho
Que está na rua!

Um único episódio "barboseano" eu incluí na "Vida de Hoje". Saiu com o título: "Bernardo não foi Saturnino". Em rigor, não pertence á história antiga, mas á pre-história do Colégio Pedro II. Vejamos como nô-lo contava o velho inspetor.

Serviu por muitos anos como escrivão do Colégio um homem de origem modesta, se bem que possuisse regular cultura. Chamava-se Lucindo Pereira. Era um pobre rapaz que Bernardo de Vosconcelos trouxera de Guaratinguetá como camareiro, e de quem finalmente fez secretário de sua confiança. Um filho e homônimo desse Lucindo veio a ser, tempos depois, professor de latim do estabelecimento. Tinham os Lucindos nas veias um pouco de sangue africano, esse sangue bom, cujo vigor veio fecundar nossa terra e concorrer para a formação do Brasil. Pois bem: rapazola ainda, o primeiro dos Lucindos já revelava aquela inteligência que o filho tanto havia de aprimorar mais tarde. Por isso mesmo o amo queria que ele estudasse, para que pudesse ser alguma coisa na vida.

Bernardo de Vasconcelos vivia doente. Quando se agravavam os males do reumatismo, ou coisa parecida, de que sofria, era a custa de dores atrozes que podia caminhar, a passo tardo, e todo curvado. Apezar dêsse padecimento trabalhava, e muito. Era deputado; redigia projetos de leis, relatórios, longos pareceres. Ás vezes, quando escrevia, ou folheava processos, gemia de dores, coitado! Uma de sua preocupações capitais era o ensino.

Um dia veio, furioso, da Câmara.

— Precisamos tanto de escolas! dizia ele aos íntimos, — no entanto o Govêrno resolveu gastar uma verba enorme, para que?... advinhem! .. para contratar um engenheiro francês que vai instalar um repuxo... sim, um repuxo; onde?... No largo do Capim! E' o maior dos absurdos! Deixar os meninos sem instrução, ou entregues a professores estrangeiros, para consumir dinheiro numa obra dessas! Tanta água caindo atoa, na Tijuca! Quem gosta de vê-la cair, que vá para a montanha! E' mais bonito, mais pitoresco, e de graça! Mas com ministro do tipo do Zé Saturnino, esta Regência não vai por diante! Não passa do largo do Capim!

E rematava o aranzel: "Ah!... seu eu fosse ministro!..."

Nem de propósito. Em setembro de 1837, dias antes da renúncia do regente Feijó, o chefe conservador Araujo Lima, que assumiria o govêrno do Império, foi em pessoa áquela velha casa das Laranjeiras afim de convidar o ardoroso parlamentar para a chefia do ministério. Contava Lucindo Pereira que, postado discretamente no corredor, ouvira a conversa dos eminentes políticos. "Meu amo será ministro!" pensava ele, com o coraçâo batendo de alegria. Infelizmente Vasconcelos andava passando mal, e, alegando faltarem-lhe fôrças e saude para tão árdua função, não quis aceitar o honroso convite.

— Não, senhor Ministro... Sinto muito, mas não é possível...

— Pense bem, meu amigo, exclamou o futuro regente, no momento de tomar a carruagem, de volta. Bem sabe que eu preciso de seus serviços Feijó vai renunciar em breves dias; a situação do país se agrava, e a luta parlamentar será tremenda. No Rio Grande e na Bahia as coisas vão de mal a pior. Não me recuse seu concurso. Olhe : eu esperarei uma resposta definitiva até o dia 16.

Nesse dia, já tarde da noite, Lucindo Pereira viu suas esperanças ruirem por terra. Bernardo de Vas-

concelos, ao cabo de angustiosa hesitação, considerando o estado precário de sua saúde, tomara a decisão definitiva. Chamando um de seus servidores, confiou-lhe uma carta, que redigira ás pressas, e ordenou :

— Martinho, toma o melhor cavalo, e corre á quinta do dr. Pedro de Araujo Lima! Ele está esperando esta carta minha. Anda! Não percas tempo!

E reentrando em casa, caminhou, vagarosamente, em direção a seu gabinete de trabalho (*).

— Está acabado, — disse a Lucindo, enquanto este fechava as largas vidraças do aposento. Não posso ser ministro!... Estas dores me matam!... Paciência!... Agora, mercê de Deus! — vou dormir com a consciência tranquila. O regente arranjará outro: o Brasil tem muita gente boa. Eu é que não posso. Vamos, Lucindo, apaga estas luzes.

— Se V. S. permite, eu poderia ler ainda por meia hora... balbuciou o tímido camareiro.

— Menino, já te tenho dito que não deves ficar estudando pela noite a dentro... Não tens saude para tanto... Aliás não precisas disso, porque nas aulas do Collège Guìnard aprenderás muito mais e melhor... Bem sabes que te recomendei especialmente a Mr. Guinard, e...

— Perdão, senhor... mas... eu não queria lhe dizer... V. S. anda tão preocupado... Mas...

— Mas o quê, rapaz? Dize, anda!

— E' que eu resolvi não frequentar mais o Collège Guinard.

— Ora essa? Porquê?

— Porque... não posso... Aquele homem vive falando mal do Brasil. Ridiculariza o que é nosso de modo a irritar a gente... Há dias disse, em plena sala: "E eu estou condenado a passar uns três ou quatro anos neste

---

(*) Parece haver engano do Barbosa. Naquela época a paralisia já não permitia que Bernardo caminhasse sem auxílio de outros. N. do A.

país atrasado, no meio desta gente sem brio e sem vergonha!..."

— Aquele cão disse isso?! exclamou Bernardo de Vasconcelos no auge da indignação.

— Sim, senhor!...

— Ah! Isso não há de ficar assim! Um canalha que não tinha onde cair morto em sua terra, e que já fez fortuna no Brasil! Ah! Precisamos libertar os nossos filhos desses tratantes! Havemos de ter um colégio *nosso*, só *nosso*, ouviste? Ó Lucindo, tu serás capaz de alcançar o Martinho?

— Creio que sim, senhor...

— E não tens medo de andar a estas horas por aquelas estradas de Matacavalos?

— Oh! Isso não, senhor!

— Pois então avia-te, enquanto escrevo outra carta ao Araujo Lima. Serei ministro do novo regente do Império... Ai!... que maldito reumatismo!... Serei *ministro*, está a ouvir? E antes do fim *dêste ano* um colégio brasileiro estará creado, ou eu deixarei o cargo! Sim, porque não serei ministro tipo Zé Saturnino, não senhor! O que eu digo que faço, hei de fazer! Anda, rapaz, que o Martinho deve ir longe!...

Dois meses e meio depois, estava fundado o "Colégio de Pedro II". As lutas parlamentares não permitiram ao valoroso ministro cumprir mais cedo o que prometera.

— Eis aí, — prosseguia o Barbosa — o que muita gente ignora: a razão por que não se construiu um edifício especial para o novo instituto. Bernardo de Vasconcelos tinha urgência. Preferiu encampar um velho e pobre orfanato já existente, o Seminário de São Joaquim, casa humilde, que se mantinha com os donativos que os próprios órfãos ali recolhidos angariavam, no pórtico das igrejas, estendendo a mão à caridade pública...

"E o mais curioso, — concluia êle, é que o Jornal do Comércio, comentando o decreto que criou o Colégio de

Pedro II, declara, com evidente malícia: "Ao menos desta vez foram realizadas, *pelo ministro,* as promessas feitas pelo *deputado...*"'

Verifiquei, mais tarde, a exatidão do que nos dizia o Barbosa. A frase atribuida ao "Jornal do Comércio" lá está, quase literalmente, na edição de 9 de dezembro de 1837.

Concluido meu curso, não vi mais o velho Barbosa Soube, apenas, que se aposentara e passara a residir em companhia de uma filha, em cidade próxima a São Paulo.

Andava eu pelo segundo ano de Direito, quando fui passar na Paulicéia uns dias de férias. Meu cunhado Raul Campos servia-me de cicerone, porquanto eu não me conduzia bem pelo dédalo de ruas da capital paulista. Um dia, sob cerração espêssa, estávamos ambos esperando o bonde numa esquina. Tive, então, a alegria de ver, a pequena distância, o meu velho inspetor, que ali se achava para o mesmo fim. Cumprimentei-o, e ele me respondeu com um sorriso. Estava, como sempre, modestamente vestido, e engordara um pouco. Ao vê-lo, meu cunhado tirou-lhe o chapéu, também.

— Você conhece-o? indaguei. E' o Barbosa, que foi meu inspetor no Ginásio...

— Qual Barbosa, João! Aquele senhor é o Dr. Campos Sales, que foi Presidente da República!

Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

XV

O Belisário e os burros de grego

— Menino, o grego é muito di... ficil!

Muitas vezes ouvimos essa declaração de nosso professor interino de grego, o saudoso Henrique de Noronha. E, convencidos de que a língua em que Homero compôs suas rapsódias era, na realidade, um desafio constante à nossa inteligência, nós, alunos do Internato, estudávamos devéras, na obstinação de vencer aquelas dificuldades, devassando o recinto sagrado de Eleusis, com o indefinivel prazer de conquistar aqueles tesouros de arte, de fantasia e de beleza, acessiveis somente aos iniciados.

Em nosso tempo, o estudo do grego era facultativo. Os que não pretendessem o título de bacharéis em letras e se contentassem com os preparatórios exigidos para o ingresso nas faculdades, podiam prescindir da língua helênica, bem como da Lógica, da Mecânica e da Astronomia. Seis alunos, de nossa turma de quintanistas, cursavam as aulas do dr. Noronha. O Belisário de Souza, hoje jornalista eminente, o Carrão, o Mário Assis, o Luiz de Castilhos e o Roberto Jordão, que já tenho citado nestas crônicas, faziam parte do grupo de candidatos ao bacharelado. O amavel ouvinte há-de me per-

doar a vaidadezinha de incluir-me nesse grupo, citando o famoso verso de Dante:

Si chio fui sesto fra cotanto senno!

Jorge Esteves, trocista incorrigivel, não estudava o grego, mas às vezes assistia às aulas para se divertir com aquelas declinações complicadas, ou com a conjugação dos verbos na voz média, de que não raro resultavam combinações muito pitorescas. Não sendo aluno do curso, o Jorge podia intervir nos debates da lição com alguns ditos jocosos, sem que o professor se molestasse. E assim, sob a direção de um mestre bondosíssimo, decorreu tranquilamente o nosso quinto ano, durante o qual traduzimos os "Diálogos dos Mortos" de Luciano, e trechos escolhidos da ILÍADA e da ODISSÉIA.

No sexto ano, porém, surpreendeu-me uma notícia pouco animadora. Reassumira seu lugar de catedrático de grego, após demorado afastamento, o professor Hans Heilborn.

— Que tal é esse professor? perguntamos ao dr. Coqueiro, então diretor do Internato.

— Não o conheço ainda como professor, disse-nos o dr. Coqueiro. Sei que é homem de cultura, e que, no concurso, revelou grandes conhecimentos.

Para nossa curiosidade não bastava. Indagamos de outros professores, e soubemos que o lente de grego era gordo, louro, barbado, circunspecto. Súdito do Kaiser Guilherme II, expressava-se em português com um sotaque acentuadamente teutônico.

Dias depois, o dr. Hans Heilborn entrou em exercício. Quando êle nos surgiu na sala de aula, sentimo-nos possuidos de terror pânico, muito semelhante ao dos lusitanos ao verem o gigante Adamastor. O homem mostrou-se desde logo severo, rigoroso, inflexivel. Começou por impugnar os livros que havíamos traduzido no ano anterior.

— Estes autôrres non serrvem... O Dialôgo dos Mórrtos de Luciano é traduçon parra creanças de Kindergarten... Os senhorres von traduzirr Platon!

E, resistindo a nossas ponderações, determinou que já na aula imediata tivéssemos o FÉDON, de Platão. Traduziríamos, em aula, os primeiros tópicos. A turma continuava literalmente apavorada. Na arguição a que êle submeteu a pequena classe, quasi todos se espicharam redondamente. O Jordão errou no presente do indicativo do verbo "eimi!" O Castilhos, primeiro aluno nas aulas do Gama, não soube declinar "kephalê!".

Mas o que estava mais GREGO no grego era o Belisário de Souza. O futuro deputado e jornalista colaborava em jornaisinhos mineiros e quasi nada estudava. Venceu, porém, o curso, a golpes de talento, que isso êle tinha e tem, de sobra.

— Vocês não se preocupem comigo, disse-nos êle, no recreio, quando comentávamos o desastre da aula. Vou sair hoje à tarde, e arranjo tudo.

— Arranja como, Belisário?

— Ora... Você ainda pergunta? Por acaso você pensa que alguem aquí é capaz de traduzir Platão, especialmente o "Fédon", uma filosofia transcendente que discute doutrinas complicadas sobre a existência da alma? Seria uma loucura!

— E... então?

— Então... eu vou comprar o BURRO do "Fédon".

O Belisário, em se tratando de línguas clássicas, mortas ou agonizantes, não perdia tempo: procurava logo obter a tradução francesa, nesses livrinhos prestimosos, que o estudante ingrato denomina BURROS. Nós outros não tinhamos recursos para fazer o mesmo, e arrancávamos penosamente o texto mediante buscas exaustivas nos dicionários. Quantas vezes nos custava descobrir o sujeito da oração principal! Com que afã compulsávamos, nervosamente, nas horas de estudo, o Saraiva, ou o Chassang! No entanto, o Belisário lá es-

tava, sempre sorridente, com o BURRINHO clandestino e amigo, que êle não emprestava a ninguém e que lhe fornecia, sem trabalho, a ordem direta do texto, e a tradução justalinear!

— Que desaforo! protestava, em voz! baixa, o Assis.

— Aquilo é a lei do menor esfôrço, explicava o Carrão.

— Qual nada! sugeria o Castilhos. E' coisa muito melhor! E' a lei do NENHUM ESFORÇO.

O Belisário não se dava por achado. Feita a tradução, guardava os livros e punha-se a escrevinhar artigos políticos. Sim, senhores! Naquele tempo o Belisário escrevia artigos políticos de oposição ao governo Rodrigues Alves! *"Quantum mutatus ab illo!"*

Com efeito, o Belisário conseguiu uma saída; e voltou na manhã seguinte trazendo dois livros: o "Phédon" autêntico Platão, edição Hachette, e o respectivo BURRO. E gabava-se:

— Olhem que me custou achar este burrinho, pessoal! Só o tem o Garnier; e, lá mesmo, há mais um exemplar, tão somente! Se vocês quiserem, mandem buscá-lo, porque... já se sabe... burro não se empresta, ouviram?

Formamos um conselho, e, por unanimidade, resolvemos, pondo de lado certos preconceitos, abrir uma subscriçãozinha secreta e comprar o livrinho. Juntamos os cinco mil e oitocentos réis, preço do volume, e pedimos ao inspetor Correia que nos fizesse a compra. Imagine-se nossa decepção quando, no dia imediato, o Correia nos devolveu o dinheiro, informando:

—Não há mais o livro que vocês encomendaram. Restava só um exemplar, e esse mesmo foi vendido ontem.

—E foi o Hans Heilborn quem comprou, aduziu o Jorge Esteves. Escrevam o que estou dizendo: foi o Hans que comprou!

Deixando de parte as piadas do Jorge, o caso era que a Plêiade estava nos apuros. E o Belisário, satisfeito,

vitorioso, encapava, cuidadosamente o seu burrico, enquanto referia coisas que lhe haviam contado na livraria, a propósito do concurso do professor Hans Heilborn.

— Vocês nem calculam! confidenciava êle, — foi um sucesso! Quando o Hans foi ler a prova escrita, toda a gente que enchia o salão caiu na gargalhada, e êle ficou possesso! Quem me contou, assistiu ao fato. O Hans quis traduzir os primeiros versos do canto II da Odisséia e saiu-se com esta: *Lôgo que a Orrôrra, de dedos corr-derrôsa trrouxe o dia, o filho de Ulisses...* Um examinador perguntou: "Quem, senhor candidato?" E êle: *O filho de Ulisses Telemáco... rreuniu os arraútos de vôz sonôrra...* E foi por aí além...

— Mas... Não entendí! Que quer dizer iso? indaga o Jorge.

— Oh, homem! Pois você não sabe? Nós já traduzimos isso com o Noronha. E' assim: "Logo que a Aurora, de dedos côr de rosa, trouxe o dia, o filho de Ulisses, Telêmaco, reuniu os arautos de voz sonôra... etc."

Previámos que a primeira aula de grego seria tormentosa, e tal se deu. O Hans entrou furioso.

— Não pôsso indicar o Fedôn. O senhor dirretor me declarrou que não há exemplares no merrcado.

Ah! Que alívio sentimos! Estávamos livres da filosofia! Alguns malvados lançaram olhares de zombaria ao Belisário. O Jorge comentou:

— Mas... que idéia do Coqueiro! Mandar comprar livros no MERCADO!

Declarou o professor que êle próprio iria ver, entre os livros existentes nas livrarias, qual o que convinha adotar.

— Parra a prrôxima liçon trraduzam um trrecho qualquerr de Homêrro. Cada um escôlha o que quisêr... Farremos hoje um exercício escrrito...

Antes de terminar a aula, já o exercício estava feito e julgado. Hans Heilborn leu as notas:

— Tivêrron grau trrês: Robêrto Jordon, grau três, Mêllo e Souza, grau trrês... Luiz Castilhos, grau trrês;

esses tiverron grau trrês. Tiverron grrau dois: Otavio Carron, grrau dois, Marrio Assis, grrau dois; esses tiverron grrau dois. Teve grrau zêrro: senhor Belisarrío, grrau zêrro!

Graduavam-se as notas, naquele tempo, de zero a dez. Nós, os cavadores, que esperávamos grau seis ou sete, saimos com três! Os outros, daí para baixo! E o Belisário, grrau zêrro! Uma catástrofe, a sabatina!...

O Belisário ficou indignado. No recreio, em conversa conosco, declarou:

— Ah... mas êle me paga! Vocês verão!

— Veja lá, Belisário... Não se meta nalguma embrulhada...

— Não há perigo. Ele disse que eu serei chamado; pois bem! Eu já sei o que vou traduzir.

— Que é?

— Aquele trechinho... aquele, lembram-se? — do canto II da Odisséia. Hei de ensinar ao Hans como é que se diz: "OS ARAUTOS DE VOZ SONORA!"...

Debalde aconselhamos o Belisário a desistir dêsse temerário propósito. Se o homem desconfiasse... seria um desastre. Mas o futuro deputado já tinha veia de oposicionista. Não cedeu.

Dois dias depois, aula de grego. Como era de prever, o Hans chamou à lição o Belisário.

— Professor, disse este com um arzinho ingênuo, digno de uma aluna do Colégio de Sion — eu escolhí para traduzir, o princípio do canto II da Odisséia.

E o Hans, sem pestanejar: — "Pois vá e abra o seu livro... Leia!

O Belisário leu regularmente. O Hans, muito vermelho, observava-o imóvel, como se o tivesse petrificado a cabeça da Medusa. Sem esperar nova ordem, nosso colega pôs-se a traduzir o trecho, em tom solene e espetaculoso:

— "APENAS A MATINAL AURORA COM SEUS DEDOS CÔR DE ROSA, TROUXE O DIA, QUE O FILHO DE ULISSES"... (e interrompeu para dizer: "O

poeta se refere a TELÊMACO, professor...) E prosseguiu: QUE O FILHO DE ULISSES SE PRECIPITA DE SEU LEITO, E REUNIU OS ARAUTOS DE VOZ SONORA..."

— Basta! exclamou o professor com voz de trovão. Tem grau zêrro! O senhor traduz o francês de uma maneira horrorrôsa!

E o Belisário, simulando surpresa:

— Mas professor, eu traduzi...

— Não insista! O que o senhorr trraduziu é a verson frrancesa de Bitaubé, ediçon da Bibliothèque Nationale!

O Jorge Esteves, que estava aflito por dizer alguma coisa, atraveu-se a opinar:

— Ora, Belisário! Pois você não vê logo que a edição do BURRO dele é igualzinha à sua?



CORPO DOCENTE DO INTERNATO DO GINÁSIO NACIONAL EM 1905
Ao alto: Hans Heilborn, Floriano de Brito, João Ribeiro, Fortunato Duarte, Augusto Guilherme Meschick e José J. Silva Ramos; No centro: Henrique C. O. Costa, Guilherme Afonso de Carvalho, Wenceslau de Oliveira Bello, Agostinho Luiz da Gama e Benedito Raimundo da Silva; Em baixo: Herculano de Abreu, Coelho Barreto, Sílvio Roméro Francisco Pinheiro Guimarães e Augusto Daniel de Araújo Lima

XVI

Uma inglesinha das Arábias

Numa página admirável do Ateneu, Raul Pompeia, com aquele estilo inconfundivel que lhe caracteriza a obra, deplora, como um dos maiores flagelos da vida de internato, o tédio corruptor, que tanto se pode gerar da monotonia do trabalho como da monotonia da ociosidade.

No Internato do Pedro II, no meu tempo chamado "Ginásio Nacional", não sofriamos desse mal, graças a Deus. Na "Vida de Hoje", o irreverente jornalzinho clandestino que só eu possuo em meu arquivo de velharias, há referências jocosas a centenas de episódios, que nos forneciam copiosa e contínua jovialidade. O número reduzido de alunos, as normas de moderada disciplina, os encantos da atividade intelectual sob a direção de bons mestres, tudo concorria para estreitar os laços de camaradagem que o tempo fortalecia entre nós. A vida em comum decorria, assim, fértil em motivos ou simples pretêstos para as expansões dessa alegria comunicativa e sã da mocidade.

Um dos episódios de nossa vida colegial que mais nos divertiram, foi a memorável festa de 30 de setembro de 1905. O dr. Elpídio Trindade, então vice-diretor em exercício, organizara um programa variado, no qual figuravam duas comediazinhas francesas, "L'anglais tel qu'on le parle", de Tristan Bernard, e o "O de-

legado é bom rapaz", adaptação portuguesa de certas cenas extraidas de uma peça de Courteline.

Nosso professor interino de francês, o saudoso Roberto Gomes, tomara a seu cargo a parte teatral da festa. Foi êle quem escolheu os alunos que deviam tomar parte nos dois atos cômicos, e dirigiu os ensaios.

A peça de Bernard é bilingue, e só tem graça se representada em francês e inglês. Trata-se de um casal de noivos que foge da Inglaterra para a França, afim de realizar em Paris o enlace nupcial, a que se opunha o pai da noiva. Os fugitivos hospedam-se num hotel modesto, ao qual, por uma série de casualidades, vai ter, também, o severo pai da moça, quando saiu no encalço da filha.

Ora, precisamente nesse dia o intérprete do hotel faltara ao serviço, enviando, para substituí-lo, um rapaz que sabia uma ou duas palavras de italiano e espanhol, mas não percebia patavina de inglês. Dai uma série de situações embaraçosas, porque o desastrado intérprete, não querendo confessar sua ignorância, mete-se a falar em inglês com os forasteiros, causando *qui-pro-quós* e complicações a que uma revelação inesperada vem dar oportuno e feliz desfêcho.

Na pequena farça que extraimos, com o auxílio de Roberto Gomes, e aproveitando sugestões de colegas da comédia de Courteline, o personagem principal, um excelente rapaz, acaba pondo no xadrês todas as pessoas que vão à delegacia para vários fins. Trancafiou, assim, um honesto cidadão que fôra entregar à polícia um relógio encontrado na rua, um cavalheiro que passeava com inofensivo e minúsculo cãozinho, um reporter, e até um amigo de infância que o fôra convidar para padrinho de casamento. Por último, um doido entra na delegacia, solta os presos, prende o delegado e promove uma balbúrdia colossal.

A maior revelação para o teatro no meu tempo, foi a do Edgar Brito, hoje "Mister Evetts", alto funcionário da Light. O Brito encarregou-se do papel de pai da noi-

va na primeira comédia, e fez o de delegado na outra.

Leonel Esteves foi o intérprete; Borges da Costa, o raptor, Botelho Reis e Roberto Trompowski, excelentes companheiros nossos (já falecidos), incumbiram-se de outros papéis.

O mais dificil era arranjar quem fizesse o da noiva, Hoje, o Externato possue uma legião de meninas, entre as quais há muitas com real aptidão para o teatro, e que, nesse caso desempenham gentilmente os papeis femininos. Mas naquele tempo, não as havia. Só representantes do sexo feio cursavam as duas seções do colégio. Tornou-se forçoso descobrir, entre nossos colegas, um que manejasse bem as duas linguas, e que pudesse apresentar, devidamente caracterizado, a aparência de um inglês, isto é, de uma inglesinha autêntica, e, além, disso, noiva!

— Quem é que vocês me indicam? perguntava aflito o dr. Roberto Gomes. Olhem que temos poucos dias para ensaiar!

Eu e o Azuil Peixoto sugerimos alguns nomes. Nenhum servia. O Felix Sampaio, porque era (e ainda é) moreno; o Carrão porque era feio; o Mário Leal porque não sabia dizer nem "All right"; e assim por deante.

— Já achei! exclamou de repente o professor com um entusiasmo tal que nos lembrou o "Eureka" de Arquimedes, ao resolver o problema da coroa.

— Quem é? indagamos, curiosos.

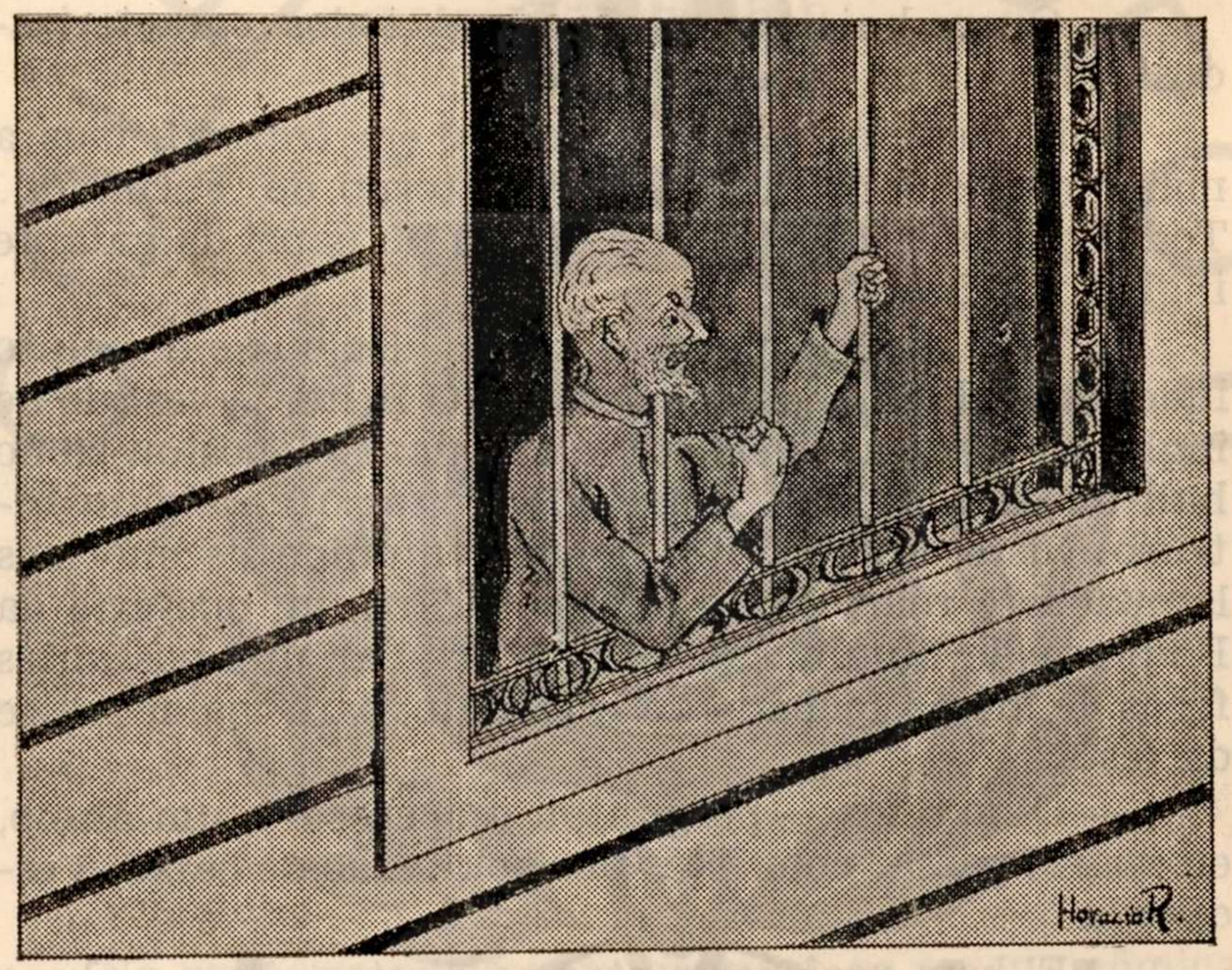
Roberto Gomes citou o nome de seu escolhido.

Achamos ótima a lembrança. O Fernando de Souza Petronilha apresentava todos os requisitos exigidos. Era simpático, ruivela, bom aluno em francês e inglês. Daria uma ingenuazinha inglesa de primeira ordem.

Todas as tardes ensaiávamos as duas comédiazinhas.

Encerrado o expediente do dia, a sala dos professores, o salão nobre, e o gabinete do secretário ficavam a nossa disposição, vedando-se a entrada de alunos e em-

pregados subalternos para que não pertubassem nossos trabalhos. De longe, alguns colegas mais curiosos, espiavam, atraidos pela algazarra que nós fazíamos. A cena da delegacia acabava em desordem e berreiro infernal: o delegado, os presos, o doido, o repórter, os policiais todos se engalfinhavam, derrubando mesas e cadeiras. A comédia de Bernard tinha tambem, cenas movimentadas. Os rapazes ouviam de longe aquela



. . . dizia tôda a sorte de desaforos ao insolente . . .

bulha insólita, e ficavam ansiosos por saber o que se passava entre os "artistas".

No pavimento térreo ficava a rouparia do Colégio.

Ali, entre enormes armários escuros, vivia o Vitorino, o velho roupeiro, relíquia do tempo do Imperador.

Era um bom homem. Mas irritava-se ao extremo quando o chamavam pelo apelido. Não sei quem descobriu que ele tinha qualquer semelhança com o autor

de uma gramática inglesa adotada no Colégio. Era Jacó Bensabát, o autor do livro; passaram a chamar o roupeiro de Jacó Bensabát. Se, da rua ou do recreio, alguém gritasse: — "Jacó Bensabát! O' seu Jacó Bensabát" — o velho Vitorino emergindo daqueles montões de roupa suja, chegava-se às grades de ferro, e dizia toda sorte de desaforos ao insolente invisível.

Na véspera da festa não houve aulas, para que se ultimassem os preparativos.

— Quero hoje, no ensaio geral, todos caracterizados! disso o dr. Roberto Gomes.

Dois meninos iam representar em *travesti,* mas a maior curiosidade gravitava em torno do Fernando. Todos queriam ver como ele ficaria no papel da galante inglesinha Betty.

À tarde, houve o ensaio geral. Isolou-se o recinto indevassável onde íamos operar. O Brito, já vestido de inglês — e era um perfeito *gentleman!* — postou-se no hall da escada, para impedir o ingresso de algum intruso. Nisto, aparece um homem, munido de enormos lâmpadas e rôlos de fio elétrico. Era um operário da Empresa de iluminação, que ia instalar uns possantes fócos de luz na fachada do Internato, para maior realce da festa.

— O' m'nino — perguntou o operário a um aluno, eu *podria* passar com êstes fios pelo salão de baixo, à esquerda?

— E' bom você perguntar ao diretor, disse o aluno apontando maliciosamente para o Brito.

O homem aproxima-se do elegante cavalheiro e renova, respeitosamente a pergunta.

— Pode, autorizou o Brito com ar sério, imperturbável. Mas chame, pela janela, o roupeiro, que é o Sr. Jacó Bensabát. Chame-o em voz alta, porque ele é surdo.

O operário dispôs as lâmpadas na calçada lateral e esperou que o seu ajudante trouxesse uma enorme esca-

da pela qual subiria até o ponto da fachada onde devia colocar o primeiro foco.

Nesse interim, terminara o ensaio da comédia, e o Fernando, vestido de inglesinha, perseguido pelas troças dos colegas, subiu de três em três degraus a escada da frente, rumo ao dormitório, onde ia desembaraçar-se dos trajes femininos.



Ilustração feita por um aluno para o programa da festa de 30 de Setembro de 1903

No primeiro pavimento ensaiáva-se a cena cômica da delegacia. Gritava o delegado, gritavam os soldados armados de sabre, gritava o doido armado de um inofensivo revólver.

O operário, que, de fóra, galgando os degraus da escada, via, sem compreender, o que se passava no interior do prédio, desceu apressado, e, chegando à janela da rouparia, gritou:

— O' Sr. Jacó de Sabá! O' Sr. Jacó! Faça o *favoire*, homem!

O velho roupeiro surgiu, carrancudo, furioso, e desancou o imprudente com um tremendo vocabulário de impropérios.

Momentos depois, aterrado, dizia o pobre homem ao Seixas, almoxarife, que fôra tomar conhecimento do caso:

— Isto não é Colégio, meu caro senhor; isto parece uma mansão de doudos! No gabinete está o diretor atracado com uns gajos, numa surriada medonha; cá em baixo, vou eu falar muito delicadamente ao Sr. Jacó de Sabá, e o raio do velho me recebe com palavrões de carroceiro...

— Não tem importância, explicou o Seixas. E' coisa da rapaziada... Pode subir, e faça o seu serviço. Não se incomode com o que vai por aí.

— Ah... isto é que não! disse o homem. Não vou lá agora, que lá está uma mulherzinha das Arábias, que surrou um bando de rapazes, a travesseiradas... e... é como lhe estou a contaire... p'los modos ela q'ria despir-se lá mesmo...

Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

XVII

Aquela é minha!

De tal natureza têm sido os episódios até agora relembrados nestas crônicas, que raramente me permitem referências a criaturas do belo sexo. Não se conclua daí, porém, que elas não ocupassem boa parte do sentir e do pensar daquela ardorosa juventude, coagida, pelo regime do internato, a viver seis dias na semana isolada da vida social cá de fora, onde Eva domina. E não eram somente as mães e irmãs que nos povoavam o mundo interior dos pensamentos e nos faziam vibrar o monocórdio sensível da saudade. A prova disso está num dos numerosos tópicos da "Vida de Hoje", na coluna denominada "Máximas e Pensamentos do Marquês da Maricota", onde se lê o seguinte: "Sempre que se ouve um aluno dizer "Aquela é minha", — não há que errar: se é do primeiro ano, trata-se da bola de gude; se é do quarto, da namorada".

Não sei quem redigiu tal máxima, mas deve ter sido um psicólogo, não há que ver. Na verdade, os primeiranistas praticavam, de preferência, o jogo das bolinhas de vidro ou de gêsso, sendo frequentes os conflitos provocados pela posse das melhores "casas" abertas no chão batido dos pátios de recreio, bem como das bolas que por acaso se extraviassem. Por outro lado, os quartanistas tinham justa fama como namoradores audaciosos e apaixonados. Os rapazes da quinta e da sexta

séries, geralmente em reduzido número, já "tratavam cousas de mór pêso".

Porquê, porém, a exclamação "aquela é minha?".

À tardinha, findas as aulas do dia, gozávamos um período de recreio que coincidia com a saida das alunas da Escola Gonçalves Dias. Era um curso complementar, preparatório do normal, frequentado por meninas de seus doze a quinze anos. Um grupo de dons-juans em miniatura postava-se junto ao gradil de onde se avistava a rua, especialmente para vê-las passarem. Acenavam de longe, e diziam-lhes adeus, ao que elas correspondiam sorrindo. Alguns, mais espertos, conheciam suas prediletas, isto é, conseguiam saber-lhes os nomes e residências, o que sobremaneira me intrigava.

Assim, enquanto eu ouvia as histórias do Barbosa, ou me iniciava em estenografia com o Ferreira Lima, enquanto os garotos menores jogavam o gude, e os maiores discutiam positivismo, os quartanistas, que já não se interessavam pelo gude, e ainda não tinham tomado conhecimento de Augusto Comte, comprimiam-se junto ao gradil da esplanada, aguardando a revoada graciosa das meninas de volta aos lares.

— Aquela é minha! exclamava o felizardo que lograsse descobrir, ao longe, sua "pequena". A lei do coleguismo estipulava que, nessa hipótese, ninguem se intrometesse na romântica e ineficiente troca de olhares e acenos. Quando algum indiscreto transgredia essa norma cavalheiresca, o conflito era inevitável. Talvez nunca tivessem as Dulcinéias de São Cristóvão adivinhado que, por sua causa, mais de um Quixote ginasíada foi às ventas do outro, tomou "parte", e ficou privado de saida no sábado. Debalde, naquelas longas horas monótonas de um domingo passado no segredo da privação disciplinar, o herói infeliz explorava com o olhar ansioso a praça deserta. Nenhuma pequena se lembrava de nos trazer o confôrto ao menos de um olhar de simpatia, aquelas ingratas!

Com o tempo, senão por acaso, inteirei-me da esperteza. Uns quantos velhacos, a pretêsto de trocar peças de roupa, (que propositalmente molhavam nas torneiras), iam à rouparia, localizada no pavimento térreo, e ali engambelavam o Vitorino, arrancando deste permissão para ficar junto à larga janela gradeada, rente à qual passavam meninas. Era mania antiga e incurável do Vitorino copiar, pacientemente, os folhetins do "Jornal do Comércio", para ter completos, em letra cursiva, aqueles maçudos romances de Xavier de Montepin e outros tais. Pois bem: um colega meu prestou-se a copiar um folhetim inteiro do velho órgão da imprensa, cada vez que o Vitorino lhe facultasse o uso da janela privilegiada.

Por acasião da festa anual de 30 de setembro, os mais sinceros apaixonados obtinham convites para suas namoradas. As jovens compareciam, naturalmente; e seus adoradores podiam, emfim, satisfazer os impulsos do coração, enlaçando-as poeticamente, nos volteios sentimentais daquelas valsas chorosas de nosso tempo.

Certo companheiro nosso passou a receber, periodicamente, a visita da menina a quem se afeiçoara. Ela ia ao Internato, em companhia de pessoas da família, e levava ao namorado uns docinhos, por sinal muito gostosos. Quando queríamos gracejar com o nosso amigo, comentando aquelas visitas, ele protestava, enérgico: "Já lhes disse que não admito brincadeiras. Nosso caso é sério. Aquela é minha, "de verdade". Com ela é que me quero casar.

E o caso é que casou, mesmo!...

Mui diverso, sem dúvida, foi o que se deu com o nosso colega Renato de Melo.

Um dia, pela manhã, chegou ao Internato a notícia da morte do Carneiro.

Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

Era o dedicado secretário do Colégio. Antigo servidor da casa, homem simples, benquisto e morigerado. O entêrro seria ao cair da tarde.

— Coitado do Carneiro! Tão bom homem! Nós, alunos, devemos ir ao cemitério.

Essa idéia surgiu, e teve logo o apoio de todos. Ficou resolvido que uma comissão de cinco alunos compareceria com uma coroa, em nome do corpo discente do Internato. Justa homenagem à memoria do excelente amigo que havíamos perdido. De bom grado concorremos para as despesas que se tornavam necessárias.

Infelizmente não pude fazer parte da comissão, mas soube que esta se desempenhou dignamente da tarefa, apresentando pêsames à família enlutada, e acompanhando até a sepultura os despojos mortais do estimado funcionário.

Ao sairem do cemitério, porém, verificaram nossos emissários que a verba estava esgotada. Uma vez paga a carruagem que os conduzira a São João Batista, nada mais restaria.

— Que pena! disse o Azuil. Temos que voltar de bonde para o Internato!

Realmente, era uma lástima. Para a ida, haviam alugado um landau imponente e lustroso, que fez figura no fúnebre cortejo. Para o regresso, o vulgaríssimo bonde!

— Não fica bem! Não! Não pode ser! exclama o Renato.

— Mas não há dinheiro... Nós não temos...

— Eu pago!

— Que está dizendo?!

— Eu pago, já disse. Deixem o landau por minha conta. Duvidam? Pois vejam isto.

E o Renato, discretamente, oculto por uma sepultura aos olhares estranhos, exibiu a carteira. Havia numerário bastante. Os companheiros entre-olharam-se, admirados.

— Vocês sabem, explicava o dono da pecúnia, — meu padrinho tem os "tubos"... E é muito meu camarada. Ontem foi visitar-me, e, ao sair, passou-me uma de duzentos.

— Uma de duzentos!...

Ante a surpreza geral, o Renato assumiu o papel de pagador mór do grupo. Retomaram o landau.

— Que acham vocês de um passeio ao Leme e Copacabana? sugeriu o nababo.

— A Copacabana! Mas... vai custar um dinheirão!

— Não se impressionem. Já declarei que pago, logo pago mesmo.

E lá se foi o grupo gozar as delícias de uma excursão em hora amena, ao longo das lindas praias cariocas, ainda não afeiadas pela deformidade inestética dos arranha-céus.

Quando voltaram à cidade, era noite.

— Agora vamos jantar num restaurante, propôs o Renato.

Nova surpreza para o grupo, que já se conformara com a idéia de chegar ao Internato tinindo de fome, e pedir pão, goiabada e banana ao despenseiro Jacaré, para enganar o estômago.

— Você nos paga o jantar, Renato?!

— Ora que dúvida! Já lhes disse que pago tudo!

E jantaram admiravelmente bem, com vinho fino e sobremesa cara, num restaurante de boa aparência e regular tempêro.

O Renato estava com a corda toda. Findo o jantar, declarou aos companheiros:

—Agora vamos ao Recreio Dramático...

— Ao teatro?!

— Sim, ao teatro. Eu pago para todos. Que tem isso? Vocês sabem que nós podemos entrar no Internato a qualquer hora. O Faria é camarada. Ninguém precisa indagar a que horas voltamos do entêrro. E ouçam mais esta: levam hoje uma revista em que trabalha uma ga-

rota que é mesmo uma tentação. Ela me conhece; já nos falamos... Vocês vão ver.

Animado pela maior alegria, lá foi o grupo ao teatro. Ocuparam um camarote de primeira, porque o Renato assim o exigiu. Um camarote!

Quando a interessante artista apareceu, o Renato indicou-a aos colegas:

— Olhem! E aquela lourinha!

A qual lourinha foi alvo de ternos olhares, e recebeu do camarote frenéticos aplausos.

O Renato, que se mostrava contentíssimo da vida, de repente foi ficando carrancudo. Alguma coisa lhe desagradou. Não aplaudiu mais. Não achou graça nas piadas maliciosas dos cômicos mais jocosos do tempo. Encorujou-se todo num canto do camarote. Entretidos com o espetáculo, os outros não deram pela mudança.

Quando saiam do teatro, propôs o Quintino:

— Agora, amigo Renato, para encerrar este dia tão movimentado, você vai nos pagar o cafézinho, e vamo-nos embora.

— Pois não pago o café! protestou o Renato furioso.

— Mas porquê?... Se você pagou o passeio, o jantar, o teatro...

— Que diabo! O café custa apenas quinhentos réis, lembrou o Azuil.

— Não pago! Já disse que não pago!

— E' o cúmulo!

— Pois que seja!

Meia hora gastaram os quatro interessados para convencer o teimoso rebelde que lhe cabia o dever inexorável, a obrigação de honra, de pagar o café. Tudo em vão. Renato não pagou.

— Nesse caso, eu, sinal de protesto, não tomo café! declarou o Neiva.

— Nem eu!

— Nem eu!

E ninguém tomou café. Os ginasíadas de meu tempo eram assim. Gente de quebrar, mas não de torcer.

Durante a viagem de bonde, ninguém deu um pio. Cada qual pagou sua passagem.

Uma vez no Internato, já de camisola, no vasto dormitório onde os companheiros dormiam a bom dormir, os quatro comentavam a estranha atitude do colega, quando o Renato, que era de outra divisão, entreabriu a porta para lhes dizer, em tom de profunda mágua:

— Isso não se faz... Eu disse que aquela era minha, e vocês querem me tomar a pequena...

— Mas, Renato, creia que...

— Não creio nada! E vocês fiquem sabendo, de uma vez para sempre: morra quem morrer, vocês não terão mais passeio, nem jantar, nem teatro a minha custa, ouviram?

LADAH
Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

XVIII

Eu? Discurso? Nunca mais!

É conhecido o caso do indivíduo que, assistindo a um espetáculo de variedades, foi incitado pelos companheiros a aceitar o desafio de um boxeador que se propunha a bater-se com qualquer adversário.

— Vá! Você é forte!... Você é um atleta! Ele é um trouxa! Um fuinha! Não seja medroso! — disseram-lhe.

O pobre homem, assim espicaçado no seu amor próprio, ergue-se e foi ao palco apresentar-se como aceitante do repto.

O "fuinha" era um "crac" no gênero, e deu-lhe uma surra de mestre...

Quando seviciado, maltratado, furioso com o fiasco que fizera, o pobre homem voltou a seu lugar, cerrou os punhos, e dirigiu-se ao grupo de seus companheiros, disposto a esmurrar alguem:

— Quem foi o... que disse que eu era atleta?

Pois com o nosso colega Otacílio Paranhos aconteceu, em agosto de 1930, coisa muito parecida.

O caso está minuciosamente referido pela "Vida de Hoje"; afora os esclarecimentos que agora se tornam necessários, quase nada preciso acrescentar ao texto do "órgão literário o noticioso da Pleiade".

Passava no dia 23 de agosto o aniversário do dr. José Joaquim Seabra, titular da pasta da Justiça e Negócios Interiores. Convem notar que naquele tempo o

ensino federal em todos os graus estava sob a dependência dessa secretaria do Estado.

Ora, consoante o costume da época o aniversário do ministro não podia transcorrer ser uma ruidosa manifestação de apreço, ou "uma engrossativa manifestadela", como diz o nosso jornalzinho em sua linguagem pitoresca.

Na véspera, durante o estudo da noite, vários alunos foram chamados ao saguão. onde se achavam o dr. Elpídio Trindade, Silvio Bevilaqua, secretário, e alguns inspetores em serviço.

— E' o caso! dizia o nosso vice diretor, — o Internato não pode deixar de aparecer... Ouvi dizer que de todas as repartições irão comissões de funcionários cumprimentar o Ministro... O doutor Seabra tem se mostrado nosso amigo; nós não podemos faltar... Não obstante as dificuldades... é o caso; vamos combinar o que se pode fazer.

Ao cabo de acalorado debate, no qual discretamente colaboramos, ficou assentado que no dia seguinte, às duas horas, cêrca de cem alunos, corretamente uniformizados, levando o estandarte novo do Internato, iriam em bondes especiais saudar o ministro. Àquela hora deveriam estar no Ministério, alguns professores e funcionários administrativos, aguardando a chegada do préstito... Em seguida entraríamos todos juntos no salão nobre da Secretaria do Estado, onde o sr. Seabra seria saudado pelo vice-diretor em exercício, por um professor, e por um aluno, este como representante do corpo discente.

— Quem é que vocês escolhem para orador? indagou o Bevilaqua.

Vários votos designaram o Botelho Reis.

— Nada! protestou êle. Não tenho jeito para discursos.

— Então o Belisário de Souza...

— Esse é oposicionista ao governo... Não serve.

Alguem lembrou o Quintino do Valle.

— Sinto muito, mas não posso aceitar, escusou-se o Quindoval. A arte da palavra é de todas as artes a mais bela, a mais expressiva; todas as outras são ancilas e ministras... (1).

— Mas não há ministra alguma metida nisto, objetou o Ismael Muniz Freire. Só há o ministro...

— Pois seja! Mas eu não estou disposto a erguer a minha débil voz...

Vários outros foram lembrados: eu, o Leônidas Resende, o Carlos Frick... mas uns não queriam, outros sofriam o *veto* do vice-diretor. Não sei como veio à baila o nome do Octacilio Paranhos da Silva, excelente companheiro nosso, rapaz morigerado, sensato, vacinado, incapaz de fazer mal a uma mosca.

— Ótima escolha! aprovou o dr. Elpídio Trindade. Avisem o Paranhos, e digam-lhe que escreva o discurso ainda hoje, ou amanhã muito cedo, porque eu quero lê-lo e modificá-lo em caso de necessidade.

Fomos levar a notícia ao eleito para a honrosa comissão... O Paranhos ocupava uma carteira num dos cantos das sala de estudo. Tinha aberto, como um biombo, o atlas geográfico, que o ocultava às vistas profanas da "plebe ignara", Protegido por essa muralha chinesa, êle dormia o sono dos justos.

— Octacílio! Octacílio! Acorde, homem! Olhe que você tem de fazer um discurso amanhã, saudando o Jota Jota!

E' oportuno lembrar, que entre os estudantes, o nosso ministro era tratado de Jota Jota, em consequência das abreviaturas com que sempre lhe escreviam e publicavam o nome.

— Hein? — resmungou o nosso colega, estremunhando de sono — já bateu a sineta para o chá?

— Qual chá! E' o discurso, Paranhos!

---

(1) — O Quintino iniciava a citação de um trecho da Antologia Nacional, quando foi interrompido pelo colega.

Quando êle soube da verdade, ficou estarrecido. Quis escusar-se; não lho consentimos. E foi um bombardeio de razões ponderosas:

— Deixe-se de modéstias! Você tem jeito e talento de sobra...

— Você vai sair-se bem... Já se mandou a notícia para os jornais; agora, fica feio você recusar... O Jota Jota pode vir a saber... é o diabo!

— Octacílio, não insista! Logo que se tratou do orador, você foi citado, e imediatamente eleito por unanimidade! Não nos deixe mal...

O Quintino, sempre obsequioso, fez algumas sugestões quanto à redação do discurso:

— Olhe... não escreva muito, não! Umas quatro tiras bastam... Não deixe de denominar o Seabra "filho ilustre da gloriosa terra baiana", e "membro eminente do Govêrno da República"... São amabilidades que ficarão bem... Outra coisa: não abuse da exergásia...

— Como assim? Que negócio é esse?

— Causa má impressão esse vício que alguns oradores têm... E' o emprego de sinônimos; assim por exemplo: "Queremos saudar V. Ex. com júbilo, alegria, contentamento, e satisfação!".

E o caso é que o Octacílio não teve remédio, senão aceitar a incumbência. Coitado! Chegou a perder o sono naquela noite! Perder o sono, o Paranhos!... Dizem que foi escrever na mesa da enfermaria, e só se recolheu ao dormitório depois da meia noite! Enchera três ou quatro tiras de garranchos ilegíveis, onde ninguém percebia patavina. Piores que os apontamentos do Trompowski, ou os exercícios do Sotter Zamith!

No dia seguinte, grande alvorôço no Internato. Suspenderam-se as aulas para a realização da "manifestadela". À hora da partida do cortejo, estávamos todos em forma, no vestíbulo, sob a direção do dr. Bevi-

Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

laqua, aguardando os bondes especiais que nos levariam à cidade. Os colegas não incluidos na numerosa comissão observavam-nos do alto, despeitados, vingando-se por meio de ditinhos maliciosos e piadas.

— Viram por aí o dr. Trindade? indagou o Octacílio Paranhos.

— Não. Porque pergunta?

— Porque êle ainda não leu o meu discurso e...

— Ora... não é preciso, ponderou o Bevilaqua. Você deve ter feito a coisa a contento... Eu agora não posso tratar disso. Uma coisa porém quero recomendar a todos vocês, estão ouvindo? Sempre que houver oportunidade, e alguma frase mais feliz dos discursos merecer "apoiados" da assistência, vocês batam palmas... aplaudam o nosso diretor e o seu colega... Não é, uma *claque* isso, mas um dever de solidariedade... Compreenderam?

Todos nós asseguramos que sim, que os oradores podiam contar com o nosso incondicional aplauso.

Nesse interim aparecia o nosso colega Botelho Reis trazendo o estandarte do Internato. Houve um movimento geral de surpreza.

Inaugurava-se naquele dia o novo lábaro do Colégio. Ninguém o tinha visto ainda, porquanto só fôra entregue na véspera. Era de seda branca, bordado a ouro e azul, bela obra de arte no gênero. O Botelho Reis, rapaz esbelto, moreno, simpático, apresentou-se galhardamente com o vistoso troféu. Era expressiva a alegoria: no alto, uma estrela irradiando luz; no centro, um barrete frígio sobre um livro aberto, tudo ladeado pelas palmas simbólicas da vitória nas lides da inteligência. O nome do Colégio ocupava o espaço restante.

Por ignorância da significação real do símbolo, ou por malícia, muitos colegas nossos puseram-se a indagar do dr. Bevilaqua:

— Que "história" é aquela?

— Que quer dizer aquilo?

— Dr. Silvio, que "negócio" é esse?

O Bevilaqua fiscalizava a meia altura da escada a formação do préstito, e não parecia disposto a dar informações. Choviam os palpites:

— E' uma trouxa de roupa suja! opinava um.

— Nada! E' um saco de viagem!

— Pois não é! E' o Pão de Açucar achatado para o lado de Santa Cruz, propunha outro.

Para acabar com o torneio de tolices, o Bevilaqua declarou, já de máu humor:

— Vocês não estão vendo que isto aqui é a insígnia republicana, o barrete frígio?

O Jorge Esteves imediatamente repetiu em voz bem alta, para que todos ouvissem:

— Pessoal! Já se sabe o que é! E' o insigne republicano Coelho Barreto frito!

Meia hora depois chegávamos ao vetusto pardieiro onde funcionava a Secretaria da Justiça. O casarão estava repleto, mal se podia conseguir uma passagem por entre os grupos numerosos formados, sem dúvida, por amigos sinceros do ilustre aniversariante. Uma banda de música militar postara-se no saguão de entrada, dificultando ainda mais o trânsito com seus enormes bombos, trombones e saxofones. De quando em quando ouviam-se palmas no pavimento superior; imediatamente o mestre agitava a batuta, e a banda enchia o pardieiro com os acordes de um dobrado que não passava do prelúdio, visto que o interrompiam de súbito duas fortes pancadas do bombo, que, aliás, não tinha culpa nenhuma do que sucedia.

Mais tarde compreendi a razão dessas bruscas interrupções. Cada vez que no salão ministerial, um orador se dispunha a soltar o verbo, enérgicos *psius* transmitiam ao saguão ordem urgente para calar-se a banda, afim de que se produzisse mais um espécime daquela sediça eloquência bajulatória tão em uso naqueles tempos remotos.

Subimos afinal, e, a muito custo, o Bevilaqua e o Trindade conseguiram uma brecha para introduzir a turma no salão já repleto. Notei que, perto do Ministro andavam alguns indivíduos cuja fatiota modesta e lustrosa destoava dos solenes fraques da maioria, constituída por altos funcionários e políticos graudos.

— São repórteres dos jornais, explicou-me alguém. Estão colhendo notas para dar, amanhã, notícia completa da manifestação.

Desde esse momento eu me julguei obrigado, por dever de ofício, a observar cuidadosamente tudo o que se passasse. Só lamentei não dispor, como outros, de lapis e papel em tiras. Pois não era, também, repórter da "Vida de Hoje?".

E assim foi que anotei na memória todo o pungente drama ocorrido sob minhas vistas. O Octacílio estava nervoso, aflito, na espectativa do "momento solene" em que devia falar. Não sabia o que fizesse das mãos, que tremiam, coitado!

O Trindade e o Bevilaqua já se haviam aproximado do Ministro aniversariante, e diziam-lhe qualquer coisa, que Sua Excelência não ouvia bem. Pudera! Reinava um barulhão de ensurdecer, pois a banda marcial, para se desforrar das interrupções anteriores, executava com fúria o tal dobrado, ameaçando equiparar o venerando edifício ás ruinas de Jericó.

Nesse ponto veio ter com o Paranhos o Carlos Frick, e disse-lhe, em voz baixa:

— Octacílio, o doutor Trindade manda dizer que você vai falar agora...

— Eu?! Não é possível! Ele, e o representante do corpo docente é que devem falar antes de mim!

— Mas não falam mais, ora essa! Pois você não sabe que o Trindade amanheceu afônico?

— Mas... e o professor?

— Não veio professor nenhum. Todos se recusaram...

O Octacílio ainda mais nervoso, chamou o Quintino para consultá-lo:

— Como há de ser, Quintino? Pois se eu começo o meu discurso fazendo referência ao do Trindade...

— Pois modifique... suprima essa referência...

— Mas como? Agora? Aqui? Não posso...

— Não pode porque? Ora essa! Dê um jeito... é forçoso... e ande depressa porque você terá de começar logo que a música pare. Olhe: diga que por um motivo superveniente o nosso diretor não pôde falar...

O pobre do Octacílio chegou a tirar as laudas do bolso, e lançou-lhes um rápido olhar, mas ao que suponho não conseguiu dar jeito algum. O inspetor Corrêa, a um sinal do Trindade obrigou-o a aproximar-se do Ministro. Era o momento: a banda de música havia silenciado. Alguns cavalheiros que se achavam entre o nosso grupo e o aniversariante, afastaram-se, a pedido do Bevilaqua, deixando em evidência o orador oficial do bloco.

— Seu Quintino, disse em voz baixa o Corrêa — o doutor Trindade quer que no fim do discurso você dê um viva ao ministro. Não se esqueça!

O Quintino quiz livrar-se do encargo mais não pôde; o Corrêa eclipsou-se. Reinava no salão um constrangimento geral: o Paranhos, com as tiras na mão, alvo de todos os olhares, não conseguia dar comêço ao discurso. Alguns dos presentes já estavam achando esquisito aquilo. Finalmente, a um sinal mais enérgico do dr. Trindade, o nosso orador preparou-se para soltar o verbo.

O Ministro, porém, não tendo notado esse sinal, julgou que lhe cumpria salvar a situação, tomando a iniciativa de dizer alguma coisa. E discursou:

— Meus jovens patrícios do Internato... do Internato... do Internato Nacional! Há poucos instantes, há apenas alguns momentos, recebi uma delegação de estudantes, e vejo de novo cheia esta sala, de representantes dessa mocidade brasileira que eu bem conheço;

mocidade sempre entusiasta, altiva, e inteligente... Ora, eu agradeço do fundo d'alma essas manifestações porque partem da juventude...

E, nesse teor, alongou-se o titular da pasta, em considerações honrosas para nós, os jovens, e, perorando, aconselhou-nos a consagrar todos os esforços ao aperfeiçoamento de nossa cultura e de nosso caráter. Findos os aplausos que saudaram as últimas palavras do orador, o Trindade renovou a mímica anterior, e o Octacílio não teve remédio senão falar.

Deu-se, então, o inevitável desastre.

— Excelentíssimo senhor Ministro! balbuciou êle com tremuras na voz. Escolhido pela mímia generosidade de meus colegas para ser o intérprete dos seus sentimentos, eu vem...

Taratatchim! rompeu a banda de música, que se havia atrazado um nadinha em relação às últimas palmas. O Octacílio foi obrigado a sustar a expansão da sua eloquência. Houve risos... Enérgicos "psius" foram transmitidos, e produziram efeito, pois o bombo recebeu mais duas pancadas e o silêncio se refêz. Nesse momento ouvimos o Jorge dizer: — Eu só queria ver o Frick de fraque, para ver como era o fraque do Frick...

Daí resultou um frouxo de riso que com dificuldade vencemos.

—"...eu venho, prosseguiu o Paranhos, saudar-vos em nome de todos eles, desejando que em vossa brilhante carreira política, já tão cheia de serviços a Pátria e á República...

—Muito bem! Apoiado! disseram dois ou três circunstantes.

Lembrando-se do conselho do Bevilaqua, algns colegas aplaudiram.

Tararatatchim! estourou de novo a banda de música, que, ao que me pareceu, tinha ordem de romper fogo assim que houvesse palmas no salão nobre do Ministério...

Nova interrupção, novos "psiu" e — já se sabe — mais duas bombadas fortes. O Paranhos retomou o fio:

— ... vós possais corresponder ao que o país espera de vosso patriotismo, de vosso valor, de vossa inteligência...

— Apoiado! apartearam os sujeitos de fraque.

O Aloisio Neiva já ia bater palmas, quando o Corrêa, com um gesto rápido, o impediu. E foi ótima idéia, pois se as palmas da claque continuassem, o nosso orador não chegaria ao fim do discurso, interrompido a cada momento, como disse o Jorge Esteves, "pela fúria iconoclasta da banda de música".

— Acabamos de ouvir, prosseguia o Paranhos — a palavra eloquênte do nosso ilustre vice-diretor, digo — não acabamos de ouvir o nosso ilustre diretor, que por motivos super-inconvenientes não pôde falar...

Houve uns risos abafados a custo. O dr. Trindade começou a gesticular, querendo dizer alguma coisa, mas debalde, porque suas cordas vocais se recusavam a emitir o menor som. E o Paranhos, trêmulo e claudicante, percebendo que dissera uma tolice, foi se enterrando cada vez mais:

— ... "e secundando a palavra judiciosa sensata de nossos mestres, palavra que nos desorienta...

Houvera evidente engano. O Octacílio percebeu que saltara uma linha, e corrigiu em tempo:

— ... palavra que nos descortina os horizontes da ciência e nos orienta nos caminhos do futuro... queremos provar a V. Ex. que o Ginásio Nacional, o lendário colégio fundado sob o patrocínio de D. Pedro II, que como filho ilustre da terra baiana e membro conspicuo do governo da República...

Nesse momento surgiu uma complicação: o Octacílio havia tirado da ordem numérica as laudas de papel, e não achava a continuação da frase, a partir das palavras: "Pedro II que"... A transição alí não era possível, pois tola a gente sabia que o patrono de nosso colégio

não era natural da terra do vatapá, nem podia ser membro do Governo da República...

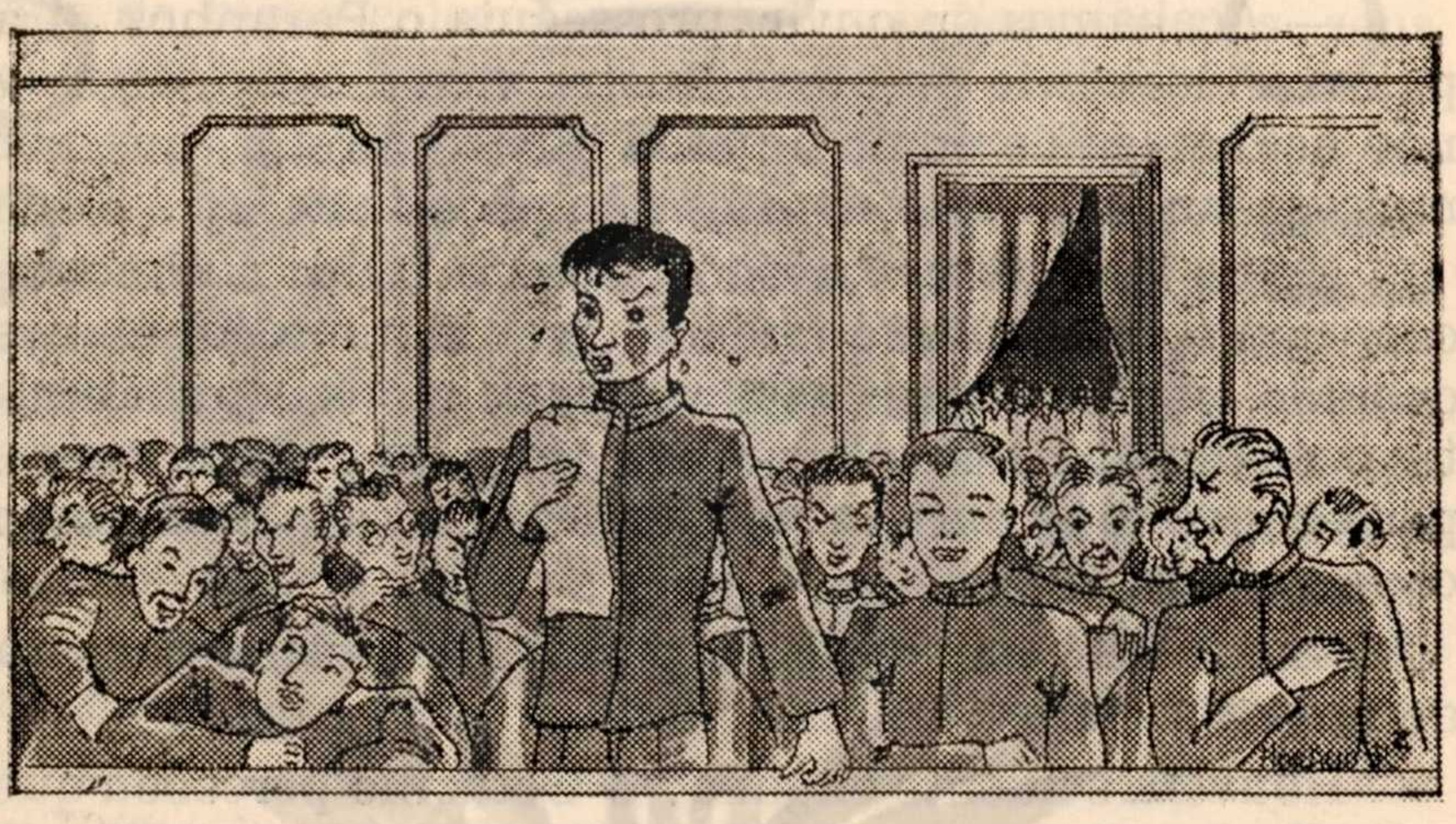
Numa tentativa infeliz, leu o Octacílio, com voz trêmula:

— ... o patrocínio de Pedro II, que

E já na outra lauda:

"E' germen que faz a palma,
E' chuva que faz o mar"

Novo engano. Não era essa a continuação do trecho mutilado.



O Paranhos percebeu que saltara uma linha

Enquanto o aflito orador revolvia as tiras em busca da continuação da frase interrompida, fervilhavam os comentários:

— Ele esqueceu de copiar argumas linhas, dizia um.

— Não é isso: ele está perturbado...

— E' melhor o Quintino soltar o *viva*, e pronto!

Só então o Quintino se lembrou de indagar:

— Espere aí! O ministro se chama José Joaquim ou Joaquim José?

Como sempre, as opiniões variaram. Certeza, ninguem tinha.

— E' José Joaquim...

— Qual nada! E' Joaquim José!...

Por esse tempo, o Octacílio, desistindo de rearticular o discurso, teve a feliz idéia de tomar a última lauda, e leu:

— Em nome do Ginásio Nacional, nós felicitamos a V. Ex., como ilustre filho da terra baiana, mesmo conspícuo do govêrno da República, cujo aniversário hoje comemoramos com a maior alegria, contentamento, satisfação!"

Estava findo o discurso. Uff! Todos nós tivemos uma sensação de alívio, como se nos tirassem do ombro uma pêso enorme. Ouviam-se palmas, e, de permeio, o grito do Quintino:

— Viva o dr. Seabra!

Na dúvida, o nosso companheiro achou prudente indicar o homem só pelo apelido da família...

O Octacílio não voltou com a turma, nos bondes especiais. Findo o discurso, recebeu um abraço amável do Ministro, e sumiu-se misteriosamente, depois da fiasqueira. Só á noite reapareceu no Internato, esquivando-se a todos os comentários sôbre a manifestação engrossativa. Durante os estudos do dia imediato ele não dormiu. Se alguem lhe dizia qualquer coisa com relação ao episódio, ele resmungava:

— Eu só queria saber quem foi o tratante, o canalha, o patife que me propôs para falar... Garanto que ninguem o livraria de umas taponas!

E afirmava, resoluto, ilustrando as palavras com um gesto expressivo da mais veemente indignação:

— Eu? Discurso? Nunca mais!

XIX

O estilo é o homem

Nosso colega Jorge Esteves possuia um dom singularísimo: podia escrever linhas e linhas, períodos inteiros, folhas seguidas de caderno, em frases bem construidas, com um vocabulário copioso, recheiado de expressões eruditas, sem que nenhuma das suas frases formasse sentido. Para pedir um lapis emprestado a um colega, precedia o recado de uma série de considerandos neste gênero:

> "Considerando que desde os tempos remotos de Arquimedes e Jacó Bensabá a relutância aquática constitue um dos mais irrefragáveis motivos para se refutar a psiquiatria, essa, fulgurante concepção mefistofélica que surdiu no cérebro pujante do excelso dramaturgo a quem a humanidade agradecida, deve a Venus de Milo, o Antônio Conselheiro Adormecido no Bosque, o "Veni-vidi-vice-diretor" e outras obras suntuosas dos tempos monocotiledôneos e astronomicamente parietais..."

O Mário Assis, sempre ocupado com o latim, nem siquer lia os recados do Jorge. Ia logo ao trecho final, quando não perguntava de viva voz...

— Que é que você quer? Não seja cacete...

E o recado, transformado em bolinha, ia cair dali a pouco sobre a cabeça de algum dos profissionais dorminhocos da divisão, o Octacílio, por exemplo.

Toda a gente, no Internato, conhecia aquela inofensiva mania do Jorge. Até o dr. Trindade, que, por sinal, achava imensa graça nele.

Ora aconteceu que um dia um aluno gratuito qualquer teve uma indisposição súbita na aula do dr. Araujo Lima. Este acompanhou-o à enfermaria, e procedeu a minucioso interrogatório, graças ao qual apurou que o menino andava com o fígado, os intestinos e não sei que outros orgãos em ruins condições de funcionamento.

Execelente clínico, Araujo Lima tomou da pena e compôs uma fórmula, ordenando ao enfermeiro:

— Mande aviar isso; e dê-lhe uma colher de sopa de duas em duas horas. Por hoje, fica a chá e torradas. Se houver contratempo, telefone-me.

Dali a duas horas, o enfermeiro, aflito, foi procurar o vice-diretor.

— Dr. Trindade! O farmacêutico fornecedor não pode aviar a receita sem uma autorização especial.

— Porquê?

— Porquê, (diz ele) ... o dr. Araujo Lima incluiu uma substância excessivamente cara, que só as drogarias da cidade têm. Para comprar um vidro, e pequeno, ele terá que despender cêrca de oitenta mil reis. Pelo contrato, ele só é obrigado a aviar os pedidos oficinais até certa importância. A receita importará em 35$000; passa do limite, e deverá ser paga a parte.

— Não é possivel! Não obstante minha boa vontade... nossa verba de eventuais está nas últimas. Só em caso de absoluta necessidade farei essa despeza. Não quero que por minha causa, o Ministério seja obrigado a pedir créditos ao Congresso. E' o caso! Telefone ao dr. Araujo Lima, expondo o que há. Ele dará um jeito...

O Jorge Esteves tinha ouvido a conversa do dr. Trindade com o enfermeiro, a propósito do alto preço do remédio receitado pelo dr. Araujo Lima. Ora, ele, Jorge, acalentava na mente uns altos projetos, cuja execução dependia de uma verba suplementar a sua mesada. Daí lhe veio uma idéia genial. Foi á enfermaria, sob um pretêsto futil, e, no registro de receitas, sempre aberto sobre a mesa, viu como se escrevia o nome da tal substância.

De volta á sala, escreveu uma carta ao pai, honrado fazendeiro no interior fluminense, explicando que andava seriamente enfermo, com o fígado, o duodeno e vísceras adjacentes bastante avariados, e que, por ser ele aluno contribuinte, não ficava bem mandar aviar a receita médica, prescrita para o seu caso, a qual dependia da aquisição de um frasco de benzonaftol, do preço de oitenta mil reis. (Notem o escrúpulo: ele não se afastou da verdade). Em vista do que pedia ao pai que lhe enviasse com urgência, os oitenta mil réis, sob pena de ser preciso o diretor pedir crédito ao Congresso, o que daria ensejo a explorações da imprensa oposicionista, etc. etc.

O Jorge estava bom de saude; mas ficaria doente grave, e necessitando de muito benzonaftol se guardasse aquele segredo. No mesmo dia toda a "Pleiade" conhecia-o.

— Você está arranjando complicações, ponderou o Jonas ao irmão. Papai manda o dinheiro; talvez mais do que você pediu; mas com certeza dará ordem para você ir ao dr. Rocha Faria, porque não confia no dr. Rubiná.

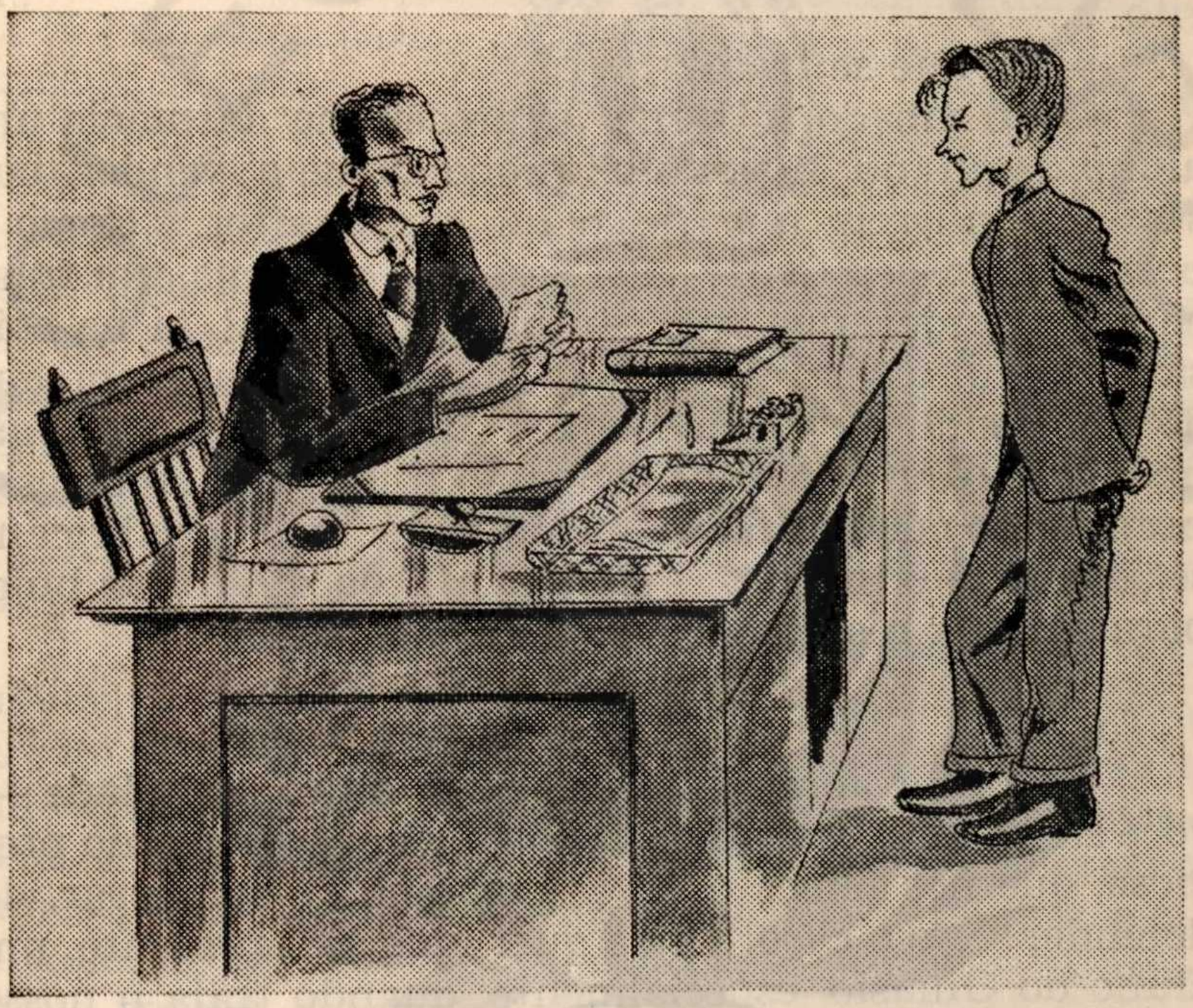
— Ah! Mas eu disse que fui examinado pelo dr. Araujo Lima, que é uma sumidade, muito superior ao dr. Rocha Faria!

— Pois vamos ver... Mas eu estou prevendo que você não fila estes cobres.

Ao que parece, o enfermeiro recebeu a fórmula já aviada, numa farmácia da cidade, a custa do próprio dr.

Araujo Lima. O certo é que não se falou mais no menino doente.

Um correspondente do velho Esteves compareceu ao Internato três ou quatro dias depois, e, no cumprimento de ordens de seu amigo, deixou, endereçado ao



E o dr. Trindade leu o que se continha no retalho do caderno...

aluno Jorge Esteves, um embrulhinho cujo conteúdo era um frasco de benzonaftol, intacto, com estampilha federal e tudo.

— Esta só a mim acontece! dizia o Jorge aos amigos. Pois não é que, em vez de mandar o cobre, meu pai mandou-me o remédio!

— Mas... isso vale dinheiro, sugeriu o Jonas. E lamba-se todo, porque podia ser pior!

Otima, a idéia do irmão. Passariam a cobres o remédio.

Na segunda feira, o farmacêutico fornecedor do Internato foi ter á enfermaria, com ares misteriosos, de quem acaba de descobrir uma conspiração contra o regime.

— O' seu Cruz, tenho um caso grave a relatar-lhe. Um caso muito sério. Talvez seja preciso um inquérito...

— De que se trata?

— No sábado, à tarde, apareceu na farmácia um aluno daqui do Internato, propondo-se a vender, por sessenta mil réis, um frasco de benzonaftol. Como é possivel isso, seu Cruz? Por sessenta mil réus, um frasco dos grandes, que vale cento e cincoenta! Aí ha coisa... e muita séria. Eu não estava; e o meu empregado não tendo autorização para fazer dessas compras, nada resolveu. Pediu apenas ao rapaz que escrevesse num pedaço de papel o nome do remédio, o do fabricante, o peso, e o preço... O rapaz ficou de voltar hoje, para saber a resposta, mas não apareceu.

———

— Senhor Jorge Esteves! dizia o dr. Trindade — você sabe: a reputação do Ginásio é um patrimônio precioso, que nós temos o dever precípuo de conservar, de defender... é o caso! Onde quer que se apresente, um aluno do Ginásio especialmente quando traja o nosso uniforme, deve ter um procedimento acima de qualquer suspeita... O Ginásio Nacional é um estabelecimento padrão, um modêlo; e deve ser modêlo em tudo...

— Mas, dr. Trindade, a propósito de quê tudo isso? indagou o Jorge, admirado, quando sentiu que o "sermão" iria longe, naquele teor.

— A diretoria foi informada de que um aluno do Internato ofereceu à venda, ao farmaceutico que tem contrato com o colégio, um frasco de benzonaftol. E eu apurei que esse aluno foi o senhor! Não obstante eu confiar muito no senhor, e estimar muito o senhor seu pai, e seus manos, — é o caso! — preciso saber como,

onde, e para quê obteve o senhor esse medicamento e anda a negociar com ele!

O Jorge riu-se, coçou a cabeça, e contou toda a verdade. Não sei se incluiu os pormenores. O que a "Vida de Hoje", apurou foi o seguinte:

— Mas, dr. Trindade, eu peço que me diga só uma coisa: como soube que fui eu que estive na farmácia?

— Ah, meu caro... Foi pelo papelzinho que o farmacêutico trouxe... Cá está ele, olhe... Vê-se logo; é um pedaço de folha arrancada a um caderno qualquer. De um lado, só as indicações relativas ao negócio proposto; isso não tem importância... Mas do outro lado... aquí é que está o busilis! O senhor não conhece aquele célebre conceito de Buffon: "O estilo é o homem?" E' o caso! Logo que comecei a ler o que está no verso, não obstante ser um período truncado, eu disse logo: "isto é do Jorge Esteves"! Ora ouçam esta beleza!

E o dr. Trindade leu o que se continha no já famoso retalho de caderno:

"... o momento é maquiavélico, subterrâneo, nimiamente promulgatório, pelo prognóstico severo com que foi aliciada de modo abrupto e modesta fragância a implacabilidade dolorosa da ortografia brasileira, retratavel, e não obstante todavia sempre, sem comparação nunca jamais e paralelamente póstuma em sua parte limítrofe, de acordo com a opinião favoravel e, "Quandoque bonus", contrária, do filósofo pleistoceno Osório Arquiduque Estradeiro..."

Diz a "Vida de Hoje" que o Jorge não logrou obter dinheiro pelo benzonaftol. Mas, tendo descoberto onde o correspondente do pai adquirira o frasco, foi à drogaria, engazopou o droguista, e conseguiu trocar a inutil substância por vários vidros de Agua de Colônia, sabonetes caros, pastas dentifrícias, pentes, escovas de dentes, e outras miudezas, que, por sua vez negociou no

Internato, com alguns colegas, em troca de gulodices, material escolar, exercícios de latim, etc, etc.

Quinze dias depois, ele ainda propunha transação com os remanescentes daquele cabedal.

— A coisa rendeu, hein, Jorge?

— Ora si!... Fiz *tudo* o que pretendia, a custa do benzonaftol. *Tudo,* compreendeu? Se o velho não desconfiasse, daqui a dois meses eu pediria outro frasco. Mas o diabo é que ele já desconfiou...

— Como sabe?

— Pois você não viu que ele não quis mandar o dinheiro? Preferiu comprar a droga! E não me escreveu coisa nenhuma... Nem uma palavra... Ora, isso é prova evidente... Você sabe: o estilo é o homem... Ele sempre foi assim.

LADAH
Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

XX

Três dias de patriotismo

No meu tempo de estudante, o Ginásio Nacional desfrutava uma situação especial que, graças a Deus, não desapareceu de todo, mas que por vários motivos se acha sensivelmente modificada em relação ao que foi outrora. Os poucos institutos secundários existentes nesta Capital não podiam competir com o colégio modêlo, mantido pela União. A lei conferia expressamente ao Ginásio Nacional e a sua congregação prerrogativas tais, que nenhum outro instituto nos poderia fazer sombra. Daí, uma campanha que a inveja motivava, campanha de maledicência cujas manifestações nós sentíamos sem lhes dar importância, robustecidos pelo orgulho de quem se acha em posição inexpugnável e zomba das insídias do inimigo.

Embora privado de certas prerrogativas, o Pedro II não decaiu como oficina de trabalho intelectual, como expressão de nossa cultura de humanidades. Os outros colégios é que subiram de nivel, — mais pela quantidade do que pela qualidade, sem dúvida — e passaram a depender de outros orgãos administrativos e técnicos. Com efeito, nestes quarenta anos mudou muito o aspeto da máquina de ensino no Brasil.

Voltemos, porém, ao tempo dos ginasíadas. Nós, alunos, sofríamos as consequências da guerrilha movida pelo despeito de concurrrentes desleais ao nosso ins-

tituto. Um aluno do Ginásio não era um rapazola vulgar: era "aluno do Ginásio"! Onde quer que fôssemos, uniformizados, consideravam-nos dignos de especiais atenções. Instigados por espíritos mesquinhos, estudantes de outros colégios nos perseguiam e enfezavam nos bondes, nas ruas, por toda parte com ditinhos maliciosos, assobios, vaias soezes, e, não raro, com agressões que nada poderia justificar. Ofendidos, os alunos do Ginásio reagiam, praticando atos de idêntica violência. Por vezes o conflito assumia proporções tais, que as autoridades eram obrigadas a intervir com energia.

Debalde os diretores das duas seções do Ginásio se esforçavam pela harmonia e congraçamento dos estudantes, adotando medidas sensatas e apelando para nossos sentimentos de generosidade. Nós nos dispúnhamos a atender; mas os outros voltavam à carga obrigando-nos a uma defensiva que ao menos resguardasse nossos brios magoados.

Foi por ocasião de uma dessas crises que se deu o episódio referido nesta crônica.

Para uma festinha que realizamos no Internato, foram convidados, não se sabe como, alguns alunos de certo colégio do bairro de S. Cristovão, colégio tido como nosso acérrimo desafeto. Por acaso, ou acinte, apareceram, trajando à paisana, vários camaradas fortes e turbulentos, que não levavam outro propósito senão o de achincalhar nossa festa por todos os meios.

— Estou reconhecendo aqueles tipos, disse o nosso colega Domingos de Menezes a um grupinho em que se viam o Aloisio Neiva, o Vaz Junior e outros. Não estão uniformizados, mas são "Cavalos para Alugar".

(Era assim que designavam, pelas iniciais do estabelecimento, — C. P. A. — os alunos do colégio aludido).

— Olho vivo com eles! propôs o Florentino Vaz Júnior.

— À primeira molecagem que fizerem, nós os enxotamos a pontapés, sugeriu o Aloisio.

Outros colegas foram iniciados na conspiração contra os quinta-colunas.

— Eu *ensino* esses patifes! disse o Quintino, sempre com a mania de ser professor.

— Eu me encarrego da atracação, declarou o Fernando Cóchrane, futuro oficial de Marinha.

E o Botelho Reis, que a todo momento fazia citações bíblicas, advertiu:

— Com efeito, precisamos expulsar esses vendilhões do templo!

Algum indiscreto, porém, levou o caso ao conhecimento do Salatiel Assú. O nosso austero chefe de disciplina aproximou-se do grupo e recomendou calma e prudência, acrescentando que, em caso de necessidade, ele agiria como as circunstâncias determinassem.

Em vista dessa recomendação, a vigilância do nosso grupo arrefeceu. Distraidos com os números da festa, o Menezes e seus companheiros perderam de vista os intrusos. Imagine-se pois, a raiva que deles se apoderou quando correu a notícia sensacional: os tais indesejáveis haviam penetrado à força na sala destinada ao *buffet*, fartaram-se de gulodices, amassaram vários embrulhos cheios de doces finos, e por último, tentando sair por uma porta que dava para o recreio maior, derrubaram uma mesa, quebrando várias dezenas de copos, além de outras depredações. Isso feito, fugiram, saltando o muro dos fundos e dizendo uma série de impropérios aos serventes que os perseguiam.

Como era de prever, o caso provocou intensa indignação.

No dia seguinte, o diretor Coqueiro reuniu no seu gabinete o grupo "perigoso" — (Domingos de Menezes, Neiva, Vaz Júnior) e disse:

— Já tomei todas as medidas que nos cabiam. O fato que aqui se deu é lamentavel, mas não deve constitur motivo para violências contra o colégio de que esses rapazes são alunos. O Colégio não tem culpa. Deixemos a má ação com quem a pratica. Sei que os se-

nhores estão organizando uma *revanche*. Pois bem: ficam avisados de que, se levarem avante essa idéia, serão suspensos!

Ao cabo de mais alguns momentos de conselhos e advertências, a turma voltou às salas de estudo. Não preciso acrescentar que nossos amigos ouviram com profundo respeito o velho matemático, mas conservaram o inabalável projeto de realizar a aventura. A oportunidade vinha perto. Devia realizar-se no domingo imediato, a festa anual do colégio C. P. A. Não se podia perder o ensejo.

O velho Coqueiro ficou tranquilo quanto ao efeito de sua doutrinação. Por via de regra, o castigo que impunha aos indisciplinados consistia em resolver problemas de trigometria retilínea. E o peor é que nem sempre indagava se a vítima havia já perlustrado essa árida região da ciência de Lagrange. Só para os casos muito sérios aplicava a pena de suspensão — mancha gravíssima, então, na vida colegial de um menino.

Calcule-se, pois, o desgôsto do probo educador, ao ler, na segunda feira seguinte, o ofício que lhe dirigiu o diretor do instituto vizinho. Resumirei o caso em poucas palavras. Três alunos do Internato, pouco antes da festa, haviam penetrado subrepticiamente no pátio de recreio, atingiram a janela do aposento onde estava o material do *lunch*, e, por meio do jôrro de um grosso cano de borracha, destinado á réga dos jardim, inutilizaram todos os doces ali guardados. Não contentes com esse estrago, praticaram outros vários, orçando-se o prejuizo total em cêrca de quatro contos de réis.

Nós, alunos, rimo-nos a morrer quando se soube do feliz êxito da represália. Mas nosso diretor não gostou da história, e ordenou que os autores da recambolesca proesa se apresentassem. Domingos de Menezes, Joaquim Florentino e Eduardo Fonseca lá foram ter, pres-

tigiados pela admiração e pelo aplauso da multidão juvenil dos colegas.

O processo do nefando crime foi sumaríssimo. Meia hora depois, inteirados da suspensão por três dias, os réus transpunham o ádito do Colégio. Logo em seguida, saía também o contínuo Oliveira, portador das três cartas em que se fazia, aos pais, a comunicação oficial da penalidade.

Unidos pelo infortúnio, os herois da aventura resolveram rumar juntos pela Quinta da Boa Vista. E' sempre uma delícia percorrer aquelas alamedas ensombradas. Um banco, em sítio ameno, convidava-os a ligeiro descanso. Sentaram-se.

— Que faremos agora? indagou o Menezes aos outros.

— Ora essa! Eu direi a meu pai a pura verdade, declarou o Vaz Júnior.

— O meu velho vai dar o estrilo! disse o Fonseca.

Assim charlavam, quando viram quatro colegas que vinham pela mesma rota: o Quintino do Vale, o Octacílio Paranhos, o Lambert e o Baltasar da Silveira.

— Que novidade é essa? Vocês conseguiram saida hoje? Ou estão suspensos?

— Suspensos, não senhor! Vamos tomar o expresso de Santa Cruz, elucidou o Quintino.

— Para Santa Cruz? Mas para quê?

O Paranhos completou a informação. Iam assistir, durante três dias, às manobras do Exército em Gericinó. Um distinto oficial, o Capitão Santana Barros, ex-aluno do Internato, convidara-os.

— Será que nós podemos ir também?

— Sem dúvida! O capitão Barros queria até um grupo muito maior!

Ali mesmo ficou tudo resolvido. Passariam os três dias da suspensão em Santa Cruz. Os pais não saberiam de nada quanto á penalidade. Mas para que nesse ponto a obra ficasse perfeita, tornava-se forçoso destruir a comunicação oficial que vinha ali, a curta dis-

tância, enxertada no livro de protocolo, em poder do Oliveira.

Não foi empresa fácil, posso garantí-lo. O Oliveira suspeitou de alguma tramoia, e não queria confiar as cartas da diretoria aos principais interessados no conteúdo delas. Debalde argumentavam os rapazes, com uma dialética digna de melhor causa. O debate prolongava-se. Ansioso, o Quintino aparteava de quando em quando:

— Resolvam isso logo! Que massada! Olhem que nesse andar vamos perder o trem das quatro e dez!

— Ora deixe-se de susto, insistia o Menezes junto ao Oliveira. Nós vamos para casa, mesmo, não havemos de ficar na rua; nossos pais saberão que fomos suspensos. Que tem isso? Suspensão não foi feita para cachorro.

— Meu pai, quando souber da causa, até vai ficar contente, afirmou o Fonsequinha, desmentindo a declaração anterior. Ele sempre conta que quando foi estudante, fez coisas do arco da velha.

— Gente, lembrava o Quintino, o trem das quatro e dez não espera!...

— Mas... resmungava o contínuo, vocês sabem... eu sou o responsável...

— De acôrdo... mas não corre perigo nenhum. Palavra! O Quintino serve de fiador. Você sabe que ele não se envolve em conflitos. E' um rapaz pacífico. Nasceu em Cordeiro...

O grupo dos voluntários secundou o trabalho. O prestígio do Quintino e o trem das quatro e dez abalaram a teimosia do homem. Ao Oliveira sorria a hipótese de se livrar daquelas longas viagens a bairros distantes, viagens que ele fazia a pé, ou em bondes de ínfima classe, afim de economizar o dinheiro que lhe era abonado para as passagens. Dali iria para casa, gozar em folga o resto do dia. Um sofisma, bem ordinário na verdade, acabou de convencê-lo.

— Nossos velhos a esta hora não estão em casa, explicava o Vaz Júnior. Você terá de entregar isso a pessoas da família, não é?

— Sim, senhor.

— Pois bem. Nós somos ou não somos pessoas das nossas famílias?

— São... mas...

— Pois então acabemos com isso... Você cumpriu as ordens. Aliás, tudo isso fica entre nós, está claro!

E assim findou o debate. O Oliveira retrocedeu ao largo da Cancela. Minutos depois, com grande alegria de uns garotinhos que andavam às cabriolas no gramado, vogavam no lago da Quinta, vários barquinhos feitos com ótimo papel fornecido pelo Estado. As "fortalezas" de terra abriram fogo contra a esquadrilha e os navios foram todos a pique. *Habent sua fata!*

Só na sexta feira regressaram ao Internato os valorosos voluntários. Haviam tirado, por sua conta, um dia mais para descanso, o que todos acharam justo e razoável.

O que eles contavam das manobras! A mais arrojada fantasia se recusa a admitir. O certo é que o capitão Barros fôra corretíssimo, proporcionando-lhes alojamento condigno. Dormiram sob o toldo de autênticas barracas militares. Assistiram a exercícios empolgantes. As fôrças em operações, divididas em dois grupos supostos inimigos, desenvolveram complicados temas estratégicos. A coisa chegou a inspirar uma versalhada em dialeto caipira, como se verifica pela seguinte amostra:

"Aos despois eu fui levado
Para vê os tá sordado
Atirando c'a espingarda e co canhão;
Nunca vi tanta metraia
Pipocando na bataia,
Mas porém não se matou-se ninguem não!"

Cumpre assinalar que nossos colegas não se limitaram ao papel de simples assistentes ou observadores. Nada! Tomaram parte, realmente, em muitos trabalhos. O Menezes e o Fonseca, que haviam de estudar medicina, serviram de ajudantes de enfermeiros; o Vaz Júnior como auxiliar de intendente; o Quintino teve por incumbência redigir relatórios e comunicados, em cujo texto conseguiu inserir passagens de Vieira e João de Barros. Na verdade aqueles três dias não foram de sinecura. Ao contrário uma dobadoura! Conheceram os bons, e os maus aspectos da vida do soldado em plena campanha. Ouviam os colegas o sensacional relato, tomados de justa admiração.

— Tiveram uma boa idéia! dizia um.

— Que dúvida! Bem melhor do que a daqueles que foram passear de bote na ilha da Pombeba!

Tais eram os comentários.

No sábado, o episódio já ia caindo no esquecimento, quando os três irriga-doces foram chamados à presença do diretor. Só um apareceu: o Vaz Júnior. Esse mesmo lá foi com certo receio, supondo houvesse surgido alguma complicação a mais, resultante do caso dos doces.

O velho Coqueiro, vendo-o perfilado, indagou:

— Que quer você, menino?

— O senhor Diretor mandou me chamar...

— Quem Eu? Para quê?

O secretário Bevilaqua veio, solícito, relembrar ao abstrato matemático a razão daquela providência.

— Senhor Diretor, este é um dos que foram tomar parte nas manobras do Exército.

— Ah! Sim? Muito bem!... Onde estão seus companheiros?

— Na enfermaria, doutor. Estão ambos adoentados

— Será, talvez, consequência dos três dias de acampamento?

— Sim, senhor diretor. Eles estão muito abatidos. O senhor não imagina o que foi aquilo! Boia ruim, noites ao relento, trabalho penoso, desde a madrugada...

O Vaz Júnior, excelente rapaz, não quis dizer que o Menezes e o Fonseca, por não terem feito o exercício passado pelo professor Pinheiro Guimarães, simularam uma indisposição de estômago, seguida de dores de cabeça, tonteiras e outros sintomas alarmantes. Tudo correu por conta das manobras. Metidos na enfermaria, o Santos embutiu em cada qual um vasto purgativo de Rubinat. No mesmíssimo caso se achava o Aloisio Neiva, com a só diferença que este preferira, ao purgativo, um vomitório.

O Coqueiro tinha excelente coração. Levando consigo o secretário e o Vaz Júnior, transportou-se à enfermaria, ali, deante de um grupo de curiosos, disse:

— Meninos, eu acabo de receber um ofício do comandante do 3.º Regimento no qual vocês são elogiados pelo modo por que se conduziram nas manobras militares em Santa Cruz. Segundo estou informado, vocês três, que haviam sido suspensos, foram também tomar parte nesses trabalhos. Assim procedendo, vocês se rehabilitaram no meu conceito. Três dias em convivência com o nosso glorioso Exército, foram, certamente, três dias de exaltação cívica, três dias de patriotismo! Atendendo a essa razão, resolvi cancelar a pena de suspensão que lhes foi imposta, o que hoje mesmo comunicarei a seus pais...

— Perdão, doutor Coqueiro, implorou o Fonseca, mas... eu mesmo queria dar essa boa notícia a meu pai. Ele ficou tão contrariado quando soube de minha suspensão... Seria para mim um prazer.

— E eu, acrescentou o Domingos de Menezes, lhe peço encarecidamente que não trate de manobras na correspondência a meu respeito... Meu pai é anti-militarista... Não quer ouvir falar na minha vocação para o Exército...

— Está bem, prometeu o Coqueiro, — cada qual será o portador de seu ofício; quanto à redação, o doutor Bevilaqua resolverá como entender conveniente.

Parece que a honrosa visita do venerando diretor aos doentes se encerrou nesse ponto.

Houve, entretanto, quem propalasse que o Coqueiro havia autorizado a saida imediata dos dois enfermos, dispensando-os das aulas de sábado; mas que o Santos se opusera a tal concessão, ponderando que o purgante ainda não havia produzido a natural e inevitável consequência. Desconfio muito que tudo isso foi fruto da imaginação do Florentino Vaz Júnior, useiro e vezeiro em semelhantes invenções.

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

XXI

Para quê, a Fi-lo-so-fia?

Quando me alcei ao quinto ano do curso, senti-me orgulhoso, *tout rempli de moi même*. Ia, finalmente, estudar aquelas coisas transcendentais de lógica, mecânica e outras mais. Voltaria a ter, como professor de literatura, o mesmo dr. Francisco Pinheiro Guimarães, que me ensinara português na primeira série. A turma ficou reduzidíssima, (seis alunos apenas) porque vários colegas, fugindo ao rigor do Hans, zarparam para o Externato; outros foram concluir, em exames parcelados, os poucos preparatórios que lhes faltavam para o ingresso nas escolas superiores. Perdiam esses o título de bacharel, mas ganhavam um ano, o que lhes parecia de maior vantagem.

As aulas eram encantadoras palestras; com a vênia dos mestres, nós trazíamos suas cadeiras para bem perto do semi-círculo formado por nossas seis certeiras, e ali, em cordial e sereno convívio, na sala da frente, que era também o gabinete de História Natural (a sala da chave quebrada do Carrão), faziamos nossas viagens pelos domínios da ciência, da arte, da fantasia.

Com Pinheiro Guimarães percorremos as literaturas antigas. A simpatia irradiante do mestre, a vivacidade de sua inteligência, a inexgotável riqueza de sua cultura — tudo contribuia para a sedução que exerceu sobre nós. "*Quantum mutatus ab illo!*" pensava eu,

lembrando-me do medo que dele tive, quando, simples garotinho primeiro-anista, via no mesmo homem um professor severíssimo. Desde os vedas indianos, o Maabárata e o Ramayana, percorrendo a antiguidade clássica, Homero, Horácio Virgílio, a *"Civitas Dei"* até Dante, Erasmo, a Renascença, Shakespeare, Milton, o teatro clássico francês, o romantismo — tudo devassamos em sua amavel companhia, com a curiosidade do adolescente a quem um guia de talento mostra com prazer todo o maravilhoso panorama da cultura humana.

Silvio Roméro conquistou, também, a minha admiração por outros motivos, não menos dignos. Apreciava nele o seu acendrado patriotismo, o desassombro com que expunha suas idéias, a solidez de seus argumentos. Ensinada por êle, a Lógica parecia-nos de uma facilidade quase infantil. A matéria da aula era pulverizada em quinze minutos. O tempo que sobrava, e às vezes um pouco do da aula seguinte, o querido mestre nos deleitava contando casos de sua vida íntima, de suas polêmicas, ou das tertúlias da Academia de Letras. Quando o provocávamos jeitosamente, punha-se a discorrer sobre as teorias antropo-sociais que apoiava, expondo-nos idéias de Le Play, de Tourville, de Rousiers. Atacava o germanismo no sul do Brasil, classificando-o profeticamente como um quisto perigosíssimo, capaz de produzir os mais graves males para o futuro. Já estava prevendo a quinta coluna! Arrasava o positivismo do Coelho Barreto. "E' um saco de gatos" dizia. Littré, Laffite, e Mill não se entendem. Positivista ortodoxo só existiu um: Comte. Esse mesmo andou maluco".

Osório Duque Estrada, que substituiu João Ribeiro na cátedra de História, apezar de boêmio e desordenado, demolidor impiedoso de reputações literárias, dava-nos aulas interessantes, encerrando-as sempre com a declamação de poesias suas, ou de seus autores prediletos, nacionais e estrangeiros.

Cada aula sua, como as de Pinheiro Guimarães, era uma sessão literária. Dele tive, em letra de fôrma, os

primeiros estimulantes elogios a versos meus... que longe estavam de os merecer.

O escritor Tristão de Athayde referiu-se certa vez, ao antigo Ginásio Nacional, neses termos: "Ensino deshumano, sem intimidade alguma entre mestres e alunos, sem estímulos, inteiramente vasio de alma, de finalidade, de unidade orgânica. Professores, por vezes profundamente sábios, mas distantes, olímpicos, aborrecidos..." Já houve quem defendesse os mestres do velho Colégio dessa acusação (*), mas eu quero também prestar o meu depoimento. O único professor aborrecido que conheci, foi o Hans Heilborn. Distante — só o meu grande amigo Osório Duque Estrada, porque faltava muito às aulas. Olímpicos, só os havia no sentido do saber, por onde pairavam, porquanto no trato, eram de uma simplicidade encantadora. Silvio Romero sentava-se junto de nosas carteiras, ou com a cadeira às avessas, ou com as pernas estendidas sobre o banco anterior de uma carteira. Ele só não queria ficar de frente para o esqueleto, o "Gregório". Abominava tudo o que trouxesse a idéia de morte.

Fui amigo de *todos* os meus mestres, com a única exceção citada. Frequentei as casas de Silvio, de Oliveira de Menezes, de Meschick; fui mais de uma vez às de Pinheiro Guimarães, e de Guilherme Afonso.

Acredito, pois, que todos os meus mestres — mas os da quinta e sexta séries especialmente, exerceram grande influência em minha formação intelectual. Porque? Porque não eram nem olímpicos, nem distantes, nem aborrecidos. (Uma exceção só, confirma a regra). Mas também porque as turmas eram pequenas. Quanto mais numerosa a turma, penso eu, menor será o convívio mental entre o aluno e o mestre. Este, naturalmen-

---

(*) Refiro-me ao interessante artigo de Vivaldo Coaracy, publicado no "Estado de S. Paulo", em dezembro de 1928, e reproduzido no magnífico album comemorativo "O Colégio Pedro II Cem Anos Depois", organizado por meus prezados amigos e ex-discípulos Ignesil Marinho e Luiz Inneco.

te, será forçado a mostrar-se distante... muito facilmente passará a olímpico, e não se livrará do labéu de aborrecido... A menos que deixe naufragarem a disciplina, e a seriedade do ensino. Pequena a turma, nossa convivência com os mestres tornava-se, em razão inversa, muito maior.

"O amor por princípio, a ordem por base, e o progresso por fim!" "Viver às claras; viver para outrem". Prever para prover... Com essas e outras frases em epígrafes ornadas de vistosas iluminuras, se abriam os cadernos de Astronomia e Lógica, dos alunos do Coelho Barreto, e Vicente de Souza, professores que, no meu tempo, faziam, no Internato, assídua propaganda das idéias positivistas.

Os rapazes do quinto e sexto anos, que já se enfronhavam nessas doutrinas agnósticas, assumiam desde logo um aspecto solene doutoral, e, por ocasião de nossas palestras, nos recreios, queriam ostentar sua superioridade mental como livre-pensadores. "Todo o fetichismo, toda a metafísica é uma vã tolice, diziam. A crença em um só Deus, como a crença em Minerva, em Cibele, em Moloc, é uma infantilidade humana que tende a desaparecer; à medida que o espírito positivo se impõe. A lei dos três estados, de Augusto Comte, ah! isso sim! — é a grande verdade acêrca da evolução do espírito humano".

Eu e outros, porque éramos quartanistas ainda, não tendo lido a Sintese Subjetiva, nem a Astronomia Popular, mal penetrávamos no sentido daquelas palavrosas tiradas.

Assim como eles troçavam das medalhinhas que os católicos traziam ao pescoço, nós, em represália, pilheriávamos com as máximas comtistas. "Viver às claras, mas comendo as gemas!". Essa inocente carapuça, destinada aos positivistas que haviam abiscoitado polpudas comissões na época, irritava os adeptos da nova

crença. "Viver para outrem..." mas quem é esse outrem? E' bonitinha?".

Incoerentes, aqueles fervorosos partidários de Comte e Clotilde de Vaux. Quando se cogitava de promover alguma cerimônia católica, uma missa de sétimo dia, por exemplo, eles se opunham. "O ensino é leigo! Não se permitem coações tendenciosas sobre os alunos do Ginásio!" Eles, porém, julgavam-se no direito de pregar o positivismo. "O que se ensina aquí não é a "religião da Humanidade", creada por Comte, é apenas a filosofia positiva; uma filosofia, ouviram?

E repetiam, sílaba a sílaba: "Uma fi-lo-so-fi-a".

"Quid inde?"

O certo é que os alunos eram convidados a assistir às famosas conferências de Teixeira Mendes e Miguel Lemos, no templo positivista da rua Benjamin Constant, e de lá voltavam admirando a enciclopédica e formidável sabedoria do primeiro daqueles sectários de Comte no Brasil, chefe acatado de toda a grei. Dentro em pouco, andavam às voltas com o "Catecismo Positivista", citavam, como datas, 20 de Carlos Magno, ou 14 de Descartes, falavam em "desordem mental do Ocidente" e quejandas complicações. E o velho Coelho Barreto, lente de Astronomia, podia gabar-se de haver convertido a suas crenças mais alguns neófitos.

Entre esses, quero crer, mais de um se deixou levar por um entusiasmo passageiro, senão pelo interesse de captar as simpatias de dois professores prestigiosos e temidos. Mais tarde abandonaram a doutrina de Comte, e, na pior hipótese, deixaram-se ficar num agnosticismo acomodatício e maleável a todas as conveniências. Outros, porém, foram sinceros. Tal o caso de Ernesto Maia Jacy.

O Jacy trazia, das séries anteriores, justa fama de aluno inteligente, e estudioso, monopolizador de bancos de honra. Nele tiveram os mestres positivistas excelente catecúmeno. Contavam-se dele proezas de talento, que se fizeram clássicas. Um dia, não tendo o Noronha

marcado nova tradução de grego, ele se meteu a traduzir, por sua alta recreação, um trecho de Xenofonte, com o que deixou o professor seriamente embaraçado. O chefe dos Dez Mil não figurava entre os autores cuja obra o lente conhecia bem... De outra feita, numa aula de trigonometria, ao ver em mãos do professor (que não era o Gama) um compêndio de Bourlet, pediu licença para examiná-lo, (o livro, é claro...) fixando depois sua atenção em determinado ponto.

— Que achou aí de interessante? pergunta o lente.

— Um problema curioso... muito dificil... em que são dados como elementos uma soma, e um produto... Eu...

— Pois vamos ver isso! Venha à pedra, escreva os dados, e vou ensinar-lhes a resolver o triângulo.

Quis ensinar, mas não conseguiu. Várias tentativas falharam lamentavelmente. Ao cabo de três quartos de hora o professor, suando em bicas, desistiu.

— Deve ter havido erro tipográfico... E' comum. Vou consultar a errata do livro.

E pôs-se a folhear o compêndio.

O toque providencial da sineta encerrou o impasse desagradavel, que deixara a turma em situação de constrangimento. Só depois da aula é que o Jacy revelou a verdade aos colegas:

— Eu conhecia o problema; é dificil, realmente; e sabia qual o artifício que havia de dar a solução.

— Ora essa!... Então, porque não disse?

— Não ficava bem... vocês devem compreender... E' uma questão de elegância moral, de ética... Eu tenho o Bourlet: e nas horas vagas tento resolver os problemas mais cabulosos... Como êle disse "Vou ensinar", eu supús que êle estivesse senhor do assunto, e achei que não devia tirar-lhe essa oportunidade de exibir os seus conhecimentos. Depois... já não havia remédio...

Na aula seguinte, o professor deu, brilhantemente, a solução do problema. Claro que a turma acompanhou o raciocínio com religiosa atenção. Ninguém disse que

já estavam fartos de saber aquilo. O Jacy fizera um pequeno curso de elegância moral... Fui aluno desse curso. Por isso não cito o nome do mestre.

Eu e o Roberto Jordão, católicos convencidos, não nos deixávamos embair pela dialética dos positivistas, mestres ou colegas. Ouvíamos o Jacy quase com o mesmo respeito com que ouvíamos o Coelho Barreto; replicávamos, às vezes, defendendo nossa crença; mas "por elegância moral", não troçávamos. Mal ele se afastava, choviam as "piadas".

— Você reparou como êle explica a falta de "amor" na divisa da nossa bandeira?

— Sim... que só seria máxima sectária se fosse: "Amor, Ordem e Progresso".

— Pois não é isso. Benjamin Constant não incluiu o "amor" porque entendia que o Brasil só precisa de "ordem e progresso". "Amor", já tem demais.

— Como assim?

— Vá ao Passeio Público procurar um banco entre 9 e 10 horas, e você verá...

— Quem sabe se êle foi, mais de uma vez, e não achou vaga?...

Sem querer, (porque sempre foi excelente e leal amigo) — o Jacy deixou em sérios apuros um companheiro nosso. Tratava-se do Azuil Peixoto. Não sei porque, o Azuil faltou a um dos concursos bimensais do 6.º ano. Mediante requerimento, obteve autorização para prestá-lo no mês seguinte.

Precisamente nessa época, Silvio Romero havia pedido três meses de licença, e Vicente de Souza, lente de lógica do Externato, devia substitui-lo. Em consequência desse contratempo, no dia fixado para a prova do Azuil, não se sabia se a aula seria dada pelo efectivo, ou pelo interino.

A matéria ensinada era ainda pouca; o Azuil devia estar *afiado*. O Jacy, sempre zeloso, quis auxiliá-lo.

— Você estudou este ponto "Definação de Lógica?".

— Estudei, pelos apontamentos do Silvio.

— Pois se ver o Vikente, você está frito. (*)

— Porque?

— Porque para o Silvio a lógica é uma ciência; para o Vikente é uma arte... Estude isso no meu caderno. E a "classificação das ciências?".

— Essa aula não assisti. Estudei pelo seu caderno...

— Pois se vier o Silvio você está em maus lençois. Ele não admite a classificação de Comte... Estude depressa isso no Rabier.

E assim por diante. Em cada ponto havia uma divergência doutrinária entre as opiniões dos dois professores. Claro que nenhum destes baixaria a nota do aluno por isso; mas o Azuil encheu-se de receios.

— Sabe de uma coisa, Jacy? Empreste-me os seus cadernos e o Rabier. Venha quem vier, eu faço o concurso...

Um amanuense trouxe ordem do dr. Coqueiro para o Azuil fazer a prova escrita na Secretaria. O professor havia telefonado dizendo que não podia vir, senão mais tarde; por isso ditava o ponto, afim de que o estudante não perdesse o tempo. O ponto seria o primeiro da lista.

— E' a definição de lógica, disse Jacy. Cuidado, Azuil!

O Azuil muniu-se dos cadernos, e do Rabier, e foi correndo para a secretaria, onde lhe deram uma escrivaninha casualmente vaga.

Contou-me o Corrêia que o nosso colega, depois de dar as primeiras penadas, ergueu-se de súbito, e, entre-

---

(1) — Ensinando Latim, Vicente de Souza queria que nós pronunciássemos **Kíkero,** ao passo que Fortunato tolerava a pronuncia usual, — Cicero — com o **c** brando. **Dai** resultou que nós, alunos, fizemos a mesma alteração no nome do mestre, e no de sua dedicada esposa, dona **Kakilda,** a quem ele com frequência se referia em suas aulas

abindo respeitosamente a porta do gabinete do diretor, perguntou:

— Mas... dr. Coqueiro, quem é que vem? E' o Silvio ou o Vikente?



Professor ***SILVIO ROMERO***

— Quem? perguntou o velho matemático estranhando a familiaridade.

O Azuil retificou:

— O dr. Sílvio Roméro, ou o dr. Vicente de Souza?

— Ah... não sei... Não ouvi bem... O telefone funciona mal... Mas isso não tem importância... Trate de fazer sua prova bem feita. Seja quer for o encarregado de julgar, a nota será boa.

Desanimado, o Azuil voltou a seu lugar, dizendo:

— Seu Correia, preciso de mais papel. Vou fazer duas provas: uma para o caso de ser o Vikente e outra se vier o Sílvio.

E explicou ligeiramente a situação.

— Mas a culpa não é do dr. Coqueiro, advertiu o Correia. E, em voz baixa: "Eu ouvi o recado pelo outro aparelho. Você sabe... o nosso diretor está tão velhinho, coitado!... Quem falou, nem disse quem era. Começou logo assim: "Coqueirinho, meu bem, és tu, belezinha?".

— Ah... Então, já sei: é o Sílvio... Muito obrigado!

Com efeito, o dr. Sílvio tinha o hábito de tratar os amigos por "meu namorado", "minha flor", "meu bem", etc., mas só aos amigos íntimos concedia essa honra.

Um dia, conversava com o Roberto Jordão, a respeito de nossas leituras e estudos.

— Acabei de ler e anotar o "Discurso sobre o Espírito Positivo", disse eu. Que estopada! Mas... era preciso! Quis ir até o fim.

— E então?

— Continuo onde estava. Em algumas minúcias, posso aceitar as idéias de Comte, nos pontos capitais, não!

— Explique isso melhor. Assim, poderemos, depois, discutir como o Jacy.

— Deus me livre! Ele sabe muito mais do que eu; mas seria perder tempo... Nem ele me convence, nem eu a ele. Nenhum de nós dá para catequista.

Expús, então a meu amigo o que pensava, apontando no livro, os pontos criticados.

— Olhe: cá está bem claro — "o positivismo renuncia a descobrir e a explicar a origem primeira do Universo, bem como o destino final". *Renuncia* é um eufenismo, de quem quer dizer: *não explica, porque não sabe explicar*. Sim, porque se soubesse, não renunciaria: diria logo! Ora, isso não merece o nome de positivismo, e sim de "duvidismo" ou "negativismo". E' *positivo* quem é categórico, certo, afirmativo.

— Sim... mas Comte, mais adiante, explica os vários sentidos da palavra "positivo"...

— Espere; eu li! Cá está. Nessa passagem, ele insiste em dizer: "Com exclusão permanente dos impenetráveis mistérios". E diz que a filosofia consiste só em especulações destinadas a melhorar nossa verdadeira condição coletiva, ao invés da vã satisfação de uma esteril curiosidade". Ora, melhorar nossas condições de vida material, aquí na terra, é puro objeto das ciências físicas, biológicas, ou sociais, das indústrias, da política, da moral; A uma filosofia, maximé, si pretende conter em si uma doutrina religiosa, pede-se muito mais. E' o que o positivismo não dá...

E foi por aí nossa conversa. À noite, no silêncio do dormitório, eu pensava, pensava, naquelas doutrinas em conflito, incapazes de responder às grandes indagações do espírito. "Se aparecer um borrão de tinta num livro de Coelho Barreto, ele há de querer saber quem o fez; no entanto, o universo, as nossas almas, ele entende que podem ter surgido sem que uma entidade inteligente as fizesse..." "A matéria bruta não pode siquer produzir, por sí só, outra matéria bruta, como há de produzir uma alma conciente, que pensa, que sofre, que ama?...

Um dia, o Roberto Gomes, temporariamente lecionando português, passou-nos uma redação de concurso, com este tema: "O dia mais feliz de minha vida". Quase todos disseram que fôra o dia em que entraram para o Internato. Eu escrevi, mais ou menos: "Foi o dia em que completei dez anos. Eu morava em Queluz. Aconteceram três coisas que me alegraram muito. Primeiro —

Eu andei sozinho de trem, pela primeira vez, e espiei a máquina bem de pertinho. Segundo — Nesse dia meu pai chegou do Rio, depois de longa ausência, e trouxe-me um trenzinho de mola (com trilhos e tudo) que era o meu sonho dourado... Que alegria! De noite, na réza do més de Maria, o padre deixou que eu vestisse opa vermelha, e levasse um círio".

Os colegas riram; troçaram comigo .. mas era tudo verdade.

Sete anos depois, com o cérebro trabalhado por aquelas doutrinas filosóficas, lembrava-me ainda o tempo ditoso em que cantava, na pequena igreja de minha terra, com minha mãe e minhas irmãs, a nossa esperança em uma vida futura e melhor, esperança que não encontrava no evolucionismo de Spencer, nem no positivismo de Comte, nem no panteismo de Spinoza, e ainda menos nas formas grosseiras do meterialismo epicuriano!

"Não... (pensava eu) não é possivel abandonar minha crença, a única que satisfaz os anseios do espírito e do coração. Minha mãe, minhas irmãs, eu próprio... não saimos casualmente do nada, num fugitivo instante da imensa eternidade, para recair de novo no nirvana absoluto da matéria insensível..."

— Roberto! disse eu ao Jordão, para finalizar uma de nossas conversas "filosóficas". O positivismo, mal comparando, me faz lembrar o caso da velha que tinha um gato. Você conhece?

— Não.

— Pois vá ouvindo. Uma velha, muito avarenta, e cabulosa, vivia só com uma empregada, e tinha um gato. E' sabido que quasi todas as velhas têm um gato. Um dia, a empregada veio pedir-lhe dinheiro para uma comprinha no açougue. "Comprar carne, para quê? disse a velha — pois se eu não como, nem você?" "Mas, patrôa,

é para o gato... um bocadinho só...” “Pois não dou! disse a velha. E argumentou com êste dilema: “Ou o gato come os ratos, (e nesse caso não precisa de carne), ou o gato não come os ratos, e nesse caso, para quê, o gato? Quem não precisa dele sou eu”.

— Mas que tem isso com o positivismo?



Professor F. Pinheiro Guimarães

— Tem tudo. Uma filosofia *deve* explicar os grandes problemas do universo e da vida. Se o positivismo os explica, não pode dizer que lhes ignora as causas primeiras. Se não os explica, então, para quê o positivismo? Quem não precisa dele, sou eu...

XXII

Sua Alteza era farrista

Sou grato à memória de Coelho Barreto. Não só pelo que me ensinou, como mestre, mas sobretudo pelo estado de alerta que me forçou a colocar meu espírito com sua propaganda positivista. Se não teve em mim um prosélito, conquistou um amigo e admirador. Por muito paradoxal que pareça, ele concorreu para que eu reconstituisse por completo, minha formação mental como católico.

Em verdade, não havia, no meu tempo, sob fórma sistemática ou intencional, nenhuma instrução moral e cívica no colégio. Uma e outra iam-se fazendo ao léo, quando e como fosse possível, "por añadidura". Não se comemoravam as datas nacionais; dos grandes dias da igreja só sabíamos que eram ótimos pretêstos para saidas e suêtos, ao que não se opunha a laicidade do Estado.

Comparando a abundância de razões com que os positivistas defendiam suas teorias e crenças, com a ignorância total em que eu me achava em relação às minhas, senti-me envergonhado. Um dia, Coelho Barreto salientava a profundeza de uns conceitos de S. Paulo, quando, a uma dúvida que suscitei, atalhou incisivamente: "Você já leu as Epístolas?" Respondi, lealmente, que não. "Pois nesse caso não me pode compreender".

Tal como o corvo da fábula, jurei, mas um pouco tarde, que não cairia noutra.

Às vezes, se lhe dava na veneta, não ensinava coisa alguma; contava episódios da campanha republicana, ou da abolição, exaltando o papel dos personagens detentores de sua simpatia. Em relação a alguns professores, dava-se este singular fenômeno comigo: aprendia mais quando eles *conversavam* conosco do que quando *davam aula*. Caso personalíssimo, bem se vê.

Foi num desses dias de bom humor que Coelho Barreto nos contou o caso do arquiduque.

— Estava eu em Monte Carlo, dizia ele. Deixei de acompanhar Silva Jardim à Itália, para gozar por algum tempo da admirável estância da Côte d'Azur. Enquanto o nosso grande tribuno perdia ingloriamente a vida escorregando para dentro da crátera do Vesúvio, como Plínio, o Antigo — eu, ainda na força da idade, gozava a minha — "tá claro!" — segundo o conselho horaciano: "Carpe diem!" Não acham que fazia bem?

— Certamente...

— Pois "tá claro!" Estava eu, pois, posto em sossego, como a Inês de Castro de Camões, todo bilontra, com minha gravata vermelha de republicano, e meu cravo na lapela, e dispunha-me, tranquilamente, a almoçar na *terrasse* externa de um grande hotel da cidade, quando ouvi o "maïtre d'hôtel" gritar por entre as mesas, fazendo gestos com as mãos de baixo para cima:

— Lévez-vous, méssiers! Levez-vous, méssieurs!

Eu estranhei aquilo. Levantar-me?... mas para quê? Não havia motivo algum. Toda gente se levantou; alguns interromperam o almoço, já iniciado. Eu não me movi. Sentado estava, sentado fiquei. Tá claro! Notei que pela escadaria de mármore vinha, caminhando vagarosamente, um grupo de cavalheiros, quase todos louros, barbudos, solenes.

Vendo que eu não me erguia, o gerente aproximou-se de mim e disse:

— Ne comprenez-vous pas le français. Monsieur? J'ai dit: "Lévez-vous,sùil vous plait! Stand up, please! Erga-se usted, hombre!

— Mais, porquoi donc? Why, please? Pero porquê, caramba?

Eu estava já furioso, e sapequei essa torre-de-babelice no homem, que recuou assustado, e explicou, em francês, já num tom de voz mais cordato:

— E' que... o senhor sabe... a etiqueta... Vem alí Sua Alteza o Sr. Grão Duque de Meklenburg-Schwerin.

Eu (prosseguia Coelho Barreto exaltando-se) bradei-lhe nas ventas:

— Pois pode vir o Grão Duque, e mais o imperador, o sultão, e o papa, porque *eu* não me levanto, compreendeu? Ora, já se viu tamanho desaforo?! Levantar-me, porquê? Não sou súdito dele, nem amigo, nunca o vi mais gordo! Sou brasileiro e livre; não recebo ordens de ninguém! Que vá para o diabo, o seu grão duque, compreendeu? E não me aborreça!

Nesse ínterim, o tal grão duque havia entrado, e todos os palermas o saudaram com uma curvatura profunda. Eu, de onde estava, nem lhe dei a honra de olhar para ele. Sou como Diógenes, que andava dois estádios para ver um inseto, e nem siquer virou a cabeça para falar com Alexandre. Tá claro!

— E o caso acabou? pergunta um de nós.

— Qual história! O sarilho continuou. Perto de mim estava um idiota qualquer, calabrês ou siciliano, e eu ouvi quando ele disse ao garçon:

"— Guarda, guarda: questo signore dev'essere un selvaggio dell'America del Sud!

Voltei-me para o biltre e disse, em italiano, bufando de raiva:

— Eu sou brasileiro, e com muita honra, ouviu, seu idiota? Sou republicano, sou um homem livre! Não sou escravo de nenhuma testa coroada! Não se meta onde não é chamado... *"Taci, maledetto lupo..."*

O italino murchou-se todo, empalideceu, e ficou imovel como uma coruja empalhada.

O "maïtre d'hotel" vendo que o escândalo já era grande, e toda a gente, inclusive o tal grão duque, olhava para o meu lado, veio aflito pedir-me:



Professor COELO BARRETO

— Por favor, meu caro senhor, acalme-se... Visto que não quer levantar-se, continue sentado, mas não fale tão alto...

Eu fiquei ainda mais possesso, levantei-me desta vez, para retrucar ao insolente:

— Eu me levanto quando quiser, sento-me se quiser, e falo alto se quiser! Ora essa! Já lhe disse que não recebo ordens de ninguem! Suma-se daqui, e deixe-me comer em paz!

O grão duque, tendo notado que algo de grave se passava, indagou o que havia, e soube que um cidadão brasileiro havia se recusado a levantar-se quando Sua Alteza entrava.

Era um pobre diabo; um bom sujeito. Em vez de irritar-se, achou graça. E sabem o que fez? Chamou o "maïtre d'hotel" e disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

O homemzinho, escabriado como cachorro que quebrou moringa, aproximou-se de mim:

— Sua Alteza o Sr. Grão Duque Frederico Francisco manda-lhe pedir desculpas pelo incidente, e, desejando conhecê-lo, pede-lhe que lhe dê o prazer de almoçar em sua companhia.

— Isto é outro falar! disse eu. E, pensei, de mim para mim: "Vou dar uma lição a esta corja, e mostrar que um brasileiro topa tudo. E talvez tenha ocasião para dar uns conselhos àquele idiota'".

E fui para a mesa do grão duque, que me fez sentar a seu lado. Falava o francês como uma vaca espanhola! Mas, que camaradão!

E sabem como se encerrou o caso? Bebemos champagne da melhor qualidade, e saimos de braço dado, "pour voir les anglaises"... Sua Alteza era um farrista de marca maior, de idéias e de bolsa muito liberais...

Muito tempo depois, em roda de ginasíadas, comentamos o episódio do grão duque. Um dos circunstantes declarou:

— Contei esse caso ao Vikente. Querem saber o que ele fez? Balançou a cabeça, em sinal de incredulidade, e disse apenas: "Ah! O grão duque era farrista? Nesse caso,

"Ambo florentes aetatibus, arcades ambo..."

"Tá claro!"

XXIII

Um caso notável de retraticídio

— Não resta dúvida! A revolução vence!
— Pois não há de vencer! O govêrno está forte!
— Você não lê os jornais? Não sabe o que vai por aí?
— Escutem!... Estou ouvindo tiros de canhão!
— São as fortalezas que estão fazendo fogo!

Tais eram os fragmentos de conversação que se ouviam nas salas, nos corredores e nos recreios do Internato, no dia em que irrompeu a revolta chefiada por alguns militares e políticos, em novembro de 1904.

Não funcionaram as aulas naquele dia. Houve ordem para que nenhum aluno saisse do colégio Ausentes, na maioria, os inspetores, relaxou-se a disciplina. Corriam os mais absurdos boatos. Reinava por toda a parte uma atmosfera de inquietação e mau estar.

Discutia-se muito sobre política. Nós, alunos, defendíamos o presidente Rodrigues Alves, divergindo da maioria apenas um reduzido grupo que, deixando-se iludir pela campanha dos órgãos oposicionistas, atacava o saudoso estadista e seu govêrno.

Vivia no colégio, sem que se soubesse a que título, arranchado em dependência da enfermaria, um fosfórico sujeitinho, chamado Maurilo de tal, *factotum* dos diretores, intrigante contumaz, eterno candidato a um bom emprêgo, que, — suponho eu — acabou conseguin-

do. Mais de uma vez travamos debate inflamado sobre a situação. De uma feita, o Maurilo exaltau-se.

— Você diz isso porque não conhece o presidente, exclamou. E' um homem ruim, rotineiro, casmurro, medalhão da monarquia...

— Está enganado! repliquei com energia e indignação. Está muito enganado! Não é nada disso! Eu o conheço!

A turma ficou admirada quando me ouviu dizer que "conhecia" o presidente da República. Alguns troçaram comigo, aplicando-me, com o acréscimo de "mirim", o apelido pejorativo pelo qual era conhecido certo funcionário que blasonava gosar da intimidade de altos figurões da política. Fiquei furioso e afastei-me do grupo, abandonando o campo de batalha ao inimigo.

Sem dúvida eu tinha exagerado: entre mim, simples colegial adolescente, e o chefe da Nação, não podia haver relações de camaradagem; mas algo de verdade se continha no que eu dissera. Em conversas anteriores eu já teria feito, a meus amigos íntimos, confidências a tal respeito.

Foi o caso que, no ano anterior a meu ingresso no Internato, minha família fôra á basílica da Aparecida, no cumprimento de um promessa. Concluido esse dever religioso, meu pai levou-nos a Guaratinguetá, onde devíamos esperar um trem misto que, á noitinha, nos reconduziria a Queluz, minha terra natal.

Em Guaratinguetá soubemos que ali estava, repousando de seus labores, e em visita a parentes e amigos, o conselheiro Rodrigues Alves, então presidente do Estado de São Paulo. Meu pai, que militava no partido dominante, julgou-se no dever de cumprimentar o eminente político, e levou-me em sua companhia.

Eis aí como e porque tive o prazer de, menino ainda, apertar a mão honrada do grande brasileiro. Duradoura recordação me ficou dêsse rápido episódio da meninice. Rodrigues Alves recebeu-nos amavelmente, conduziu-nos ao recesso de seu lar modesto, naquela

velha casa da rua Morais Filho, esquina da rua Dr. Martiniano. Ali, cercado de íntimos e correligionários, a todos tratava com encantadora simplicidade democrática, sem todavia abandonar a linha de circunspecção que o caracterizava. Sua palestra era alegre e interessante. Disse-me palavras bondosas quando soube que meu pai formara o projeto de me internar no Ginásio.

— Vai cursar o mesmo colégio onde estudei, acrescentou, batendo-me familiarmente no ombro. Estimo que seja feliz.

À tarde, vimo-lo novamente, passeando a pé, em companhia das filhas, pelas ruas da cidade. Lembro-me bem de que usava fraque e chapéu duro, indumentária própria da época, mas que despertou em mim respeitosa admiração

Presentemente vigora a prática de escreverem jornalistas e escritores crônicas ou biografias versando sobre o homem mais extraordinário que cada qual conheceu. Se me pedissem depoimento de tal natureza, eu focalizaria a figura singular de Rodrigues Alves. A partir daquela simples visita, passei a consagrar ao ilustre brasileiro uma veneração sem limites, fortemente dosada de simpatia, respeito e curiosidade.

Assim se explica o fervor com que, nas discussões motivadas pela crise política de novembro de 1904, eu me atirava á defesa do saudoso estadista.

Mas retomemos o fio da narrativa. Os boatos fervilhavam. Quem chegasse de fora, via-se logo cercado por um grupo de curiosos. A diversidade das notícias trazidas convenceu-nos, porém, de que ninguém sabia de verdade.

— Houve um combate em Botafogo, diziam. Consta que o general Travassos está gravemente ferido.

— Mas quem venceu?

— Não se sabe... Ouvi dizer que o presidente e os ministros vão para bordo de um navio de guerra

Dali a meia hora, outro recém-chegado aduzia:

— As coisas estão pretas! Parece que a revolução se alastra! ...

— E o presidente? — indagávamos, — recolheu-se mesmo a bordo de um couraçado?

— Qual história! Aquilo é que é homem! Declarou que não sairá do Catete haja o que houver! A revolta há de ser vencida! Esses... estão...!

(Infelizmente não posso reproduzir as expressões que nosso informante usava, porque são impróprias para menores).

— Sabe o que fez o Maurilo? disse-me, no recreio, o Raimundo Vale.

— Não...

— Pois anda se gabando por aí de que, à frente de um grupo de desordeiros virou vários bondes nas ruas do Engenho Velho, e depois foi àquele edifício próximo à estação de São Cristovão e ali alvejou a tiros de revólver um retrato grande do presidente da República!

— O quê! Ele teria feito isso? Não acredito!...

— Pois acredite. Ele trouxe a prova.

— Como? Que prova?

— Diz ele que, espatifado o quadro, conseguiu apoderar-se do retrato, e trouxe-o consigo. Está convencido de que o govêrno cairá, e pretende guardar os pedaços do retrato como troféu. Que sujeito!

Com efeito, prevalecendo-se da situação, andavam bandos de vagabundos pela cidade queimando bondes e derrubando combustores da iluminação. O assalto àquela modesta repartição da Central, isolada nos terrenos da Quinta e abandonada pela polícia não surpreendia. Mas não me podia conformar com o gêsto de Maurilo. Para quê, fuzilar a tiros um inofensivo retrato do chefe de Estado? Que heroismo haveria em destruir um simples quadro suspenso á parede? E deveria gabar-se de semelhante proeza um indivíduo que já havia recebido do Ministro alguns favores e vivia implo-

rando outros melhores? Expús essas dúvidas ao velho inspetor Barbosa, que, com sua longa experiência da vida, me elucidou:

— Menino, você ainda é muito criança; não sabe de que é capaz certa gentinha. Esse Maurilo é perigoso. Tipos desse gênero aparecem sempre em ocasiões de tumulto, como o lodo que sobe á tona quando se revolve a cisterna. Nada arriscam, porque nada têm que perder. Se, por acaso, a revolta vencer, eles vão alegar os grandes serviços prestados, e, naturalmente, reclamam recompensa.

Antes de findar o dia, porém, a situação estava normalizada. Falhara a deplorável tentativa contra o govêrno constitucional da República. Rodrigues Alves, a despeito das calúnias com que o agrediam as conhecidas víboras da imprensa e da politicalha, havia de se manter no supremo posto a que o alçara o voto popular, então, como sempre, a única expressão legítima da vontade nacional. E havia de prestar ao país os inestimáveis serviços que o consagraram imperecivel na gratidão da pátria.

Não vi mais, no Internato, o valente retraticida.

— Que bréca levou o Maurilo? perguntei a vários colegas.

Ninguém sabia. O herói da façanha eclipsara-se.

— Está com medo de cair nas garras da polícia, presumiam.

Era bem possível; eu próprio partilhei dessa suposição. Mas o inspetor Barbosa, alguns dias depois, chamou-me de parte e esclareceu o mistério:

— Ouça: o tal seu Maurilo nada sofreu da polícia...

— Eu logo vi. Consta que o govêrno não permitiu que se fizessem violências contra os revoltosos.

— Melhor ainda. Dizem que ele vai ser nomeado para o lugar que pretende.

— Ora essa! E porquê?

— Isto agora fica entre nós, ouviu? Tenho um irmão que trabalha na Polícia Central e me contou tudo. A mãe do Maurilo, uma dona Eufrosina não sei de quê, teve o topéte de ir ao gabinete do chefe, e ali declarou que o que o filho fez foi conter os amotinados, afim de que não cometessem maiores desatinos. E mais ainda: que com o risco de irritar os desordeiros, a muito custo conseguiu apoderar-se do retrato do senhor presidente, evitando que aqueles canalhas fossem arrastar pelas ruas a preciosa efígie. E, como prova, apresentou o retrato, que havia sido restaurado com grande habilidade, faltando-lhe apenas a moldura e o vidro para que o repusessem no lugar de onde a "vil ralé" o havia derrubado.

— Com efeito! protestei. Não há quem desminta esse mariola?

— Não vale a pena... Nas condições em que se deu o fato, é difícil provar isto, ou aquilo. O Maurilo tem lábia... Alegou que foi aluno do Internato, o que é verdade; e que prestou serviços gratuitos... Coitado, ele precisa do emprêgo... Diziam que cometeu um retraticídio; mas — que diabo! — retraticídio não é crime previsto no Código Penal. Aquele camarada vai longe... Escreva o que estou lhe dizendo...

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

XXIV

Olhe a janela, seu Fraga!

Amigos e condiscípulos meus, alguns dos quais já foram citados nestas crônicas de saudade, tendo lido os capítulos anteriores, censuraram-me porque, relembrando episódios jocosos de nossos tempo de estudante, ainda não mencionei um só que me diga respeito, ou no qual eu haja desempenhado papel de relêvo.

Pois eu vou satisfazer agora a curiosidade — um pouco maldosa, sem dúvida — dêsses meus excelentes amigos. Referirei um caso em que estive envolvido, e no decurso do qual raspei um susto não pequeno.

No tempo em que eu, o Roberto Jordão, o Carlos Frick e outros frequentávamos a escura e acanhada sala de Física do Internato, afim de ouvir as aulas, que tanto apreciávamos, do velho Oliveira de Menezes, exercia o modesto cargo de conservador do gabinete o Fraga, funcionário de antiga escola, assíduo, quietarrão, zeloso até o exagêro no cumprimento dos deveres.

Em agosto de 1905, se não me ilude a memória, reunira-se, nesta cidade, o 3.º Congresso Científico Latino-Americano, assembléia notavel não só pelos nobres fins que visava, mas também, pelo valor intelectual de seus componentes.

Nós, simples estudantes ainda, embora não lêssemos as longas notícias que os jornais consagravam ao

Congresso, sabíamos que êste versava questões da maior importância para a América.

Um belo dia estourou a novidade sensacional: o Internato ia receber a visita de uma douta comissão de professores americanos, homens de profundo saber, membros proeminentes da culta assembléia.

O Dr. Elpídio Trindade, vice-diretor em exercício, percorreu as salas e avisou a meninada:

— Amanhã quero vê-los todos corretos e alinhados! recomendou-nos o vice-diretor. Virão visitar-nos homens ilustres, o escol da inteligência da América! Vocês hão de portar-se com absoluta distinção e rigorosa disciplina, estão ouvindo? Não obstante ser nossa casa uma casa pobre, — é o caso! os visitantes devem levar do Instituto uma boa impressão!

Convém lembrar que o Dr. Trindade não discursava meio minuto sem empregar três vezes as expressões "não obstante!" e "é o caso!".

Atualmente estou convencido de que será idéia criminosa levar forasteiros ilustres para visitar o Colégio Pedro II. Há quase vinte anos que o centenário instituto *vive* remendando suas velhas taperas, na ansiosa espectativa dos novos edifícios que lhe prometem, para sua instalação condigna. Mas, naquele tempo pareceu-me muito natural que o Internato recebesse a honrosa visita.

Iniciou-se a intensa faina para a limpeza e arrumação do velho edifício. De bom grado trabalharam todos: serventes, bedeis, inspetores, funcionários burocráticos e até alunos, afim de que o Internato, disfarçando sua irremediavel leseira, não fizesse má figura.

Nesse dia, véspera da visita dos eminentes pedagogos, o saudoso João Ribeiro chamou-me de parte num dos corredores, e disse-me:

— Como você deve saber, os membros do Congresso manifestaram o desejo de assistir a uma de minhas aulas. Ora, você tem-se mostrado bom aluno; por isso resolvi chamá-lo à lição. Pedir-lhe-ei que trace, no qua-

dro negro, um mapa das grandes navegações: você indicará os roteiros de Colombo, de Pinzon, de Diogo de Leppe, de Bartolomeu Dias, de Vasco da Gama, de Cabral.

Quis escusar-me, alegando minha inaptidão para o desenho, a timidez, que tolheria os movimentos, e outras razões várias. Tudo inútil. O mestre e douto historiador não cedeu.

— Não tenha receio, menino. O que eu quero é que você trace o mapa e os itinerários, mostrando que conhece a matéria e poderia discorrer sobre o ponto. Mas você pouco falará; eu tomarei a meu cargo a dissertação. Transformo a aula em conferência, e mostrarei como os dois cíclos de navegação viriam, necessariamente, encontrar-se no litoral do Brasil.

Fiquei aterrado sob o pêso daquela tremenda responsabilidade. Fui ter com meus colegas da 5.ª série, e confiei-lhes meus receios. Se eu me perturbasse ao traçar o mapa? Como se arranjaria o professor para demonstrar sua tese, se o golfo do México saisse em frente do da Guiné, ou a foz do Amazonas no paralelo de Gibraltar? Tentei a experiência. A América do Sul saiu tal qual um presunto; a do Norte parecia a carranca da velha feiticeira da Branca de Neve.

— Pois você faça esse mapa três, quatro, vinte vezes, até acertar a mão! aconselharam-me.

Ótima idéia! E melhor ainda ficou depois que o Carlos Frick sugeriu:

— Olhe, Mello e Souza; eu, no seu caso, ia fazer o mapa no mesmo quadro negro que vai servir amanhã.

Fomos indagar do dr. Trindade onde se realizaria a aula-conferência do dr. João Ribeiro.

— E' o caso! Já estive pensando nisso! declarou-nos o diretor. A sala de física, não obstante ser um pouco escura, é a maior de que dispomos: vocês sabem... é o caso! Já avisei o dr. Menezes e o seu Fraga; o dr. João Ribeiro fará sua palestra lá, em aula da 5.ª série, não obstante a hora ser de outra aula...

Cientes dessa preciosa informação, corremos á sala de Física. Eramos três ou quatro, todos pertencentes à Pleiade. Meus colegas auxiliaram-me, portanto, no preparo da brilhante exibição que eu devia fazer no dia seguinte. Surgiu, não sei como, um plano de primeiríssima ordem. Mário Alves de Assis, hoje professor ilustre nesta cidade, Otávio Carrão, notavel causídico, José Botelho Reis, (já falecido), vieram prestimosos, em meu auxílio. Dos quinto anistas, só o Roberto Jordão assistiu a tudo o que fizemos sem intervir. E' que eu e o Jordão andávamos desavindos. Uma desas banais questínculas de colegiais motivara uma discussão, que determinou um rompimento formal de nossas relações de amizade. Notei, porém, que o Jordão, depois de perceber o que estávamos fazendo, foi ter com o seu Fraga, zelador do gabinete de Física, e conversou com êle, na sala visinha, por algum tempo.

— Que diacho estará o Jordão contando ao Fraga? perguntei, intrigado, aos companheiros.

— Ora... Qualquer tolice... O Jordão é tagarela mesmo...

— Receio que o seu Fraga, sabendo do negócio...

— Nada! Não creio que o Jordão dê com a lingua nos dentes.

O Assís manobrava com a janela, uma larga janela por onde entrava àquela hora da tarde, a luz do sol poente.

— Está bem assim? disse êle.

— Veja se pode abrir um pouco mais, pedí.

O Mário Alves forçou um pouco mais a janela emperrada pela velhice. O feixe de luz ampliou-se.

— Agora está bem... Magnífico! Assim é que serve!

E continuamos a trabalhar na organisação do plano, em cujo feliz êxito nós confiávamos.

Quando soou a sineta do jantar, o "serviço estava acabado. Não sei qual dos colegas disse-me:

— Olhe, Mello e Souza: é prudente você amanhã rever tudo antes da *hora*... O Fraga, às vezes, implica com a gente; êle pode estragar a coisa...

— Qual!... Não é provavel!... repliquei.

E naquela noite e na manhã seguinte só cogitei de estudar o ponto sôbre o qual devia ser arguido.

No dia seguinte, à tarde, recebemos a honrosa visita. Houve formatura, no recreio, palmas em homenagem aos visitantes. Estes, gentilíssimos, maneirosos, de cativante lhaneza, mostravam-se encantados pela mais que modesta instalação do nosso colégio padrão de ensino secundário... E quando nada mais havia que se lhes pudesse apresentar, foram convidados a assistir a uma aula de História, do emérito professor João Ribeiro, na 5.ª série. Minutos depois, a sala de Física estava repleta. Os congressistas estrangeiros, dez ou doze, tiveram lugar junto a mesa e ao biombo que separava a sala do laboratório. Professores do colégio, fucionários e jornalistas ocupavam as cadeiras nas filas da frente. Alunos em grande número enchiam o espaço restante. Por tôda a parte só se viam cabeças energindo atrás de outras cabeças, e olhos curiosos espiando.

O Dr. João Ribeiro iniciou a aula com algumas palavras ditas naquela forma impecável, e no tom de voz moderado e vagoroso que lhe era peculiar. Findo o introito, declarou que ia chamar um dos alunos, e, depois de percorrer a lista, como quem hesita, na escolha, mencionou meu nome. E lá fui eu, afetando surpresa, mas com o coração batendo forte, alvo de todos os olhares e atenções.

O mestre fez-me o pedido do mapa, tal como havíamos combinado. Eu, com a maior naturalidade deste mundo, utilizando giz de várias cores comecei o traçado. A Europa, que eu tomara do mar do Norte para o Sul, estava saindo magnificamente. Mas, no momento em

que eu riscava o mar Mediterrânio, ouvi, no silêncio geral, a voz do dr. Menezes, que estava entre os assistentes:

— Seu Fraga, feche a janela,... por favor...

Fiquei lívido de susto. Se o Fraga fechasse a janela estava tudo perdido!

O raio de sol, — o mesmo da véspera! — entrando pela janela, ia bater no rosto de alguns congressistas, entre os quais uma elegante dama, figura saliente na assembléia americana. O dr. Menezes, dono da sala, achou-se na obrigação de remediar o mal. Daí a ordem que deu a seu ajudante.

Ora, só com a janela aberta é que eu (e somente eu, ninguem mais...) podia ver todo o traçado do mapa, e das rotas marítimas, porque tudo fôra cautelosamente riscado a lapis no quadro negro. O reflexo de luz permitia-me distinguir em traços prateados do grafito, o contôrno das terras, das ilhas, das correntes oceânicas, os itinerários. De longe, porém, nada se via senão o quadro negro, perfeitamente limpo...

Seu Fraga, ao que parecia, não ouvia a recomendação, porque o catedrático repetiu:

— Seu Fraga, faça o favor! — feche essa janela...

O ajudante aproximou-se da janela e sacudiu-a um pouco. A madeira rangeu: ouviram-se risinhos entre os alunos; o Fraga voltou a seu posto, e a ilustre congressista continuou atingida pelo sol.

Desta vez o dr. Oliveira de Menezes insistiu, já com algum azedume na voz:

— Olhe a janela, seu Fraga!...

Enquanto essa cena se passava, eu corria o giz no quadro negro. A América do Norte estava pronta; as Antilhas iam surgindo como por milagre... O logar do ístmo e a altura do equador eu já havia marcado, por prudência... A América do Sul era *canja*... Desta vez o seu Fraga moveu um pouco mais a janela. Um inspetor — o Cândido — querendo mostrar-se amável, reforçou o gesto, empurrando-a com o cotovelo. Eu estava um pouco perturbado, porque já não via os riscos, e não

me lembrava bem do roteiro dos espanhois. Felizmente a janela foi-se reabrindo de mansinho com grande admiração dos que observavam o estranho fenômeno. O raio de sol foi-se alargando, alargando, até alcançar a referida senhora. Finalmente, quando eu fazia o roteiro de Cabral, ouviu-se um estalo característico de regua de madeira que se parte. Todos olharam para o lado da janela. Houve risos, interrompidos por vários *psius* enérgicos, do dr. Trindade. Eu tinha acabado minha tarefa; e congressistas e professores, por expressiva mímica, revelavam a admiração pela inegável perfeição da obra.

E, enquanto o Cândido fechava, com irritante ruido, a fatídica janela, o dr. João Ribeiro dirigiu-me algumas perguntas, a que respondi com absoluta firmeza. O mais foi a palavra fluente e encantadora do mestre, uma peroração cheia de conceitos de serena filosofia, e um vibrante discurso de um dos congressistas, fazendo elogio do eminente historiador, — aquele saudoso e querido João Ribeiro que me convenceu de que eu *dava* para professor de História.

E foi o Jordão quem avisou o Fraga de que a janela *precisava* permanecer aberta!... Foi o Jordão que obteve a promessa de que o Fraga não tiraria o quadro do logar, nem um milímetro, para que eu não me perturbasse... Foi, finalmente o Jordão que sacrificou a sua regua de borracha negra, querendo forçar a janela, para que retomasse a posição conveniente... Pobre Jordão! Ele que tinha um amor de mãe por aquela regua de borracha!...

Quando o abracei, naquela tarde, senti que êle estava comovido. E eu, confesso-o agora, não o estava menos... E a amizade que ressurgiu entre nós foi tão sólida, que as lutas pela vida não a destruiram nunca mais...

XXV

Peões, dama xeque e mate

Aprendi a minha custa a não me fiar em opiniões alheias para firmar juizo sôbre o carater de alguém. Só as "minhas" observações valem; e essas mesmas não raro ficam de quarentena. Enganei-me tantas vezes, que fiquei escarmentado.

O caso ocorrido com o Meschick servirá de prova, e vou referí-lo a meus alunos para que não incorram no mesmo êrro.

No meu sexto ano letivo, no mês de setembro, já no último arranco, portanto, comuniquei a meus colegas que ia deixar o estudo do grego. Não podia mais suportar as injustiças flagrantes e os caprichos incríveis do Hans Heilborn.

— Que pena! disseram-me. Deixar o curso do bacherelado só por causa de um exame de grego!

— Que se há de fazer? Prefiro não sair bacharel em letras, a passar pelo vexame de ser reprovado, o que me aconteceria fatalmente. Estou com média final dois e meio! Meu pai lamentou bastante isso, mas à vista do que expús, concordou. Não farei, porém, a comunicação oficial, já. Quero que o Hans conserve, até o fim, a ilusão de que vai ter o gostinho de me reprovar. Pretendo assistir as aulas, e até fazer as traduções. Mas na última horinha, dou-lhe o pontapé.

Para quê disse eu! Não sei que estômago frio passou logo a notícia adeante. Tive a vaidade de ver o meu gesto discutido, censurado, elogiado pelos grupinhos dos corredores. Logo na primeira aula de grego, o Hans perguntou-me:

— E' certo que o senhor Mello e Souza deliberrou deixar o curso de grego?

Não esperava por aquilo. Mas não perdi a calma. Respondi, com firmeza:

— E', sim senhor.

O prussiano não disse mais nada. Limitou-se a tomar da caneta e passou um forte risco ao longo de uma das pautas da lista. Percebi que havia riscado o meu nome. Não obstante, continuei impassivel, com o livro e o caderno aberto diante dos olhos, e acompanhei todos os incidentes da aula.

Finda esta, comentamos o caso.

— Ele não podia fazer aquilo, protestava eu, com veemência. Não compete ao professor riscar nomes da lista. Aliás, nada consta oficialmente sôbre minha desistência...

— Mas êle não consentirá mais que você assista às aulas, como fez com o Jorge Esteves.

— Ah! Também não pode. O caso não é o mesmo. O Jorge não pertencia à nossa turma, e vivia dando apartes. Eu não. Sou sexto-anista; minha sala é aquela; ninguem pode me expulsar dali, não havendo motivo para isso.

No dia seguinte tive aula de alemão.

O incidente agravou-se, tomando novo aspecto.

O Meschick, apenas entrou, foi dizendo:

—Seu Mello e Souza, eu soube que você deixou a aula de grego...

— Resolvi deixar, professor. Mas ainda não requeri o cancelamento...

— Pois nesse caso não poderá continuar na de alemão.

— Professor, disse eu respeitosamente, sem me exaltar — creio que o senhor está equivocado. O Código de ensino não me obriga a deixar todas as matérias facultativas.

— Não senhor! Obriga, sim, e tem sido esta a praxe invariavelmente seguida. E' ou não é?

Ponderei que era verdade, o que êle dizia; o aluno que não quisesse o gráu de bacharel, e se contentasse só com os preparatórios exigidos pelas Faculdades, deixava, por via de regra, o estudo de todas as matérias facultativas: alemão, grego, lógica, mecânica e astronomia. Mas eu cismei de fazer exceção. Deixaria uma só.

O Meschick era teimoso; e quando se zangava o seu rosto glabro apresentava um *rictus* junto ao canto dos lábios, tornando-o parecido com aquele creado do saudoso comendador do "O Globo". Acabou riscando, também, o meu nome da lista. Eu não reclamei coisa alguma, mas contive a custo a minha indignação.

—Não está direito! disse eu a meus colegas, depois da aula. Vou avisar a meu pai, para que venha entender-se com o diretor.

— E' inútil, aconselhava o Frick. Você não arranja nada. O Coqueiro tem um medo do Meschick e do Hans que se péla.

Com efeito, meu pai, apesar de expor meu direito com o texto meridianamente claro da lei, não conseguiu do Coqueiro que me désse razão. O velho matemático limitava-se a sacudir a cabeça em sinal negativo dizendo: "Sr. João de Deus, siga meu conselho. Tire seu filho das aulas facultativas...

— Mas porquê, se os outros professores não se opõem a que meu filho continue?

— Ah! porque seria desautorar dois lentes da casa... O senhor compreende...

— Pois eu vou fazer um requerimento ao ministro, afirmou meu pai. Peço-lhe que, na informação que der, o senhor repita o que acaba de me dizer. Por lealdade, porém, quero acrescentar que já ouvi, sôbre o caso, o

consultor geral da República, e êle é de parecer que o direito de meu filho é líquido.

Resolveu-se, afinal, que o diretor faria um ofício consultando o Ministro, independente de requerimento nosso.

Dias depois veio o aviso ministerial declarando que o ato do professor de alemão era ilegal e nulo para todos os efeitos, não podendo o aluno ser coagido a abandonar o estudo de todas as matérias facultativas, pelo fato de ter desistido de uma, ou mais.

Esse aviso, que o secretário nos mostrou logo que o recebeu, causou sensação.

Na próxima aula, disse-me o Meschick, afetando não ligar importância ao caso:

— Sr. Mello e Souza, consta-me que o Ministro lhe deu razão, e autoriza sua frequência a nossas aulas. E' ou não é? Agora, sim: há uma decisão doutrinária, que me parece errônea; é ou não é? Mas eu vou cumprir. Seu nome será lançado na lista. O sr., quis... agora toca a estudar!...

— Ele está furioso, segredava-me mais tarde o Frick, E' homem máu e vingativo, esse Meschick. Garanto que você vai ao *pau!* Você não reparou no modo porque ele disse: "O senhor quis... agora toca estudar!?...".

Fiquei impressionado com aquilo. "O Frick tem razão... Por mais que eu estude", pensava eu, estou reprovado. Não! Nenhum dos dois terá esse gostinho. Vou para o Externato. Farei o que já fizeram o Azuil, o Hugo, os Castilhos.

Eis aí a razão por que, no penúltimo mês de meu sexto ano, me transferi para o Externato. Lá cursei todas as matérias, visto que nada constava oficialmente sobre a minha desistência do grego. Em janeiro recebi o gráu de bacharel em ciências e letras, com grande contentamento para meu pai.

Um dia (cursava eu já o 1.º ano jurídico), notei que funcionavam em várias salas do Externato, uma bancas examinadoras. Eram os famosos exames preparatórios, requeridos por quem os quisesse prestar. Numa dessas bancas estava o Meschik, sózinho, lendo um jornal. Cumprimentei-o muito secamente, cumprindo a estrita cortesia de gente educada, e passei adeante. Dei alguns passos, e esbarrei com o Souza Pinto, meu ex-colega do Internato.

— Mello e Souza! Você caiu-me agora do céu. Preciso que me preste um serviço.

— Qual é?

— Vou fazer prova escrita de alemão, com o Meschick. Da turma de hoje, sou o único... todos os outros preferiram o inglês.

— Mas que tenho eu com isso?

— Espere! Já lhe explico. Eu já tenho o exame final de inglês; mas o de alemão me dá preferência sobre meus concurrentes num concurso que vou prestar pró mês. Acontece, porem, que eu estou fraquíssimo... Se não me "defender" na prova escrita, estou frito. Você vai me ajudar...

— Mas como? O Meschick está a sua espera, com uma cara de poucos amigos... De resto, eu pouco sei de alemão...

— Não é cola, que eu quero... E aduziu, baixinho: "Ele adota os Contos dos Irmãos Grimm... e eu trouxe tudo aqui, prontinho... O que eu quero é que você distraia o Meschick, conversando com ele, para que eu possa agir..."

Enquanto falava, mostrava-me, em cada bolso, a tradução de um dos contos dos Grimm: "Frau Holle", "Doktor Allwissend", "Rotkappchen", e outros.

Quis escusar-me; mas o Souza Pinto, com aquela vozinha delicada de aluna bem comportada do Sion, insistiu de tal forma, que tive que ceder, posto que com certa repugnância. Já tinha meu plano feito: provocaria uma conversa sobre o jogo de xadrez. O homem era

fanático pelas combinações de peões, torres, bispos, *et caterva*. Disse ao Souza Pinto que me esperasse, e entrei resoluto na sala.

— Professor Meschick, o candidato a exame de alemão está presente, aguardando suas ordens.

— Que entre! disse ele, mal humorado. Estou aqui há um quarto de hora esperando por esse especime raro. E' ou não é? E o pior é que o Said Ali só vem para a oral, e deixa-me aturar sozinho esta massada! Fiscalizar um pândego desses, — é ou não é? — a escrever tolices durante uma hora!

Fiz entrar o Souza Pinto, como se eu fosse autoridade ali. Voltei, em seguida para perto da mesa. O Meschick deu o ponto de tradução, e pediu alguns tempos de verbos encontrados no trecho.

— Este menino andou no Internato? perguntou-me ele.

— Sim senhor. Mas não chegou ao quarto ano. Saiu antes, coitado — para trabalhar. Ele é que mantém a família... Dá aulas particulares de dia, e de noite, trabalha na revisão de um jornal. Faz este exame com sacrifício. para se inscrever num concurso...

(Convem notar que afora o caso do concurso, eu não sabia mais nada da vida particular do rapaz).

— Ahn... rosnou o Meschick.

Mau sinal... O assunto esgotou-se; e eu ansioso para entrar no xadrez, salvo seja!

— O texto é facil, disse eu.

— Pudera! Isto é dos Irmãos Grimm... Leitura para crianças...

— Eu gosto mais dos contos de Anderssen.

— Acredito. Mas são de outro feitio. Os de Grimm são folclóricos...

— Depois, Andersen tem outro título à minha simpatia, declarei eu. Foi um grande enxadrista.

— Perdão, — corrigiu-me o professor — não confunda o novelista dinamarquês Hans Andersen, com o

enxadrista alemão Adolf Adersen. Mas, pelo que vejo, você é apreciador do jogo do xadrez?

— Nem fale! Ainda ontem, jogando com um tio meu, chegamos a um final muito curioso: eu fiz dama, e ele tinha três peões na 6.ª e 7.ª casas. Garanti que havia de ganhar; e ele dizia que não, que haveria empate. Mas não tivemos tempo de apurar isto.

O Meschick arregalou os olhos, tirou do bolso a carteira de xadrez que tinha sempre consigo, e disse:

— Você se lembra da posição exata?

— Sim senhor.

— Pois vamos ver isso.

Eu, já com algum remorso por estar mentindo tanto, arrumei os dois reis os três piões pretos e a dama branca nos lugares que me pareceram adequados á hipótese.

O Meschick já não se preocupava absolutamente com a prova do Souza Pinto. Ergueu-se, e foi para a varanda lateral.

— Se a dama der xeque, este peão cobre, e dá xeque ao rei, por sua vez; se ela tomar o peão, haverá *pat*. Não serve! Vamos ver outra solução... Se a dama fica onde está, e o rei se move, este pião preto avança, e...

Para encurtar a história: o meu final deu o que fazer ao Meschick.

— Você conhece a partida imortal do Andersen? indagou.

— Já ouvi falar. Ele sacrifica a dama, as torres e...

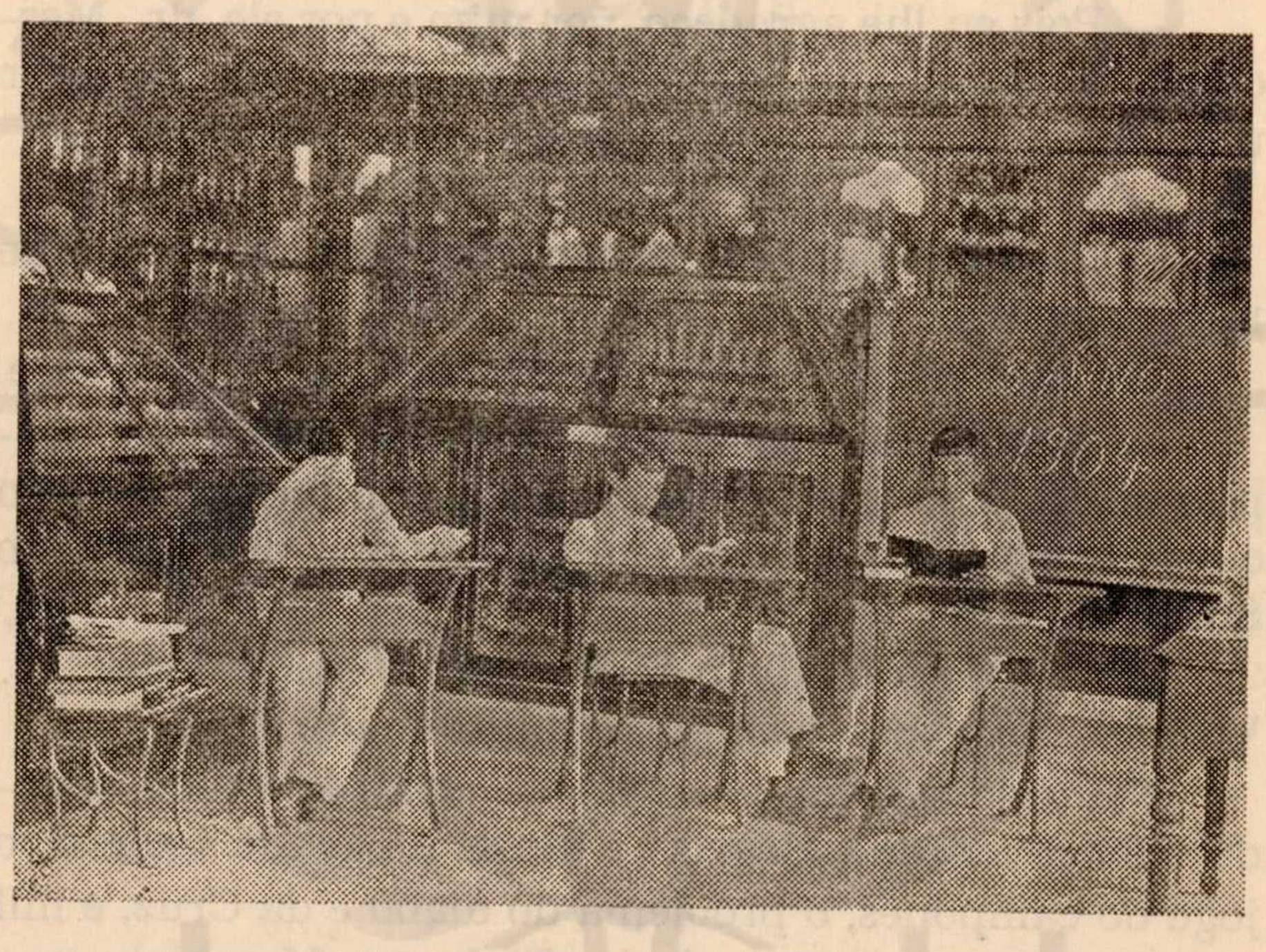
— Não conhece! E' incrivel! Não posso admitir semelhante coisa! Pois vá a minha casa; quero reproduzi-la com você, analisando lance a lance. Essa parti-

---

(1) — O final não resultara de nenhuma partida regular; fôra arranjado por mim, pelo que não creio que valha grande coisa. No entanto, para os que conhecem o belo jogo, aqui incluo a posição: Brancas — R1BR — D8CD — P6CD — P5TD; Pretas: — R8TR — P7TR — P6TR — P6CR. Provou-me o Meschick que meu tio tinha razão: era mais prudente aceitar o empate, o que para mim não constituia novidade alguma.

da, seu Mello e Souza, é uma das mais geniais que eu tenho visto!

Não preciso dizer que aceitei o convite. O Meschick morava na rua Barão de Mesquita, numa casa modesta, mas confortável. Foi num domingo, á noite. Madame Meschick, bondosa senhora, acolheu-me com carinho, e exigiu que a tratasse por "donha Nhanhan",



A turma do 5. ano em 1904: Roberto de Miranda Jordão, Carlos Frick e J. B. Mello e Souza

seu apelido familiar. Senti-me bem, naquele aconchêgo doméstico. Eramos quatro apenas, incluindo um menino, afilhado do casal.

— Afinal consegui um plenamente para o seu protegido, Mello e Souza.

— Meu protegido?!

— Sim... Aquele Souza Pinto... lembra-se? o Said Alia não queria; discutimos por isso. Imagine que ele leu

o alemão tão mal, que o Said Ali disse, em ar sério "O' moço, se o senhor queria fazer o exame de inglês, devia entrar na sala visinha..." Ele não sabia nada; mas é inteligente. E olhe: eu saí da sala para deixá-lo mais à vontade...

— Ah! Sim?

— Será que você não viu logo, homem? E' muito ingênuo. Eu tive pena: o rapaz trabalha à noite... é arrimo da família...

— Pois eu lhe agradeço, por mim e por ele, dr. Meschick. E agora, que o fato está passado, vou lhe dizer uma coisa. Eu não pensei que o senhor fosse assim.

— Hein?

— Cheguei a deixar o Internato, com receio de que me reprovasse.

Ele mostrou-se magoado, o que me pesou bastante.

— Foi injusto com o seu professor, menino. Depois do que houve, e precisamente porque houve, eu não o reprovaria. Ainda que o seu exame fosse pior que o do Souza Pinto.

E eu dizia a meus botões: "Ah... Frick, Frick!... Você foi um idiota, e eu outro muito maior!".

Foi uma nuvem passageira. Dali a pouco, o xadrez fez renascer a alegria. Vimos a partida imortal, o jogo do camponês, o problema do diabo e da Cruz, e mil outras coisas interessantes. Tinha o Meschick uma estante só de livros e revistas concernentes ao nobre jogo de Caissa.

Às onze horas tentei retirar-me. D. Nhanhan não me permitiu.

— Não senhor!... Daqui a pouco vamos tomar o nosso chá com biscoitos... Caso prefira, temos tambem o mate...

— Mas, dona Nhanhan, já é tarde, e eu,...

— Não admito desculpas. Os biscoitos foram feitos por mim... Mais doze ou quinze minutos, só!... Voltem aos problemas de xadrez: vamos!

E a amavel senhora tomou-me o chapéu das mãos, e recolocou-o no cabide.

— Mello e Souza, disse o Meschick, temos que ceder; que remédio? Três peões contra uma dama? Estamos em xeque... Vamos ao mate...

COLEÇÃO DOMINGOS OLÍMPIO
LABDAH
Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

XXVI

Ela era uma Borboleta

— O' tia Cota!

— Já vem você com esse brincadeira! Eu não gosto disso, ouviu? Que é que você quer?

Não é preciso acrescentar uma vírgula. Toda a gente, do meu tempo verá logo que se trata do saudoso, do nosso querido Cecílio de Carvalho.

Aluno do velho Colégio de S. Cristovão, tive muitos colegas que se fizeram amigos meus, e dedicados; mas bem poucos lograram conquistar em meu coração lugar tão amplo e iluminado como o Cecílio de Carvalho. Era um menino moreno, sempre jovial, extremamente simpático. Filho da terra fluminense, distraia-nos a atenção, nos recreios, contando episódios de sua vida em S. Fidelis, o remanso ditoso de onde viera, e para onde queria voltar, como disse Beatriz a Virgílio, referindo-se ao paraiso. Cecílio de Carvalho era bom, simples, serviçal e modesto. Quem o visse em suas expansões de juvenil entusiasmo, com aquele riso claro, ruidoso, franco, desde logo compreenderia que ele era dos que confiam sua alma, toda, inteira, aos que lhes merecem a amizade e a simpatia.

Muita vez, nos dias chuvosos ou frios, visto que não podíamos brincar ao ar livre, formávamos grupos, sentados no chão, pelos corredores, para ler e comentar Júlio Verne. Enquanto a maioria rolava na areia sujíssi-

ma do barracão de ginástica, empenhando-se alguns em lances difíceis de luta romana, para gáudio dos torcedores circunstantes, nós acompanhávamos, comovidos, as aventuras de Dick Sand, de Servadac, de Miguel Strogoff, de Cirus Smith. Por causa do capitão Nemo sustentamos discussões acaloradas, uns aplaudindo, outros censurando o procedimento do velho indiano rebelde.

Vinham, depois, notícias frescas da guerra no Extremo Oriente; mudava-se o assunto da discussão. Cecílio tornara-se admirador entusiástico do povo japonês; José Cristino de Barros, exaltava os russos. Salatiel Peregrino não tinha partido algum: tanto se lhe dava que vencesse Togo, como o Macarof. Nós protestávamos, indignados, contra essa criminosa "indiferença". Cecílio, coitado! exauria os recursos de sua dialética para convescer a teimosia do Zé Cristino e a insensibilidade do Salatiel, de que o império do Sol Nascente era em tudo superior à Rússia decadente, asfixiada pela tirania dos czares (1)

Havia, porém, um assunto que particularmente me ligava à estima do Cecílio; um assunto muito nosso, muito brasileiro: o rio Paraiba.

Esse rio, com a devida licença do Dr. Honório Silvestre, corta a cidade de Queluz de S. Paulo, meu berço natal; e depois, entrando no território fluminense, vai banhar, muitas léguas abaixo, a de S. Fidelis, terra do Cecílio. Nunca senti tão forte a influência do fator geográfico, de que nos fala a ciência moderna. Cecílio narrava-me casos interessantes, em que o Paraiba exercia papel destacado: banhos, pescarias, passeios de canoa; eu fazia outrotanto, movido pelo inocente desejo de suplantar o meu amigo naquele gênero de aventuras. Não sei porquê, o Cecílio, tão ingênuo, tão since-

---

(1) Convem notar que isso se passava há mais de trinta anos. Se vivesse hoje, o Cecílio certamente pensaria, desde a traição de Pearl Harbour, de modo mui diferente.

ro em suas confidências, adquiriu fama de mentiroso. Tratavam-no pelo apelido de Tia Cota — isso porquê, em suas histórias, ele com frequência aludia a certa parenta idosa, portadora dêsse nome.

No entanto, estou que as histórias do Cecílio deviam exprimir absoluta verdade, o que nem sempre acontecia às minhas. A conciência me doia bastante, quando eu entrava no côro malicioso dos colegas, gracejando com o nosso pobre companheiro, que nunca se zangava conosco. Todo o meu remorso, porém, desapareceu no dia em que referi aos colegas uma enchente do Paraiba, uma enchente de proporções tais, que a agua do rio atingiu o porão de nossa casa, em Queluz, e arrastou, entre outras coisas, umo coleção de sapos que meu irmão Júlio Cesar protegia e domesticava. Os ouvintes prorromperam em ignominiosa vaia, ameaçando alguns incluir-me no número dos potoqueiros profissionais, o que sobremaneira me magoou. Justa indignação, a minha, porquanto o fato fôra absolutamente verdadeiro, impondo-se apenas esta insignificante retificação: a coleção do Júlio Cesar constava de um único batráquio, por sinal conhecido pelo nome de Ilustríssimo Senhor.

Voltemos, porém, a tratar do Cecílio de Carvalho, a cuja interessante personalidade quero dedicar esta crônica de comovida recordação.

Era Cecílio admirador fanático da poesia. Tinha um album, que tratava com todo o carinho, e no qual copiava as mais belas produções do estro de nossos poetas. A primeira página desse florilégio ele conservava em branco, para que, quando lhe fosse possivel, pedir e obter um autógrafo de Bilac, Luiz Murat ou Alberto de Oliveira.

Sabia de cór dezenas de sonetos, de outros tantos poetas ilustres, antigos ou contemporâneos. Desde a "Alma minha gentil que te partiste" do Camões, até uns sonetos hediondos que o Quintino do Valle forjava para que circulassem como sendo da lavra dos nosos colegas Mario Leal Neto dos Reis e Tibúrcio Figueira. A pro-

pósito de tudo, ou mesmo sem próposito algum, punha-se o Cecílio a declamar um soneto.

Quando a sineta nos despertava pela manhã, e o servente abria as janelas do vasto dormitório, os mais espertos corriam para os lavatórios com suas toalhas, sabonetes e escovas, ao passo que os moleirões permaneciam no leito, no vão desejo de gozar um nadinha do sono matinal interrompido.

Cecílio nada disso fazia. Punha-se, da janela, a observar o panorama que se descortinava sobre o Campo de S. Cristovão e a Guanabara, declamando:

"Vê como a Natureza é grande e bela!
Olha aquele apinhado de colinas,
E o sol que surge, e está do céu na tela,
Como um borrão de tintas purpurinas!".

— Seu Cecílio! berrava o inspetor Barbosa — deixe a natureza em paz, e vá lavar o focinho!

— Mas, seu Barbosa, isto é de Alberto de Oliveira!

— Seja de quem for! Vamos!

— Já vou, seu Barbosa! Estou só admirando a baía... aqueles barquinhos, lá longe!... Até me faz lembrar aqueles versos:

"Velas fugindo pelo mar em fora!
Velas... pontos depois!... depois, vasia
A curva azul do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste salmodia'...

— Não caceteia a gente, menino! insistia o inspetor.

— Oh! Seu Barbosa! Isto é de Medeiros de Albuquerque!

O velho Barbosa, a quem nós chamávamos de Campos Sales — dada a notável semelhança de sua austera verônica com a do ex-presidente da República, — acabava conseguindo que o Cecílio se aprontasse para o

café, mas só depois de ouvir mais duas ou três citações de Bilac, Machado de Assís e Murat.

Os companheiros troçavam a valer com o Cecílio, por causa dessa inofensiva mania de citar versos.

Posso reconstituir, entre muitos, este caso mencionado na "Vida de Hoje".

Certo dia, já no fim do ano, o Otávio Carrão despertou, às sacudidelas, o Cecílio, que havia ferrado de novo no sono, depois do toque da sineta. Quase todos já estavam prontos para o café, eu inclusive.

— Cecílio, disse o Carrão. Olhe que a divisão já vai formar!

E era verdade. O inspetor já andava pelos lavatórios a apressar os retardatários.

Cecílio soergueu o tronco, espreguiçando-se.

— Você será capaz de recitar o tal soneto, o da "natureza grande e bela"?

Tal desafio o Carrão formulou com aquele riso malicioso que ainda não perdeu, e creio, não perderá nunca.

— Duvido! Duvido! propuseram alguns vizinhos de cama.

— Pois eu recito! E é pra já!

Dito isto, o Cecílio — para quem tal estímulo não era mister afim de que nos propinasse a versalhada — ergueu-se, e, de camisola, gesticulando diante da larga janela aberta, começou:

"Vê como a natureza é grande e bela"!

Meia hora depois, ou pouco mais, estávamos nós já na sala do estudo, quando o Cecílio foi chamado ao gabinete do vice-diretor, e o dr. Trindade passou-lhe um formidavel pito por ter estado a fazer discurso na janela do dormitório, de camisola, em pleno dia, com grande escândalo para várias pessoas que haviam apreciado a cena.

Contou-nos o Carrão que, momentos antes da 'berração" do Cecílio, ele e outros, tinham observado que o dr. Trindade e outras pessoas da família se achavam na

varanda de sua residência, olhando para o lado do Colégio. Não sabemos porquê, a família do vice-diretor despertara cedo naquele dia, e estava gozando a fresca matutina.

Censuramos acremente o Carrão por ter feito aquela maldade.

— Ora... (explicou o futuro causídico) — se o Tia Cota ficasse privado, eu interviria no caso; mas um sabonete só... não faz mal. De quando em quando, até faz bem...

Havia muito tempo que o Argemiro Marques andava insistindo comigo e com o Cecílio, para que passássemos uns dias com ele, no sítio onde sua gente residia, na terra fluminense. Havia um motivo para que assim nos distinguisse o Argemiro: é que nós éramos os únicos que o tratávamos pelo nome. Todos os mais só o conheciam pelo apelido de Chorão, apelido que arrastava triste e resignado desde o início do curso, tão sómente porque nos primeiros dias de reclusão no Internato, alguém o surpreendera chorando sem causa visivel. Sim, chorava o Argemiro, — coitado! — derramara algumas lágrimas por se ver longe dos seus, longe de sua vivenda natal, tenro arbusto inesperadamente transplantado para meio estranho, onde tudo lhe parecia hostil. Este crime valeu-lhe quatro anos de ridículo com que o puniu a inconciência cruel dos companheiros.

Vinha próximo o fim do ano, e era o último de meu curso. Já se ouvia, nas tardes cálidas, o canto nostálgico da cigarra avisando-nos da aproximação das férias. Precisamente nesse período, eu não poderia afastar-me do Rio. Consultei o Cecílio, que se achava no mesmo caso. Resolvemos, então, aceitar o convite do nosso amigo. Ficou tudo combinado para que, findos os exames, partíssemos juntos para o subúrbio distante, onde ficava o sítio.

Argemiro e seus pais esperavam-nos na estação. Boa gente! Desde o primeiro momento, sentimo-nos in-

teiramente à vontade, como se fôssemos velhos amigos. A casa, muito antiga e modestamente mobiliada, mas ampla e confortavel, estava em preparativos para uma festinha que se realizaria à noite. Era véspera de Natal.

O jantar correu animadíssimo. Até eu, que sempre fui de uma excessiva timidez provinciana, tomei parte na conversa, referindo, com o Cecílio, alguns episódios de nossa vida colegial, cuja narrativa deliciou as irmãs, primas e tias do nosso amigo. Claro que não fizemos alusão alguma ao apelido do Argemiro, nem a certas aventuras em que este andara envolvido.

Terminado o jantar, foram chegando os convidados. O pianista, contratado para se manter no posto a noite inteira, deu início a sua sonora atividade. De quando em quando, interrompiam as dansas, para que todos apreciassem os graciosos bailados e números de declamação organizados pelas meninas da família — um grupinho gentil e irrequieto, que espalhava alegria pela casa toda. Eram as irmãs e primas de nosso amigo, que com o concurso de mocinhas da vizinhança, haviam preparado aquela agradavel surpreza. Claro que o Cecílio arranjou meios e modos de impingir o soneto da "natureza formosa e bela", e dois ou três outros.

Não quero alongar-me na descrição da festa. Aliás, uma parte dela eu perdi. Não sei porquê, a certa hora assaltou-me uma tristeza inexplicavel, uma nostalgia profunda de minha terra e de minha gente. Deixei o salão de baile, transpús a saleta onde a garotada em alvorôço cercava a árvore de Natal, de cujos galhos, em simetria, pendiam lâmpadas multicores e brinquedinhos destinados ao sorteio e distribuição pelos crentes do Vovô Noel. Fui para uma varanda lateral da casa, e ali fiquei pensando no que fariam naquele momento meus pais e irmãos, lá, naquela nossa velha casa de Queluz, tão pobre, mas tão querida! Ah! Com certeza eles se lembravam de mim, e sentiam minha falta. Ao pensar nisso, caiu-me um pêso no coração. Só então com-

preendi como é triste passar uma noite de Natal no meio de gente estranha, longe da família e de tudo, que nos é caro!... No entanto, aquelas excelentes criaturas sob cujo teto eu me achava, não sabiam o que fizessem para me agradar!

Meus pensares foram bruscamente interrompidos pelo Cecílio que me procurava aflito.

— Venha depressa João! Venha ver o bailado das borboletas! Elas já cantaram uma vez, mas vão cantar de novo! E' lindo, lindo! Venha ver!



Não tive dúvida em acudir àquele chamado, e corri, com o Cecílio, para o salão da festa. No centro, aguardando o sinal do pianista, sete meninas, vestidas de borboletinhas de asas policromas, iam recomeçar o gracioso número exigido pelos aplausos da assistência. Uma delas, prima do Argemiro, — a Esmeralda, a borboletinha verde — distinguia-se visivelmente das demais pela graça espontânea e irresistivel que irradiava.

Versos singelos, e melodia sentimental a daquela canção infantil, que tantas vezes a saudade me fez cantarolar depois. Só me lembro agora que todo o grupo entoava uma quadrinha assim:

Borboleta bonitinha
Saia fora do rosal;
Venha alegrar nossa festa
Que hoje é noite do Natal!

E a Esmeralda, quando lhe cabia a vez, deslizava para o centro da roda, e cantava:

Eu sou uma borboleta
Verde, da côr da esperança!
Ando no meio casa
Com alegria e bonança!

— E' um encanto, a Esmeralda, não acha? — segredava-me o Cecílio, tomando-me com força pelo braço.

Eu concordava com um sinal apenas, afirmando-lhe sinceramente que sim, que a borboletinha verde era um encanto encantador, e que todos nós estávamos encantados.

Findo o canto, as borboletas agradeceram os aplausos e fugiram para o interior da casa, afim de trocar a vaporosa e alada fantasia pelos garridos vestidinhos que antes trajavam. Durante a ausência das meninas, o Cecílio disse-me umas quinze vezes, pelo menos:

— Mas, que maravilha, não é mesmo? E você lá fora, olhando para a escuridão, sem ver aquela beleza!

Depois da décima vez, eu comecei a desconfiar que o meu amigo Cecílio estava passando da conta.

O baile continuou. Logo que a Esmeralda reapareceu, o Cecílio tirou-a para dansar. Eu fiquei no meu pôsto, observando. Só então me convenci de que para o meu saudoso amigo a valsa, o pianista, o imperador da China, o Argemiro, eu, todos nós éramos entidades mitológicas, e pairávamos a mil léguas de distância.

Quem tinha existência real, e estava ali, era só a Esmeralda.

Passaram-se uns dois meses. Eu andava preocupadíssimo com os exames que em breve iria prestar na Escola Naval, obrigando-me isto a penetrar em altas transcendências da matemática e ciências físicas. Nem me lembrava mais da festinha do Natal, quando, casualmente encontrei o Cecílio.

— Olá! Quer saber de uma coisa? Passei o domingo em casa do Argemiro!

— Bravo!... murmurei e, esperando as informações complementares que certamente viriam.

— Pois é verdade! prosseguiu ele. Vou lhe contar tudo. Por acaso viajei no mesmo carro em que iam o pai e mãe de Esmeralda... e ela tambem!

— Bravo! repeti, prolongando a exclamação de modo significativo, no propósito de fazer ver que não admitia naquele "acaso".

Para encurtar a história: o meu amigo fidelense contou o poético romancezinho. A viagem fôra longa, em consequência do atraso e complicações ferroviárias. Ele ocupava o lugar ao lado da menina. Conversaram animadamente o tempo todo. Uma luz mortiça, emitida por uns hipotéticos e imiginários bicos de gaz, contribuia concienciosamente para aumentar a escuridão reinante naquele antidiluviano vagão da Central. Em compensação, lá por fóra havia um luar maravilhoso. Ora, o luar, todos sabem, é um companheiro indispensavel para certas ocasiões. Por isso mesmo nunca me pude conformar com a corrente modernista na poesia, a qual declarou injusta guerra ao "chiaro di luna"... Sem o luar, a história das mais ternas paixões da juventude perde o seu capítulo de mais pura sentimentalidade. Que seria do amor, que seria dos namorados, se não houvesse o luar? Mas a viagem do Cecílio prosseguia. A partir de certo ponto, os demais passageiros do carro haviam desembarcado; só ficaram eles quatro. Se já existisse então certa cantiga hoje em voga, o meu amigo diria:

"Tu, y yo, Papá y Mamã..."

"Quatro personas, no más!..."

Aconteceu, porem, que "Papá y Mamã", cansados como estavam, ferraram no sono...

— E vocês aproveitaram o ensejo para conversar muito à vontade, não é? indaguei.

O Cecílio sorriu, com aquele sorriso leal e bom, que traduzia toda a felicidade reinante no seu mundo interior. Sim, conversaram muito, e muito juntinhos, os marotos! Pelos modos, ambos tinham muito que dizer, um ao outro... E recordaram os incidentes da festa, do Natal, sem omitir a mínima coisa.

— Eu nunca, vi, dissera o Cecílio á jovem — um bailado tão lindo, como o das borboletas do Natal. Olhe que minha tia Cota é professora, e tem feito na escola que dirige umas festas em que há bailados bem interessantes; mas, como *aquele*, eu nunca vi!

Pudera! E' que tia Cota não tinha, entre suas pequenas artistas fidelenses, uma meninazinha de olhos verdes, chamada Esmeralda!

Dias depois, visitando uma exposição de pintura na Escola de Belas Artes, lá vi, entre outros fanáticos, o meu amigo Enoch da Rocha Lima.

— Enoch! Preciso de um obséquio seu!

— Às ordens, meu caro! disse-me ele com aquela delicadeza proverbial que o caracteriza.

— Quero que você me faça um desenho, ou coisa parecida, em papel apropriado, representando um rapaz simpático, e uma jóvem bem graciosa, sentados num banco de carruagem; entre eles, como quem ali foi ter de surpresa, um Cupidozinho malicioso. Mas olhe: quero o Cupido muito decente, ouviu?

— Está bem... Cá tomo nota: um casal de jovens, num banco acolchoado... Um Cupido, naturalmente enlaçando-lhes os braços, não acha melhor?

— Exatamente! Ótima idéia!

— Mas... e a indumentária?

— Do Cupido?

— Não homem! Do casalzinho de namorados!

— Ah!... isso fica a seu critério. Para dar á cena um tom acentuadamente romântnco, os dois jovens podem trajar assim... â moda de Lamartine, Byron, Musset ou ilhas adjacentes. Quanto ao Cupido, basta um pedaço daquele "delgado sendal" de que fala o Camões.



— Está bem. Agora outra coisa: a que se destina o desenho?

— Vai figurar na primeira página daquele album do Cecílio, lembra-se?

Contei-lhe, então, ligeiramente, o episódio da poética viagem do nosso amigo, e disse que a tal respeito eu havia feito uns versinhos que em minha opinião não tinham valor algum, mas que o Cecílio achara admiráveis.

— Há de ser modéstia sua, aparteou o Enoch, sempre delicado.

— Qual modéstia! Você verá; tenho aqui uma cópia. O Cecílio, não sei porquê, ficou entusiasmado com as quadrinhas, e quer por força que eu as escreva na primeira página do album. Também não admira: num al-

bum tão bonito ele incluiu até sonetos do Mario Leal e do Tibúrcio Figueira!

— Pois quero conhecer os versos, insistiu o nosso desenhista. Isso me facilitará a composição do trabalho.

Entreguei-lhe a cópia, nos seguinte termos:

Numa escura carruagem
Nós nos vimos certo dia...
Oh! Que risonha viagem!
Dezoito anos eu teria...

Eu era tímido, ainda...
Ela, graciosa e feliz.
Eu achava-a linda, linda,
Mais do que a palavra o diz.

Quantos lírios nos caminhos!
Lembra-me bem o luar.
E nós, contentes, juntinhos,
Os corações a pulsar.

Sózinhos? Não!... pois, ligeiro,
Entre nós se insinuou
Um travesso passageiro
Que nunca mais nos deixou!

Num canto do papel eu havia escrito: *Cecílio — Leia estes versos e diga-me se podem ser publicados na "A Vida de Hoje"*. Evidente gracejo, porquanto nenhum de nós cogitava de continuar a "publicação" do "orgão literário, crítico e noticioso das opiniões da Pleiade".

Enoch satifez o meu pedido: e não preciso acrescentar que o seu trabalho honrava o artista do "Gato Maltês". O dono do album ficou radiante quando lhe entreguei.

No decurso daquele ano raramente vi o Cecílio. No inverno, êle adoeceu, chegando seu estado a inspirar cuidados. Escrevi-lhe por várias vezes; mas quem me

respondeu por ele foi a tia Cota. O sobrinho estava em convalescença, numa fazenda, lá para as bandas de Itaocara.

Em Dezembro, com a volta dos dias quentes, ele reapareceu no Rio. Engordara um pouco; sentia-se renovado física e moralmente. E andava contentíssimo da vida, porque o dr. Carlos de Laet, diretor do Externato, prometera indicá-lo para o lugar de bibliotecário do Colégio, lugar cuja vacância devia ocorrer dentro de alguns dias.

Dei-lhe os parabens, antecipadamente. Aquele modesto emprêgo abria-lhe uma bela perspectiva para o futuro. Ele poderia manter-se no Rio, formar-se em direito, pleitear um posto no magistério do Colégio — sonho dourado de todos nós. O apoio do Dr. Laet era fator seguro de êxito.

— Agora, outra novidade, aduziu ele.

— Que é?

— Estive com o Argemiro. Tudo combinado! Haverá outra festa, e nós iremos. Que diz?

— Impossivel, meu caro. Este ano vou passar o Natal e o ano-bom em minha casa. Mas estimo que você se divirta... E não deixe de dar lembranças minhas à Esmeralda, e às outras borboletinhas, ouviu?

Voltei de minha terra na primeira semana de janeiro. Mas por todo esse mês, e no imediato, não tive notícias do Argemiro, nem do Cecílio.

Em princípios de março, este me procurou na Secretaria do Interior, onde eu trabalhava. Ia, a pedido do diretor do Internato, interessar-se pelo rápido andamente de um processo em trânsito pela minha seção.

Recebi-o com demonstrações de afetuosa amizade, satisfeito por vê-lo ao cabo de tão prolongada ausência. Cecílio havia emagrecido de novo; pareceu-me triste e acabrunhado.

Verificado o andamento do papel, acompanhei o meu amigo até o salão, afim de conversarmos sem a presença indiscreta de estranhos.

— Então? perguntei. Que me conta de novo? Como vai a Esmeralda?

— Que!? exclamou êle admirado. Pois você ainda não soube? Supus que o Argemiro lhe tivesse escrito... A Esmeralda morreu...

— Não é possível, Cecílio! A Esmeralda? Quando? Como? Tão criança, coitadinha!...

Ele, visivelmente comovido, os oihos lacrimejantes, referiu-me tudo. Fôra precisamente nas vésperas do Natal. Uma enfermidade rápida e cruel levara a pobrezinha. De nada valeram os médicos, os remédios, o desvêlo dos pais a dedicação de quantos a cercavam. E o mais doloroso é que, no último dia, ela ainda se lembrou da festa no ano anterior. "Lembrou-se de tudo, e de todos nós", dizia o Cecilio com aquele ar de resignada tristeza que nunca mais esqueci. "Falava, muito sem que ninguem tivesse ânimo para interrompê-la... Ardendo em febre, com a cabecinha em constante movimento, a respiração ansiosa, retinha ela nas suas, as mãos de sua desolada mãe, e dizia:

"Mamãezinha, porque é que você está chorando? Hoje não é dia de ninguém chorar; é dia de festa em todas as casas... Eu sei que estou doente, muito doente mesmo, mas Jesus é tão bom, que vai fazer que eu fique logo boa, não é mesmo? Mas... porque é que você chora, mamãe? E o Papai, que há pouco esteve aquí, com os olhos cheios de lágrimas? E minha madrinha?

"Ah! mamãe, você se lembra da festa de Natal do ano passado, em casa do tio Rufino? Quantas crianças, não? Como estava linda a árvore de Natal! E o presepe, que eu ajudei a arrumar!".

"Como eu fiquei bonita, não foi mesmo, Mamãe? — com aquele vestidinho verde que a madrinha fez para o bailado das borboletas! Olhe: eu me lembro ainda do versinho que cantei naquele dia:

Eu sou uma borboleta
Verde, da côr da Esperança!
Ando no meio da casa
Com alegria e bonança...

"O Cecílio chegou a me dizer que nunca tinha visto um bailado tão lindo como aquele! Mamãe... êle já sabe que eu estou doente? Que bonita festa. não foi mesmo? Fique perto de mim, mamãe... Eu estou ficando cansada, cansada... Porque será? Deixe-me segurar sua mão, mãezinha... Mamãe... que é que você tem, mamãezinha?... Mamãe!... não chore mais..."

Na madrugada seguinte, ao romper de um belo dia de sol, Esmeralda morreu. A' tarde, levaram-na em seu caixãozinho, todo azul e dourado. Morreu tão jóvem!... Quem diria?

Não é na primavera que fenecem os lírios.

No mármore da modesta sepultura gravaram apenas estas palavras:

ESMERALDA
UM ANJO DE BONDADE

E o Cecílio?

Alguns meses depois, recebi uma carta em envelope tarjado de luto.

Vinha de São Fidelis. Abri-a, já possuido de angustioso pressentimento. Era a boníssima tia Cota que me comunicava o fim de meu querido colega. Vitimara-o a tuberculose, explicava-me a bondosa senhora.

Teria sido essa a causa de tão prematura morte?

Para mim, o coração extremamente sensível de meu amigo não logrou resistir ao rude golpe que sofrera.

Morreu o ideal, e o coração não pôde viver sem êle. Bem disse o poeta: "Ai daqueles cujo ideal perece, enquanto o coração palpita e vibra ainda..."

XXVII

Diversos tópicos de "A Vida de Hoje"

AQUELES VERBOS EM "EO"

O Roberto Jordão veio para o Internato já no meio de nosso curso. Como bons colegas, pusêmo-lo ao corrente das exigências dos professores. Recomendamos, especialmente, o Fortunato.

— Cuidado com êle! Detesta os alunos que por aqui aparecem, vindos de colégios equiparados. Diz que em regra, não sabem nada. Você hoje mesmo será chamado, na certa!

— Mas de latim eu não tenho receio, disse o Jordão.

Com efeito, logo que lhe indicamos o trecho de Virgílio que seria traduzido na aula, o novo colega mostrou que, com meia duzia de significados somente, poderia explicá-lo sem dificuldade. Era aquela famosa passagem da Eneida em que o herói exclama:

"Infandum, regina, jubes, renovare dolorem!"

O Mário Newton de Figueiredo e outros fizeram algumas perguntas de gramática. O Jordão estava, mesmo, afiado.

— *"Jubes..."* Sabe que verbo é êste?

— Sei E' *"jubeo, jubes, jussi, jussum, jubére"*, mandar, ordenar.

— Jubére? Nunca! Não caia na asneira de dizer *jubére*. O certo é *júbere*, ouviu? Se você disser *jubére*, o Fortunato vira onça!

— Mas, replicou o Roberto, eu aprendi que os verbos que fazem o presente do indicativo na primeira pessoa, em *eo*, fazem o infinito em *ére*, com *e* longo.

— Qual nada! Ele discorda. E' uma mania dele, ouviu? Quer que se diga: *jubeo, jubes, jussi, jussum, júbere. Moneo*, faz *mônere*.

— Mas que homem esquisito! Ensina de maneira diferente de todo o mundo!

— Esquisitíssimo!

Mal começou a aula, o Fortunato deu com aquela cara nova na sala. Com o cabelo cortado a máquina zero, o Roberto Jordão parecia um garotinho mal saido da escola primária. O professor percorreu a lista de chamada.

— Você é que se chama Roberto de Miranda Jordão?

— Sim, senhor.

— Veio transferido fóra da época... Uhm!... já sei que me vai dar trabalho... Venha cá. Traga o livro. Leia o trecho da lição.

O Jordão leu regularmente alguns versos, e saiu-se bem na tradução. A fisionomia do Fortunato, a princípio carrancuda, foi-se desanuveando. Mas tal situação, como a de Inês de Castro, não devia durar muito. Dali a pouco deu-se a catástrofe.

— Dê os tempos principais de *jubeo*. Vamos!

— Jubeo, jubes, jussi, jussum, júbere...

Ouvindo essa barbaridade, o Fortunato ergueu-se de súbito da cadeira, bate energicamente com o livro na mesa, e, aproximando-se do Jordão, que tremia como varas verdes, disse, naquela voz de Stentor, que ecoava pela casa toda:

— Senhor Jordão! Senhor Miranda Jordão! Senhor Roberto de Miranda Jordão! Eu conheço verbos em *eo* da primeira conjugação, como *creo, creas, creare; meo,*

meas, meare!... Eu conheço verbos em *eo* da segunda como *debeo, debes, debére*... (mais alto) Eu conheço verbos em *eo* da quarta, como *eo, is, itum, ire,* e seus compostos; (aqui berrava mais alto ainda).

...MAS EM *EO!*... (pausa)
(mais alto ainda!)
...DA TERCEIRA!...
(e agora em voz de falsete)
...NEM UM SO' DESTE TAMANHO!

E indicava, na ponta do dedo mínimo, uma coisa invisível e microscópica.

Finda a aula, dizia-nos o Jordão, magoado:

— O que vocês me fizeram, não se faz! Foi uma maldade! Falta de coleguismo!

— Ora deixe-se disso, observou o Figueiredo. Quase todos nós já ouvimos aquela berreira infernal dos verbos em *eo*. E' aquilo mesmo, sem falta de uma vírgula, que êle fala, grita e berra, cada vez que sai um verbo em *eo* da terceira. Porque só você havia de ficar livre dêsse susto? Não senhor! Pague o seu tributo. Pague, e não bufe!

Ele pagou, mas bufou.

O TRANSIBERIANO

Nosso companheiro Octavio Carrão era perito em fazer esgares com os músculos do rosto, produzindo carrancas pavorosas. Um dia êle nos apareceu no Internato levando consigo uma excelentíssima senhora gripe, e um capote enorme, felpudo, tal como convinha a Cook ou Amundsen em suas excursões polares. Na forma do louvável costume, a Pleiade recebeu o Carrão, a gripe, e o capote, com uma série de piadas e trocadilhos intoleráveis.

— Você vai á Groenlândia, Carrão?

— Não tenho que lhe dar satisfações!

— Esse capote é siberiano!

— Upa! E' ultra-siberiano!

— Mais do que isso, propôs o Tapioca. E' trans-siberiano!

Em consequência, ficou o famoso capote denominado "transiberiano".

Na seção de "Epitáfios" da "Vida de Hoje", de 1903, saiu este:

O. C.

Quando morreu, — que caipora!
Por um decreto do Eterno,
Foi mandado, sem demora,
As profundezas do inferno.

Mas êle, que é muito esperto,
Nem por isso encabulou;
E ao ver o demônio perto,
Um novo ardil engendrou.

Cobriu seu largo cangote,
(Ninguém diga que isto é peta)
Com o legendário capote,
E fez tamanha careta,

Que o próprio demo, aterrado,
Deu logo um salto pra trás
E exclamou, apavorado:
"Vade retro, Satanás!"

BIS IN IDEM

Pelo fato de ser o diretor e coordenador d'A VIDA DE HOJE, eu não ficava a salvo dos maliciosos gracejos dos colaboradores. Como prova, aquí vai uma quadrinha que saiu num dos números de 1904, com a assinatura S. Z.

Foi o caso que o professor João Ribeiro havia assegurado, depois do terceiro concurso bimestral, que eu teria distinção com êle, ainda que não desse um pio no exame oral. A turma, como é natural, remoeu-se de inveja. Ora, no baile de 30 de setembro eu dansei algumas vezes com a gentilíssima filha daquele mestre. Foi a conta. Espalharam que eu só fizera aquilo para garantir a nota máxima com que o professor me acenara. E Sotter Zamith satirizou o fato com esta quadrinha, sob o título "Bis In Idem":

O Mello gosta das moças,
E o Souza, da aprovação;
O Mello dansa com a filha,
E o Souza, com a distinção.

TAPIOQUICES

O Fortunato denominava *tapioquice* (em homenagem ao Tapioca) todas as calinadas notáveis que ocorressem em suas aulas. Claro que todos nós concorremos para aumentar o número de tapioquices famosas. Mas, no gênero, ninguem levava às lampas o próprio Tapioca, — o que, aliás, não era de admirar. Certo dia mandou o professor que escrevêssemos alguns provérbios ou ditos populares, afim de os comparar com os correspondentes no linguajar atual. A lista começava por êste:

"Canis caninum non est"

— Traduza, seu Tapioca!

E o Lafaiete, achando aquilo de extrema facilidade:

"— O cão não é canino!"

Na forma do costume, o professor fez enorme espalhafato:

— Ora esta é muito boa! O cão não é canino! Mais uma do Tapioquinha!

O Domingos de Menezes deu o quinau, já esperado: "Non est", nessa frase, quer dizer: "não come".

— Aprenda, seu Tapioca! exclamava o Fortunato. *Non est* quer dizer: não come! Agora a tradução está fácil. E o provérbio correspondente em português é "lobo não come lobo".

Voltando a seu logar na classe, dizia o Lafaiete desanimado:

— Traduzir, eu traduzo; mas adivinhar, não adivinho!

AÇU...CAR!

Nosso chefe de disciplina, o velho Salatiel Firmino Duarte, era alto e imponente de porte. Para distingui-lo de Salatiel Peregrino, que havia sido colega nosso e exercia funções de inspetor interino, resolvemos chamá-los de Salatiel Assú, e Salatiel Mirim, respectivamente.

Quando, durante as refeições, o chefe vinha fiscalizar o serviço, só o viam caminhando ao longo do corredor para o refeitório, os rapazes que ocupavam os logares mais próximos da cabeceira principal da mesa da primeira divisão. Estes, porém, deviam dar o brado de alerta, afim de que todos se mantivessem na devida linha. Assim, logo que avistavam o vulto garboso do Salatiel Duarte, fingiam precisar do açucareiro, e diziam em voz bem alta aos companheiros de mesa:

— Assú...car! Assúú...car!

Aquele assúúú..., prolongado, ia-se propagando pelo refeitório de tal sorte que, ao assomar à porta o chefe de disciplina, com sua irrepreensível figura de lorde britânico, achava tudo em perfeita ordem, e o pessoal numa atitude igualmente irrepreensível.

O Salatiel veio a saber do truque. Soube, também, que o ruidoso pedido de açucar que êle provocava, era feito ainda que estivéssemos todos iniciando a refeição, ou tomando sôpa. Um dia, por acaso, ou por ardil, êle desceu a escada interna, e apareceu, quase de repente, junto à porta do refeitório. O inspetor Barbosa, sempre

bonanchão e camarada, estava no momento requisitando o açucareiro. Lembrou-se, então, de que alguns alunos tinham o costume de o enviar com impulso, fazendo-o deslisar como um torpedo, ao longo da mesa de mármore, derribando copos e chícaras. E disse-nos: "Cuidado!... Vem aí o açucar..."

Ao que retrucou o Salatiel, com surprêsa geral:

—Até você, seu Barbosa!

Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

ÍNDICE

	Pags.
A "Vida de Hoje" e "Os Ginasíadas"	7
Passando em revista	18
O Tapioca em apuros	24
O bilboquê do Zé Cristino	31
O velho Gama e os patetas	41
Okué kuér orápas?	48
As primeiras aulas do Quintino	56
Porque o velho chorava	64
A chave quebrada do Carrão	73
O ponto seis do Ismael	81
Uma história complicada do Trompowski	87
O gato maltês do Enoch	93
A virtude recompensada	98
Bernardo não foi Saturnino	107
O Belisário e os burros de grego	115
Uma inglesinha das Arábias	121
Aquela é minha!	127
Eu? Discurso?... Nunca mais!	133
O estilo é o homem	143
Três dias de patriotismo	149
Para quê, a fi-lo-so-fi-a,	157
Sua Alteza era farrista	168
Um caso notável de retraticídio	173
Olhe a janela, seu Fraga!	178
Peões, dama, xeque e mate	184
Ela era uma borboleta	192
Diversos tópicos de "A VIDA DE HOJE"	206

Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

COLÉGIO PEDRO II
LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

COLÉGIO PEDRO II
LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

COLÉGIO PEDRO II
LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

Extr. da seção "BOOKS ABROAD" da revista norte-americana LIFE :

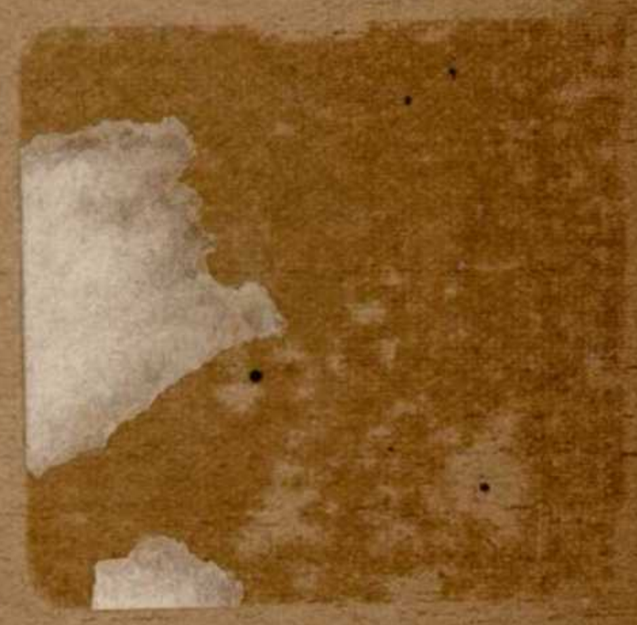
J. B. Mello e Souza, ESTUDANTES DO MEU TEMPO — Rio de Janeiro, 1943, Editora ALBA.

"This agreable book is made up of recollections of the author's experiences as a student in the ancient Colégio Pedro II, of Rio. This essayist, novelist, scholar and teatcher dedicates his memoirs to "his professors, his colleagues, his good friends..." In a style that is simple, agile and full of color, he couches his recollections in the form of anedoctes that are flavorous and delicate, shot through with sane and Wholesome humor. It is the most informal of books. Its subtle grace, the neatness and clarity with which it reflects an epoch, re-

Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico

Êste livro foi impres[illegible]

Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico



PREÇO DÊSTE VOLUME: CR$ 60,00